

Pós-Graduação em
Desenvolvimento Sustentável

**Estado, Políticas Públicas e Desenvolvimento Local:
Sustentabilidade do Turismo no Nordeste Brasileiro**

Simone de Faria Narciso Shiki
Tese de Doutorado

Brasília – D.F., março/2007

Universidade de Brasília
Centro de Desenvolvimento Sustentável

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

**Estado, Políticas Públicas e Desenvolvimento Local:
Sustentabilidade do Turismo no Nordeste Brasileiro**

Simone de Faria Narciso Shiki

Orientadora: Maria das Graças Rua

Tese de Doutorado

Brasília – D.F., março/2007

Shiki, Simone de Faria Narciso
Estado, Políticas Públicas e Desenvolvimento Local:
Sustentabilidade do Turismo no Nordeste Brasileiro./ Simone
de Faria Narciso Shiki
Brasília, 2007.
361p.:

Tese de Doutorado. Centro de Desenvolvimento Sustentável,
Universidade de Brasília, Brasília.

1. Política Pública, Desenvolvimento Local Sustentável,
Investimento Público, Turismo. Universidade de Brasília. CDS.
II. Título.

É concedida à Universidade de Brasília permissão para reproduzir cópias desta tese e emprestar ou vender tais cópias somente para propósitos acadêmicos e científicos. O autor reserva outros direitos de publicação e nenhuma parte desta tese de doutorado pode ser reproduzida sem autorização por escrito do autor.

Assinatura

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

**Estado, Políticas Públicas e Desenvolvimento Local:
Sustentabilidade do Turismo no Nordeste Brasileiro**

Simone de Faria Narciso Shiki

Tese de Doutorado submetida ao Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos necessários para obtenção do Grau de Doutor em Desenvolvimento Sustentável, área de concentração em Política e Gestão Ambiental.

Aprovado por:

Maria das Graças Rua, Doutora pelo IUPERJ
(Orientadora)

José Aroudo Mota, Doutor pelo CDS/UNB
(Examinador Interno)

José Augusto Leitão Drummond, Doutor pela University of Wisconsin
(Examinador Interno)

Henrique Dantas Neder, Doutor pela UNICAMP
(Examinador Externo)

Iara Lucia Gomes Brasileiro, Doutora pela USP
(Examinadora Externa)

Brasília – D.F., 28 de março/2007

AGRADECIMENTOS

À orientadora Maria das Graças Rua, pela seriedade e dedicação acadêmica, que muito contribuíram para a realização da tese.

Ao professor Henrique Dantas Neder, pelos inestimáveis ensinamentos de econometria. Espero ter correspondido à esses ensinamentos nesse trabalho.

Aos professores José Augusto L. Drummond e José Aroudo Mota, pelas contribuições na qualificação e na pré-defesa.

Ao Coordenador Geral do PROECOTUR Rodrigo Correa Ramiro, pela atenção e auxílio na obtenção de informações sobre o PRODETUR.

Ao amigo Luis Fernando Ferreira, pelas informações valiosas sobre turismo, que me auxiliaram na limitação do universo de trabalho.

Aos amigos da turma de doutorado de 2003, pelo companheirismo nas horas de desespero e pelo conhecimento acumulado nos debates. Destaco os amigos Bruno, Darcton, Rossane e Irineu, que estiveram mais próximos, em um apoio mútuo, no árduo caminho de se escrever uma tese.

Por último, mas o mais importante, à minha filha Sofia Shiki e ao meu marido Shigeo Shiki, pelo amor, dedicação e compreensão, sem os quais não seria possível a realização desse trabalho.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo relacionar o desenvolvimento às variáveis investimento público e participação. A hipótese defendida foi de que o nível de desenvolvimento está diretamente relacionado ao investimento público, podendo esse desenvolvimento ser ampliado com a participação social. Para tanto, foi analisado o Programa de Desenvolvimento do Turismo no Nordeste (PRODETUR I/NE), como um exemplo de política de desenvolvimento local, baseada no investimento público em infra-estrutura local. O procedimento metodológico utilizado para relacionar essas variáveis consistiu na aplicação de entrevista semi-estruturada, na Costa do Descobrimento-BA; e aplicação de modelo econométrico, com cálculo de um índice de desenvolvimento, regressões e análise de correspondências múltiplas. As conclusões dessa pesquisa apontam para a limitação do espaço local, entendido como o município, para potencializar o desenvolvimento. O desenvolvimento está atrelado a uma coordenação federal, cujo princípio de cooperação vertical e horizontal é essencial. Políticas *ad hoc*, como o PRODETUR I/NE, não são suficientes para satisfazer a demanda existente, por sua atuação pontual.

ABSTRACT

This work has as objective to relate development to public investment and participation variables. The hypothesis defended was that the level of development is directly related to public investment, and this development can be enhanced with social participation. Therefore, the Northeastern Program for the Development of Tourism (PRODETUR/NE) was analyzed as an example of local development policy, based on public investment in local infrastructure. The methodological procedure used to relate these variables consisted in a semi-structured interviews, in Costa do Descobrimento-BA, and application of econometric models, with the calculation of a development index, multiple regression and correspondence analysis. The findings of these analyses point to the limits of the local space, understood as the municipality, to enhance the development potential. The development is linked to a federal coordination, of which horizontal and vertical cooperation is essential. Ad hoc policies, such as the PRODETUR/NE, are not sufficient to satisfy the existing demand, for their isolated action.

RESUMÉ

Ce travail a comme objectif mettre en relation le développement aux variables investissement publique et participation. L'hypothèse de départ c'était que le niveau de développement est directement en rapport avec l'investissement publique, pouvant ce développement être élargi avec la participation sociale. Pour cela, le Programme de Développement du Tourisme au Nord-est (PRODETUR I/NE) a été analysé comme un exemple de politique de développement local, basée sur l'investissement publique en infrastructure locale. Le procédé méthodologique utilisé pour mettre en rapport ces variables a consisté d'application d'une interview semi-structurée, dans la Costa do Descobrimento-BA, et application de modèle économétrique, avec calcul d'un indice de développement, régressions et analyse de correspondance multiples. Les conclusions de cette recherche pointent vers la limitation de l'espace local, entendu comme la municipalité, pour potentialiser le développement. Le développement est attaché à une coordination fédérale, dont le principe de coopération verticale et horizontale est essentiel. Politiques *ad hoc*, comme le PRODETUR I/NE, ne sont pas suffisantes pour satisfaire la demande existante, pour son action ponctuelle.

SUMÁRIO

LISTA DE GRÁFICOS	
LISTA DE QUADROS	
LISTA DE TABELAS	
LISTA DE SIGLAS	
INTRODUÇÃO.....	19
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	24
1 ESTADO E DESENVOLVIMENTO.....	45
1.1 ESTADO CAPITALISTA E SOCIEDADE CIVIL.....	45
1.2 DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL.....	51
1.2.1 Desenvolvimento Sustentável e o Turismo.....	60
1.3 A DESCENTRALIZAÇÃO COMO PROCESSO DE REFORMA DO ESTADO: PROBLEMAS COM A NATUREZA DO DESENVOLVIMENTO.....	65
2 POLÍTICA PÚBLICA NA DÉCADA DE 1990: O PROCESSO DE DESCENTRALIZAÇÃO	71
2.1 CONTEXTO POLÍTICO BRASILEIRO NA DÉCADA DE 1990.....	72
2.1.1 De Hayek ao Consenso de Washington: Um Panorama Internacional....	72
2.1.2 Política Pública Brasileira na Década de 1990.....	76
2.2 O PROCESSO DE DESCENTRALIZAÇÃO BRASILEIRO NO CONTEXTO DA REFORMA DO ESTADO.....	88
2.2.1 A Descentralização Fiscal e a Descentralização de Funções no Brasil.....	88
2.2.2 A Descentralização no Contexto da Reforma do Estado.....	93
2.2.3 A Participação Cidadã na Descentralização das Políticas: Os Conselhos Gestores Municipais.....	100
3 PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO DO TURISMO NO NORDESTE FASE 1 – PRODETUR I/NE.....	106
3.1 DIRETRIZES BÁSICAS DO PROGRAMA.....	106
3.2 PROCESSO DE EXECUÇÃO DO PRODETUR I/NE: PROBLEMAS E REALIZAÇÕES.....	113
4. O PRODETUR I/NE NOS MUNICÍPIOS TURÍSTICOS E COM POTENCIAL TURÍSTICOS.....	127
4.1 ANÁLISE DE RESULTADOS.....	127
5. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	173
CONCLUSÃO.....	199
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	203
ANEXOS	

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Despesa da União na Área de Assistência e Previdência, 1980-2000 (R\$)	82
Gráfico 2 – Despesa da União, por Função, 1980-1999 (R\$)	82
Gráfico 3 – Percentual de Pessoas Pobres nas Regiões do Brasil, em 1991	107
Gráfico 4 – Gastos do PRODETUR I/NE Planejados e Executados por Sub-componente do Desenvolvimento Institucional (em US\$), 2005	116
Gráfico 5 – Percentual do Recurso Estimado e Realizado do PRODETUR I/NE, por Categoria de Investimento	123
Gráfico 6- Análise de Correspondências Múltiplas ICVPOS, INVPOS, TRANSESTPOS e PRODTUR	151
Gráfico 7 - Análise de Correspondências Múltiplas VARENDAPOS, INVPOS, TRANSESTPOS e PRODTUR	156
Gráfico 8 - Análise de Correspondências Múltiplas VINFANPOS, INVPOS, TRANSESTPOS e PRODTUR	160
Gráfico 9 - Análise de Correspondências Múltiplas VIEDUCPOS, INVPOS, TRANSESTPOS e PRODTUR	164
Gráfico 10 - Análise de Correspondências Múltiplas VIHABITPOS, INVPOS, TRANSESTPOS e PRODTUR	168
Gráfico 11 - Análise de Correspondências Múltiplas VILONGEVPOS, INVPOS, TRANSESTPOS e PRODTUR	172
Gráfico 12 – Grau de Participação dos Municípios Turísticos sem PRODETUR I/NE (1,0), Municípios Turísticos com PRODETUR I/NE (1,1), Municípios Com Potencial Turístico sem PRODETUR I/NE (0,0) e Municípios Com Potencial Turístico com PRODETUR I/NE (0,1) do Nordeste, 2002.	177
Gráfico 13 – Percentual de Pobres em 1991 e o Percentual de Recursos do PRODETUR I/NE por Estado no Nordeste	183
Gráfico 14 – Média (mean) e Mediana (p50) dos Índices de Desenvolvimento de 1991 e 2000 (icv91 e icv00), para os Municípios com Potencial Turístico e os Turísticos, com ou sem PRODETUR I/NE	185
Gráfico 15 – Principais Elementos em que o Meio Ambiente Afetou as Condições Humanas, nos Municípios com Potencial Turístico e os Turísticos, com ou sem PRODETUR I/NE ^a , entre os que Apontaram o Problema, 2002	189

Gráfico 16 – Fatores de Degradação de Áreas Legalmente Protegidas, nos Municípios com Potencial Turístico e os Turísticos, com ou sem PRODETUR I/NE ^a , entre os que Apontaram o Problema, 2002	190
Gráfico 17 – Fatores de Poluição dos Recursos Hídricos, nos Municípios com Potencial Turístico e os Turísticos, com ou sem PRODETUR I/NE, entre os que Apontaram o Problema, 2002	191
Gráfico 18 – Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) e Índice de Condição de Vida (ICV), nos Municípios com Potencial Turístico e os Turísticos, com ou sem PRODETUR I/NE ^a , nos anos de 1991 e 2000	192
Gráfico 19 – Índice de Theil, nos Municípios com Potencial Turístico e os Turísticos, com ou sem PRODETUR I/NE ^a , nos anos de 1991 e 2000	193
Gráfico 20 – População Economicamente Ativa (PEA), Total de Ocupados (tocup) e a Taxa de Ocupação (txocup %), nos Municípios com Potencial Turístico e os Turísticos, com ou sem PRODETUR I/NE, nos anos de 1991 a 2000	194
Gráfico 21 – Taxas de Crescimento do Anual do Emprego e da Massa Salarial, do Mercado Formal Total e do Setor do Turismo (%), nos Municípios com Potencial Turístico e os Turísticos, com ou sem PRODETUR I/NE ^a , entre os anos de 1995 a 2004	195
Gráfico 22 – Taxa de Crescimento Anual da Receita Tributária, nos Municípios com Potencial Turístico e os Turísticos, com ou sem PRODETUR I/NE ^a , de 1995 a 2004	197

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Grupo de Municípios Usados na Análise do PRODETUR I/NE	27
Quadro 2 – Composição do Índice de Desenvolvimento	29
Quadro 3 – Divisão de Atividades Econômicas Segundo a CNAE/95	36
Quadro 4 – Benefícios Gerados pelos Investimentos do PRODETUR I/NE, 2005	125
Quadro 5 – Variáveis Utilizadas nas Regressões	131
Quadro 6 – Categorização das Variáveis para Análise de Correspondências Múltiplas	143

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Taxa Anual de Crescimento do PIB, de Regiões Seleccionadas e do Brasil, 1971 - 2000	84
Tabela 2 – Brasil: Dívida Líquida do Setor Público (1991 – 2003), em % do PIB ^a , Contas Seleccionadas	87
Tabela 3 – Evolução da Receita Tributária Global por Nível de Governo: 1960/2004	90
Tabela 4 – Estimativa da Execução Direta da Despesa Governamental, por Nível de Governo, em 2004	92
Tabela 5 – PRODETUR I/NE: Custo Total Estimado, por Componente e Fonte de Financiamento (em mil US\$)	109
Tabela 6 – PRODETUR I/NE: Custo Total Estimado e Realizado por Componente e Fonte de Financiamento (em mil US\$)	115
Tabela 7 – Calendário de Investimentos do PRODETUR I/NE (em mil US\$), 1993 - 2005	124
Tabela 8 – Regressão Logit Para Predição dos Municípios com Potencial para Receber os Recursos do PRODETUR I/NE	128
Tabela 9 – Regressão Linear do Índice de Desenvolvimento de 2000 (icv00) com icv91, ipart, prediçãologit, toinvcapita9500 e as dummies	132
Tabela 10 – Regressão Linear do Índice de Desenvolvimento 2000 (icv00) com icv91, ipart, prediçãologit, tottranestcapita9500 e dummies	133
Tabela 11 - Regressão Linear da Variação do Índice de Desenvolvimento (varicv) com icv91, ipart, prediçãologit, invest9500capita e dummies	134
Tabela 12 - Regressão Linear da Variação do Índice de Desenvolvimento (varicv) com icv91, ipart, prediçãologit, trantribest9500capita e dummies	135
Tabela 13 – Regressão Linear do Índice Renda de 2000 (irenda00) com irenda91, ipart, invest9500capita, prediçãologit e dummies	136
Tabela 14 - Regressão Linear da Variação do Índice Renda entre 1991 e 2000 (varenda) com ipart, invest9000capita, prediçãologit e dummies	137
Tabela 15 – Regressão Linear do Índice Habitação de 2000, com habit91, ipart, prediçãologit, toinvcapita9500 e dummies	138
Tabela 16 - Regressão Linear do Índice Habitação de 2000, com habit91, ipart, prediçãologit, ttrantribest9500capita e dummies	139

Tabela 17 – Regressão Linear da Variação do Índice Habitação entre os anos de 1991 e 2000, com habit91, ipart, prediçãologit, toinvcapita9500 e dummies	140
Tabela 18 - Regressão Linear da Variação do Índice Habitação entre os anos de 1991 e 2000, com habit91, ipart, prediçãologit, ttranstribest9500 e dummies	141
Tabela 19 – Regressão da Variação do Índice Longevidade entre os anos de 1991 e 2000, com longev91, ipart, prediçãologit, invest9000capita e dummies	142
Tabela 20 – Perfil de Linha e Perfil de Coluna da Variável PRODTUR E INVPOS	145
Tabela 21 – Perfil de Linha e Perfil de Coluna da Variável PRODTUR E TRANSESTPOS	146
Tabela 22 – Perfil de Linha e Perfil de Coluna da Variável INVPOS E TRANSESTPOS	147
Tabela 23 – Perfil de Linha e Perfil de Coluna da Variável ICVPOS PRODTUR	148
Tabela 24 – Perfil de Linha e Perfil de Coluna da Variável ICVPOS INVPOS	149
Tabela 25 – Perfil de Linha e Perfil de Coluna da Variável ICVPOS TRANSESTPOS	149
Tabela 26 – Contribuição Absoluta e Correlações ao Quadrado da Análise de Correspondência Múltiplas ICVPOS, INVPOS, TRANSESTPOS e PRODTUR	150
Tabela 27 – Perfil de Linha e Perfil de Coluna da Variável PRODTUR e VIRENDAPOS	152
Tabela 28 – Perfil de Linha e Perfil de Coluna da Variável VIRENDAPOS e INVPOS	153
Tabela 29 – Perfil de Linha e Perfil de Coluna da Variável VIRENDAPOS e TRANSESTPOS	154
Tabela 30 - Contribuição Absoluta e Correlações ao Quadrado da Análise de Correspondência Múltiplas VIRENDAPOS, INVPOS, TRANSESTPOS e PRODTUR	155
Tabela 31 – Perfil de Linha e Perfil de Coluna das Variáveis PRODTUR e VINFANPOS	157

Tabela 32 – Perfil de Linha e Perfil de Coluna das Variáveis VINFANPOS e INVPOS	158
Tabela 33 – Perfil de Linha e Perfil de Coluna das Variáveis VINFANPOS e TRANSESTPOS	158
Tabela 34 - Contribuição Absoluta e Correlações ao Quadrado da Análise de Correspondência Múltiplas VINFANPOS, INVPOS, TRANSESTPOS e PRODTUR	159
Tabela 35 – Perfil de Linha e Perfil de Coluna das Variáveis PRODTUR e VIEDUCPOS	161
Tabela 36 – Perfil de Linha e Perfil de Coluna das Variáveis VIEDUCPOS e INVPOS	161
Tabela 37 – Perfil de Linha e Perfil de Coluna das Variáveis VIEDUCPOS e TRANSESTPOS	162
Tabela 38 - Contribuição Absoluta e Correlações ao Quadrado da Análise de Correspondência Múltiplas VIEDUCPOS, INVPOS, TRANSESTPOS e PRODTUR	163
Tabela 39 – Perfil de Linha e Perfil de Coluna das Variáveis PRODTUR e VIHABITPOS	165
Tabela 40 – Perfil de Linha e Perfil de Coluna das Variáveis VIHABITPOS e INVPOS	165
Tabela 41 – Perfil de Linha e Perfil de Coluna das Variáveis VIHABITPOS e TRANSESTPOS	166
Tabela 42 - Contribuição Absoluta e Correlações ao Quadrado da Análise de Correspondência Múltiplas VIHABITPOS, INVPOS, TRANSESTPOS e PRODTUR	167
Tabela 43 – Perfil de Linha e Perfil de Coluna das Variáveis PRODTUR e VILONGEVPOS	169
Tabela 44 – Perfil de Linha e Perfil de Coluna das Variáveis VILONGEVPOS e INVPOS	170
Tabela 45 – Perfil de Linha e Perfil de Coluna das Variáveis VILONGEVPOS e TRANSESTPOS	170
Tabela 46 - Contribuição Absoluta e Correlações ao Quadrado da Análise de Correspondência Múltiplas VIHABITPOS, INVPOS, TRANSESTPOS e PRODTUR	171

Tabela 47 – Mediana da Variação dos Índices Renda, Infância, Educação, Habitação e Longevidade, entre 1991 e 2000, nos Municípios com Potencial Turístico e os Turísticos, com ou sem PRODETUR I/NE	179
Tabela 48 – Taxa Anual de Crescimento Geométrico da População nos Grupos de Municípios Turísticos sem as Capitais, os com Potencial Turístico e as Capitais, Beneficiados ou não pelo PRODETUR I/NE (%)	186
Tabela 49 – Indicadores Ambientais nos Municípios Turísticos e Com Potencial Turístico, Com e Sem Recursos do PRODETUR I/NE, em 2002	188
Tabela 50 - Evolução do Fluxo Turístico nas Capitais e Estados do Nordeste: 1996-2004	196

LISTA DE SIGLAS

BID	Banco Inter-Americano de Desenvolvimento
BNB	Banco do Nordeste do Brasil
BNDES	Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
CENOP	Central de Operação Regional
CNAE	Classificação Nacional de Atividades Econômicas
CTI-NE	Comissão de Turismo Integrado do Nordeste
DER	Departamento de Estrada de Rodagem
EIA	Estudo de Impacto Ambiental
EMBRATUR	Instituto Brasileiro de Turismo
FMI	Fundo Monetário Internacional
FPE	Fundo de Participação dos Estados
FPM	Fundo de Participação dos Municípios
FSE	Fundo Social de Emergência
GIMAM	Grupo Interdepartamental de Meio Ambiente
ICMS	Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços
ICV	Índice de Condições de Vida
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
INFRAERO	Empresa Brasileira de Infra-Estrutura Aeroportuária
INPC	Índice Nacional de Preço ao Consumidor
IPI	Imposto sobre Produtos Industrializados
IPTU	Imposto Predial e Territorial Urbano
IPVA	Imposto sobre Propriedade de Veículos Automotores
IR	Imposto de Renda
ISS	Imposto sobre Serviços

ITBI	Imposto sobre Transmissão de Bens Imóveis Relativa a Transações Inter-vivos
OEMA	Órgão Estadual de Meio Ambiente
PAI	Programa de Ação Imediata
PCA	Plano de Controle Ambiental
PDITS	Planos de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável
PEA	População Economicamente Ativa
PIB	Produto Interno Bruto
PNMT	Plano Nacional de Municipalização do Turismo
PPA	Plano Plurianual
PRODETUR	Programa de Desenvolvimento do Turismo
RAIS	Relatório Anual de Informações Sociais
REGIC	Regiões de Influência das Cidades
RINTUR	Roteiro de Informações Turísticas
SUDENE	Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste
UC	Unidades de Conservação
UEE	Unidade de Execução Estadual
URV	Unidade Real de Valor
icv91	Índice de Desenvolvimento de 1991
icv00	Índice de Desenvolvimento de 2000
varicv	Varição no Índice de Desenvolvimento entre 2000 e 1991
irenda91	Índice Renda de 1991
irenda00	Índice Renda de 2000
varenda	Varição no Índice Renda entre 2000 e 1991
infan91	Índice Infância de 1991
infan00	Índice Infância de 2000
varinf	Varição no Índice Infância entre 2000 e 1991

ieduc91	Índice Educação de 1991
ieduc00	Índice Educação de 2000
varied	Variação no Índice Educação entre 2000 e 1991
habit91	Índice Habitação de 1991
habit00	Índice Habitação de 2000
varhab	Variação no Índice Habitação entre 2000 e 1991
longev91	Índice Longevidade de 1991
longev00	Índice Longevidade de 2000
varlong	Variação no Índice Longevidade entre 2000 e 1991
ipart	Índice de Participação
prediçãologit	Equação de seleção, resultado da regressão logit para predição da variável <i>prodetur</i> (Dummy que determina os municípios que receberam ou não recursos do PRODETUR I/NE até o ano de 2000)
toinvcapita9800	Total dos investimentos públicos municipais <i>per capita</i> realizados entre 1998 e 2000 (IBGE)
toinvcapita9500	Total dos investimentos públicos municipais <i>per capita</i> realizados entre 1995 e 2000 (IPEA)
invest9000capita	Total dos investimentos públicos municipais <i>per capita</i> realizados entre 1990 e 2000 (IPEA)
totranfedcapita9800	Total das transferências federais <i>per capita</i> aos municípios entre 1998 a 2000 (IBGE)
totranestcapita9800	Total das transferências estaduais <i>per capita</i> aos municípios entre 1998 a 2000 (IBGE)
ttrantribest9000capita	Total das transferências tributárias estaduais <i>per capita</i> aos municípios entre 1990 e 2000 (IPEA)
ttrantribest9500capita	Total das transferências tributárias estaduais <i>per capita</i> aos municípios entre 1995 e 2000 (IPEA)
dummy1	Municípios Potencialmente Turísticos com PRODETUR I/NE até 2000
dummy2	Municípios Turísticos sem PRODETUR I/NE até 2000
dummy3	Municípios Turísticos com PRODETUR I/NE até 2000

INTRODUÇÃO

A descentralização política é um processo que marca a reforma do Estado no Brasil, influenciando na redemocratização do país, a partir de mudanças nas relações entre governo e sociedade, no final da década de 1980. A adesão a esta forma de organização estatal, não só no Brasil como em outros países, se deveu à ampla defesa de que a descentralização levaria a um melhor desempenho e democratização na gestão pública.

O contexto em que se deu esse processo de descentralização no Brasil foi marcado por dois movimentos impactantes. O primeiro ocorreu na década de 1980, com o fim da ditadura militar, levando à redemocratização do país e à descentralização fiscal, viabilizando a autonomia das esferas subnacionais, a partir de um novo pacto federativo. Dentro de um ambiente de crise econômica, caracterizada pela estagnação da produção, altas taxas de inflação e déficit fiscal, os anos 90 iniciaram-se com reformas liberalizantes e de desestruturação do aparelho de Estado, montado no período nacional-desenvolvimentista. Nesse segundo movimento, procurou-se reforçar o processo de descentralização pelo lado das funções, buscando o equilíbrio fiscal e a estabilização da economia, seguindo a trajetória mundial neoliberal.

Diante desse processo, o desenvolvimento passou a ser vinculado ao espaço local, no qual a relação entre governo e sociedade levaria à ampliação da *accountability*, cuja participação social promoveria uma melhor gestão do recurso público. Além disso, a aproximação do gestor público com o local onde os problemas ocorrem facilitaria a elaboração de soluções mais eficientes. O espaço local é compreendido nesse trabalho como o município, por ser a menor extensão dentro da estrutura político-administrativa brasileira.

Nesse sentido, várias experiências de desenvolvimento local vão ser estimuladas, inclusive por órgãos internacionais de fomento, como o Banco Mundial e o BID. Seguindo essa lógica de desenvolvimento local, é que foi concebido o Programa de Desenvolvimento do Turismo no Nordeste – PRODETUR. Financiado pelo BID e executado pelos estados, o PRODETUR foi elaborado com o objetivo de promover a infra-estrutura necessária para o desenvolvimento do turismo no Nordeste, de forma a gerar renda e emprego, reduzindo a pobreza na região. A opção pelo turismo foi decorrente de pesquisa feita pelo BNDES, que

apontava o turismo como uma atividade em expansão, compatível com as características da região, já que está na costa litorânea brasileira, propiciando o binômio “sol – praia”. Além disso, o turismo estava sendo indicado como uma atividade com grande capacidade de gerar emprego.

Tendo como pano de fundo esse contexto de reforma do Estado no Brasil, este trabalho tem como objetivo analisar o PRODETUR, como uma política de desenvolvimento local, buscando identificar a sua capacidade de impacto sobre os municípios beneficiados.

Este Programa foi incorporado às políticas federais, a partir de 1996, dentro da estratégia de um “Estado moderno e eficiente”, partindo da diretriz de descentralização das políticas públicas, para estados e municípios, setor público e privado e organizações não-governamentais. Essa incorporação parece contraditória com a postura neoliberal que o país assume, na década de 1990. Contudo, a composição governamental traz uma postura liberal-desenvolvimentista por alguns e neoliberal por outros. Essa dicotomia é perfeitamente possível dentro do Estado, já que ele não é uma estrutura monolítica, mas sim uma condensação de forças. Por vezes, ela pode ocultar o principal eixo de um programa de governo, apesar de ele existir.

A escolha dessa política pública, como campo de observação, permitirá explorar o perfil das políticas de desenvolvimento nesse período de reforma do Estado, procurando identificar a sua capacidade de impacto dentro de uma estrutura federativa. Esse ponto é importante, pois a descentralização em uma Federação implica em coordenação federativa, contrapondo-se à existência de um desenvolvimento local, no sentido de que ele esteja alheio as políticas do governo federal.

Como o PRODETUR é um programa de investimento local, a pergunta que motivou essa pesquisa foi: “Qual a relação entre desenvolvimento e as variáveis investimento público e participação social?” A hipótese defendida foi de que o nível de desenvolvimento está diretamente relacionado ao investimento público, podendo esse desenvolvimento ser ampliado com a participação social.

Para relacionar essas variáveis, este trabalho baseou-se em: revisão bibliográfica; entrevistas semi-estruturadas, em campo; e a aplicação de um modelo econométrico, com o cálculo de um índice de desenvolvimento, regressões e análise de correspondência múltipla. O

detalhamento desse procedimento metodológico foi feito em uma seção a parte, logo após a introdução.

A partir desses procedimentos metodológicos, a tese foi estruturada em cinco capítulos. O primeiro está direcionado a construção teórica, tendo como dois pilares de exploração a relação entre Estado e Sociedade, dentro do sistema capitalista, e o entendimento de desenvolvimento sustentável. Com esse capítulo, procura-se compreender inicialmente a conformação do Estado capitalista, principalmente no âmbito democrático, no qual a sociedade civil é um elemento importante, mas de interesses privados. A compatibilização desses interesses é problemática e requer a ação estatal, sendo a resultante dessa compatibilização a ampliação dos direitos, que devem representar o aumento de bem-estar social. Somado a isso, o capítulo traz a compreensão de desenvolvimento ao longo do tempo, estabelecendo a ampliação desse conceito de forma a incorporar os elementos do direito social e da *res-pública*, como a ampliação do bem-estar social e da capacidade de alcançá-lo. Dentro dessa discussão do desenvolvimento, faz-se um aparte sobre o desenvolvimento do turismo, posto que a política a ser analisada foi direcionada para incentivar a atividade turística. Esta atividade é compreendida pelos seus elaboradores como uma atividade capaz de atender as demandas de emprego, crescentes desde o novo contexto neoliberal, e, portanto, um mecanismo de redução da pobreza e provedor do desenvolvimento sustentável. Contudo, parte-se da perspectiva de que se trata de uma atividade, como as demais, cujo impacto está atrelado à forma como é implementada pelo setor privado e incentivada e regulada pelo setor público. Diante desses dois pilares de exploração, busca-se fechar o capítulo estabelecendo a conjunção entre Estado e desenvolvimento sustentável, a partir da descentralização política em Estados federados. Isso porque a teoria de desenvolvimento sustentável tem caminhado para especificidades do local, apoiando a descentralização. A questão federativa se justifica porque ela traz implicações ao processo de descentralização, concernentes à situação brasileira, facilitando a compreensão do período de implantação do PRODETUR I/NE, a partir do conceito de coordenação federativa.

Feita essa compreensão teórica, o segundo capítulo faz um resgate histórico da política brasileira na década de 1990, por ser o período de implantação do PRODETUR/NE. É um período de reformas no âmbito do Estado brasileiro, atingindo todas as suas esferas. Trata-se de uma resposta a condicionantes internos e externos. Diante disso, procurou-se entender o panorama internacional, de forma a explicitar os condicionantes externos, com impacto no panorama nacional, com destaque para a crise dos anos 1970 e 1980, e a emergência do

ideário neoliberal. Posteriormente, direcionou-se o capítulo à compreensão do contexto brasileiro em meio a crise internacional, que se instala no país, principalmente, a partir dos anos 80, e às respostas dadas internamente, resultando em um misto de reformas liberalizantes com política de proposta desenvolvimentista. Dentro dessa perspectiva, buscou-se estabelecer a relação entre essas reformas e a atuação dos estados e municípios. Para tanto, primeiro fez-se uma retrospectiva do processo de descentralização brasileiro, tendo como base a Constituição de 1988, apontando para o processo de descentralização fiscal e a sua descompatibilização com a descentralização de funções. A descentralização de funções vem como uma suposta saída às crises do Estado, para a redução da atuação do governo federal e do déficit público, tendo como objetivo último a estabilização da economia. Contudo, esse processo de descentralização mostra-se problemática, com uma capacidade de resposta muito heterogênea por parte dos estados e municípios. A crise dos estados tem dificultado a atuação desses em prol do desenvolvimento. Mais do que isso, as ações políticas do governo federal por vezes têm se mostrado opostas às necessidades de desenvolvimento das esferas subnacionais, demonstrando falta de coordenação federativa. Como esse processo de descentralização de funções tem como premissa, até mesmo constitucional, a participação social, para a promoção real do desenvolvimento, o capítulo traz também uma subseção sobre a forma como a participação social fez parte desse processo, estabelecendo os problemas da atuação da chamada “participação cidadã”, representada pelos conselhos. A escolha dos conselhos como instrumento de participação se deve não só pelo fato de ter sido o instrumento mais utilizado, e mesmo incentivado pelo governo federal, mas também porque o Plano Nacional de Municipalização do Turismo incentivou a criação dos conselhos de turismo nos municípios, para o planejamento local do desenvolvimento da atividade.

Após esse resgate do contexto histórico em que se insere o PRODETUR/NE, justificado por acreditar que este contexto tem influência sobre a capacidade de resposta do Programa, o terceiro capítulo foi direcionado para o entendimento do PRODETUR/NE. Procurou-se, para isso, apreender as diretrizes estabelecidas pelo Programa, bem como os seus objetivos, os projetos elaborados e os executados. Além disso, buscou-se levantar todos os problemas de execução, tanto no âmbito municipal, como estadual, utilizando-se de avaliações feitas por consultores e de trabalho de campo na Costa do Descobrimento, na Bahia. Os benefícios discutidos nesta parte do trabalho se restringem apenas aos resultados quantitativos do Programa, não se atendo aos impactos, em termos de desenvolvimento, nesse

capítulo. Isso porque, dentro do âmbito das avaliações, percebeu-se que o procedimento metodológico adotado não tinha capacidade para avaliar os seus impactos.

No capítulo quatro, aplicou-se a metodologia descrita nos procedimentos metodológicos, de forma a permitir uma análise dos resultados alcançados. Neste capítulo foi feita apenas uma análise pontual dos resultados de cada regressão e das análises de correspondência utilizadas.

A discussão dos resultados alcançados foi reservada para o último capítulo, no qual se concentra todos os esforços de analisar os resultados com base na discussão teórica e no contexto histórico desenvolvidos nos capítulos anteriores.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta tese foi elaborada tendo como procedimentos metodológicos a revisão bibliográfica, entrevistas semi-estruturadas e análise econométrica. A revisão bibliográfica foi utilizada para os capítulos um, dois e três. No que tange ao capítulo um, buscou-se a literatura que permitisse a compreensão sobre o Estado capitalista, o desenvolvimento sustentável e a descentralização política, de forma a estabelecer os conceitos necessários para sustentação teórica.

Com relação ao capítulo dois, de caráter histórico, utilizou-se a literatura direcionada ao quadro internacional e nacional da política pública, com destaque a reforma do Estado e as política macroeconômicas, para compreender o contexto do processo de descentralização no Brasil, na década de 1990. Nesse sentido, o capítulo utilizou também a literatura sobre a descentralização brasileira, de forma a captar os seus elementos positivos e negativos, nela se insere o Programa de Desenvolvimento do Turismo no Nordeste – PRODETUR, objeto de estudo desta tese.

O capítulo três, sobre o PRODETUR I/NE, teve como bases o texto referente ao Programa, as avaliações feitas por consultores contratados pelo BNB e pelo BID e o Relatório Final feito pelo próprio BNB. Esta literatura permitiu resgatar as diretrizes básicas, os problemas de execução e as realizações do Programa. Nesse capítulo, foram utilizadas também as informações obtidas no trabalho de campo feito na Costa do Descobrimento.

O trabalho de campo teve como critérios a escolha de um estado que tivesse recebido parte significativa dos recursos do PRODETUR I/NE e que permitisse uma análise em municípios turísticos e potencialmente turísticos. Por isso, foi escolhida a Costa do Descobrimento, já que a Bahia obteve o maior percentual dos recursos. Dos municípios contemplados, dois são turísticos e um é potencialmente turístico, permitindo a comparação entre locais de turismo consolidado com local potencial para a atividade.

Na Costa do Descobrimento, composta pelos municípios de Porto Seguro, Santa Cruz de Cabrália e Belmonte, foram realizadas entrevistas com representantes do setor público e da sociedade civil organizada e da população. Com relação ao setor público, entrevistou-se os secretários municipais de turismo de Porto Seguro e de Belmonte e o

secretário municipal de infra-estrutura e meio ambiente de Santa Cruz de Cabralia. A escolha desses secretários se deu pelo seu envolvimento direto com o PRODETUR, sendo responsáveis pela execução de obras locais e membros do conselho do PRODETUR II/NE. Além dos secretários, entrevistou-se ex-membros dos conselhos municipais, sendo dois representantes da sociedade civil (ONGs), um técnico, e um membro da comunidade.

O trabalho de campo foi realizado em uma semana, tempo favorecido pela proximidade dos municípios da Costa do Descobrimento. As entrevistas tiveram uma duração de aproximadamente uma hora. A indicação dos entrevistados foi feita nos municípios, a partir de um primeiro contato com funcionários públicos municipais. Estes funcionários apontaram os responsáveis nos órgãos públicos locais pelo PRODETUR I/NE. Os representantes da sociedade civil foram indicados pelos próprios secretários entrevistados, por serem pessoas envolvidas no processo e com amplo conhecimento da implantação do Programa e suas conseqüências em seus municípios. O técnico e o membro da comunidade foram escolhidos como informantes-chaves, ou seja, pessoas que estão há muito tempo na cidade e que estão em locais estratégicos dentro da comunidade. Um deles é o dono da única pousada em Belmonte e participante das reuniões da comunidade. O outro é o técnico da CEPLAC (Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira), com acesso às informações econômicas e políticas do município.

As entrevistas foram semi-estruturadas, com temas direcionados para a compreensão da história local, antes e pós-PRODETUR I/NE, procurando identificar o impacto do Programa em cada cidade, tanto em termos de geração de emprego e renda, como para o meio ambiente e a infra-estrutura locais. Além disso, procurou-se explorar a relação dos municípios no processo de planejamento do Programa, tanto por membros do setor público, como da sociedade, ou do conselho de turismo. De forma mais livre, as entrevistas passaram pelas seguintes perguntas:

- 1 – quais os investimentos financiados pelo PRODETUR I/NE no município
- 2 – quais os impactos positivos e negativos do Programa no município
- 3 – quem determinou as obras a serem feitas no município
- 4 – se houve e como foram as audiências públicas

5 – como o conselho municipal de turismo atuou nas propostas e execução do Programa

6 - como o turismo se insere na economia local

7 – quais as alterações feitas para o PRODETUR II/NE

8 – qual a visão do entrevistado sobre o Programa

Além dos representantes locais, foi feita uma entrevista com o Coordenador Geral do Proecotur e Projetos Sócio-Ambientais, responsável, no Ministério do Turismo, pela análise dos Planos de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável - PDITS, requisito básico para a liberação dos recursos do PRODETUR II/NE. Essa entrevista, também semi-estruturada, teve como objetivo identificar os problemas do PRODETUR I/NE, que levaram às alterações na segunda fase do Programa.

Para o capítulo quatro, foram feitas análises econométricas para avaliar o impacto do PRODETUR I/NE sobre os municípios beneficiados. O universo de análise são os ‘municípios turísticos’ e os ‘municípios com potencial turístico’ do Nordeste. A escolha desse universo se deve à identificação desses municípios, pela EMBRATUR, como prioritários na política de desenvolvimento turístico no período do PRODETUR I/NE. Assim, elimina-se parte de efeitos de outras políticas de desenvolvimento do turismo. Além disso, este procedimento permite uma análise comparativa dentro de uma mesma região, evitando distorções relacionadas às disparidades sócio-econômicas regionais existentes no Brasil.

Apesar de esse universo ser o mais adequado, é importante deixar claro que ele não está isento de problemas, pois os municípios apresentaram uma grande heterogeneidade, principalmente entre os municípios turísticos e aqueles com potencial turístico. Buscou-se contornar essa dificuldade comparando sempre os municípios com potencial turístico sem PRODETUR I/NE com os municípios com potencial turístico com PRODETUR I/NE, e os municípios turísticos sem PRODETUR I/NE com os municípios turísticos com PRODETUR I/NE. Portanto, a análise esteve focada em um universo dividido em quatro grupos, conforme o quadro 1.

Municípios Turísticos com PRODETUR I	Municípios Turísticos sem PRODETUR I
Municípios com Potencial Turístico com PRODETUR I	Municípios com Potencial Turístico sem PRODETUR I

Quadro 1 – Grupo de Municípios Usados na Análise do PRODETUR I/NE

Fonte: EMBRATUR (Elaborado pela autora)

No caso deste estudo, trabalhou-se com a classificação de 2002, que tem como base os dados de 2000-2001, já que este é o período em que se obtiveram os dados para o cálculo do índice de desenvolvimento dos municípios, explicado mais a frente.

Para a classificação dos municípios como ‘turístico’ ou ‘com potencial turístico’, de acordo com a EMBRATUR (s/d), foram utilizados indicadores “dentro de concepções teóricas do estudo do turismo e fontes de dados oficiais de hierarquização”. Para tanto, a EMBRATUR utilizou como base para os indicadores: pontuação alcançada no formulário RINTUR 2000-2001 (Roteiro de Informações Turísticas); estudo do IPEA (2000), Caracterização e Tendência da Rede Urbana Brasileira; estudo do IBGE (1993), Regiões de Influência das Cidades – REGIC; informações do IPHAN (2002) e RINTUR (2000-2001) sobre Patrimônio Histórico-Cultural; informações do IBAMA (2001) e RINTUR (2000-2001) sobre Patrimônio Natural; informações do RINTUR (2000-2001) sobre Patrimônio Turístico.

Com relação ao RINTUR, foram considerados os indicadores de ‘gestão turística’, ‘infra-estrutura’, ‘equipamentos e serviços turísticos’, ‘atrativos turísticos’ e ‘fluxo turístico’. O estudo ‘Caracterização e Tendência da Rede Urbana Brasileira’ permite uma análise da dinâmica urbana brasileira, com enfoque especificamente no econômico, compreendendo o conjunto das cidades que polarizam o território brasileiro e os fluxos de bens, pessoas e serviços que se estabelecem entre elas.

O estudo ‘Regiões de Influência das Cidades’ possibilita definir um conjunto de funções que refletem os diferentes níveis de centralidade das cidades brasileiras, por meio de informações dos censos e do comércio e de serviços, capazes de construir a estrutura funcional das cidades. Com relação ao Patrimônio Histórico-Cultural, foi considerada a base de dados do IPHAN, organizadas nas seguintes categorias: patrimônio mundial, museus e afins, núcleos históricos, fortes e fortalezas, patrimônio arqueológico e superintendências do IPHAN.

No que se refere ao Patrimônio Natural, foram utilizadas as informações da base de dados do IBAMA, identificadas nas seguintes categorias: área de proteção ambiental, área de relevante interesse ecológico, estações ecológicas, monumentos naturais, reserva de desenvolvimento sustentável, reserva de fauna, reserva da vida silvestre, reserva extrativista, reservas particulares do patrimônio natural, reservas biológicas e reservas ecológicas.

Com relação ao patrimônio turístico ou valor turístico, a EMBRATUR (s/d) utilizou a metodologia de Boullon (2002), que considera quatro componentes de determinação, que são os atrativos turísticos, o empreendimento turístico, a infra-estrutura e a superestrutura turística.

Estabelecidos os indicadores, a EMBRATUR (s/d) passou para a fase de pontuação, de acordo com a importância de cada indicador definido, que posteriormente foi aferido e submetido a uma média aritmética ponderada.¹ Segundo a pontuação estabelecida, os municípios turísticos estariam entre 100 e 50 pontos, os municípios com potencial turísticos estariam entre 49 e 24 pontos e abaixo de 24 pontos, os municípios não seriam classificados. Portanto, a partir dessa pontuação, a EMBRATUR (s/d) conceitua:

- Municípios Turísticos: são aqueles consolidados, determinantes de um turismo efetivo, capaz de gerar deslocamentos e estadas de fluxos permanentes. A concentração quantitativa e/ou qualitativa de atrativos, infra-estrutura, empreendimentos e superestrutura exercem influência ou serve de irradiação para outras localidades.

- Municípios com Potencial Turístico: são aqueles possuidores de recursos naturais e culturais, encontrando no turismo diretrizes para o desenvolvimento sócio-econômico do município.

Partindo dessa conceituação e das pontuações estabelecidas, de acordo como os indicadores, a Deliberação Normativa nº 432, de 28 de novembro de 2002, lista os municípios prioritários para as políticas de desenvolvimento do turismo no país, utilizada nesse trabalho. No total, foram estudados 417 municípios, dos quais 72 foram beneficiados pelo PRODETUR I/NE. Destes, 26 são municípios turísticos e 46 são com potencial turístico. Dos 345 municípios restantes, não beneficiados pelo Programa, 49 são municípios turísticos e 296 são municípios com potencial turístico. O quadro com os municípios referenciados está no Anexo 1.

¹ - Para maiores detalhes sobre os indicadores e pontuações, ver EMBRATUR . Metodologia de Hierarquização do Processo de Identificação de Municípios Prioritários para o Desenvolvimento do Turismo no Brasil, s/d.(memo).

Com vistas a fazer uma análise destes municípios, de forma a verificar o nível de desenvolvimento econômico, social e ambiental, bem como a sua relação com o PRODETUR I/NE, foi calculado um índice de desenvolvimento. Este índice de desenvolvimento teve como base o ICV (Índice de Condições de Vida), com pequenas alterações, que serão apresentadas mais à frente. Buscou-se manter o máximo de semelhança ao ICV, de forma a conservar os pesos estipulados para o índice pelo IPEA e a Fundação João Pinheiro, conforme o Quadro 2.

Dimensões	Indicadores	Peso
Renda	Renda familiar per capita	1/2
	Proporção de pobres	1/8
	Intensidade da Pobreza	1/8
	Índice de Theil	1/4
Educação	Taxa de Analfabetismo	1/2
	Número Médio de Anos de Estudo	1/4
	Porcentagem da População com menos de 4 anos de Estudo	1/12
	Porcentagem da População com menos de 8 anos de Estudo	1/12
	Porcentagem da População com mais de 11 anos de Estudo	1/12
Infância	Porcentagem de Crianças que não freqüentam a escola	1/2
	Porcentagem de Crianças com mais de um ano de Defasagem Escolar	1/4
	Porcentagem de Crianças que Trabalham	1/4
Habitação	Porcentagem da População que vive em Domicílio com Densidade acima de 2 pessoas por Dormitório	1/4
	Porcentagem da População que vive em Domicílio com Abastecimento Adequado de Água	1/4
	Porcentagem da População que vive em Domicílio com Instalação Adequada de Esgoto	1/4
	Porcentagem da População que vive em Domicílio com Coleta de Lixo	1/4
Longevidade	Esperança de Vida ao Nascer	1/2
	Taxa de Mortalidade Infantil (por mil)	1/2

Quadro 2 – Composição do Índice de Desenvolvimento

Fonte: IPEA e Fundação João Pinheiro/PNUD

Optou-se pelo ICV, ao invés do IDH (Índice de Desenvolvimento Humano), por apresentar um número maior de indicadores, contemplando a variável ambiental, ao incorporar o saneamento básico, ao contrário do IDH, que não incorpora esta variável. Além disso, o ICV introduz o Índice de Theil no seu cálculo, reduzindo as distorções presentes no IDH, que utiliza a renda per capita, mas não considera a concentração de renda.

Entre as alterações feitas, utilizou-se a proporção de pobres e a intensidade de pobreza, ao invés do hiato de renda quadrático médio, na dimensão da renda. Com relação à dimensão infância, não foi utilizado a defasagem escolar média. Na dimensão habitação, utilizada neste caso como uma dimensão ambiental, trocou-se a porcentagem da população que vive em domicílio durável pela porcentagem da população que vive em domicílio com coleta de lixo.

A utilização da dimensão habitação como dimensão ambiental se justifica porque, no caso da atividade turística, as pressões ocasionadas sobre o saneamento básico e pelo acúmulo de lixo, decorrente do fluxo de pessoas, são expressivas. Além disso, apesar de não serem suficientes para dar conta da questão ambiental, são os dados disponíveis em nível municipal.

Para a padronização dos indicadores, de forma a colocá-los em valores que variem entre zero e um, utilizou-se a fórmula (1), permitindo a formação de índices, que vão compor o índice de desenvolvimento, que são: índice renda, índice educação, índice infância, índice habitação e índice longevidade. Assim, para o cálculo geral do índice de desenvolvimento somou-se o resultado das dimensões, sendo que para cada uma foi estipulado peso de 1/5, conforme a fórmula (2).

$$(\text{valor observado para o indicador} - \text{valor mínimo}) / (\text{valor máximo} - \text{valor mínimo}) \quad (1)$$

$$(\text{índice renda} + \text{índice educação} + \text{índice infância} + \text{índice habitação} + \text{índice longevidade}) / 5 \quad (2)$$

A subdivisão do índice de desenvolvimento nesses cinco índices permite uma análise das dimensões mais favorecidas em termos de desenvolvimento, se o econômico, o social e/ou o ambiental.

O índice de desenvolvimento, assim como as suas dimensões, varia entre zero e um. Quanto mais próximo de um, mais desenvolvido é o município.

Foram calculados os Índices de Desenvolvimento para 1991 e 2000, para os municípios turísticos e com potencial turístico do Nordeste, com base nos dados do Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil (IPEA e Fundação João Pinheiro), que tem como fonte os Censos Demográficos de 1991 e 2000, do IBGE. A escolha dessas datas decorre do fato de ser 1991 a data anterior mais próxima do início do PRODETUR I/NE e 2000 ser a data mais distante do seu início, que é 1996, para as quais foi possível obter os dados secundários necessários para o cálculo.

Essa preocupação em obter uma data anterior mais próxima do início do PRODETUR I/NE visa eliminar o máximo do efeito de outras variáveis intervenientes no desenvolvimento dos municípios e concentrar no período de atuação do Programa, possibilitando comparar o nível de desenvolvimento no período anterior com o nível de desenvolvimento posterior à implantação do Programa. Por isso há a necessidade do cálculo de um índice com dados de período mais distante do início do PRODETUR I/NE, de forma a captar as suas possíveis influências sobre o desenvolvimento dos municípios analisados.

Cabe ressaltar que, os dados de 2000 permitem obter os reflexos de apenas quatro anos de existência do PRODETUR I/NE. O ideal seria um período de dez anos. Contudo, nesse caso não se invalida a análise, já que a perspectiva de investimento como o do PRODETUR I/NE já seria um impulso ao investimento privado, já que melhora as condições de infraestrutura, favorecendo captar impactos sobre o índice renda. Além disso, os gastos com saneamento básico se deram em sua maioria antes de 2000. Portanto, já se teria o impacto do Programa na dimensão ambiental, por meio do índice habitação.

Para captar a relação entre o PRODETUR I/NE e o seu possível impacto sobre o desenvolvimento dos municípios, optou-se pela regressão *cross section*, ou seja, uma regressão de corte temporal, com apenas um período do tempo, já que não se tem uma série histórica do índice de desenvolvimento. “Cross-section data measure a particular variable at a given time for different entities.” (INTRILIGATOR, BODKIN, HSIAO, 1996, p. 55) Trata-se do método mais apurado, diante dos dados existentes, por meio do qual se tentou superar a deficiência temporal com um universo expressivo de municípios, de uma mesma região.

Evitou-se, portanto, comparações entre estados do Brasil (com e sem PRODETUR I/NE), para as quais o nível de heterogeneidade seria maior. Além disso, a análise de dados agregados em nível de estado diluiria uma potencial influência do Programa, frente à quantidade enorme de municípios dos estados brasileiros e ao número reduzido de municípios do Nordeste que foram beneficiados pelo PRODETUR I/NE.

De acordo com Gujarati (2000), no modelo de equação única, uma variável dependente Y tem seu valor médio condicionado por valores fixados das variáveis explicativas X_s . Contudo, nem sempre essa relação unidirecional é válida, principalmente quando se trata de ciências sociais, cuja realidade tem relações de mão dupla, ou seja, muitas vezes uma variável Y é explicada por X , mas X também sofre interferência de Y , ou uma variável X_1 é explicada por outra variável X_2 , criando endogeneidades em um modelo de regressão. Ou seja, uma das variáveis explicativas é também explicada dentro do próprio modelo, sendo, portanto, uma variável endógena. Nesses casos, é melhor trabalhar com um modelo de duas equações, como no método dos mínimos quadrados em dois estágios, com variáveis instrumentais, evitando estimativas inconsistentes. O método consiste em encontrar uma *proxy* de X , ou seja, uma variável que embora se pareça com X , não se correlacione com Y . Dessa forma a equação (3) se decompõe nas equações (4) e (5).

$$Y = \alpha + \beta_1 X_1 + \beta_2 X_2 + \beta_3 X_3 + \mu \quad (3)$$

Suponha que X_1 seja endógeno

$$\begin{aligned} X_1 &= \gamma + \beta_4 X_4 + \beta_5 X_5 + \beta_6 X_6 + \mu_2 \text{ (valobservdo)} \\ \hat{X}_1 &= \gamma + \beta_4 X_4 + \beta_5 X_5 + \beta_6 X_6 \text{ (valor estimado)} = \text{proxy} \quad (4) \end{aligned}$$

$$Y = \alpha + \beta_1 \text{proxy} + \beta_2 X_2 + \beta_3 X_3 + \mu \quad (5)$$

No caso do PRODETUR I/NE, procurou-se evitar essa endogeneidade com o nível de desenvolvimento, utilizando uma regressão *logit* para predizer a escolha dos municípios beneficiados pelo Programa. Assim, ao invés de utilizar uma única equação, com o índice de desenvolvimento como variável dependente e o montante financiado pelo PRODETUR/município como uma das variáveis independentes, utilizou-se duas equações. Para uma das equações, criou-se uma variável *dummy*, com os municípios que receberam o recurso e os que não receberam, como variável dependente, e com a regressão *logit*, procurou-se identificar as variáveis independentes que melhor explicassem essa variável *dummy*. A

regressão *logit* é um tipo de regressão capaz de captar relações, quando a variável dependente é binária. Na segunda equação, além de outras variáveis explicativas, a predição da probabilidade de os municípios serem do grupo PRODETUR I/NE entra como variável independente, para a regressão com o índice de desenvolvimento como variável dependente. Substitui-se, então, uma variável *dummy* por um valor previsto de probabilidade, variando de zero a um.

Para a regressão logit, a equação (4), passa a ser expressa em termos do logaritmo da razão de probabilidade (7), já que a função distribuição logística (6) não é linear. Portanto, não poderia ser aplicado o método dos mínimos quadrados.

$$P_i = 1/(1 + e^{-(\alpha + \beta_1 X_i)}) \quad (6)$$

$$L_i = \ln(P_i/(1 - P_i)) = \alpha + \beta_1 X_i \quad (7)$$

Com relação à variável *dummy*, trata-se de uma variável que assume os valores 0 e 1. São conhecidas também como variáveis indicadores, variáveis binárias, variáveis categóricas ou variáveis dicotômicas. A regra geral dessa variável é: *se uma variável qualitativa tiver m categorias, introduza apenas m-1 variáveis dummies.(...)* Se a regra não for obedecida, cairemos no que pode ser chamado de *armadilha da variável dummy*, ou seja, a situação de perfeita multicolinearidade. (GUJARATI, 2000, p. 508)

A multicolinearidade significa que existe uma relação linear entre algumas ou todas as variáveis explicativas de um modelo de regressão – os Xs. Essa relação pode ser perfeita, quando não existe erro estocástico, ou as variáveis serem intercorrelacionadas, mas não perfeitamente, apresentando um erro estocástico na regressão. Assim, no caso de perfeita colinearidade entre X_1 e X_2 , o coeficiente de correlação é igual a 1. A multicolinearidade deve ser evitada, porque em caso de ela ser menos que perfeita, os coeficientes de regressão, embora determinados, têm erros-padrão elevados, não sendo estimados com grande precisão. (GUJARATI, 2000, p. 320)

Para a elaboração deste capítulo, foram utilizados apenas dados secundários. Alguns são auto-explicativos, não sendo preciso entrar em detalhes. Contudo, outros dados merecem ser conceituados, para que não fiquem dúvidas sobre o que foi considerado para o seu cálculo.

Com relação aos dados do *Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil*, utilizados para o cálculo do índice de desenvolvimento, é importante esclarecer o que se classifica como

proporção de pobres e intensidade de pobreza. A proporção de pobres é a proporção dos indivíduos com renda familiar mensal *per capita* inferior a 50% do salário mínimo, que correspondia a R\$ 75,00 em agosto de 2000. O universo de indivíduos é limitado àqueles que vivem em domicílios particulares permanentes. A intensidade de pobreza é a distância que separa a renda domiciliar *per capita* média dos indivíduos pobres do valor da linha de pobreza, medida em termos de percentual do valor dessa linha de pobreza, que era de R\$ 75,00 em agosto de 2000.

O índice de Theil mede a desigualdade da distribuição de indivíduos segunda a renda familiar *per capita*. Os indivíduos com renda *per capita* nula são excluídos do cálculo. A padronização do índice de Theil não segue a fórmula (1), utilizada para os demais indicadores. Para o índice de Theil foi utilizada a fórmula (8), abaixo:

$$1 - e^{(-\text{índice de Theil})} \quad (8)$$

Para a taxa de analfabetismo, considerou-se o percentual de pessoas com 15 anos e mais de idade incapazes de ler ou escrever um bilhete simples. Para os demais indicadores somados no índice de educação, utilizou-se a população com 25 anos e mais. No caso do índice infância, a porcentagem de crianças que não freqüentam a escola refere-se ao universo de crianças entre 7 e 14 anos; já o percentual de crianças com mais de um ano de defasagem escolar e de crianças que trabalham refere-se ao universo de crianças entre 10 e 14 anos

Para o índice habitação, considerou-se apenas o universo da população que vive em domicílios particulares permanentes, excluindo os domicílios coletivos e improvisados. Com relação ao abastecimento adequado de água lidou-se com os domicílios com rede geral com canalização interna ou por meio de poço ou nascente com canalização interna. Os domicílios com instalações adequadas de esgoto consistem nos domicílios com instalações sanitárias não-compartilhadas com outro domicílio e com escoamento por meio de fossa séptica ou rede geral de esgoto.

No caso da taxa de mortalidade infantil, foi utilizada a razão do número de crianças que não sobrevivem ao primeiro ano de vida para cada mil crianças nascidas.

Foram utilizados dados complementares para a análise, obtidos dos Censos Demográficos de 1991 e 2000 (IBGE), que são a População Economicamente Ativa - PEA e Total de Ocupados. A PEA corresponde à população com mais de 10 anos de idade que estava

ocupada ou procurou trabalho na semana de referência. Os ocupados são os indivíduos que, nos sete dias anteriores ao da entrevista, têm trabalho remunerado exercido regularmente, com ou sem procura de trabalho; ou que, neste período, têm trabalho remunerado exercido de forma irregular, desde que não tenham procurado trabalho diferente do atual; ou têm trabalho não-remunerado de ajuda em negócios de parentes, ou remunerado em espécie/benefício, sem procura de trabalho.

Os dados da PEA e do Total de Ocupados referem-se apenas aos períodos de 1991 e 2000, já que para o nível municipal não há a disponibilidade de tal dado em outros períodos. Por isso, mesmo desconsiderando um percentual relevante de trabalhadores, buscou-se complementar esses dados com os do Relatório Anual de Informações Sociais – RAIS, do Ministério do Trabalho.

Os dados do RAIS consideram apenas o mercado de trabalho formal, ou seja, os trabalhadores com carteira assinada. Com o RAIS, foi possível montar uma série temporal ano a ano, de 1995 a 2004, com dados do número de trabalhadores e da remuneração média do ano em salários mínimos. Esses dados de remuneração quando acumulados representam a massa salarial, no município. Essa série foi delimitada em função do período de atuação do PRODETUR I/NE.

Com o objetivo de identificar a variação do número de trabalhadores e da massa salarial vinculados às atividades relativas ao setor do turismo, trabalhou-se com a divisão da Classificação Nacional de Atividades Econômicas - CNAE, presente no RAIS. A CNAE trabalha com 59 categorias, divididas conforme o quadro 3.

Alojamento e alimentacao
Transporte terrestre
Transporte aquaviario
Transporte aereo
Atividades anexas e auxiliares do transporte e agencias de viagem
Atividades imobiliarias
Aluguel de veiculos, maquinas e equipamentos sem condutores ou Operadores e de Objetos Pessoais
Atividades recreativas, culturais e desportivas
Agricultura, pecuaria e servicos relacionados
Silvicultura, exploracao florestal e servicos relacionados
Pesca, aquicultura e servicos relacionados
Extracao de carvao mineral
Extracao de petroleo e servicos relacionados
Extracao de minerais metalicos
Extração de minerais não metálicos
Fabricacao de produtos alimentícios e bebidas
Fabricacao de produtos do fumo
Fabricacao de produtos texteis
Confeccao de artigos do vestuario e acessorios
Preparação de couros e fabrç. de artefatos de couro, artigos de viagens e calçados
Fabricacao de produtos de madeira
Fabricação de celulose, papel e produtos de papel
Edicao, impressao e reproducao de gravacoes
Fabrç. de coque, refino de petroleo, elaboracao de combustiveis nucleares e produção de alcool
Fabricacao de produtos quimicos
Fabricacao de artigos de borracha e plastico
Fabricacao de produtos de minerais nao metalicos
Metalurgia basica
Fabricacao de produtos de metal - exclusive maquinas e equipamentos
Fabricacao de maquinas e equipamentos
Fabrç. de maquinas para escritorio e equipamentos de informatica
Fabricacao de maquinas, aparelhos e materiais eletricos
Fabrç. de material eletronico e de aparelhos e equipamentos de comunicacoes
Fabrç. de equipamentos de instrumentacao para usos medico hospitalar
Fabrç. e montagem de veiculos automotores, reboques e carrocerias
Fabricacao de outros equipamentos de transporte
Fabricacao de moveis e industrias diversas
Reciclagem
Eletricidade, gas e agua quente
Captacao, tratamento e distribuicao de agua
Construcao
Com. e rep. de veiculos automotores e motocicletas, com. a varejo de combustiveis
Com. por atacado e representantes comerciais e agentes do comercio
Com. varejista e reparacao de objetos pessoais e domesticos
Correio e telecomunicacoes
Intermediação financeira
Seguros e previdencia complementar
Atividades auxiliares da intermediacao financeira, seguros e prev.complementar
Atividades de informatica e servicos relacionados
Pesquisa e desenvolvimento
Serviços prestados principalmente as empresas
Administracao publica, defesa e seguridade social
Educação
Saude e servicos sociais
Limpeza urbana e esgoto e atividades relacionadas
Atividades associativas
Serviços pessoais
Serviços domesticos
Organismos internacionais e outras instituicoes extraterritoriais

Quadro 3 – Divisão de Atividades Econômicas Segundo a CNAE/95

Para os cálculos direcionados às atividades relativas ao setor do turismo, considerou-se as atividades em negrito no Quadro 3, que são: alojamento e alimentação; transporte terrestre; transporte aquaviário; transporte aéreo; atividades anexas e auxiliares do transporte e agências de viagens; atividades imobiliárias; aluguel de veículos; atividades recreativas, culturais e desportivas. Por meio dessa subdivisão, foi possível calcular a taxa de crescimento do emprego total e do emprego turístico e a taxa de crescimento da massa salarial total e da massa salarial turística, no mercado formal. Para os cálculos das taxas de crescimento recorreu-se a regressão log-linear que, de acordo com Gujarati (2000), é particularmente útil em situações em que a variável X é o tempo, já que o modelo descreve a taxa de crescimento relativo constante na variável Y .

No modelo log-linear tem-se uma regressão linear, já que os parâmetros são lineares. Contudo, ele se diferencia pelo fato de o regressando ser o logaritmo de Y e de o regressor ser o tempo, que assume os valores de 1, 2, 3..., até o valor de anos da série temporal utilizada.

Geralmente, na economia, quando se busca o crescimento no instante t , trabalha-se com a fórmula (9). Nela t é o tempo, o r é a taxa de juros (crescimento), Y_0 é o valor inicial e Y_t é o valor no tempo t . Nesta equação, o tempo não tem uma relação linear com Y_t , o que impossibilita a regressão pelo método dos mínimos quadrados. Por isso recorreu-se ao modelo log-linear, que traz os parâmetros para uma relação linear

$$Y_t = Y_0(1 + r)^t \quad (9)$$

Calculando o logaritmo natural (neperiano) da fórmula (9), tem-se a fórmula (10). Considerando $\ln Y_0$ o parâmetro β_1 e $\ln(1 + r)$ o parâmetro β_2 , adicionado do termo de perturbação, obtêm-se a fórmula (11). Esta é uma fórmula de parâmetros lineares, que se encaixa na regressão linear, com o regressando sendo um logaritmo, de acordo com o modelo log-linear.

$$\ln Y_t = \ln Y_0 + t \ln(1 + r) \quad (10)$$

$$\ln Y_t = \beta_1 + \beta_2 t + u_t \quad (11)$$

“Neste modelo, o coeficiente de inclinação mede a variação proporcional (ou relativa) constante em Y para uma dada variação absoluta no valor do regressor (neste caso, a variável t) (...)", (GUJARATI, 2000: p. 160), de acordo com a fórmula (12)

$$\beta_2 = \text{variação relativa no regressando/variação absoluta no regressor} \quad (12)$$

A multiplicação da variação relativa em Y por 100 nos dá a variação percentual, ou a taxa de crescimento, em Y para a variação absoluta em X, o regressor. Essa é a taxa de crescimento instantânea, ou seja, em um ponto do tempo. Para o cálculo da taxa de crescimento composta, ou seja, no decurso de um período, basta calcular o antilog dessa taxa instantânea, subtrair de 1 e multiplicar a diferença por 100, conforme a equação (13).

$$\text{Taxa de Crescimento} = (\text{antilog } \beta_2 - 1) \times 100 \quad (13)$$

Seguindo este modelo, conforme referenciado anteriormente, é que se calculou a taxa de crescimento do número de trabalhadores totais e do turismo, bem como da massa salarial total e do turismo, dentro do universo do mercado de trabalho formal.

Alem da taxa de crescimento em si, buscou-se relacionar a variação no número de empregados com o PRODETUR I/NE por meio da elasticidade. A elasticidade é o coeficiente de inclinação de Y com relação a X, ou seja, a variação percentual de Y para uma dada variação percentual em X. Esta elasticidade parte do modelo log-log, em que o modelo de elasticidade é constante, ou seja, a variação de $\ln Y$ por mudança de uma unidade em $\ln X$ permanece a mesma, não importando com qual $\ln X$ medimos a elasticidade. A relação determinada pela elasticidade indica quanto Y aumenta (ou diminui) quando 1% de X aumenta. Contudo, não foi possível utilizar os resultados, já que a disparidade dos dados entre os municípios não permitiu uma regressão confiável, mostrando-se altamente heterocedástica e sem uma distribuição normal. Diante disso, optou-se por usar apenas as medianas das taxas de crescimento do número de trabalhadores e da massa salarial. Cabe ressaltar, que o modelo log-linear e o modelo log-log não são substitutos.

Utilizando o mesmo modelo de regressão log-linear, calculou-se a taxa de crescimento da receita tributária municipal, entre os anos de 1995 e 2004, já que um dos objetivos do PRODETUR I/NE era ampliar a capacidade de arrecadação dos municípios.

Com o intuito de relacionar o desenvolvimento dos municípios aos gastos públicos, foram incorporados entre as variáveis de análise os investimentos públicos municipais, bem como as transferências estaduais e federais aos municípios. Esses dados foram obtidos da Pesquisa de Informações Básicas Municipais – Perfil dos Municípios Brasileiros: Finanças

Públicas 1998-2000, do IBGE. Além dos dados do IBGE, utilizou-se os investimentos públicos municipais e as transferências tributárias estaduais, nos anos de 1990 a 2000, obtidos no IPEADATA, no site do IPEA.

Como são valores nominais, as variáveis foram deflacionadas por meio do Índice Nacional de Preço ao Consumidor – INPC (dez. 1993 = 100 - IBGE/SNIPC), segundo a equação (14).

$$(\text{Valor} \times \text{índice do ano base}) / \text{índice do ano do valor} \quad (14)$$

Para eliminar o efeito da dimensão populacional sobre os dados de finanças públicas, optou-se por trabalhar com indicadores *per capita*. Como os dados de população são apenas para os anos de 1991 e 2000, provenientes dos Censos Demográficos destes anos, foi necessário fazer uma interpolação e calcular a população média geométrica do período.

O cálculo da população média geométrica foi necessário porque os dados de finanças públicas foram agregados para diversos períodos, como, por exemplo, o investimento público municipal de 1995 a 2000. Nesse caso, foi preciso calcular a população média geométrica entre os períodos de 1995 e 2000, para que fosse possível dividir o total do investimento nesse mesmo período e obter o investimento *per capita*.

Para os cálculos, foram utilizadas as fórmulas (15), (16) e (17)

$$\text{Fator de crescimento} = (\text{População 2000} / \text{população 1991})^{(1/9)} \quad (15)$$

$$(\text{População 1991} \times (\text{fator de crescimento})^{\text{(número de anos considerados)}}) \quad (16)$$

$$\text{Média geométrica} = (\text{população do primeiro ano considerado} \times \text{população de 2000})^{(1/2)} \quad (17)$$

Além das finanças públicas, o desenvolvimento foi relacionado à participação social. Considerou-se como indicador de participação a soma de quatro variáveis obtidas da Pesquisa de Informações Básicas Municipais – Perfil dos Municípios Brasileiros: Gestão Pública 2001, do IBGE. As variáveis consideradas foram: a) presença de conselho municipal de turismo; b) conselho realizou reuniões; c) conselho é paritário; d) tem fundo municipal de turismo. Essas variáveis foram consideradas binárias, para as quais sim é igual a um e o não igual a zero. Portanto, a resposta sim para as quatro variáveis resulta em um valor 4, que corresponde ao

máximo de participação. Ao contrário, a resposta não para as quatro variáveis resulta em um valor zero, correspondendo a nenhuma participação.

A relação dessas variáveis supra citadas com o índice de desenvolvimento foi obtida com regressões lineares, por meio do Método de Mínimos Quadrados. Para tanto foram feitas as regressões com todas as variáveis selecionadas e, posteriormente foram feitos dois testes, o teste de Heterocedasticidade e o teste de Distribuição Normal.

A heteroscedasticidade em um modelo de regressão significa que a variância de cada termo de perturbação não é constante aos valores escolhidos das variáveis explicativas, rompendo com uma importante hipótese do modelo clássico de regressão linear. (HILL, GRIFFITHS, JUDGE, 1999) A utilização de uma regressão heteroscedástica implica que o estimador da variância do coeficiente é viesado, ou seja, na média ela superestima ou subestima a variância do estimador. De acordo com Gujarati (2000), a heteroscedasticidade é mais comum em dados de corte, nos quais a probabilidade de heterogeneidade da variável é maior.

A hipótese de normalidade é relevante porque os seus estimadores de mínimos quadrados têm como propriedades estatísticas: não serem viesados; terem variância mínima, com estimadores eficientes; e terem consistência, já que os estimadores convergem para os seus verdadeiros valores na população, conforme a amostra aumenta.

Não foi utilizado o teste t porque, de acordo com Merrill e Foux (1980, p. 242), “a distribuição t é importante quando lidamos com amostras de menos de 100 observações.” Como as regressões feitas apresentaram um número superior de observações, optou-se pela distribuição normal, indicada pelos autores como a mais apropriada para este estudo.

A maioria das regressões não passou em um dos testes, algumas nos dois testes. Diante disso, procurou-se aprimorar os modelos inserindo três *dummies*, que introduzem nos modelos a heterogeneidade dos municípios. Nessas novas regressões foram utilizadas apenas as regressões do anexo 2 que apresentaram R2 elevado e p-value significativo.

As *dummies* aplicadas aos modelos de regressão partem da categoria de referência ‘municípios com potencial turístico e sem PRODETUR I/NE’ para as categorias utilizadas ‘municípios com potencial turístico e com PRODETUR I/NE’, ‘municípios turísticos sem PRODETUR I/NE’ e ‘municípios turísticos com PRODETUR I/NE’.

Assim, as *dummies* foram organizadas da seguinte forma:

1. municípios com potencial turístico sem PRODETUR I/NE – dummy1 = 0, dummy2 = 0 e dummy3 = 0;
2. municípios com potencial turístico com PRODETUR I/NE – dummy1 = 1, dummy2 = 0 e dummy3 = 0;
3. municípios turísticos sem PRODETUR I/NE - dummy1 = 0, dummy2 = 1 e dummy3 = 0;
4. municípios turísticos com PRODETUR I/NE - dummy1 = 0, dummy2 = 0 e dummy3 = 1

A partir dessas novas regressões com as *dummies*, foram feitos novos testes, presentes no anexo 3. Para aquelas regressões que não passaram nos testes, mesmo utilizando as *dummies* como variáveis independentes, foi aplicado o recurso de retirar os *outliers*, ou “observações aberrantes”. De acordo com Gujarati (2000), a heteroscedasticidade pode ser um resultado das observações aberrantes.

“Diz-se que uma observação é aberrante quando é muito diferente (ou muito pequena ou muito grande) das outras observações na amostra. A inclusão ou a exclusão de tal observação, especialmente se a amostra for pequena, pode alterar substancialmente os resultados da análise de regressão.” (GUJARATI, 2000, p. 357)

Para retirar os *outliers*, partiu-se do desvio padrão dos resíduos das regressões. Após calcular o desvio padrão, estes foram multiplicados por 2 e -2, considerando-se um *outlier* os municípios com os resíduos da regressão maiores que 2 vezes o seu desvio-padrão ou menores que -2 vezes o seu desvio padrão.

Outlier = município com o resíduo da regressão $> 2 \times$ desvio padrão do resíduo ou
 $< -2 \times$ desvio padrão do resíduo

Para a análise de resultados no capítulo 4, foram utilizadas apenas as regressões que passaram nos dois testes simultaneamente, o de heteroscedasticidade e o de normalidade, primando pelo maior grau de confiabilidade nas regressões calculadas.

Como pode ser observado, o modelo de regressão linear possibilita identificar relações restritas em uma equação matemática, entre uma variável dependente e um conjunto de variáveis independentes. Portanto, permite uma análise quantitativa das variáveis utilizadas. Com o objetivo de enriquecer o estudo, inserindo uma análise mais qualitativa das variáveis, utilizou-se a análise de correspondência.

De acordo com Clausen (1998), a análise de correspondência pode ser considerada um tipo especial de análise de correlação, já que trabalha a interdependência entre as variáveis, sem dar tratamento especial a nenhuma delas. O seu objetivo central é revelar a estrutura de uma matriz de informações complexas, por meio de uma matriz de informações mais simples, sem perder as informações essenciais. Utiliza-se de uma técnica de análise de associações entre duas ou mais variáveis categóricas, por representar as categorias das variáveis como pontos em um espaço dimensional. Categorias com distribuição similar são representadas por pontos próximos no espaço e categorias com distribuição não-similar são representadas por pontos distantes no espaço.

A análise é realizada inicialmente com o cálculo dos perfis categóricos, que correspondem à distribuição de frequência relativa das diferentes categorias para cada categoria de outra variável, ou seja, os percentuais em linha e em coluna. Estes perfis são chamados de perfil de linha (*row profile*) e perfil de coluna (*column profile*). Além disso, há também o cálculo da média do perfil de linha (*average row profile*), que é o total de números em diferentes colunas dividido pela soma total. O correspondente é feito para a coluna (*average column profile*). Essa média é frequentemente chamada de centróide e é localizada na origem dos eixos, no ponto em que as dimensões se cruzam. Se um perfil é muito diferente do perfil médio, então o ponto estará longe da origem e vice versa.

A segunda etapa consiste em calcular a distância entre os pontos no espaço. Trata-se da distância qui-quadrada, que consiste na média ponderada da distância Euclideana (*Euclidean distance*), na qual o peso é o inverso da respectiva média dos perfis de elementos². Essa distância qui-quadrada está conectada ao conceito de variância, que por sua vez é denominado de inércia, em análises de correspondências. A inércia total é a medida da extensão pela qual os pontos perfis são espalhados ao redor do centróide.

² Para maiores informações sobre os cálculos das distâncias qui-quadrada e Euclideana ver CLAUSEN (1998)

Já os *eigenvalues* são os valores relativos à importância das dimensões utilizadas na análise de correspondência, ou a capacidade explicativa de cada dimensão em relação ao total da inércia. Os *eigenvalues* permitem avaliar o número de dimensões necessárias para a análise, sendo que há uma tendência decrescente na capacidade explicativa de cada dimensão incorporada. “A regra geral é de manter o número de dimensões o mais baixo possível.” (CLAUSEN, 1998, p. 24)

As coordenadas informam a posição dos pontos em relação às dimensões, permitindo a apresentação gráfica da análise de correspondência. Os resultados são interpretados sobre a base das posições relativas dos pontos e das suas distribuições ao longo das dimensões.

Complementando a análise de correspondência, dois outros elementos são utilizados: a contribuição de pontos para a inércia de dimensões (contribuição absoluta) e a contribuição de dimensões para a inércia de pontos (correlações ao quadrado).

A contribuição absoluta é a proporção inercial das dimensões particulares explicadas pelos pontos e expressa a extensão para a qual o ponto tem contribuído para determinar a direção da dimensão considerada, sendo que pontos com contribuições maiores são mais importantes para a dimensão em questão. As correlações ao quadrado provêm informações sobre quanto cada ponto é descrito por cada dimensão.

Com relação à análise de correspondência, há algumas considerações que devem ser ressaltadas. Entre elas há o fato das distâncias e coordenadas serem calculadas separadamente dentro de cada conjunto de pontos e das soluções serem apresentadas em um espaço comum.

“Isso pode ser feito porque os dois conjuntos de pontos são relacionados ou interdependentes. Os conjuntos de pontos são relacionados nos seguintes termos: o espaço para as linhas e o espaço para as colunas têm a mesma dimensionalidade; *eigenvalues* são os mesmos para as duas soluções; as coordenadas dos pontos linhas podem ser calculadas sobre as bases dos perfis linhas e das coordenadas dos pontos colunas, e vice versa para outros conjuntos de pontos.” (CLAUSEN, 1998, p. 20)

De acordo com Clausen (1998), a única restrição para a análise de correspondência apontada por alguns autores é que os “*data elements*” devem ser números não-negativos. No contexto desta análise, os “*data elements*” referem-se aos dados de frequência. Como não existe frequência negativa, esta observação não tem sentido prático. Apesar de terem sido utilizados dados negativos, como a variação do índice de desenvolvimento (icv), a categorização desta variável (icvpos), fez com que o caráter negativo fosse perdido. Não

existem mais valores negativos ou positivos, mas somente icvpos baixo, médio e alto. Estes dados são o insumo do método e não os dados originais. O mesmo ocorre com outras variáveis, como a variação dos índices que compõem o icv. Portanto, todos os valores das freqüências são positivos, com uma matriz formada exclusivamente por variáveis categóricas – variáveis que expressam qualidade, ou mais exatamente, variáveis ordinais.

Como a dimensão ambiental no índice de desenvolvimento ficou restrita ao saneamento básico e à coleta de lixo, procurou-se ampliar a análise ambiental com dados da Pesquisa de Informações Básicas Municipais – Perfil dos Municípios Brasileiros: Meio Ambiente 2002. Dentre os dados utilizados, estão: o percentual de municípios onde a alteração do meio ambiente afetou as condições humanas e o percentual de problemas ambientais; o percentual de municípios com secretaria de meio ambiente; o percentual de municípios com recursos financeiros para meio ambiente; o percentual dos motivos da poluição hídrica, entre os municípios que apontaram o problema; percentual de motivos para a degradação de áreas protegidas, entre os municípios que apontaram o problema. Procurou-se selecionar os dados mais relevantes e que estavam relacionadas à questão turística, como recursos hídricos, por ser a região de estudo litorânea.

Como um dos objetivos do PRODETUR I/NE era aumentar a capacidade de gestão e arrecadação dos municípios, foi calculada a taxa de crescimento da receita tributária dos municípios, utilizando o mesmo procedimento de cálculo da taxa de crescimento do emprego e da massa salarial. A análise foi feita com base na mediana da taxa para os quatro grupos de análise.

1 ESTADO E DESENVOLVIMENTO

Este capítulo tem como objetivo fazer a elaboração teórica da relação entre Estado e Sociedade, no sistema capitalista, e a compreensão de desenvolvimento sustentável. Com base nessa elaboração teórica, procurar-se-á estabelecer a conjunção entre Estado e desenvolvimento sustentável, a partir do processo de descentralização política em federações. Para tanto, o capítulo será dividido entre três seções. A primeira corresponderá à elaboração da relação entre Estado capitalista e sociedade civil, procurando demonstrar, dentro do processo democrático, o Estado como o local da compatibilização dos interesses privados, que levam à ampliação do bem-estar social, diante dos direitos sociais e da *res-pública*. A segunda seção se concentrará na conceituação do desenvolvimento, ampliado ao longo do tempo, de forma a incorporar os elementos de bem-estar social e da capacidade de alcançá-lo, tendo como base conceitual a coevolução e a construção de espaços relativos. A última seção estabelece uma conjunção entre Estado e desenvolvimento, a partir da discussão das duas seções anteriores, trabalhando a descentralização em estados federados.

1.1 ESTADO CAPITALISTA E SOCIEDADE CIVIL

No capitalismo, ao contrário do que prega a teoria liberal, o Estado vem se mostrando imprescindível ao sistema ao longo da história. É o Estado o provedor das condições materiais – infra-estrutura, moeda – e não-materiais – políticas econômicas e sociais – favoráveis à acumulação e apropriação pela classe dominante de excedente econômico.

Em qualquer circunstância, inclusive na sua forma liberal, o capitalismo é um sistema econômico complexo constituído por empresas capitalistas coordenadas pelo mercado e reguladas pelo Estado. O capitalismo contemporâneo, por sua vez, está muito longe do capitalismo liberal do século XIX: além de regulamentado é coordenado pelo Estado, embora seja altamente competitivo. (BRESSER PEREIRA, 1995, p. 04)

O aparelho de estado é constituído por governo, burocracia e forças policial e militar. O governo é formado pela elite política que tem o poder de governar a nação. A burocracia consiste no corpo de funcionários responsável pelo processo administrativo. As forças policial e militar garantem a segurança interna e externa do país. No entanto, o Estado vai além disto,

porque tem a capacidade de ultrapassar os seus limites organizacionais e regular, mediante leis, todo o conjunto da sociedade para além de seu corpo burocrático.

O controle do Estado, segundo Bresser Pereira (1995, p. 09), é feito pela classe dominante, ou seja, a classe detentora do capital, mas isto não significa que o Estado seja apenas um instrumento desta classe. A complexidade que o sistema adquire com o crescente conhecimento técnico organizacional gera uma nova classe média influente e uma classe operária organizada em sindicatos. Ambos têm o poder do voto. Diante disto, o Estado se depara com interesses contraditórios, assim, “(...) Poulantzas não hesitou em afirmar que as políticas do Estado deixaram de refletir simplesmente os interesses dos poderosos para se tornarem o resultado da condensação das lutas de classes.” (BRESSER PEREIRA, 1995, p. 09)

Dentro dessa concepção de Estado, rompe-se com a idéia de um Estado concebido como “Coisa-instrumental” e de um Estado concebido como “Sujeito”. De acordo com Poulantzas (1985, p. 148), o Estado “Coisa” está inserido na concepção instrumentalista do Estado, pela qual ele não passa de um instrumento passivo, sem autonomia, totalmente manipulado pela classe dominante. No outro extremo, o Estado Sujeito é dotado de autonomia absoluta, cuja racionalidade e poder estão nas mãos da burocracia e das elites políticas.

Essas duas teses partem de uma relação de exterioridade entre Estado e classes sociais. Na primeira, trata-se de um Estado construído a parte e dominado pela classe hegemônica. Na segunda, a sua construção lhe permite estar acima das classes. Portanto, trata-se de um estado sem fissuras, sem contradições internas.

“Mas o Estado não é pura e simplesmente uma relação, ou a condensação de uma relação; é a condensação material e específica de uma relação de forças entre classes e frações de classe.” (POULANTZAS, 1985, p. 148) Há, portanto, o reconhecimento da materialidade própria do Estado como um aparelho institucional, “constituído-dividido” pelas contradições de classe, cujas políticas públicas são um resultado da contraposição dessas contradições.

Quando se fala na relação entre classes e frações de classe, está se referindo não só à oposição entre capitalistas e proletariado – no caso do capitalismo, mas também entre os diferentes capitais, que não apresentam uma homogeneidade de pensamento e nem de poder. Historicamente, o poder hegemônico da burguesia tem passado por diferentes frações da classe. Atualmente, o poder está nas mãos do capital financeiro, o que não significa que o

capital produtivo (este em suas frações monopólica, oligopólica e concorrencial) não tenha poder e atuação dentro do Estado.

Esses diferentes grupos organizados formam o Estado. Portanto, quanto mais democrático é o Estado, mais heterogeneidade de pensamento existe nele. Isso porque a democracia possibilita a organização social, em que mais grupos pertencentes à população constituem-se em sociedade civil.

O conceito de sociedade civil vem associado a uma dicotomia com o Estado, pois mesmo a sociedade civil tendo representantes no Estado, ela faz parte do privado e não do público. “Sociedade civil é o povo organizado e ponderado de acordo com os diferentes pesos políticos de que dispõem os grupos sociais em que os cidadãos estão inseridos.” (BRESEER PEREIRA, 1995, p. 09)

De acordo com Bobbio (2004), a pergunta que se coloca no debate político é se ainda faz sentido essa diferenciação, dado o processo de reapropriação da sociedade por parte do Estado. Nesse processo, o Estado se torna um Estado social, por meio da regulação das relações econômicas. Além disso, concomitante a esse processo, ocorre o inverso, ou seja, a socialização do Estado, com o aumento da participação social nas opções políticas, com o crescimento das organizações de massa que exercem algum tipo de poder. Esses são movimentos que convivem entre si, sem um espectro conclusivo. Isso, porque, ao mesmo tempo em que o cidadão exige maior proteção do Estado, por meio de sua organização política, ele reforça o Estado como a instituição de poder para a atuação política de intervenção. “Sob esse aspecto, sociedade e Estado atuam como dois momentos necessários, separados mas contíguos, distintos mas interdependentes, do sistema social em sua complexidade e em sua articulação interna.” (BOBBIO, 2004, p. 52)

Apesar de haver grupos sociais com pesos políticos diferentes, essa diferença se materializa na esfera do público, porque no mercado eles são tratados como iguais. Essa igualdade decorre da visão de que cada um tem algo para trocar e supostamente essa troca é justa, porque os bens cambiados devem ter valores semelhantes. Isso não significa que sejam iguais no âmbito das relações de produção.

A separação entre as esferas das relações econômicas e a esfera das relações políticas se dá com o nascimento da economia política, na qual as relações econômicas como relações

desiguais, dada a divisão do trabalho, são também formalmente iguais no mercado. (BOBBIO, 2004, p. 17)

Essa igualdade no mercado torna cada um responsável por si. Tal concepção foi apropriada e difundida pelos liberais, por meio do conceito de individualismo racional. De acordo com Smith (1999), o indivíduo, por ser racional, busca o seu bem-estar máximo e a soma do bem-estar de cada indivíduo leva ao bem comum. Por isso o Estado não deveria interferir no mercado, pois geraria desequilíbrios ao impedir que a “mão invisível” do mercado atue livremente.

Segundo Vergopoulos (2005, p. 198), é necessário perceber que “(...) a democracia não se refere ao homem em geral, mas ao cidadão; não à liberdade em geral, mas à sua institucionalização nos processos públicos.”

As teorias do primado público, mesmo não sendo equivalentes entre si, partem de um mesmo princípio: “o todo vem antes das partes. (...) segundo ela [teoria], a totalidade tem fins não redutíveis à soma dos fins dos membros singulares que a compõem e o bem da totalidade, uma vez alcançado, transforma-se no bem das suas partes (...)” (BOBBIO, 2004, p. 25) (grifo do autor)

Esse é um princípio presente também na concepção de Estado como condensação de forças, cujos interesses não são convergentes nem entre a burguesia em suas frações. Os interesses são contraditórios e é no Estado que existem os mecanismos de confronto. É o local onde as diferenças são expostas e o direito estabelecido.

“O estabelecimento da política do Estado deve ser considerado como a resultante das contradições de classe inseridas na própria estrutura do Estado (o Estado-relação).” (POULANTZAS, 1985, p. 152) Essas contradições, presentes na ‘ossatura material do Estado’, permitem uma autonomia relativa do Estado frente a uma fração do bloco no poder.

Essa autonomia se manifesta concretamente pelas diversas medidas contraditórias que cada uma dessas classes e frações, pela estratégia específica de sua presença no Estado e pelo jogo de contradições que resulta disso, conseguem introduzir na política estatal, mesmo que sob a forma de medidas negativas: a saber, por meio de oposições e resistências à tomada ou execução efetiva de medidas em favor de outras frações do bloco no poder. (POULANTZAS, 1985, p.156)

A regulamentação jurídica, na qual a Constituição é a maior expressão, por mais que busque uma homogeneidade no exercício do poder, não impede a existência de contradições. Até mesmo a sua elaboração é o resultado do confronto dessas divergências de interesses. É claro que, por ser um resultado desse confronto, a regulação jurídica é um elemento de autonomia relativa do Estado, mas que não impede a existência de setores dominantes, que dificultam e às vezes inviabilizam políticas provedoras de benefícios para as demais frações de classe. O contrário também é verdadeiro, já que a oposição a projetos de setores dominantes pode resultar na sua inviabilização. Diante disso, a implementação das políticas, em geral, é lenta, com idas e vindas, mesmo aquelas que são a efetivação de direitos constitucionais.

Por isso, o projeto de governo é de difícil visualização quando parte para a etapa de efetivação. Nesse momento são implementadas políticas que não fazem parte do escopo do projeto, mas passam a integrar a estratégia de concessão.

A existência dessas contradições não implica na inexistência de projetos políticos coerentes, apresentados pela elite política e pela burocracia estatal, indica apenas que esses projetos são trespassados por contradições. Mais do que isso, o próprio aparelho do Estado é composto, tanto por parte da elite política como por parte da burocracia estatal, por interesses divergentes. Essas divergências estão presentes também entre as esferas de poder, tanto verticalmente como horizontalmente, já que nem sempre há uma convergência entre os interesses estaduais e federais ou municipais e estaduais ou mesmo entre os municipais.

Contudo, forma-se uma ‘unidade-centralização do Estado’, que representa a classe ou fração de classe hegemônica no poder, correspondendo à parte dominante do aparelho de Estado, que tende a se expandir por outros setores. Desse processo é que resulta a distinção entre poder formal e o poder real, porque não adianta ocupar o governo e não deter o controle dos setores dominantes no Estado. “(...) dominação, que pode advir de muitas razões, e corresponde particularmente a relações de hegemonia precedentes e à história concreta em questão (...)” (POULANTZAS, 1985, p. 158)

Assim como o Estado tem em sua materialização as contradições das frações da classe dominante, materializa as contradições dessa classe dominante com as classes dominadas e entre as suas frações. “Os aparelhos de Estado consagram e reproduzem a

hegemonia ao estabelecer um jogo (variável) de compromissos provisórios entre o bloco no poder e determinadas classes dominadas.” (POULANTZAS, 1985, p. 161)

Como o Estado e as instituições referem-se ao conjunto da sociedade, o poder político na sociedade burguesa pode ser repartido e compensado por avanços populares progressistas, mesmo à custa do agravamento das antinomias do conjunto. As noções de sociedade, povo, nação, Estado, instituições e aparelhos ideológicos de Estado não constituem criações unilaterais do capital, nem biombos ideológicos enganosos. Essas noções remetem a forma específicas e relativamente autônomas dos antagonismos sociais. (VERGOPOULOS, 2005, p. 200-201)

De acordo com Bresser Pereira (1995, p.13), “à medida que a democracia avança as classes dominantes são forçadas a fazer concessões às classes dominadas, o Estado é transformado em um provedor de benefícios sociais, o que atenua e ao mesmo tempo legitima (O’Connor, 1973) as relações de dominação.”

O resultado histórico desse processo de confronto de interesses na estrutura do Estado foi a ampliação dos direitos e, por conseguinte, a formação da cidadania e da democracia. Nesse sentido, o Estado e o Direito são colocados como instituições que atuam e se constituem em um ‘processo contínuo e aberto’, que variam em função do que ocorre na estrutura da sociedade. “Na verdade, conforme observou Celso Lafer (1988: 72), o Estado no mundo contemporâneo é mais um mediador dos conflitos existentes na sociedade do que ente soberano sempre pronto a fazer valer a positividade da lei.” (BRESSER PEREIRA, 1997, p. 05)

Com relação ao que ocorre na estrutura da sociedade, a principal mudança apontada por Bresser Pereira (1997, p. 06) é a que ocorre na distribuição dos quatro atributos que conferem poder aos indivíduos e grupos. Tais atributos consistem na força material ou capacidade de coerção, a riqueza, a hegemonia ideológica-religiosa e o conhecimento técnico e organizacional. A concentração desses atributos leva à sociedades e Estados mais autoritários e a serviço de poucos poderosos, sendo o contrário também verdadeiro, pois a sua desconcentração amplia os serviços em prol do bem comum.

Os direitos firmados historicamente consistem nos direitos civis, nos políticos, nos sociais e nos republicanos. Os direitos civis referem-se ao direito de liberdade e da propriedade. Os direitos políticos garantem o direito ao voto e de ser votado. Os direitos sociais garantem o mínimo dos serviços necessários ao bem-estar (saúde, educação, cultura) e contra a opressão dos empregadores sobre os trabalhadores. Os direitos republicanos são

relacionados a preservação da *res publica* ou ‘coisa pública’, para que não sejam privatizados os bens que são públicos, como patrimônio ambiental, o patrimônio histórico-cultural e o patrimônio econômico ou *res publica* estrito senso (arrecadação fiscal). (BRESSER PEREIRA, 1997)

De acordo com BRESSER PEREIRA (1997), estes direitos foram conquistados em diferentes períodos, mas unidos em 1948, sob a insígnia de ‘direitos humanos’, validados pela Declaração Universal dos Direitos do Homem. Contudo, a cada momento da história, um deles pode ser identificado de forma mais expressiva nas reivindicações. Nos anos 1930, os direitos sociais eram enfatizados, na medida em que se achava que os direitos civis e políticos estavam garantidos. Os regimes autoritários, a partir dos anos 1960, presentes nas ditaduras militares, presentes nos países latinos americanos, reavivaram a luta pelos direito civis e políticos. A retomada da democracia, entretanto, veio juntamente com a crise do déficit de Estado, pondo em cheque o estado social, seja ele o de bem estar, o desenvolvimentista ou o comunista. Portanto, há a retomada da discussão sobre os direitos sociais. Concomitante à eles, os direitos republicanos também foram suscitados. Os problemas ambientais tiveram (e têm) grande contribuição nesse processo.

Diante disso, retoma-se o diálogo acerca do papel do Estado e da necessidade de reforma do Estado para a viabilização do desenvolvimento, incorporando não só a questão social, mas também a ambiental, traduzido dentro do conceito de desenvolvimento sustentável. Este conceito será objeto de discussão na próxima seção, para então se entrar no debate sobre a reforma do Estado.

1.2 DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

Pensar o desenvolvimento sustentável remete inevitavelmente à indagação do que se compreende por desenvolvimento e pela adjetivação sustentável. Teoricamente, o termo desenvolvimento passou por várias interpretações dentro da economia, muito bem trabalhadas por Veiga (2005), não sendo necessário uma explanação exaustiva sobre esse debate.

É importante, entretanto, ressaltar os questionamentos que a realidade foi impondo à teoria que defendia o desenvolvimento como crescimento econômico, pela qual a produção interna (ou Produto Interno Bruto - PIB) de cada país determinava o seu grau de

desenvolvimento. Esses questionamentos começam a partir dos anos 1950, quando o crescimento da produção de vários países não se traduziu em benefícios materiais e culturais para a sua população pobre. (VEIGA, 2005, p.19) Isso não significa que o crescimento econômico não seja importante. É por meio do crescimento econômico que se amplia a produção, a renda e a oferta de emprego, elementos essenciais para atender uma demanda crescente, vinculada ao crescimento populacional e/ou às carências existentes em uma sociedade.

Teoricamente, a dimensão social foi sendo posta como necessária para se pensar o desenvolvimento, somando-se à dimensão econômica. A argumentação nesse sentido era que o crescimento econômico não é um fim em si mesmo, mas um meio para a ampliação do bem-estar da população.

De acordo com Sen (2000), o desenvolvimento deve ser visto como liberdade, que pode ser traduzido como capacidade do indivíduo de ser, de escolher. Isso não significa apenas o crescimento do Produto Nacional Bruto e/ou das rendas individuais, mas outros determinantes, como as disposições sociais e econômicas - serviços de saúde e de educação -, os direitos civis - discussões públicas -, participação no mercado de trabalho, acesso ao mercado de produtos, regulamentação pública e boa condução dos negócios do Estado.

Atrelado à discussão do desenvolvimento econômico e social, Huntington (1975) ampliou o debate incorporando a dimensão institucional, pois para o autor, as baixas taxas de organização política e de institucionalização levam à instabilidade política e desordem. “O problema fundamental da política é o atraso no desenvolvimento de instituições políticas em relação às mudanças social e econômica.” (HUNTINGTON, 1975, p. 17) Para o autor, a modernização amplia e diversifica as forças sociais³ na sociedade. Para que essas forças se traduzam em uma comunidade política, cada grupo deve ter seu poder intermediado por uma instituição política, de forma a criar uma associação regularizada, estável e sustentada, que gere um consenso moral e o interesse mútuo. Assim, as instituições políticas fortes são mecanismos para a definição e realização dos interesses comuns, dos interesses públicos.

O ponto da questão é que a mobilização social, decorrente da alfabetização, da educação, dos meios de comunicação e da urbanização, envolve mudanças nas aspirações dos indivíduos, grupos e sociedades. Essas aspirações se ampliam mais rapidamente que a

³ “Uma força social é um grupo étnico, religioso, territorial, econômico ou de status.” (HUNTINGTON, 1975, p. 20)

capacidade da sociedade de satisfazê-las. O crescimento econômico leva inicialmente ao aumento da desigualdade econômica, ao mesmo tempo em que a mobilização social reduz a legitimidade dessa desigualdade. Nesse sentido, a frustração social amplia a participação política dos indivíduos socialmente mobilizados. Para que essa participação leve as demandas aos canais legítimos são necessárias instituições fortes, em caso contrário, amplia-se a instabilidade política. (HUNTINGTON, 1975)

Esses trabalhos ampliaram a visão de desenvolvimento, incorporando as dimensões econômica, social e institucional, mas não o suficiente para incorporar o adjetivo sustentável. Este adjetivo está atrelado à preocupação ambiental. A discussão ambiental tem o seu início de uma forma mais ampla na década de 1970, apesar de já haver discussões anteriores sobre o assunto. O Relatório Founex, resultado do Encontro de Founex em 1971, identificou os principais tópicos dessa problemática. Esse Relatório deu embasamento para a Conferência das Nações Unidas sobre o Ambiente Humano, realizada em Estocolmo, em 1972.

Esse relatório se contrapõe aos reducionistas econômicos, que acreditam que a tecnologia é capaz de solucionar todos os problemas ambientais. Contrapõe-se também aos reducionistas ecológicos, que trabalham com a idéia de um catastrofismo neomalthusiano. Com relação a este último, pode-se citar o Relatório *The Limits to Growth*, ou como ficou conhecido Relatório Meadows, apresentado na Conferência de Estocolmo. Nele foram elaborados cenários, pelos quais se concluiu que se a sociedade não alterasse o seu comportamento consumista, vivenciaria um colapso ecológico e social em poucos anos.

O Relatório Founex é “(...) uma mensagem sobre a necessidade e a possibilidade de se projetar e implementar estratégias ambientalmente adequadas, para promover um desenvolvimento sócio-econômico equitativo, ou ecodesenvolvimento, uma expressão que foi mais tarde rebatizada pelos pesquisadores anglo-saxões como desenvolvimento sustentável.” (SACHS, 1993, p.30)

Na concepção ecodesenvolvimentista, a crise ambiental decorre do padrão de desenvolvimento mundial, sem uma preocupação de promover políticas que compatibilizem objetivos sócio-econômicos, político-institucionais, culturais e ambientais dentro dos sistemas ecossociais. (VIEIRA, 1995, p. 296)

O Relatório Brundtland, de 1987, que deu embasamento para a Eco-1992, reforçou a tese de um processo de desenvolvimento com preservação ambiental, equidade social e

crescimento econômico. O pressuposto inerente a esta concepção é o de que os problemas ambientais advêm não do desenvolvimento *per se*, mas da forma como ele é concebido. “A verdadeira escolha não é entre desenvolvimento e meio ambiente, mas entre formas de desenvolvimento sensíveis ao meio ambiente e formas insensíveis ao mesmo.” (SACHS, 1993, p. 31)

Neste contexto, a hipótese de interdependência circular, trabalhada pelos institucionalistas⁴, traz um importante argumento para rever o conceito de desenvolvimento. Na interdependência circular, a interferência que as atividades econômicas têm sobre o ambiente natural reflete sobre elas mesmas. Assim, o sistema sócio-econômico tem impactos sobre o meio ambiente porque extrai recursos e emite dejetos, que alteram o meio ambiente de maneira mais ou menos irreversível. Como o meio ambiente tem relações de *feed-back* (forma cadeias de causalidade cumulativa) com o sistema sócio-econômico, uma alteração no primeiro consiste numa interferência sobre o segundo. Neste sentido, o conceito de coevolução assume uma posição de destaque na análise.

Esse conceito [de coevolução] de origem biológica designa no início um processo de evolução baseado na interação recíproca de duas espécies. Isto foi, em seguida, estendido às interações entre sistemas evolutivos, isto é, entre o sistema sócio-econômico e o sistema ecológico. (FROGER, 1997, p.155)

Com base neste conceito de coevolução, duas inferências analíticas podem ser feitas. Uma delas se refere à dualidade entre meio ambiente e economia. A dualidade é superada pelo entendimento de que se trata de uma interação pertencente a um mesmo processo de construção do espaço relativo. Ou seja, rompe-se com a idéia de que a relação homem/natureza sai de uma dualidade para a unidade. O processo é o inverso, o homem e a natureza têm uma unidade que, por meio do trabalho e sua interação com o meio natural e social, chega a uma pluralidade de espaços – espaços relativos.

A segunda inferência é a importância do estudo da geografia local, como resultante de uma formação social própria, configurada por elementos econômicos, políticos e culturais, e de uma formação física particular, representada pelo solo, clima, relevo e demais elementos da geografia física.

⁴ Corrente de pensadores que trabalham a variável ambiental dentro do seu arcabouço teórico baseado na análise institucional. Entre eles destaca-se Géraldine Froger, com *Elements pour une Théorie Institutionnaliste des Ressources Naturelles et de L environnement*.

A defesa do espaço local como o espaço de atuação política para o desenvolvimento sustentável tem sido um dos produtos finais daqueles que analisam a relação entre homem e natureza.

O debate sobre a relação entre o homem e a natureza vem sendo feito com base em uma concepção dualista. De um lado estão os elementos a serem transformados, ou seja, a flora, a fauna, a água, o solo, minerais, sem um contexto social, denominados de “natureza externa”. De outro lado, está a chamada “natureza universal”, concebida pelo homem em função de suas relações sociais de produção e de toda institucionalização construída pelo mesmo. Dentro desta visão, o desenvolvimento se dá através da sobreposição da “natureza universal” sobre a “natureza externa”. É como se, diante desses dois pólos, o homem, sujeito da “natureza universal”, estivesse constantemente buscando dominar essa “natureza externa”, o que levaria à criação de uma unidade. Essa construção conceitual de natureza não permite detectar dentro da “natureza universal” elementos contraditórios decorrentes dessa suposta “natureza externa”, já que são formados separadamente. No máximo, se constatam respostas dessa natureza externa aos atos de dominação do homem. (SMITH, 1988)

Em contraposição a essa abordagem dualista, Neil Smith (1988) busca defender o procedimento contrário, ou seja, o homem se desenvolve a partir de uma unidade com a natureza, para depois, como fruto de um processo histórico, produzir uma “segunda natureza”, a partir da “primeira natureza”. Essa percepção exige uma análise dialética da natureza, na qual o homem é o sujeito e objeto.

“A natureza se torna dialética produzindo os homens, tanto como Sujeitos transformadores que agem conscientemente em confronto com a própria natureza, quanto como forças da natureza. O homem constitui-se no elo de ligação entre o instrumento do trabalho e o objeto do trabalho.” (ENGELS, apud – SMITH, 1988, p. 52)

O homem, na condição de sujeito da natureza, age racionalmente no intuito de suprir as suas necessidades frente ao que a natureza oferece. Simultaneamente, ao fazer isto, o trabalho o coloca como objeto da natureza, pois vai se utilizar do que naturalmente lhe foi concedido para exercer este trabalho. O trabalho é o elemento de interação entre o homem e a natureza. “Ele [o trabalho] mesmo se defronta com a matéria natural como uma força natural” (SMITH, 1988, p. 70)

Contudo, a forma de intervenção do homem sobre a natureza é alterada historicamente. Partindo-se de uma análise da categoria mais simples para a mais complexa,

pode-se perceber essa alteração e verificar que, ao contrário da visão dualista de dominação sobre a natureza, ocorre a produção da natureza. Isso implica na construção de um futuro histórico, determinado pelas forças políticas.

Smith (1988) oferece como categoria mais simples dessa relação a ‘produção em geral’, “(...) pois ela é a relação material básica entre os seres humanos e a natureza.” (p. 70) De forma abstrata, este é o elemento presente em qualquer época de produção. Essa relação básica advém da consciência natural dos homens de satisfazer as suas necessidades.

Na ‘produção em geral’, a interação do homem com a natureza é relativa ao valor de uso, ou seja, por meio do trabalho, o homem modifica a matéria para suprir as suas necessidades, sendo esse o seu objetivo único.

O processo histórico leva à ‘produção para troca’, caracterizada pela produção de excedente. Essa produção de excedente implica em uma interação modificada com a natureza, pois o valor de uso da mercadoria para quem produz é o seu valor de troca, com o qual poderá obter, em última instância, o que necessita. No entanto, essa troca implica em um ambiente que a propicie, desenvolvendo as instituições que facilitam e regulamentam a troca, dando origem ao que Smith (1988) chamou de ‘segunda natureza’. Portanto, a primeira natureza passa a estar “(...) sujeita a um conjunto de forças e processos de origem social. Assim, a relação com a natureza acompanha o desenvolvimento das relações sociais e, na medida em que estas são contraditórias, também o é a relação com a natureza.” (SMITH, 1988, p. 85)

Na ‘produção capitalista’, a interação com a natureza já está totalmente socializada. O trabalho incorpora as relações sociais, alterando o acesso à natureza; quem produz não é mais o dono do bem produzido. A lógica de produção não é o valor de uso e nem diretamente o valor de troca, mas a busca do lucro pelo lucro – a acumulação de capital. A institucionalização se torna mais efetiva, com a construção de um aparato mercantil e político. O importante a perceber é que a produção desta ‘segunda natureza’ como um processo histórico, não se dá de maneira uniforme, caracterizando a construção de diferentes espaços, ou seja, caracterizando a produção de várias geografias locais.

O ponto a ser ressaltado é que “(...) a produção do espaço é um resultado lógico da produção da natureza.” (SMITH, 1988, p. 109) Essa concepção teórica é argumentada a partir do estudo de espaço geográfico, entendido como manifestação física, resultado ou não do social.

De acordo com Smith (1988), a discussão inicia-se com os conceitos de “espaço absoluto” e “espaço relativo”. O “espaço absoluto” é caracterizado como espaço físico, onde os fatos ocorrem, aqui assumido como a “primeira natureza”. Com o desenvolver da “segunda natureza”, aparece o “espaço relativo”, resultado das manifestações sociais, denominadas de “espaço social”. Esse “espaço social” dentro da geografia não pode ser tratado como algo fora do espaço físico, “(...) haja vista que o espaço físico, por definição, pode ser social.” (SMITH, 1988, p. 120) Assim, geograficamente, o espaço social corresponde à “segunda natureza”, podendo ser percebido fisicamente, na formação de cada sociedade. Por isso, ele é relativo, estando associado à forma historicamente desenvolvida no espaço absoluto.

Diante disso é que se justifica a importância do estudo da geografia local, entendida como resultado de uma formação social própria, configurada em elementos econômicos, políticos e culturais, e de uma formação física particular, representada pelo solo, clima, relevo e demais elementos da geografia física. Portanto, a reestruturação da sociedade capitalista contemporânea, de forma a contemplar um desenvolvimento sustentável, implica em uma junção do aprendizado histórico com as leis físicas da natureza. O esforço está centrado na capacidade de direcionar o aprendizado histórico, de forma a compatibilizar as características ambientais, político-institucionais, sócio-econômicas e culturais dentro dos diferentes sistemas ecossociais. (VIEIRA, 1995)

As dimensões espacial e temporal se encarregam de modificar e especificar, dentro da história, a interação entre meio ambiente e socioeconomia em diferentes formas. Como exemplo, tem-se que “(...) o conteúdo daquilo que denominamos recursos transforma-se historicamente e depende tanto da evolução dos ambientes quanto da evolução das possibilidades técnicas, da natureza das necessidades sociais e das condições econômicas.” (GODARD, 1997, p. 207) Portanto, a busca de uma gestão sustentável do meio ambiente pressupõe a apreensão simultânea dos aspectos técnicos, culturais, ambientais e sócio-institucionais do processo de desenvolvimento.

Essa reestruturação da sociedade capitalista é cada vez mais uma necessidade, para aqueles que defendem o desenvolvimento sustentável, diante dos progressivos problemas sociais e ambientais. Compartilha-se aqui do conceito formulado pela Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (1991, p.46) que diz: “O desenvolvimento sustentável é aquele que atende às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras atenderem às suas próprias necessidades.” Os princípios éticos

subjacentes a este conceito são o da solidariedade diacrônica e o da solidariedade sincrônica. A solidariedade diacrônica consiste na responsabilidade que a população atual tem com a população futura de não incorrer em ações irreversíveis, capazes de alterar negativamente o seu modo de vida, em decorrência da exaustão dos recursos e do processo cumulativo de poluição. A solidariedade sincrônica corresponde à responsabilidade com a geração presente, na qual o ponto central é a equidade social entre as nações e dentro delas. (SACHS, 1986)

Diante desse conceito de desenvolvimento sustentável e desses princípios éticos, os ecodesenvolmentistas trazem uma proposta de desenvolvimento compatível com o referencial teórico desenvolvido por Smith (1988). Ambos defendem que “(...) a biodiversidade e a diversidade cultural estão entrelaçadas no processo histórico de co-evolução.” (SACHS, 2000, p. 31)

Isso significa dizer que os problemas sociais estão correlacionados com a natureza, já que são produzidos no contexto social, a partir da “primeira natureza”. Assim, o espaço físico materializa as contradições resultantes das relações sociais, apresentando-se de maneira diferenciada em cada “espaço relativo”, implicando em soluções também diferenciadas. Neste ponto, o chamado planejamento de ‘cima para baixo’ entra em choque com o desenvolvimento sustentável, na medida em que introduz projetos exportados de diferentes espaços relativos, pensados a partir de uma outra realidade.

O ecodesenvolvimentismo apóia a autonomia das populações como um dos mecanismos de rejeição ao mimetismo do desenvolvimento. Esse processo de desenvolvimento autônomo implica em um esforço de valorização dos recursos específicos de cada ecorregião para viabilizar a satisfação das necessidades fundamentais. (SHIKI, 1998, p. 29) Agregado a esta postura autônoma, o ecodesenvolvimento prega o planejamento participativo. O planejamento participativo consiste na atuação efetiva da população em questão, na definição de suas necessidades e na identificação das potencialidades do ecossistema e das formas de organização coletiva necessárias para a concretização dessas potencialidades, em favor das necessidades definidas e da manutenção do meio ambiente. (SACHS, 1986, p. 17)

Implícita à idéia de planejamento participativo está a concepção de múltiplas estratégias de desenvolvimento, com gestão ambiental específica para os diferentes locais, associados aos paradigmas próprios de cada região. Todavia, isso não implica em um

localismo, desvinculado de uma estratégia nacional, até porque, nem sempre o local é capaz de dar suporte a um processo de desenvolvimento.

Segundo Sachs (1986, p. 14-15), as inúmeras combinações entre as variáveis operacionais produzem configurações de desenvolvimento diversas. Essas variáveis são o meio ambiente, a população, as técnicas, os recursos naturais e o produto. Elas têm um valor heurístico, na medida em que conduzem à descoberta dos problemas e à solução desses problemas. São essas variáveis que indicam as relações pertinentes ao planejamento participativo de um desenvolvimento que considere simultaneamente as questões ambientais, sociais e econômicas.

Verifica-se, assim, que a produção da segunda natureza, originada de um processo de socialização da natureza, resulta na expressão das contradições do próprio sistema. O fato de a segunda natureza ter sido produzida a partir da primeira natureza abre espaço para que esta interfira e expresse também as contradições do sistema. Portanto, ao se defender um desenvolvimento local, em contraposição ao desenvolvimento de cima para baixo, está-se considerando os constantes questionamentos sociais e ambientais para reverter o processo de exclusão e degradação introduzido pelo planejamento mimético.

Entretanto, o planejamento descentralizado e participativo não significa o isolamento do espaço local. Deve-se perceber que o espaço local, entendido aqui como município, interage com um espaço maior, seja regional, nacional ou global. As ações advindas desse espaço maior se refletem sobre os resultados do local, muitas vezes de forma positiva e necessária. Grandes ganhos de escala são obtidos com políticas intermunicipais e políticas regionais, sem falar nas grandes políticas desenvolvimentistas nacionais. Além disso, o processo de formação da sociedade civil, em alguns locais, é precário e é boicotado diante do antagonismo de classes, que formam “(...) sistemas de poder privado (ou melhor, de poder privatizado, já que muitos dos principais atores ocupam cargos no aparelho de Estado) nos quais alguns direitos e garantias de legalidade democrática não têm efetividade.” (O’DONNELL, apud: LEROY, 1997, p. 24)

Tem-se, então, instaurado um poder político local, com práticas clientelistas e autoritárias. Um círculo vicioso passa a ser alimentado, no qual a descrença no poder político desmobiliza a população, aumentando ainda mais a exploração da população pelo grupo dominante, tornando-se cada vez mais difícil reaver a confiança da população em seu poder

de pressão. É claro que a classe favorecida estará sempre pronta a dificultar a organização da classe dominada.

Portanto, o local, por si só, não tem todos os elementos necessários para o seu desenvolvimento, sejam eles políticos, no que tange a cidadania e democracia, ou econômicos, no sentido de melhor relação custo/benefício para investimentos públicos e mesmo privados.

Além disso, o reconhecimento de um Estado como uma condensação de forças, no qual os interesses são divergentes, mesmo no nível interestatal, reforça a necessidade de um diálogo constante e de mecanismos de ajuste da política nacional com a local, para que se tenha uma diretriz política nacional, e não políticas com direções opostas que podem se anular.

Isso reforça os argumentos para que se tenha uma descentralização em favor do desenvolvimento, respeitando as especificidades do espaço local. No entanto, isso não significa o seu isolamento, e sim um processo em rede, no qual se tenha todos os nós necessários da rede do Estado participando ativamente, de acordo com os imperativos do grau existente de desenvolvimento e de democracia.

1.2.1 Desenvolvimento Sustentável do Turismo

De acordo com a Organização Mundial do Turismo - OMT, “o turismo é o conjunto de atividades que as pessoas realizam durante suas viagens a lugares distintos de seu contexto habitual (locais de destino), por um período inferior a um ano, com propósito de ócio, negócio ou outros motivos.” (apud – MTUR, 2005) Esse conjunto de atividades implica na montagem de um setor da economia capaz de satisfazer a demanda. Trata-se de uma estrutura complexa, que envolve vários serviços, como hospedagem, alimentação, transporte, lazer. Além disso, possibilita um efeito multiplicador sobre outras áreas de suporte, como infra-estrutura, construção civil, telecomunicação, artesanato.

Assim, de acordo com Benevides (1998), o turismo apresenta três modos de manifestação dos efeitos econômicos: os impactos diretos, com a renda gerada no consumo de hospedagem; os impactos indiretos, com a renda despendida em produtos turísticos ampliados

(lazer, restaurantes, artesanatos...); e os impactos induzidos, advindos do fluxo de recursos injetados na economia, que pode ter reflexos nos demais setores. Nestes termos, o turismo é uma atividade econômica, geradora de renda, divisas, trabalho, como a agricultura e a indústria, sendo incorporada ao cálculo do PIB. Portanto, apenas pela sua dimensão econômica, com base na visão restrita de que crescimento econômico é igual a desenvolvimento, o turismo já seria um elemento para o desenvolvimento.

Em se tratando de desenvolvimento sustentável, não é diferente, pois o turismo tem impactos positivos e negativos sobre as dimensões social e ambiental, a depender da forma como é implantado. “O turismo é uma fonte potencial de entrada de divisas podendo gerar novas oportunidades de emprego e estimular a demanda por produtos e indústrias locais.” (SON, PIGRAM, RUGENDYKE, 2002, p. 257) Além disso, pode aumentar as receitas governamentais, decorrentes dos impostos gerados no setor. (BENEVIDES, 1998, p. 24)

Contudo, com o turismo, a geração de renda pode ocorrer de forma concentrada, e a geração de emprego pode não acolher a população local, em decorrência de uma exigência de aperfeiçoamento técnico inexistente nela. O efeito multiplicador sobre os demais setores também pode ser diluído, frente a uma demanda satisfeita por ofertas externas. Agregado a isso, a intensificação do turismo pode vir acompanhada de uma pressão inflacionária, resultante de uma demanda além da oferta, que se mostra relativamente inelástica no curto prazo, afetando não só os turistas como os residentes.

Além disso, o turismo pode gerar, em termos sociais, conflitos com as culturas tradicionais e estilos de vida, com uma “descaracterização e pasteurização de culturas locais tradicionais”, “um afrouxamento da moralidade tradicional” e “um risco de colonialismo cultural pelo reforço à valorização do (e) que (m) é de fora”. (BENEVIDES, 1998, p. 25-26). Em termos ambientais, pode ocorrer uma pressão sobre a infra-estrutura local, gerando uma super-exploração dos recursos naturais. “Ironicamente, o desenvolvimento do turismo pode ameaçar exatamente o que os turistas querem experimentar – as culturas e o ambiente local.” (HAWKINS, 1993. Apud - SON, PIGRAM, RUGENDYKE, 2002, p. 260)

Portanto, o fato de o turismo estar associado à contemplação do ambiente ou à cultura, não significa *a priori* a sua auto-sustentação. Assim como as demais atividades econômicas, o turismo contribui para a produção de um espaço relativo, cuja resultante

depende da forma como as variáveis ambientais, político-institucionais, sócio-econômicas e culturais interagiram.

Não se pode deslocar a análise da atividade turística atribuindo-lhe potencial de sustentabilidade sem levar em conta que é uma atividade econômica, que produz (e consome) mesmo tendo como pressuposto “consumir” paisagens, territórios, em ambientes considerados restauradores ou de descanso para os indivíduos ou mesmo pequenos grupos. É preciso considerá-la articulada com os elementos gerais da produção e do consumo. (RODRIGUES, 1999, p. 43)

Na realidade, o turismo permite uma melhor visualização da interdependência entre o econômico, o social e o ambiental. No caso da indústria, às vezes é mais difícil relacionar o futuro de seus rendimentos com o meio ambiente, apesar de essa relação existir. No turismo, como o meio ambiente é a mercadoria à venda, sua degradação leva ao desinteresse por parte do consumidor, refletindo diretamente na renda do setor. “Atualmente, os maiores exigentes são, além dos turistas, os próprios investidores que sabem que só venderão seus pacotes se forem reconhecidos nacional e internacionalmente pelos selos de conservação ambiental.” (CORIOLANO, 2006, p. 29)

Cabe ressaltar que o meio ambiente trabalhado no conceito de desenvolvimento utilizado nessa pesquisa não é entendido apenas como a “natureza” estrito senso. Por isso, ao se tratar do turismo sustentável, esse termo não é reduzido ao ecoturismo, no sentido do termo utilizado para o turismo feito em unidades de conservação. Não se restringe a esse tipo de turismo porque se entende que apenas a manutenção de um espaço natural não significa que há um desenvolvimento sustentável no local. Primeiro, porque existe todo um espaço adjacente, um entorno que necessita de práticas sustentáveis. “Meio ambiente é, na atualidade, um conceito muito amplo, pois abrange a natureza natural e cultural, ou seja, a própria sociedade. (...) Resulta da interação dos níveis naturais, sociais, econômicos, políticos e culturais.” (CORIOLANO, 2006, p. 31)

Segundo a OMT, o conceito de turista é: "as pessoas que viajam a lugares distintos do seu entorno habitual, aí permanecendo pelo menos 24 horas ou um pernoite e no máximo um ano no local visitado, com fins de lazer, negócios e outros". Isso significa a utilização de uma infra-estrutura que vai além da unidade de conservação. Há uma demanda no mínimo por hotéis e restaurantes. Conseqüentemente, também há uma pressão sobre saneamento básico e coleta de lixo. O meio ambiente refere-se a todo o espaço relativo construído, que incorpora **também** o meio físico natural, e não exclusivamente o meio natural. “O espaço físico, tanto o

natural como produzido, constitui a base da atividade turística, pois é nele que se realizam as atividades, os sonhos e os encontros.” (CORIOLANO, 2006, p. 29)

Em segundo lugar, porque, em termos sociais, a vinculação do turismo sustentável ao chamado turismo alternativo, reconhecido como lugares predominantemente naturais e com comunidades tradicionais (ecoturismo e turismo rural), pode significar “(...)a manutenção de relações de espoliação econômica e de dominação política bastante excludentes.” (BENEVIDES, 1999, p. 118)

“Deste modo, cabe inquirir se o turismo alternativo como fator de desenvolvimento local atende mais a uma ideologia que crescentemente tangencia e estabelece intersecções com o discurso hegemônico do que propriamente aos interesses de muitas populações das “localidades de primeira natureza”, que parecem ter uma visão nada idílica de seus lugares.” (BENEVIDES, 1999, p. 132)

Há também a problemática de se cair em uma “grilagem ambiental”, na qual a degradação social fica no plano secundário, com a desapropriação de áreas utilizadas como meio de vida de populações tradicionais, para a demarcação de parques nacionais e áreas de proteção ambiental. (BENEVIDES, 1999)

No outro extremo, é preciso reconhecer que existe um turismo de massa, que precisa ser pensado em termo sustentáveis. De acordo com Souza (1999), não há uma resposta universal sobre como o turismo contribui para o desenvolvimento local. Isso depende de vários elementos, como o que se entende por desenvolvimento e a natureza do turismo (o seu caráter predatório ou não, o grau de contraste socioeconômico e cultural entre os grupos envolvidos). Na medida em que o turismo reduza as heteronomias, disparidades e preconceitos, será um fator de desenvolvimento socioespacial.

“Las directrices para el desarrollo sostenible del turismo y las prácticas de gestión sostenible son aplicables a todas las formas de turismo en todos los tipos de destinos, incluidos el turismo de masas y los diversos segmentos turísticos. Los principios de sostenibilidad se refieren a los aspectos ambiental, económico y sociocultural del desarrollo turístico, habiéndose de establecer un equilibrio adecuado entre esas tres dimensiones para garantizar su sostenibilidad a largo plazo.” (OMT, 2004)

Em consonância com essa visão, Magalhães (2002) também reconhece que, apesar do apelo ambiental ser forte no ecoturismo, “o Turismo Sustentável pode estar implícito nas práticas turísticas tradicionais que não são desenvolvidas na natureza.” (p. 29) Nesses termos, o turismo sustentável incorpora, assim como o conjunto da economia, as diretrizes do

desenvolvimento sustentável, em que Sachs (1993) questiona não o desenvolvimento *per se*, mas a forma como este é efetivado, conforme apontado na seção anterior.

Seguindo a construção do pensamento teórico acerca do desenvolvimento sustentável, o turismo, como elemento do processo de desenvolvimento, também se deslocou para uma visão que absorve as especificidades geradas na construção do espaço relativo.

De acordo com Schlüter (2002), nos países da América do Sul, se reconhece que os objetivos do desenvolvimento sustentável no turismo requerem a participação da comunidade, havendo um grande movimento de municipalização da política. Esse esforço de municipalização teria como efeito o aumento da participação da população local no planejamento, tal como propõe o ecodesenvolvimento.

Entretanto, a ação participativa nem sempre é fácil de ser alcançada, conforme exposto na seção anterior. Para Souza (1998), o termo população e os seus derivados, como população local, sugerem uma homogeneidade que não existe. Em sociedades capitalistas periféricas, a população é heterogênea, sendo enorme a assimetria de poder. Isso dificulta a participação de todos na gestão dos recursos socioespaciais de seu município. Dificilmente o turismo, ou outra atividade, tenderá para um desenvolvimento duradouro, em tal contexto.

Mais do que isso, em muitos processos de descentralização política, a falta de um setor público eficiente levou à atuação de ONGs ou outros segmentos públicos não-estatais. Em outros, a proliferação de conselhos foi utilizada para ampliar a participação popular no processo de planejamento público. Contudo, segundo Borja (1988, p. 14), a participação popular não deve ser vista como substituta de um governo ineficiente, na verdade a participação é resultado de um estágio de desenvolvimento público.

(...) a participação popular não pode substituir um setor público opaco e desfalecente, socialmente ineficaz, administrativamente improdutivo, organicamente caótico, economicamente perdulário e politicamente burocrático, como o que muitas vezes foi herdado. Que pelo contrário, uma administração justa e ativa, com programas ambiciosos destinados a melhorar o bem-estar dos cidadãos são condições prévias ao desenvolvimento da participação. Sem esse investimento político e econômico os chamados a participar estão condenados ao fracasso. (apud - CORIOLANO, 2006, p. 26-27)

Portanto, no caso de economias vinculadas ao turismo, é ainda válida a construção de espaço relativo e, por conseguinte, de especialidades que devem ser consideradas no processo de planejamento com vistas a um desenvolvimento sustentável. Entretanto, o localismo não

garante sua efetivação, já que nem sempre todas as variáveis necessárias para a sua efetivação estão presentes no local.

1.3 A DESCENTRALIZAÇÃO COMO PROCESSO DE REFORMA DO ESTADO: PROBLEMAS COM A NATUREZA DO DESENVOLVIMENTO

Na discussão anterior, o espaço local foi apontado como importante para o reconhecimento da diversidade no processo de planejamento político para o desenvolvimento. Nesse sentido, a descentralização tem ganhado força nos debates acerca da reforma do Estado, possibilitando incorporar questões como o melhor desempenho e a democratização da gestão pública. Esse processo de descentralização ganha contornos diferenciados, dependendo do contexto histórico, social, econômico e institucional em que se insere. Dentro dessa diferenciação, Abrucio (2005) chama atenção para o impacto que a descentralização tem na forma federativa de Estado, em que a coordenação federativa assume papel fundamental no processo, para que se tenha o desenvolvimento sem fragmentação. Partindo dessa perspectiva, esta seção tem como objetivo identificar o papel da coordenação e cooperação federativas dentro do processo de descentralização política em Estados federados, com vistas ao melhor desempenho político em prol do desenvolvimento.

Esse recorte federativo se justifica, neste estudo, pela forma como o Brasil procedeu ao seu processo de descentralização, coincidindo com o processo de federação, conforme será visto no Capítulo 2.

De acordo com Abrucio (2003), a descentralização é um processo político de transferência efetiva de poder decisório a governos subnacionais. A partir desse poder “[...] [eles] adquirem autonomia para escolher seus governantes e legisladores (1), para comandar diretamente sua administração (2), para elaborar uma legislação referente às competências que lhes cabem (3) e, por fim, para cuidar de sua estrutura tributária e financeira (4).” (ABRUCIO, 2003, p. 145)

A descentralização não deve ser confundida com a desconcentração, que é o repasse de funções dos órgãos centrais para as agências autônomas, nem com a horizontalização, que se refere à transferência de responsabilidades da cúpula aos gerentes e funcionários. Não

deve, também, se equiparar à concessão de serviços públicos à comunidade ou às ONGs, nem à privatização. Segundo Abrucio (2003), diferenciar esses termos é importante, já que boa parte deles foi utilizada como um processo de descentralização, dentro do receituário neoliberal. Contudo, não significaram autonomia e financiamento, mas a busca de redução dos custos e melhora no desempenho da gestão pública. Isso porque, historicamente, o modelo centralizador entra em crise, muito em função da crise fiscal dos governos centrais, levando à defesa de reformas inspiradas por uma concepção minimalista de Estado, à demanda por maior participação local, e à integração econômica.

Apesar do peso da crise do Estado, outras causas influenciaram este processo, como a urbanização acelerada, ampliando a importância dos governos locais frente a seus problemas; o imbricamento entre democratização e o processo de descentralização; e a aceitação do discurso descentralizador, inclusive pelas instituições multilaterais, como a solução para o desenvolvimento dos países menos desenvolvidos. (ABRUCIO, 2003)

A ampla adesão ao discurso descentralizador foi acompanhada da idéia de democratização do poder público e de melhora no desempenho governamental. Nestes termos, um dos conceitos-chave difundidos era o de *accountability*, ou seja, tornar a ação pública mais transparente, ampliada pela proximidade de governos e cidadãos. (REZENDE, 2003) Esse acesso às ações públicas levaria a uma cobrança por parte da população por um gasto mais eficiente.

Mesmo dentro de uma visão mais desenvolvimentista, atribuiu-se a este conceito a possibilidade de obter um crescimento econômico com equidade social. “Em outras palavras, a possibilidade de superar o atraso econômico na América Latina e vincular o desenvolvimento econômico ao desenvolvimento social dependeria, em grande parte, da descentralização do aparelho de Estado.” (AFFONSO, 2000, p. 06)

Contudo, o processo de descentralização implica no equacionamento de cinco questões fundamentais, apontadas por Abrucio (2003), nem sempre fáceis de conseguir. São elas: a constituição de um sólido pacto nacional, o ataque às desigualdades regionais, a criação de um ambiente contrário à competição predatória entre os entes governamentais, a montagem de boas estruturas administrativas no plano subnacional e a democratização dos governos locais. Com relação ao pacto nacional, busca-se evitar a fragmentação excessiva, que pode levar a desorganização econômica. As desigualdades socioeconômicas podem

resultar na segregação, comprometendo o desempenho econômico do todo. A competição predatória consiste em conflitos entre os níveis de governo (como a guerra fiscal), prejudiciais ao pacto e ao desenvolvimento. As estruturas administrativas devem ter capacidade gerencial e financeira, para que se tenha uma gestão com bom desempenho. Com relação à democracia, ela não mantém uma relação direta e linear com a descentralização. Ela depende das condições sociais, econômicas e políticas existentes, sendo uma construção político-institucional, haja vista as oligarquias que predominaram no espaço local.

Partindo dessas cinco questões, três pressupostos são essenciais para um processo de descentralização. Um deles refere-se às relações entre as esferas de governo, que devem definir as questões a serem descentralizadas e as questões que cabem ao governo central. Outro pressuposto é de que não há descentralização eficiente sem um projeto nacional negociado e recorrentemente rediscutido, pois os dois devem caminhar em um mesmo sentido. A descentralização pressupõe que os governos central e subnacionais tenham capacidade político-institucional.

O Governo central deve habilitar-se para o repasse de funções e para a coordenação das ações mais gerais, atuando em prol do equilíbrio entre as regiões, fornecendo auxílio técnico e financeiro aos níveis inferiores e avaliando as políticas de cunho nacional. Os entes subnacionais, por sua vez, precisam aprimorar sua estrutura administrativa e seus mecanismos de *accountability* democrática. (ABRUCIO, 2003, p. 156-57)

Nestes termos, a descentralização e o federalismo têm intersecções, que muitas vezes levam à confundir os dois conceitos. Entretanto, a descentralização não implica em federalismo, podendo estar presente nas outras formas de organização territorial do poder, mas a federação supõe algum nível de descentralização. “A Federalização caracterizar-se-ia pela difusão dos poderes em vários centros, cuja autoridade resulta não de uma delegação feita pelo poder central, e sim daquela conferida pelo sufrágio universal.” (AFFONSO, 2000, p. 09)

O federalismo tem suas raízes no latim, da palavra *foedus*, que significa ‘contrato’ ou ‘pacto’. Esse pacto federativo tem como princípio a soberania compartilhada, que deve garantir a autonomia dos governos e a interdependência entre eles. O contrário ocorre na descentralização de um Estado unitário, no qual o poder é concedido do governo central e não constitui direito de soberania aos entes subnacionais. (ABRUCIO, 2005; AFFONSO, 2000; RODDEN, 2005)

Quanto à autonomia dos governos, são estabelecidos instrumentos de proteção aos interesses subnacionais, como a Constituição, cuja alteração implica na aceitação da maioria das unidades territoriais, ou a formação de casas legislativas, como o Senado, para representação dos interesses subnacionais. (RODDEN, 2005) No caso da interdependência federativa, não se trata de uma relação piramidal, em que o poder é estabelecido de cima para baixo, mas de uma relação matricial. Isso não significa a inexistência de uma hierarquia, pois há o estabelecimento de prerrogativas do governo federal sobre as esferas subnacionais, bem como da esfera intermediária sobre o local. Contudo, estas prerrogativas são estabelecidas no pacto, de forma a garantir o equilíbrio federativo. Portanto, a barganha, as negociações são essenciais no sistema federativo, configurando-se em um processo. (ABRUCIO, 2005)

Com relação a esse processo de negociação, um ponto importante levantado por Abrucio (2005) está na ampliação do papel do governo central nas políticas sociais, pois no caso do federalismo isto implica em um compartilhamento de decisões e responsabilidades, uma vez que as esferas subnacionais só participam do conjunto se desejarem. “A interdependência enfrenta aqui o problema da coordenação das ações de níveis de governo autônomo, aspecto-chave para entender a produção de políticas públicas em uma estrutura federativa contemporânea.” (p. 44) Isso porque, devido à divisão de poderes no federalismo, as políticas são altamente interdependentes, necessitando de coordenação para redução das heterogeneidades socioeconômicas entre as unidades federadas e a manutenção do equilíbrio federativo.

Para tanto, Camargo (1999) aponta os princípios de cooperação e competição. O princípio da cooperação está “baseado na solidariedade e na redução das desigualdades”, por meio da redistribuição dos recursos, melhor integração das políticas compartilhadas, difusão de informação e associativismo intergovernamental. O princípio de competição refere-se à competição entre as unidades federadas, para evitar a acomodação que o excesso de redistribuição dos recursos pode gerar. Além disso, favorece a busca de novas formas de gestão locais, dado que os eleitores podem compará-las nas várias unidades, permitida pela soberania compartilhada. Entretanto, estas formas de competição devem ser coordenadas, pois, em países com altos níveis de heterogeneidade socioeconômica, podem levar à distorções e à piora na redistribuição de renda. Portanto, “(...) todo sistema federal, para ser bem sucedido, deve desenvolver um equilíbrio adequado entre cooperação e competição e entre o governo central e seus componentes.” (ELAZAR, 1993, p.193 – Apud: ABRUCIO, 2005, p. 45)

Esse equilíbrio entre cooperação e competição é um elemento próprio da coordenação do poder federal que, além de coordenador, pode ser um indutor, atuando nos locais que tenham problemas financeiros e/ou administrativos. Todavia, essa atuação deve respeitar os pluralismos e a autonomia subnacionais, o que implica em “estabelecer redes federativas”. Por isso, Castells (1999), ao discutir a reforma do Estado, dentro de uma atuação descentralizada, apesar de não estar falando de federalismo, defende um Estado-rede. Neste tipo de Estado, o governo federal deve coordenar os diferentes níveis institucionais em que se desenvolve a ação dos agentes políticos, em total congruência com os princípios federativos.

A idéia de um ‘poder de redes’ consiste em um poder exercido por cada agente em seu território, mas com conexão constante com os outros agentes institucionais do mesmo nível ou não. Trata-se de uma autoridade compartilhada. “Uma rede, por definição, não tem centro e sim nós, de diferentes dimensões e com relações intermodais que são freqüentemente assimétricas. Mas, enfim, todos os nós são necessários para a existência da rede.” (CASTELLS, 1999, p. 164)

A proposta de Estado-rede tem respaldo quando se pensa em desenvolvimento sustentável, já que possibilita trabalhar as vantagens do local ao mesmo tempo em que não renega os seus limites. Ela reforça a necessidade de um Estado forte para o desenvolvimento, em seus diferentes espaços-tempo, bem como da sociedade civil.

O reconhecimento de diferentes estágios de desenvolvimento e a possibilidade de transferir o poder, pelo Estado, de acordo com a capacidade de resposta de cada nó dessa rede, ao mesmo tempo em que existe uma interdependência entre eles, são elementos relevantes para construção de uma política de desenvolvimento verdadeiramente democrática. Dessa forma, reforça-se o papel da coordenação e da cooperação federativas, atrelando o desenvolvimento a um projeto nacional. Por isso, Vainer (1998) não acredita em desenvolvimento local como uma alternativa ou opção, mas como uma das escalas do desenvolvimento, que deve ser pensado dentro de uma articulação com as escalas maiores.

A questão do desenvolvimento local teoricamente não faz sentido. Isso não quer dizer que a questão da articulação local, regional, nacional e global não o faça. O local na verdade só faz sentido como problemática da articulação entre as várias escalas. Pensar o local separado das outras escalas, pensar o local como uma alternativa às outras escalas, a meu ver, é, na verdade uma operação teórica-conceitual de encobrimento da natureza do desenvolvimento. (VAINER, 1998, p. 41)

Para Vainer (2001), a cidade ou o local não tem uma relação passiva com a estrutura social, ou com a geração e distribuição de riqueza. Há uma interação nesse espaço de afirmação de poderes, de apropriação de riquezas, que geram uma dinâmica própria de cada local. Contudo, isso não ocorre isolado no espaço, pois há uma articulação com as esferas regionais, nacional e mesmo internacional.

Portanto, a idéia de desenvolvimento como um conceito de natureza nacional está em consonância com o conceito de interdependência federativa, com a necessidade de negociações e cooperações verticais, viabilizada por uma coordenação federativa. Nesse sentido, o desenvolvimento local também perde sentido, pois o desenvolvimento está atrelado às ações das outras esferas.

Diante de tudo que foi exposto nas subsecções anteriores, o trabalho se utilizará de alguns pressupostos teóricos, que darão suporte à tese. O primeiro deles parte da compreensão do Estado capitalista como uma condensação de forças, cuja configuração política determina os avanços para o desenvolvimento. O desenvolvimento é entendido dentro de uma visão dimensional, na qual as dimensões econômica, social, ambiental e institucional serão utilizadas para medir e analisar o desenvolvimento sustentável nos municípios estudados. Na análise do desenvolvimento sustentável, o espaço local foi apontado como importante para o reconhecimento da diversidade. Contudo, no estudo da descentralização em países federativos, a soberania compartilhada e a interdependência entre as escalas de poder pressupõem uma coordenação federativa, com base no princípio da cooperação para a obtenção do desenvolvimento.

Portanto, o trabalho segue com uma contextualização histórica da década de 1990, na qual se busca identificar os condicionantes internos e externos sobre a política brasileira. A partir disso, compreender como esses condicionantes influenciaram na configuração política nacional, dentro do processo de descentralização política do período. Busca-se, assim, os seus reflexos na capacidade de coordenação federativa e sobre a política de desenvolvimento.

2 POLÍTICA PÚBLICA BRASILEIRA NA DÉCADA DE 1990: O PROCESSO DE DESCENTRALIZAÇÃO

Este capítulo tem como objetivo compreender o contexto histórico do período de implantação do PRODETUR/NE, que é o objeto da análise dessa tese. Cabe ressaltar que, o PRODETUR/NE é identificado por seus elaboradores como uma política que busca o desenvolvimento, com base na descentralização política.

A década de 1990 é um período de alterações do quadro político e econômico, de dimensões mundiais. No âmbito nacional, ela é marcada pelas reformas do Estado, de caráter liberalizante, provenientes tanto de condicionantes internacionais como nacionais. Nesses termos, o capítulo será subdividido de forma a contemplar o entendimento desses fatores externos e internos. Além disso, procurar-se-á compreender o processo de descentralização, a partir desse contexto de reforma.

Diante disso, a primeira seção consistirá de um exame do panorama internacional, destacando as crises da década de 1970 e 1980 e a emergência do ideário neoliberal no contexto político dos países desenvolvidos. Com base nesse panorama, buscar-se-á ver os seus reflexos no Brasil e as respostas do setor público nas esferas subnacionais.

A segunda seção trata do processo de descentralização no Brasil, dado que a descentralização de funções, buscada na década de 1990, é uma das respostas do governo federal às reformas do Estado, buscando a estabilização econômica. Nesse contexto, procurar-se-á compreender esse processo e a capacidade dos estados e municípios de responder a essas demandas, tendo como base conceitual as especificidades da descentralização em uma federação, principalmente a questão da coordenação nacional. Agregado a isso, será desenvolvido uma subseção sobre participação, entendida como conselho gestor, já que a participação social foi um dos pilares da descentralização política, incentivada por permitir uma atuação social na fiscalização e no planejamento local, de forma a ampliar o desenvolvimento.

2.1 CONTEXTO POLÍTICO BRASILEIRO NA DÉCADA DE 1990

2.1.1 De Hayek ao Consenso de Washington: Um Panorama Internacional

No contexto internacional, o final da década de 1970 e início da década de 1980 marcam um rompimento nos fundamentos das políticas públicas de base keynesiana e uma transição para uma política neoliberal, iniciada pelos governos Thatcher, na Grã-Bretanha, e Reagan, nos Estados Unidos.

Contudo, de acordo com Anderson (1995a), o pensamento neoliberal nasceu muito antes da década de 1970. Emerge logo após a II Guerra Mundial, como uma reação teórica contra o Estado intervencionista e de bem-estar, fundamentada na teoria keynesiana. Como expoente dessa reação tem-se Friedrich Von Hayek, membro da Escola Austríaca, com o texto O Caminho da Servidão, uma crítica às intervenções por parte do Estado nos mecanismos de mercado.

Em 1947, Hayek com outros liberais, como Milton Friedman e Karl Popper, fundaram a Sociedade de Mont Pèlerin, cujo propósito era dar seqüência ao combate ao keynesianismo, amplamente difundido, frente aos resultados positivos por ele obtidos. O capitalismo estava entrando em uma fase de crescimento acelerado, nos anos 1950 e 1960, com base nas políticas intervencionistas. “Hayek e seus companheiros argumentavam que o novo igualitarismo (...) promovido pelo Estado de bem-estar, destruía a liberdade dos cidadãos e a vitalidade da concorrência, da qual dependia a prosperidade de todos.” (ANDERSON, 1995a, p. 10)

A base do pensamento de Hayek é a existência de uma ordem espontânea na atividade econômica. Essa ordem é espontânea ou natural porque não constitui um desígnio humano, apesar de ser um resultado da ação do homem. Nestes termos, a atividade econômica consiste nas ações de agentes com interesses conflitantes, coordenadas pelo mercado. (SOROMENHO, 1998) Esse mecanismo foi denominado por Hayek (1981) de *extended society order*,

“(...) um tipo de ordem social que extrapola o conhecimento que qualquer pessoa possa ter dos fatos, e na qual cada um de nós satisfaz as necessidades de pessoas que não conhece, para tanto valendo-se do auxílio de pessoas que também são desconhecidas. E, ainda assim, esses milhares de circunstâncias que estão sendo consideradas como um todo não são conhecidas de ninguém, mas são alimentadas no computador do mercado,

que transmite a cada um, sob a forma de preços, a informação que se tem que ter para contribuir ao máximo para a formação do produto social.” (HAYEK, 1981, p. 02)

A partir dos anos 1960, o neoliberalismo ganha mais força, com Friedman e outros pensadores, que passam a influenciar a academia, em especial as universidades norte-americanas, com a elaboração de novas teorias, como a ‘teoria dos jogos’. (FIORI, 1997)

As idéias neoliberais só vão sair da academia para o campo político com a crise econômica em 1973, quando ocorre uma forte recessão, na economia capitalista mundial, somada às altas taxas de inflação. Segundo os neoliberais, a causa central da crise eram os sindicatos, já que as suas reivindicações por aumentos salariais e por gastos sociais pelo Estado haviam comprometido as bases de acumulação capitalista.

“O remédio, então, era claro: manter o Estado forte, sim, em sua capacidade de romper o poder dos sindicatos e no controle do dinheiro, mas parco em todos os gastos sociais e nas intervenções econômicas. A estabilidade monetária deveria ser a meta suprema de qualquer governo. Para isso seria necessária uma disciplina orçamentária, com a contenção dos gastos com bem-estar, e a restauração da taxa natural de desemprego, ou seja, a criação de um exército de reserva de trabalho para quebrar os sindicatos. Ademais, reformas fiscais eram imprescindíveis, para incentivar os agentes econômicos.” (ANDERSON: 1995a, p. 11)

Como foi colocado, inicialmente, os governos Thatcher, em 1979, e Reagan, em 1980, introduziram essas políticas em seus países respectivos. Esse movimento foi se proliferando por quase todo o norte da Europa ocidental, estando cada vez mais próximo de uma hegemonia mundial em termos de ideologia política.

Segundo Anderson (1995a), as políticas neoliberais cumpriram a sua prioridade imediata, que era deter a inflação dos anos 70. Além disso, obtiveram um aumento da taxa de lucro das indústrias, no conjunto de países da OCDE. Houve, também, uma contenção salarial e o crescimento da taxa de desemprego. Contudo, estas medidas tinham como finalidade última trazer as taxas de crescimento da economia aos níveis anteriores ao da crise dos anos 1970, o que não ocorreu. Apesar de os lucros terem aumentado, com a desregulamentação financeira e as altas taxas de juros, criou-se um ambiente favorável ao investimento especulativo ao invés do produtivo. Com isso, houve outra recessão em 1991, com crescente aumento da dívida pública. Além disso, o aumento nas taxas de desemprego elevou os custos com seguro-desemprego, o que fez com que países como a Inglaterra aumentassem os gastos ao invés de diminuí-los.

Entretanto, não houve uma retração do neoliberalismo nas políticas públicas. Ao contrário, ele foi intensificado com novas ondas de privatizações na Alemanha, Áustria e Itália, e redução do déficit orçamentário nos Estados Unidos. Para Anderson (1995a), essa renovação neoliberal decorre da queda do comunismo na Europa oriental e na União Soviética, de 1989 a 1991.

As idéias neoliberais de desregulação, privatização e abertura comercial foram incorporadas pelas organizações multilaterais como recomendações e condicionantes. Assim, o FMI, o BIRD, o BID “(...) se transformaram na prática, no núcleo duro de formulação do pensamento e das políticas neoliberais voltadas para o ajustamento econômico da periferia capitalista e também, é obvio, da América Latina.” (FIORI, 1997, p. 217)

Na América Latina, houve os casos do Chile, com Pinochet, e da Bolívia, com Banzer e Paz Zamora em 1985. Contudo, são casos isolados até o final dos anos 80. O México inicia as suas reformas com Salinas, em 1988, a Argentina com Menem, em 1989, a Venezuela com Perez, também em 1989, e o Peru com Fujimori, em 1990. No Brasil, as políticas neoliberais vão ser implementadas a partir de 1990, com o governo Collor. Portanto, no final dos anos 1980 e início dos anos 90, chega à América Latina e ao Brasil o neoliberalismo, em decorrência das renegociações das dívidas externas, que tiveram como condicionante as reformas econômicas de corte liberal.⁵

Segundo Stiglitz (2003), o FMI, a partir da década de 1980, só concedia recursos aos países que estivessem engajados nas políticas de corte dos gastos, aumento dos impostos e elevação das taxas de juros. O Banco Mundial também forneceu empréstimos, não só para a realização de projetos, mas também para reajustes estruturais. Contudo, as liberações destes recursos estavam condicionadas à aprovação do FMI, que aplicava os mesmos princípios neoliberais para a concessão dos recursos do Banco Mundial.

Nesse ponto, chama a atenção o fato do FMI estar “incentivando” os países em desenvolvimento a aumentar os impostos, o que, a princípio, seria contra o ideário neoliberal. Contudo, é necessário perceber que esses países em desenvolvimento estavam altamente

⁵ De acordo com Stiglitz (2003), o FMI e o Banco Mundial são instituições públicas alimentadas pelos recursos de contribuintes do mundo todo. Contudo, as suas diretrizes são estabelecidas pelos ministros da Fazenda e pelos presidentes de bancos centrais, cujo poder de voto é proporcional ao poder econômico dos países que representam, sendo que os Estados Unidos é o único país que tem poder de veto. Nesse sentido, com a entrada de Reagan e Thatcher no governo, mudam-se as diretrizes keynesianas para as diretrizes do livre mercado e as políticas que evoluíram para o Consenso de Washington.

endividados, e que, com a abertura do mercado financeiro e as altas taxas de juros, essas dívidas apresentavam uma inclinação ascendente. A própria renovação de acordos com o FMI indica uma ampliação dessa dívida. Portanto, o corte nos impostos seria impossível, mesmo com a redução nos gastos públicos, pois afetaria a capacidade desses países de honrarem as dívidas com seus credores, entre eles o próprio FMI.

As recomendações feitas pelos organismos multilaterais como ideais para a recuperação econômica da América Latina foram esquematizadas em 1989, por John Williamson, durante reunião no International Institute for Economy, em Washington. De acordo com Williamson, todos em Washington tinham uma mesma visão de política para a América Latina. Essa lista de recomendações ficou conhecida como “Consenso de Washington”. (FIORI, 1996) Esse termo tomou grande magnitude, passando mesmo a ser visto como o programa das organizações internacionais sediadas em Washington. As reformas podem ser traduzidas em 10 itens: disciplina fiscal, mudança nas prioridades das despesas públicas, reforma tributária, liberalização do sistema financeiro, taxa de câmbio competitiva, liberalização comercial, liberalização da entrada do investimento direto, privatização das empresas estatais, desregulamentação e direitos da propriedade assegurados. (WILLIAMSON, 2003)

Contudo, nenhum país adotou a totalidade das diretrizes defendidas pelo neoliberalismo. Para Anderson (1995b), isso não significa que ele não tenha sido eficaz.

“a teoria neoliberal supria, nos seus princípios, uma espécie de repertório máximo em que os governos podiam escolher os itens mais oportunos, segundo a sua conveniência política ou administrativa conjuntural. O maximalismo neoliberal, neste sentido, foi altamente funcional. Provia um repertório muito amplo de medidas radicais possíveis, ajustáveis às circunstâncias. E, ao mesmo tempo, demonstrou o longo alcance da ideologia neoliberal, sua capacidade de abarcar todos os aspectos da sociedade e assim jogar o papel de uma visão verdadeiramente hegemônica do mundo.” (ANDERSON, 1995b, p. 198)

Todavia, a eficácia das diretrizes neoliberais em termos de hegemonia não significou a sua tradução em eficácia econômica e menos ainda em justiça social. As crises financeiras globais na década de 1990 vieram em cadeia e intensidade crescente, passando pela Ásia, Rússia, América Latina. Todas as crises tiveram impactos mundiais, sendo que os estragos ficaram proporcionais a capacidade de resposta de cada país.

A liberação do comércio, que deveria auxiliar no aumento da produtividade, utilizando-se das vantagens comparativas, não se concretizou. As empresas menos eficientes faliram pela concorrência internacional, ampliando o desemprego. De acordo com Stiglitz (2003), os mercados emergentes passaram a ser forçados a abrirem seus mercados mediante o poderio econômico, “(...) por meio de ameaça de sanções ou da suspensão da ajuda necessária em tempos de crise” (p. 95).

As privatizações foram feitas de maneira acelerada, supondo que o mercado fosse responder com rapidez para satisfazer as necessidades. Entretanto, muitas atividades do governo surgem porque os mercados falharam em áreas essenciais. Além disso, a rapidez fez com que a privatização viesse antes da concorrência e da regulamentação, o que levou aos monopólios privados, sem a devida regulamentação, gerando aumento do desemprego e dos preços desses serviços. Os resultados dos investimentos estrangeiros são os mesmos, pois os grandes capitais multinacionais destroem a concorrência local e passam a utilizar de seus poderes de monopólio. Além disso, muitos investimentos diretos foram para a compra de estatais, o que propiciou todo o movimento já descrito e não resultou em ampliação da capacidade produtiva. (STIGLITZ, 2003)

Portanto, o contexto internacional da década de 1990 é de intensificação das políticas neoliberais pelo mundo, chegando aos países do leste europeu e da América Latina. Os resultados dessa rápida expansão, muito em decorrência das pressões feitas pelos organismos internacionais, foram as crises financeiras globais, o aumento das taxas de desemprego, a redução na atividade econômica e o crescimento da pobreza no mundo.

2.1.2 Política Pública Brasileira na Década de 1990

Compreender as políticas públicas no Brasil, na década de 1990, especialmente na sua segunda metade - que interessa a esse trabalho -, implica em levantar no mínimo dois pontos: as condições econômicas internacionais e nacionais e a configuração política estabelecida.

Com relação às condições internacionais anteriores à década de 1990, já foram feitas as principais considerações na subseção anterior, com destaque a crise nos países desenvolvidos, marcada por dois choques do petróleo, pela redução da atividade econômica internacional e pelas altas taxas de inflação e de juros, que resultaram na implementação das políticas neoliberais.

Dentro do contexto nacional brasileiro, antes da década de 1990, os dois choques do petróleo e o aumento das taxas de juros levaram à expansão da dívida externa brasileira e ao déficit em conta corrente. Isso porque o modelo de desenvolvimento adotado pelo Brasil tinha uma forte dependência externa. O modelo de desenvolvimento baseado na substituição de importação tinha expressivo financiamento externo e exigia grande volume de importação de bens de capital e de petróleo, para implantação da indústria de bens duráveis, conforme pretendia o I PND (Plano Nacional de Desenvolvimento). Portanto, tratava-se de uma economia com intensa dependência da capacidade de importar e vulnerável ao financiamento externo. (HERMANN, 2005)

O quadro de crise começou a se apresentar em 1973, após o primeiro choque do petróleo, que retraiu a atividade econômica e a capacidade de importação dos países desenvolvidos e aumentou o valor do petróleo na nossa pauta de importação, resultando em um déficit em conta corrente. Esse problema foi contornado, no Brasil, com a entrada dos petrodólares no mercado financeiro dos países desenvolvidos, resultante das exportações dos países da OPEP. Como estavam atrás de investimentos de risco, esses petrodólares foram direcionados para os países em desenvolvimento. No nosso caso, eles financiaram o déficit na balança de pagamentos e o II PND (Plano Nacional de Desenvolvimento), dando um novo fôlego a economia brasileira. O II PND buscou romper com a dependência externa em termos de importação de bens de capital e petróleo, financiando a indústria pesada no país.

Contudo, o segundo choque do petróleo, em 1979, trouxe uma nova instabilidade a economia brasileira, retornando os problemas de déficit em conta corrente e ampliação da dívida externa, esta agravada pelo aumento das taxas de juros internacionais, principalmente as norte-americanas. Inicialmente, o país ainda recebeu recursos, mas a partir de 1982, o fluxo de capital financeiro cessou. A moratória mexicana em 1982 e o fechamento do crédito internacional aos países devedores levaram o governo brasileiro a uma nova política de ajuste, definida e pactuada com o FMI, em 1983. A política consistia em uma desvalorização cambial, somada a um rigor fiscal e monetário, que trouxe impactos recessivos a economia. Apesar do aumento das exportações e de um crescimento de 4,5% em 1984, houve um salto na taxa de inflação e no valor da dívida externa. No final do regime militar, a inflação estava descontrolada e o Estado estava falido. (FIORI, 1993)

Entre os anos de 1985 e 1990, o país passa pelo processo de redemocratização política, com o fim do regime autoritário, constituição da Nova República e promulgação da

nova Constituição, em outubro de 1988. Apesar dos avanços políticos, a economia viveu um período de estagnação, com elevados índices de inflação, que fez o período ser conhecido como a “década perdida”. Houve uma sucessão de planos econômicos (Cruzado, Bresser, Verão), de caráter heterodoxo, com vistas à estabilização da economia. Todos falharam. No final de 1989, com a eleição direta para presidente, “todas as forças políticas e as elites empresariais, intelectuais etc. reconheciam que o Brasil não vivia apenas uma crise econômica conjuntural. Tratava-se de crise mais profunda e estrutural que estava sinalizando o esgotamento do modelo de desenvolvimento (...)” (FIORI, 1993, p. 152)

A instabilidade econômica, marcada pela hiperinflação, possibilitou a introdução de uma nova ideologia política. Segundo Anderson (1995a), a hiperinflação foi o “equivalente funcional” em todos os países da América Latina, possibilitando a aceitação das políticas neoliberais mais drásticas. Assim, essa convergência se refletiu na aceitação de um indispensável ajuste macroeconômico, com uma reestruturação produtiva e uma reforma do Estado. De acordo com Fiori (1993), consolidou-se um amplo consenso liberal favorável ao programa de ajuste defendido pelos países credores e pelas instituições financeiras internacionais. O “Consenso de Washington” chegou ao Brasil, incorporado ao programa do governo Collor (1990-1992).

As reformas de Collor romperam com aquele modelo de desenvolvimento, caracterizado pela intensa participação do Estado, tanto como indutor da industrialização (concessão de crédito, instrumentos cambiais, restrições tarifárias e quantitativas) como empreendedor direto (estatais). Dentro da política industrial e de comércio exterior, iniciou a abertura comercial (com redução tarifária e eliminação de controles quantitativos) e as privatizações. O Plano Collor I introduziu o câmbio flutuante, suspendeu benefícios e incentivos fiscais, reduziu o número de ministérios e promoveu uma campanha para a demissão de funcionários. Houve o seqüestro de liquidez, com o confisco das aplicações financeiras. Contudo, não controlou a inflação, o que levou à troca da ministra da economia e a um novo plano. Com isso, veio o Plano Collor II, que propunha a redução dos gastos públicos e o fim de qualquer tipo de indexação da economia. Contudo, os escândalos políticos levaram ao *impeachment* do presidente Collor, inviabilizando a sua política econômica. (CASTRO, 2005)

Com o *impeachment* de Collor, o vice-presidente Itamar Franco assume a presidência, em outubro de 1992. Durante a gestão Itamar Franco, há uma grande rotatividade

no Ministério da Fazenda, com seis ministros⁶. Apesar da rotatividade, ocorreu nesse período a elaboração do Plano Real, que levou à estabilização da economia, com redução da taxa de inflação. O Plano Real foi estruturado em três fases: a primeira visava o ajuste fiscal, para o equilíbrio das contas do governo, visto como a principal causa da inflação; a segunda fase consistia na criação de uma nova unidade de conta (Unidade Real de Valor – URV); e a terceira estabelecia as regras de emissão e lastreamento da nova moeda (Real). (SILVA e MICHEL, 2005)

A fase de ajuste fiscal foi composta pelo Programa de Ação Imediata (PAI), de maio de 1993, e pelo Fundo Social de Emergência (FSE), de fevereiro de 1994. O PAI buscava estabelecer a nova relação da União com estados e municípios e do Banco Central com os bancos estaduais e municipais, além do novo acordo com o FMI. O FSE consistia na desvinculação de algumas receitas do governo federal estabelecidas pela Constituição de 1988. (CASTRO, 2005) Por meio do FSE, retirar-se-ia a rigidez dos gastos sociais, utilizando parte do recurso para o pagamento dos juros da dívida pública (SILVA e MICHEL, 2005) Portanto, o Plano Real adotou como pré-condição da estabilização o ajuste fiscal, diferente dos outros períodos, em que os planos direcionavam-se apenas para o caráter inercial da inflação, cujo receituário heterodoxo resumia-se à desindexação da economia.

No âmbito da segunda fase, não se renegou o problema da indexação, já que a função da URV era constituir um vetor de preço, com base no dólar. Foi uma espécie de dolarização artificial da economia. Após estabelecer-se como unidade de conta, recuperou as outras funções de uma moeda (reserva de valor e meio de troca), abrindo espaço para a entrada da nova moeda. Em julho de 1994, o real entra em vigor, dando início à terceira fase do Plano. O Real foi fixado exatamente no último valor da URV em relação ao Cruzeiro Real. (CASTRO, 2005) Nesse período a base monetária era baixa e as reservas internacionais elevadas para o padrão brasileiro, cerca de US\$ 40 bilhões. A política monetária foi bastante rígida, para evitar a aceleração inflacionária, utilizando-se uma elevada taxa de juros e o câmbio flutuante.

Essas são as bases com que se inicia o governo de Fernando Henrique Cardoso. Aliás, a sua contribuição, como ministro, para a elaboração do Plano Real e o resultado bem

⁶ No período de 1992 a 1994, passaram pelo Ministério da Fazenda: Gustavo Krause (02/10/1992 a 16/12/1992), Paulo Haddad (16/12/1992 a 01/03/1993), Elizeu Resende (01/03/1993 a 19/05/1993), Fernando Henrique Cardoso (19/05/1993 a 30/03/1994), Rubens Ricupero (30/03/1994 a 06/09/1994) e Ciro Gomes (06/09/1994 a 31/12/1994) (GIAMBIAGI et alli, 2005, p. 420-421)

sucedido, em termos de estabilização econômica, foi determinante para a sua vitória na eleição presidencial de 1994.

Com relação à configuração política, tem-se um governo heterogêneo, no qual os direitos políticos restabelecidos montaram uma representação política com bases ideológicas diferenciadas. A resultante disso, como elaborado por Poulantzas (1985), é uma condensação de forças, que compõem um Estado democrático, fazendo emergir políticas nem sempre convergentes, dificultando identificar o real programa de governo, apesar de ele existir.

De acordo com Sallum Jr (2001), a segunda metade da década de 1990 é marcada por duas vertentes. Uma era neoliberal, representada principalmente pelo Ministério da Fazenda e pelo Banco Central, e outra era 'liberal-desenvolvimentista', representada pelos Ministérios do Planejamento, da Indústria e do Comércio, das Comunicações e pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). O ideário liberal-desenvolvimentista tenta juntar as idéias do antigo desenvolvimentismo com a perspectiva liberal. Nesse sentido, dá-se prioridade à estabilização monetária, mas sem o radicalismo de um câmbio apreciado (para evitar déficits na balança de transações correntes) e propondo juros mais baixos (para não desestimular a produção e o investimento). Defende uma intervenção limitada do Estado no sistema produtivo. Nesse sentido, a segunda metade da década de 1990 possibilitou a convivência entre as duas vertentes, resultando na implementação de políticas de estabilização com políticas aparentemente direcionadas para o desenvolvimento.

De acordo com as Estratégias e Diretrizes da Ação do Governo para 1996/99, o Plano Plurianual (PPA) teria como premissa básica a consolidação da estabilidade gerada pelo Plano Real. Contudo, esse esforço deveria ser acompanhado pela retomada gradual dos investimentos produtivos, deflagrando uma nova fase sustentada de desenvolvimento econômico e social. Cabe ressaltar que, dentro da estratégia de "construção de um Estado moderno e eficiente", o PPA 1996/99 parte da diretriz de descentralização das políticas públicas para Estados e municípios, setor público e privados e organizações não-governamentais. Entre as ações e projetos do PPA, que se propõe a conciliar esse processo de descentralização participativa com o desenvolvimento, está o Programa de Desenvolvimento do Turismo (PRODETUR). A região nordestina seria beneficiada com reforço da capacidade de manter e expandir a sua indústria turística, mediante o apoio a pólos turísticos

consolidados ou em fase de expansão. O PRODETUR será explicado detalhadamente no capítulo 3 e será relacionado ao desenvolvimento no capítulo 4.

Todavia, para Sallum Jr (2001), apesar dos avanços políticos do liberal-desenvolvimentismo, do ponto de vista da trajetória efetiva da economia as medidas por ele inspiradas não passaram de políticas fracamente compensatórias, já que o juro e o câmbio continuaram estrangulando a economia produtiva.

Convergente com esse pensamento, Bresser Pereira (2003) reconhece avanços na área social, durante o governo de Fernando Henrique Cardoso, mas aponta também o fraco desempenho gerencial (como na crise de energia) e o “fracasso” no plano econômico.

“Não apenas porque não logrou retomar o desenvolvimento: na verdade não chegou sequer a estabilizar macroeconomicamente o país, de forma que deixa uma herança pesada para o futuro governo em termos de altas dívidas (...) e altos déficits (...). Dívidas e déficits que se espelham nas mais altas taxas de desemprego que o país já teve.” (BRESSER PEREIRA, 2003, p. 07)

Em termos sociais, a ala liberal-desenvolvimentista possibilitou um aumento dos gastos públicos, principalmente na área de assistência social, com destaque a programas como o de renda mínima, (Gráfico 1). Entretanto, é importante destacar que, o Gráfico 1 abrange o aumento nos gastos com Previdência, que na realidade está associado aos direitos sociais adquiridos com a Constituição de 1988, incluindo a aposentadoria rural, que é um diferencial. Isso não diminui a importância do avanço nos gastos sociais, considerando que houve um aumento, também, nas áreas de saúde e de educação, possibilitando a redução da mortalidade infantil e a queda na taxa de analfabetismo.

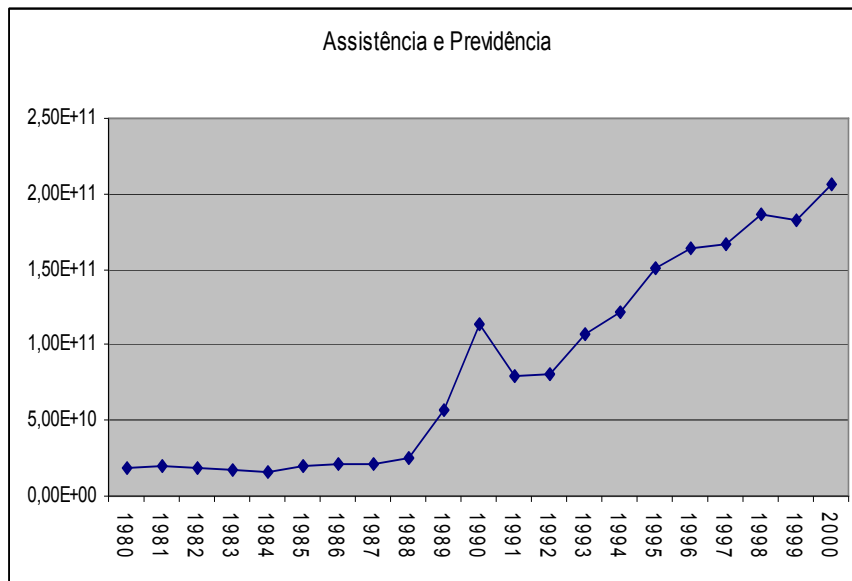


Gráfico 1 – Despesa da União na Área de Assistência e Previdência, 1980-2000 (R\$)

Fonte: SIAFI - STN/CCONT/GEINC

Contudo, o mesmo não pode se dizer dos gastos com setores ligados à parte produtiva da economia. De acordo com o Gráfico 2, caem os gastos, principalmente na área de transporte e energia. A área de habitação e urbanismo tem uma queda em 1989, mantendo a partir daí um movimento oscilatório de pequenos aumentos e quedas. Os gastos na área de indústria e comércio se mantiveram próximos aos gastos do período de recessão, entre 1980-85.

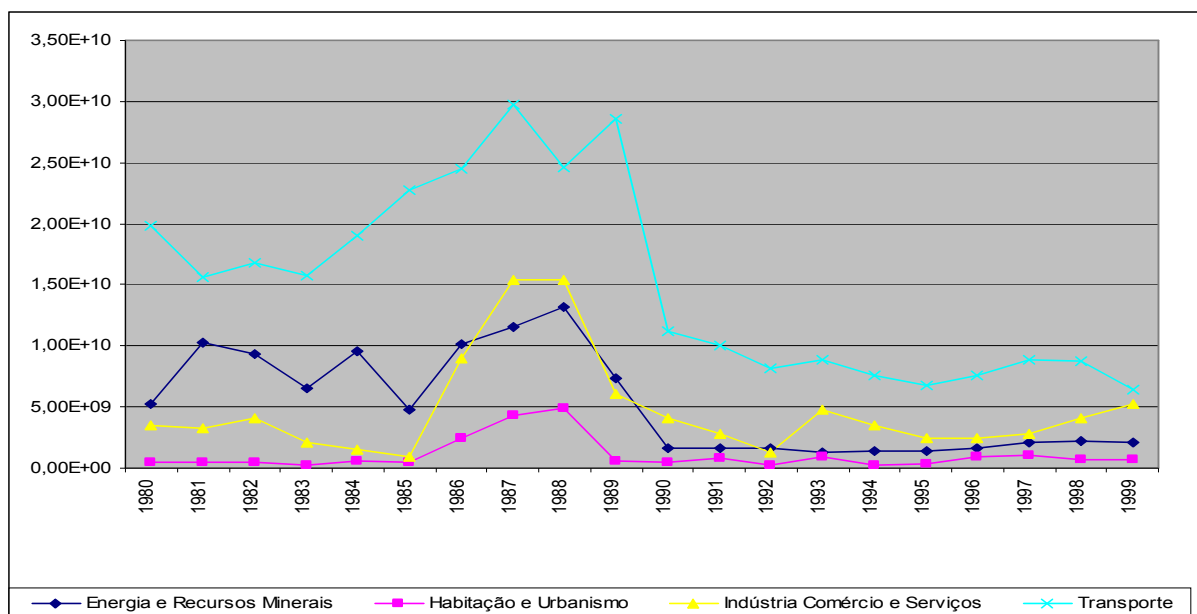


Gráfico 2 – Despesa da União, por Função, 1980-1999 (R\$)

Fonte: SIAFI - STN/CCONT/GEINC

Essa redução denota um viés liberal, com a retração do governo em áreas vinculadas à atividade econômica produtiva. Concomitante a essa redução, outras medidas foram colocadas em vigor pelo governo, como o fim da discriminação constitucional em relação às empresas de capital estrangeiro, a transferência pela União do monopólio da exploração, refino e transporte de petróleo e gás (antes detido pela Petrobrás), a outorga de direito de exploração de todos os serviços de telecomunicações e energia à empresa privada. Além disso, o governo federal estimulou o Congresso a aprovar leis de regulação às concessões de serviços públicos para a iniciativa privada, preservou o programa de abertura comercial e aprofundou o programa de privatizações das empresas estatais. Segundo Bresser Pereira (2003), as reformas orientadas para o mercado são favoráveis, desde que sensatas, “ao invés de pura ideologia ultraliberal” (p. 17). Nesses termos, o autor se opõe às privatizações de monopólios naturais⁷ e de empresas que se beneficiem de altas rendas ricardianas (como as hidrelétricas), como foi feito no Brasil.

É no mercado financeiro que esse caráter liberal se exacerba. Segundo Bresser Pereira e Nakano (2003), a mensagem vinda dos países ricos, das organizações internacionais e corporações multinacionais era: “cuidem das finanças do Estado e dêem início às reformas orientadas para o mercado, que os fluxos de capital do mercado internacional cuidarão de vocês, e vocês voltarão a experimentar o crescimento econômico.” (p. 04) O raciocínio embutido é de que se a entrada de capital financiar o déficit em conta corrente em razão do aumento das importações de bens de capital e se a taxa de investimento aumentar, a economia volta a crescer mais depressa. Contudo, cabe ressaltar que, os países em desenvolvimento que adotaram esse modelo de crescimento dependente sofreram crises e apresentaram taxas de crescimento muito baixas. Conforme a Tabela 1, o Brasil apresentou uma taxa de crescimento inferior ao da América Latina e do mundo. Como consequência desse baixo crescimento, chegou-se a um nível de desemprego de 10,5%, em 2002. (BRESSER PEREIRA, 2005)

⁷“ Monopólios naturais são estruturas produtivas em que a escala mínima de produção eficiente corresponde à demanda de todo o mercado.” (GREMAUD et alli, 2002, p. 575)

Tabela 1 – Taxa Anual de Crescimento do PIB, de Regiões Seleccionadas e do Brasil, 1971 - 2000

	<i>1971/80</i>	<i>1981/90</i>	1991/2000
Mundo	3,8	3,4	3,8
Países Industrializados	3,1	2,9	2,4
África	3,8	2,3	2,5 ^a
Ásia	5,4	7,1	7,1
Oriente Médio	6,2	0,8	3,8 ^b
América Latina e Caribe	6,0	1,6	3,1 ^b
Brasil	8,7	1,6	2,7

a Período até 1998; b Período até 1999.

Fonte: Giambiagi (2002: p.135) – Apud Bresser Pereira e Nakano (2003, p. 10)

O pressuposto inerente à proposta de liberalização do capital financeiro é que os países em desenvolvimento não têm poupança interna suficiente para financiar o seu crescimento, dependendo de poupança externa. Além disso, o livre movimento de capital disciplina os governos, principalmente a política monetária. “Políticas consideradas insustentáveis, que distorcem a alocação do mercado, resultam em saída de capital para o exterior”. (BRESSER PEREIRA e NAKANO, 2003, p. 06)

No que tange à poupança externa, segundo pesquisa realizada por Bresser Pereira e Nakano (2003), entre os períodos de 1978 e 1998, sobre a relação entre poupança externa e crescimento do PIB per capita, há na América Latina uma relação de 0,001%, resultado que estatisticamente não é diferente de zero. A poupança externa só leva ao crescimento se houver uma classe empresarial forte e um estado engajado em políticas industriais, tecnológicas e comerciais ativas, somados a uma estabilidade macroeconômica (taxa de juros baixa e câmbio realista com as necessidades de equilíbrio da conta corrente). “Na América Latina, no recente episódio do grande ingresso de capitais, tais condições não estavam presentes, de tal forma que grande parte da poupança externa transformou-se em consumo interno.” (BRESSER PEREIRA e NAKANO, 2003, p. 14) Percebe-se essa ausência da política industrial pelo Gráfico 2, no qual há uma baixa despesa pública nessa área. Somados a isso estão os baixos gastos com energia e transporte, inviabilizando um ambiente propício ao investimento privado.

Com relação à política macroeconômica, a tradução de uma política sustentável foi o uso da taxa de câmbio fixa sobrevalorizada e as altas taxas de juros. O uso de taxa de juros para manter o fluxo de capital e a estabilização da economia parte de uma visão ortodoxa da política monetária, que com base em Friedman e intensificada por Lucas, Sargent e Wallace – monetaristas novo-clássicos – defende que a política monetária é incapaz de atuar sobre a

economia real. Portanto, defende o uso da taxa de juros para cumprir um regime de metas inflacionárias, porque acredita que ela não interfere no nível de desemprego.

A exacerbação desse pensamento pela ala liberal do governo chega ao extremo do uso de uma taxa de juros básica exógena, dado que ela é determinada pelo Banco Central, sem uma correlação com o risco-país. Há países com risco-país maior que o do Brasil, que trabalham com uma taxa real de juros menor. (BRESSER PEREIRA, 2005)

A taxa de juros alta leva, na realidade, a uma queda nos investimentos e ao aumento do déficit público, porque essa taxa básica incide em boa parte da dívida pública. Além disso, os juros altos levam a uma taxa de câmbio valorizada, já que atrai capital financeiro, e reduz a capacidade de exportação, resultando em déficit na conta corrente e desestímulo ao investimento em produtos de exportação.

Um dos problemas sérios da utilização desse modelo macroeconômico de juros altos e baixa taxa de câmbio são as armadilhas em que a economia entra. No caso do câmbio, o Brasil passou por duas crises do balanço de pagamento para sair dessa armadilha do câmbio baixo, uma em 1999 e outra em 2002. Elas forçaram o país a desvalorizar o real. Com relação aos juros, a armadilha se revela toda vez que o Banco Central decide reduzir a taxa de juros básica, pois ocorre uma pressão sobre o câmbio, fazendo-o subir, gerando inflação. Essa inflação é momentânea, para acomodar a mudança dos preços relativos inerente a qualquer desvalorização. Contudo, é uma ameaça à meta de inflação, o que leva ao aumento da taxa de juros para combatê-la. (BRESSER PEREIRA, 2005)

No caso de países, como o Brasil, em que parte do déficit em conta corrente se realiza com capitais especulativos, essa armadilha é mais forte, porque esses capitais especulativos têm alta volatilidade. Isto porque, além da tecnologia, o país não usa nenhum mecanismo de intervenção estatal⁸, fica a mercê desse mercado financeiro, adequando a sua política monetária às exigências dos rentistas.

Segundo Sicsú (2005), essas crises econômicas tem sido uma regra no Brasil. A cada motivo, geralmente externo⁹, os capitais migram para os países avançados. Por isso, o câmbio

⁸ No caso da Malásia, são aplicadas alíquotas regressivas de impostos sobre a saída de capitais residentes para períodos inferiores a um ano.

⁹ Essas crises, em geral, são reflexos de problemas externos, como em 1995 com a crise no México, em 1997-98 com a crise na Ásia e em 1998-99 com a crise da Rússia. Em 2001, houve uma junção de fatores, com destaque a crise energética, a crise na Argentina, os atentados de 11 de setembro, a falsificação de balanços nos EUA

se torna volátil, indo em uma trajetória ascendente. O Banco Central vende dólares e/ou títulos, indexados à variação do dólar, e, simultaneamente, aumenta ou mantém a taxa de juros básica da economia. Geralmente, o país não consegue deter a fuga de capitais, recorre ao FMI para repor as divisas, submetendo-se às condicionalidades impostas pelo Fundo, que são partes conhecidas do seu receituário: megasuperávits, aumento da taxa de juros e reformas estruturais, como as privatizações.

Basear-se apenas no superávit primário para estabelecer uma política de estabilização, como estipula o FMI e as demais organizações internacionais, a partir de um ajuste fiscal não diz tudo, já que o superávit não incorpora os gastos com juros. O superávit primário é apenas o resultado da subtração entre as receitas do governo menos as despesas de investimento e de consumo. Portanto, trabalha-se apenas com consumo e investimento para cumprir as condicionalidades do FMI. “Uma política neoliberal de corte indiscriminado de gasto, geralmente começando pelos investimentos públicos, enfraquece o Estado, e torna-se injustificável no plano político, dificultando a obtenção do equilíbrio fiscal e da estabilidade macroeconômica, em vez de ajudá-los.” (BRESSER PERERIA, 2005, p.28) Essa instabilidade cresce porque, ao se elevar a taxa de juros, aumentam o déficit público e a relação dívida pública/PIB.

No Brasil, ao aplicar essas condicionalidades impostas pelo FMI, a dívida pública passou a ser um instrumento de acomodação dos efeitos de turbulências econômicas, principalmente, os choques externos. A dívida líquida do setor público brasileira, que inclui o endividamento dos três níveis de governo, inclusive previdência e empresas estatais, vem apresentando uma trajetória ascendente, passando de 29,2% do PIB, em 1994, para 58,1% do PIB, em 2003, conforme a Tabela 2. A maior parte da dívida líquida do setor público é composta pela dívida interna líquida, pelo menos a partir de 1993. Em 2003, a dívida interna alcançou o valor de 46,3% do PIB, enquanto a dívida externa líquida foi de 11,9% do PIB. Do total da dívida interna líquida, o maior percentual está nos títulos públicos emitidos pelo Tesouro Nacional e Banco Central, que atingiram o valor de 43,3% do PIB, chamada de dívida pública mobiliária federal.

(Enron, Arthur Andersen). Já em 2002, veio a desconfiança sobre as possíveis medidas a serem adotadas pelo novo presidente, Luiz Inácio Lula da Silva e em 2004/05 veio uma nova onda com a possibilidade de aumento da taxa de juros norte-americana.

Tabela 2 – Brasil: Dívida Líquida do Setor Público (1991 – 2003), em % do PIB^a, Contas Seleccionadas

Discriminação	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003
Dívida Líquida Total	37,9	37,3	33,2	29,2	30,5	33,3	34,5	42,6	49,7	49,5	52,6	55,5	58,1
Governo Federal e Banco Central	12,7	12,2	9,7	12,6	13,2	15,9	18,8	25,4	30,4	31	32,8	35,3	36,9
Governos Estaduais e Municipais	7,2	9,3	9,4	9,7	10,6	11,5	13	14,4	16,4	16,3	18,3	18,5	20,2
Empresas Estatais	18,1	15,8	14,1	6,9	6,7	5,9	2,8	2,9	2,8	2,2	1,6	1,7	1,1
Dívida Interna Líquida	13,9	18,5	18,7	20,8	24,9	29,4	30,2	36	39,2	39,7	42,2	41,2	46,3
Governo Federal e Banco Central	-2,2	0,8	1,9	6,4	9,8	14,3	16,8	21,1	22,4	23,5	24,6	22,9	26,6
Títulos Públicos Federais	3	9	9,3	11,5	15,6	21,4	28,2	35,4	39,8		38,1	33,6	43,3
Fundo de Amparo ao Trabalhador	-1,3	-1,6	-1,7	-2,4	-2,6	-2,5	-2,6	-3,1	-3,2	-4,5	-4,9	-4,8	-5,6
Base Monetária	1,6	1,4	1	3,4	3,2	2,4	3,6	4,3	4,7	4,2	4,2	4,6	4,7
Outros Depósitos no Banco Central	1,1	1,4	1,4	2,7	2,7	3,5	3,8	2,1	1,5	1,3	1,4	3,5	3,6
Crédito do Banco Central as Instituições Financeiras	-0,4	-1	-0,2	-3,9	-5,1	-8,4	-7,7	-5,3	-3,9	-3,3	-1,7	-1,3	-1,1
Carteira de Fundos	-0,4	-0,5	-0,6	-0,9	-1	-0,3	-1,1	-1,5	-1,5	-2,7	-3	-3,4	-4,7
Renegociação c/ Estados (Lei 9496/97)	----	----	----	----	----	----	-5,5	-9,5	-12,7	-13,6	-13,9	-13,7	-15,4
Governos Estaduais e Municipais	6,1	8,2	8,3	9,4	10,3	11,2	12,5	13,7	15,5	15,3	17,2	17,1	19
Renegociação c/ Estados (Lei 9496/97)	----	----	----	----	----	----	5,5	9,5	12,3	12	12,3	12	13,5
Empresas Estatais	10	9,5	8,5	5	4,9	3,9	0,9	1,3	1,3	0,9	0,4	1,2	0,7
Dívida Externa Líquida	24	18,8	14,5	8,5	5,6	3,9	4,3	6,6	10,5	9,8	10,4	14,3	11,9
PIB	0,1	1,8	53,4	524,2	683,3	809,3	894,6	912,2	1039,8	1139,3	1255,7	1587,7	1570,4

a – PIB dos últimos doze meses em R\$bilhões, a preços de dezembro do ano indicado. Deflator: IGP-DI centrado.

Fonte: Banco Central do Brasil, Depec, série recebida por meio eletrônico. Apud: Carvalho (2005)

De acordo com Carvalho (2005), em momentos de instabilidade, o governo é pressionado à recomprar e à substituir os títulos por outros, de juros mais elevados ou corrigidos pelas taxas de juros de curtíssimo prazo ou pela taxa de câmbio. A capacidade de pressão dos aplicadores está no fato de que boa parte das aplicações da dívida pública tem prazo de vencimento de apenas um dia, quase um *overnight*. Esse mecanismo de ajuste vem sendo utilizado reiteradamente, desde o início do Plano Real, e submetido a novas exigências, a depender de problemas e tensões imprevistas. (CARVALHO, 2005)

Diante dessa dívida líquida crescente, o governo federal parte para a redução de gastos tanto de consumo como de investimento, seguindo o parâmetro do superávit primário. Com isso, reduz investimentos importantes em infra-estrutura, que ajudariam a criar um ambiente favorável ao investimento privado, sem com isso reduzir o total da dívida pública. Além disso, retira recursos que seriam importantes para apoiar o processo de ajuste fiscal dos estados, que também apresentam uma dívida crescente e tem tido problemas para cumprir o seu papel no processo de descentralização de funções, introduzido pela Constituição de 1988.

2.2 O PROCESSO DE DESCENTRALIZAÇÃO BRASILEIRO NO CONTEXTO DA REFORMA DO ESTADO

2.2.1 A Descentralização Fiscal e a Descentralização de Funções no Brasil

Entender o potencial de atuação dos estados e municípios no processo de desenvolvimento requer uma contextualização da sua situação dentro da reforma do Estado. Para tanto é importante voltar um pouco no tempo, e caracterizar o processo de descentralização no Brasil.

De acordo com Garcia (1995), são várias as forças impulsoras do processo de descentralização. A primeira delas é a da crise financeira no setor público federal, em meados da década de 1970, agravada pelo segundo choque do petróleo em 1979. Com a falta de recursos para manter os projetos e programas nos estados e municípios, estes passaram a pressionar por uma reforma tributária e fiscal e por maior autonomia. Nesse sentido, a descentralização vem como uma resposta a ineficiência do governo federal, sendo a descentralização a nova resposta para a eficiência nos gastos do setor público. A idéia

vinculada a essa eficiência é que os problemas ocorrem no local, sendo mais fácil, portanto, a sua identificação e a formulação de soluções também no local.

Além da crise financeira, outro fator apontado por Garcia (1995) foram as lutas pela democratização do país. “São as novas e diversas organizações da sociedade civil que, ao demandarem mudanças nas políticas públicas (...), colocaram sob crítica a natureza e a direção das ações de governo.” (p. 06) Nesse sentido, não apenas questionavam a eficiência dos programas de forma semelhante aos governos municipais e estaduais, como ampliaram as reivindicações para restauração dos direitos civis e políticos. Portanto, a democratização passou a fazer parte das discussões sobre a descentralização, que, segundo Sato et alli (1993), foi reforçada com a vitória do PMDB nos principais estados, em 1982. Estes governadores foram os principais articuladores das diretas-já. Com relação à democratização, o município teria como vantagem a possibilidade de uma maior participação da população, tanto na fiscalização como no planejamento.

O desfecho desse processo leva ao fim do regime militar e à Constituição de 1988, que estabelece os princípios descentralizadores, entre os quais pelo artigo 18: “A organização político-administrativa da República Federativa do Brasil compreende a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, todos autônomos nos termos desta Constituição.” (Constituição, 1988; apud SATO, 1993, p. 07) Portanto, o processo de descentralização se dá dentro de uma organização federativa.

A autonomia das unidades subnacionais veio com uma descentralização fiscal, que delegou capacidade tributária e fiscal aos estados e municípios. Estes passaram a ter competências tributárias e participação na arrecadação federal. Além disso, as unidades subnacionais adquiriram autonomia para a realização de seus gastos e para contratação de suas dívidas. Em termos fiscais, o Brasil tornou-se o país mais descentralizado da América Latina, ao lado da Argentina. (LOBO, MEDEIROS, ORRICO et alli, 1993; AFFONSO, 2000) Isso reforçou a federação no Brasil, levando a uma identificação entre descentralização e federalismo. Cabe ressaltar que, somados aos recursos tributários, as esferas subnacionais têm também outras fontes financeiras, como as transferências negociadas (convênios), pela assunção direta por esferas superiores de governo de despesas inferiores, pelo controle direto das fontes de oferta de créditos (externo, mobiliário e bancário interno). (SERRA e AFONSO, 1991)

A partir da Tabela 3, percebe-se que houve um salto no percentual de arrecadação direta entre 1988 e 2000 para todas as esferas de governo. Entretanto, com relação ao percentual correspondente do total da arrecadação, o grande beneficiado foram os municípios, que de 2,7% do total arrecadado no Brasil foram para 6%, da arrecadação direta. Desta arrecadação direta municipal, de acordo com Afonso e Araújo (2001), os principais impostos são IPTU e o ISS. Esse ganho municipal é ainda maior em termos de receita disponível, saltando de 13,3% do total para 17,3%. Fica evidente a importância das transferências para os municípios brasileiros, com destaque para os Fundos de Participação Municipal.

Tabela 3 – Evolução da Receita Tributária Global por Nível de Governo: 1960/2004
Conceito Abrangente (contas nacionais). Anos Selecionados

Conceitos	Central	Estadual	Local	Total	Central	Estadual	Local	Total
	Carga - % do PIB				Composição - % do Total			
ARRECAÇÃO DIRETA¹⁰								
1960	11,14	5,45	0,82	17,41	64	31,3	4,7	100
1980	18,31	5,31	0,9	24,54	74,7	21,6	3,7	100
1988	16,08	5,74	0,61	22,43	71,7	25,6	2,7	100
2000	22,6	9,1	1,7	33,4	67,7	27,2	5,1	100
2004	25,1	9,82	2,21	37,14	67,6	26,4	6	100
RECEITA DISPONÍVEL¹¹								
1960	10,37	5,94	1,11	17,41	59,5	34,1	6,4	100
1980	16,71	5,7	2,1	24,52	68,2	23,3	8,6	100
1988	13,48	5,97	2,98	22,43	60,1	26,6	13,3	100
2000	14	6	2,4	22,4	62,3	26,9	10,8	100
2004	21,32	9,38	6,43	37,14	57,4	25,3	17,3	100

Fonte: (AFONSO, 2006 e AFONSO e ARAUJO, 2001 - Elaboração própria, a partir de STN, SRF, IBGE, Ministério da Previdência, CEF, Confaz e Balanços Municipais. A metodologia das contas nacionais inclui impostos, taxas e contribuições, inclusive CPMF e FGTS, bem assim dívida ativa. Estimativa preliminar para 2000 e 2004.)

De acordo com Gomes e MacDowell (2000), uma enorme quantidade de municípios foi criada, devido à obrigatoriedade de repasse do FPM para os municípios, pois isso representa um aumento dos seus recursos financeiros. Entre 1940 e 1997, a proporção de municípios com até 20 mil habitantes saltou de 54,5% para 74,8%. Os micromunicípios (com até 5.000 habitantes) passaram de 2% para 25,6% do total de municípios brasileiros.

Segundo Gomes e MacDowell (2000), há uma relação direta entre a receita própria e o tamanho da população. Portanto, “(...) os pequenos municípios dependem fortemente das transferências de impostos, especialmente dos impostos federais, via Fundo de Participação dos Municípios. Esses impostos (...) não são gerados nos municípios pequenos, mas tipicamente, nos grandes.” (p. 11) Isso porque os tributos municipais são eminentemente

¹⁰ Arrecadação direta consiste no total de receita tributária arrecadada em determinada esfera de governo.

¹¹ Arrecadação disponível consiste no total de receita que determinada esfera de governo possui para gastar, o que inclui as transferências de tributos arrecadados em outras esferas de governo.

urbanos, as propriedades mais valorizadas e as atividades de serviço concentram-se nos grandes centros e nas regiões mais desenvolvidas.

Entretanto, a concentração na arrecadação tributária não pode ser atribuída apenas ao desestímulo de um esforço tributário próprio, decorrente da facilidade de obtenção das transferências. Há também o fato de esses municípios terem uma base econômica estreita e maiores dificuldades e custos administrativos para coletar os tributos municipais. (AFFONSO e ARAÚJO, 2001)

A autonomia financeira decorrente da descentralização fiscal, propiciada pela Constituição de 1988, não veio com uma definição clara da repartição de encargos/funções entre os três níveis de governo.

Embora tenha ampliado os recursos financeiros e as atribuições concretas dos governos subnacionais, institucionalizando, também, mecanismos da democracia direta tanto no Centro quanto na Periferia, a Constituição e ainda bastante influenciada pela chamada **doutrina das competências concorrentes**. (grifo do autor) Na prática, os constituintes julgaram que uma re-alocação de encargos e funções adviria “naturalmente” do próprio processo de descentralização financeira (LOBO, MEDEIROS, ORRICO et alli, 1993, p.05)

Essa doutrina de competências concorrentes é evidenciada no artigo 23 da Constituição, no qual são definidas atribuições comuns, à União, aos Estados, aos Municípios e ao Distrito Federal - saúde, cultura, educação, ciência, meio ambiente, fomento a produção agropecuária, habitação, saneamento e combate às causas de pobreza e marginalização. No artigo 30, que estabelece as atribuições municipais, é dito que a educação pré-escolar e de ensino fundamental e o serviço de atendimento à saúde devem ser prestados ‘com a cooperação técnica e financeira da União e do Estado’. (SATO, 1993) No caso das transferências, parte expressiva no processo de descentralização fiscal, há um reduzido grau de condicionalidade normativa por parte da União. (AFFONSO, 2000).

De acordo com Affonso (2000), a superposição de atribuições é um resultado da falta de uma política nacional de descentralização associada à heterogeneidade socioeconômica do país. O problema seria decorrente de uma defasagem entre a redemocratização nos governos subnacionais e no núcleo central do Estado. Durante esse período, quando ocorreu a elaboração da Constituição de 1988, a União ficou sem quem a defendesse e a “descentralização se deu sem um projeto de articulação, sem uma coordenação estratégica”.

Para Sato (1993), “é inegável que a Constituição condensou, num determinado momento da história brasileira, pactos políticos moldados por forças sociais influentes. Neste sentido, explica-se tanto a presença da tendência descentralizante como as contradições e heterogeneidades setoriais.” (p. 09) Isso “(...) expressa a indefinição de perdas e ganhos de grupos específicos (...) que representam interesses e aspirações para manter ou mudar o status quo.” (p.10) Outro fator que explica esse movimento contraditório é a reação ao centralismo, identificado como autoritarismo devido ao período de transição do regime militar para um regime civil. Havia um receio de expressar um centralismo na nova Constituição, pois ele poderia ser taxado de autoritarismo.

Entretanto, segundo Lobo et alli (1993), essa falta de ordenamento e equilíbrio entre a função financeira e a função administrativa é um modelo de irresponsabilidade comum, produz ambigüidades e limita o poder de mediação do sistema nacional de governo. O resultado dessa ambigüidade é uma variação no resultado das diversas políticas e entre as unidades da federação quanto ao processo de descentralização das políticas sociais no Brasil. (ARRETCHE, 1999) Cabe ressaltar que a desorganização da maioria das políticas esteve, inicialmente, vinculada a uma situação de “incerteza de decisões e transferências de verbas em ritmos inconstantes e de ausência de mecanismos que garantissem a cooperação e a confiança mútua.” (ABRUCIO, 2003, p. 194) A partir dos dados da Tabela 4, constata-se uma variação entre os percentuais de gastos entre as esferas de governo. A grande parte dos gastos totais ainda é do governo federal.

Tabela 4 – Estimativa da Execução Direta da Despesa Governamental, por Nível de Governo, em 2004

<i>Função/subfunção</i>	<i>% do Governo Geral</i>		
	<i>União</i>	<i>Estados</i>	<i>Municípios</i>
Ordem Social	54,4	24,7	20,9
Previdência e Trabalho	85	11,5	3,4
Demais	20,6	39,1	40,2
Assistência Social	71,8	9,3	18,9
Previdência Social	84,6	12	3,4
Saúde	20,3	39,1	40,6
Trabalho	92,1	4,4	3,5
Educação	14,6	50,1	35,3
Cultura	13,3	37,7	49
Direitos da Cidadania	14,2	84	1,8
Urbanismo	3,8	9,7	86,6
Habitação	13,8	40,5	45,7
Saneamento	0,3	44,8	55
Gestão Ambiental	26,3	46,1	27,6
Total	72	17,7	10,3

Fonte: AFONSO (2006 - Tesouro Nacional/Ministério da Fazenda – Consolidação de Balanço)

De acordo com Arretche (1999), a falta de determinação das competências, aliada à autonomia das unidades federadas, implica em uma dependência de estratégias bem delineadas de indução para a adesão dos governos locais as políticas de transferência de atribuições. Políticas com estratégias de indução eficientes podem compensar obstáculos à descentralização derivados de fatores estruturais ou institucionais.

Na verdade, o grau de sucesso de um programa de descentralização está diretamente associado à decisão pela implantação de regras de operação que efetivamente incentivem a adesão do nível de governo ao qual se dirigem: reduzindo os custos financeiros envolvidos na execução das funções de gestão; minimizando os custos de instalação de infra-estrutura necessária ao exercício das funções a serem descentralizadas; elevando o volume da receita disponível; transferindo recursos em uma escala em que a adesão se torne atraente; e, finalmente, revertendo as condições adversas derivadas da natureza das políticas, do legado das políticas prévias e (...) dos atributos estruturais de estados e municípios. (ARRETCHE, 1999, p. 09)

Nesse sentido, a atuação do governo federal caminha para a necessidade de ser mais forte e legítimo, com capacidade de planejar e montar estratégias eficientes que garantam a aplicação de suas políticas, principalmente, quando se tem uma condensação de forças em que as heterogeneidades de pensamentos e de interesses não formam um Estado monolítico. Isso é ainda mais verdadeiro quando se trata de uma federação, cujas autonomia e soberania compartilhada implicam em negociações pautadas em uma coordenação bem estruturada, que levem as esferas subnacionais a aderirem à estratégia nacional.

No caso do Brasil, que apresenta uma enorme quantidade de municípios pobres e de pequeno porte populacional, a atuação dos governos estaduais também é relevante, não só com as transferências fiscais, mas para compensar adversidades à possibilidade técnica de gestão destas políticas ou derivadas das políticas prévias. (ARRETCHE, 1999) Portanto, como nos coloca Vainer (1998, p. 45), “o poder está na capacidade de articular múltiplas escalas.” Essa capacidade está vinculada à ação coordenada entre os níveis de governo.

2.2.2 A Descentralização no Contexto da Reforma do Estado

A partir do que foi exposto nas seções anteriores, percebe-se que a descentralização resultou em um processo de reforço da federalização brasileira, com ampliação dos recursos fiscais, provenientes tanto da arrecadação direta como da receita disponível para as esferas subnacionais de governo. Contudo, segundo Affonso (2000), a inexistência de uma coordenação geral de descentralização, a heterogeneidade econômica regional e as transformações estruturais da economia brasileira geraram uma discrepância entre a

distribuição de encargos e as receitas, levando alguns estados e municípios a não conseguirem arcar com as novas atribuições.

Além disso, dois fatores são apontados por Affonso (2000) como comprometedores do novo pacto federativo de bases descentralizantes. Um é a crise do estado nacional-desenvolvimentista, do final da década de 1970 aos anos 1980. O outro são as reformas liberalizantes dos anos 90.

Com relação à crise do estado nacional-desenvolvimentista, ela ocorreu com o esgotamento do modelo de industrialização por substituição de importação, conforme descrito na subseção anterior. Os resultados negativos foram a recessão e o equacionamento das contas internas. A dificuldade desse equacionamento era que a dívida externa compunha-se de 80% do setor público, enquanto o superávit se dava no setor privado. Para adquirir as divisas, o governo recorreu ao endividamento interno, emitindo títulos públicos, com altas taxas de juros e prazos reduzidos. O resultado foi uma deterioração das contas públicas, que, mesmo com o aumento da carga tributária em 1983, causou uma redução da receita real do governo, devido à inflação alta. Além disso, havia os encargos da dívida pública, que aumentavam com a correção monetária. Esse cenário leva ao longo período de estagnação da economia brasileira, com curtos e esparsos períodos de crescimento, que vai até a década de 1990. (GREMAUD, VASCONCELLOS e TONETO JR, 2002)

De acordo com Affonso (2000), esses fatores fizeram com que a União perdesse a capacidade de atender aos interesses regionais, seja pela renúncia fiscal, seja pelos gastos diretos nos estados e municípios. O governo federal tentou uma “operação desmonte”, valendo-se do artigo 23 da Constituição para repassar novas funções para os estados e municípios. Assim, diante da crise, “descentralizar passa a ser um imperativo para atenuar a situação fiscal e financeira da União falida, que deve fazer frente a pesados encargos das dívidas interna e externa (...)” (GARCIA, 1995, p. 07) A descentralização passa a ser um mecanismo de desonerar o governo federal, deixando a cargo dos municípios as políticas de desenvolvimento. Prolifera-se o discurso da “municipalização autárquica”, que defende a ideologia de que os governos locais seriam capazes de resolver os seus problemas sozinhos. Esta postura alimenta a ‘prefeiturização’, dificultando as ações sobre problemas micro e macrorregionais, criando uma competição predatória em nível horizontal. (ABRÚCIO, 2003)

Nesse contexto, os governos estaduais e municipais vão recorrer ao aumento do seu endividamento interno e externo e a atrasar o pagamento de empreiteiros, fornecedores e funcionários públicos. “Contudo, sob a lógica oculta do recurso ao *floating*¹² e aos financiamentos disfarçados ao tesouro, bem como sob o manto do endividamento, escondia-se uma crescente fragilização das finanças subnacionais encoberta pela espiral inflacionária.” (AFFONSO, 2000, p. 138)

Nos anos 1990, dois processos se destacam: as reformas liberalizantes e a estabilização monetária. As reformas foram iniciadas com Collor e consolidadas por Cardoso. Dentre as medidas que se destacam estão as privatizações das estatais federais e de empresas e bancos estaduais e as sucessivas tentativas de reduzir as redes de proteção social.

A estabilização monetária veio ancorada em uma combinação de câmbio sobrevalorizado e de elevadas taxas internas de juro, em uma tentativa de contrabalançar os déficits em transações correntes por meio de um superávit na balança de capitais. Como resultado, há uma retração na atividade econômica e uma expansão das dívidas públicas. De acordo com Affonso (2000), esses efeitos explicitam a incongruência das bases fiscais da pactuação federativa. Esta extensão da crise da federação pode ser percebida por meio de quatro aspectos centrais: a persistência do conflito vertical; a horizontalização das tensões federativas; as dificuldades para redivisão de competências; e a crise dos estados.

O conflito vertical se caracteriza pela disputa entre o governo federal e os governos subnacionais, no que se refere às competências sobre os gastos públicos e sobre as receitas. Dentro de um esforço de ajuste fiscal, foi lançado o Fundo Social de Emergência (FSE). Por meio desse Fundo, o governo federal buscava a desvinculação de algumas receitas do governo federal, para reduzir a rigidez dos gastos da União. (CASTRO, 2005) O Fundo consistia em 15% de todos os impostos, para atender aos programas sociais prioritários. “Assim, o FSE ampliava os recursos livres à disposição do governo federal.” (GREMAUD, VASCONCELLOS e TONETO JR., 2002, p. 469) Esse Fundo passou depois a se chamar Fundo de Estabilização Fiscal, com seu tempo inicial de atuação prorrogado. Segundo Tavares (1997), esse Fundo subtraía um volume significativo de recursos do FPE e do FPM. Em troca, eram oferecidos empréstimos aos municípios. Esse mecanismo levou a uma reconcentração de recursos no governo federal.

¹² Floating – “Receitas financeiras decorrentes da permanência de recursos de terceiros em trânsito nas instituições financeiras”. (SILVA e SOUSA, 2002: p. 04)

De acordo com Abrucio (2005), a vitória da União sobre os estados, com a aprovação do FSE, possibilitou outras alterações, como a Lei Kandir, que por meio de intensa negociação atingiu parcela significativa do ICMS de produtos para exportação.

A horizontalização das tensões federativas vinha com a disputa entre estados e municípios, evidenciada pela guerra fiscal e pela emancipação descontrolada de municípios. Segundo Versano (2001), nos anos 1990, a ausência de políticas de desenvolvimento regional pelo governo federal levou à guerra fiscal. Nesse caso, a isenção fiscal caracteriza-se como uma política industrial descentralizada, pela qual os estados buscam reduzir as disparidades no nível de desenvolvimento. O problema é que uma das características da guerra fiscal é que todos os estados são induzidos a participar, para não perder competitividade. Com isso, a eficiência do método se esvai. O resultado é uma redução das receitas em todos os estados.

A médio prazo, pressionados pelo aumento dos gastos e por arrecadações menores, os estados financeiramente mais fracos – que são os menos desenvolvidos – tornam-se incapazes de prover serviços públicos e de infraestrutura com a qualidade exigida pelo investidor privado, que se guia pelas condições locais de produção. No estágio final da guerra fiscal, todas as batalhas são vencidas pelos estados desenvolvidos. O perverso resultado da guerra é o aumento da disparidade de renda. (VERSANO, 2001, p.20-21)

Segundo Abrucio (2005), a guerra fiscal entre os estados foi uma das mais claras demonstrações de falta de coordenação federativa, com total ausência do governo federal responsável por essa função, dado que se trata de uma federação.

Com relação à emancipação descontrolada de municípios, o problema consiste em que muitos municípios não têm base econômica ou fiscal própria, buscando beneficiar-se do FPM. Contudo, acaba-se dificultando a coordenação federativa e não conseguindo atender as funções necessárias. A exemplo disso, no Nordeste, as transferências da União correspondiam, em 1997, a no mínimo uma vez e meia as receitas próprias, com exceção dos estados de Pernambuco (58%), Bahia (60%) e Ceará (78%). (AFFONSO, 2000)

Durante um longo período, estas disparidades fiscais foram contornadas através da operação de uma infinidade de instrumentos e canais “quase fiscais”: os bancos federais e estaduais, o endividamento, a forma de operação de empresas estatais federais e estaduais, etc. Com o fim ou a forte restrição de utilização destes mecanismos parafiscais, as diferenças fiscais inter-regionais reaparecerão em toda sua amplitude. (AFFONSO, 2000, p. 143)

Com relação às dificuldades para redivisão de competências, Affonso (2000) ressalta os problemas das disparidades socioeconômicas, que dificultam uma distribuição homogênea

de competências. Esse fato amplia a necessidade de cooperação vertical, com coordenação federativa.

Com relação ao quarto aspecto, ou seja, a crise fiscal dos estados, ela fica evidenciada pela a ampliação da participação dos estados e municípios no déficit agregado do setor público e pelo crescente endividamento. Esse aumento pode ser verificado nos dados da Tabela 3. A dívida dos estados e municípios correspondia a 6,1% do PIB, em 1990, subindo para 11,2% do PIB, em 1996. Até os anos 1980, a necessidade de financiamento era de 25%, subindo para mais de 50% no primeiro semestre de 1996. Já em 1994, os estados e municípios passam a gerar déficit primário, sem conseguir cobrir os seus gastos não-financeiros. (AFFONSO, 2000)

Contribuem para esse endividamento a redução das taxas de inflação, já que a arrecadação era indexada. O fim da corrosão inflacionária das despesas nominais aumentou os gastos reais, agravando a deterioração das finanças estaduais. Com taxas de juros altamente positivas e crescentes, os estados buscaram financiar as suas despesas correntes com a antecipação de receitas orçamentárias e com atrasos de pagamentos. Mas, mesmo com esses mecanismos e novo refinanciamento da Caixa Econômica Federal, não foi solucionado o problema, já que não foi equacionada a dívida mobiliária. Além disso, os bancos estaduais estavam em uma situação de insolvência, com a redução dos ganhos de *floating*, já que tinham empréstimos com seus controladores. (SILVA e SOUSA, 2002)

Diante desse quadro, o Ministério da Fazenda elabora o Programa de Apoio à Reestruturação e de Ajuste Fiscal dos Estados, regulamentado pela Lei 9496, de setembro de 1997. A Lei “estabelece critérios para a consolidação, a assunção e o refinamento pela União da dívida pública mobiliária e outras que especifica, de responsabilidade dos Estados e do Distrito Federal.” (Lei 9496/97) Entre as metas do Programa, de acordo com o artigo 2º da Lei 9496/97, estavam a obtenção de superávits primários, a diminuição da relação dívida/receita líquida real, a privatização de empresas e bancos estaduais, a permissão ou concessão de serviços públicos, a reforma administrativa e patrimonial e o controle das despesas de investimento em relação à receita líquida real.

A garantia das prestações das dívidas renegociadas estava vinculada às receitas próprias dos estados e aos repasses do FPE, que poderiam ser bloqueados, pelo governo federal, em caso de inadimplência. Além disso, a emissão de nova dívida só seria permitida

enquanto a dívida financeira do estado fosse menor que a receita líquida real anual. (RIGOLON e GIAMBIAGI, 1999).

Portanto, as renegociações das dívidas estaduais elevaram a capacidade de intervenção federal nas finanças subnacionais, que resultaram na demissão de funcionários, venda dos bancos estaduais e privatização das empresas estaduais. Mas essas ações não tiveram resultados positivos, já que, de acordo com os dados da Tabela 3, a dívida dos estados e municípios passou de 12,5% do PIB, em 1997, para 19% do PIB, em 2003. Com relação às privatizações também não houve grandes resultados.

“Isto porque o modelo da sobrevalorização cambial e sua aposta no financiamento por poupança externa vinculou-se a uma alta taxa de juros que, ao fim e ao cabo, elevava ainda mais a dívida pública, de modo que os recursos obtidos com a venda das empresas (estaduais e federais) acabavam, em boa medida, indo para o ralo.” (ABRUCIO, 2003, p. 210)

Em termos do Programa de Demissão Voluntária, houve dois problemas que comprometeram a sua eficácia. O primeiro foi que os servidores que aderiram ao Programa eram os que tinham melhor qualificação profissional. O segundo foi que o corte de gastos com a folha de pagamento em um nível de 60% da receita não significou uma queda significativa nos custos, pois o maior percentual provinha do pagamento de inativos. (ABRUCIO, 2005)

Segundo Affonso (2000), com as eleições estaduais de 1998 e a posse de novos governadores em janeiro de 1999, e com a moratória das dívidas do governo de Minas Gerais, inicia-se uma nova crise entre as duas esferas de governo. De acordo com os governadores, a opção do governo federal de aumentar as taxas de juros, para manter a valorização do real após a crise da Ásia, elevou as dívidas dos estados, ao mesmo tempo em que reduziu a arrecadação do ICMS, devido à retração na economia. Em contrapartida, o governo federal argumentava que o desembolso mensal dos estados era um percentual de suas receitas, não havendo motivo para suspender o pagamento. “Entretanto, é mister recordar que se a retração na arrecadação não encontra limites, a redução nas despesas enfrenta várias ‘incompressibilidades’ decorrentes das competências constitucionais destes níveis de governo.” (AFFONSO, 2000, p. 148)

Mas, apesar das reivindicações estaduais, o governo federal foi irredutível, tanto para cumprir seu acordo com o FMI, como para não criar expectativas de fragilidade na disposição de fazer cumprir as normas fiscais estabelecidas. Na realidade, ele ampliou o controle nos

gastos, com novas leis, como a Lei Complementar 101, de 4 de maio de 2000, conhecida como Lei de Responsabilidade Fiscal. Ela estabeleceu normas de finanças públicas voltadas para a responsabilidade na gestão fiscal, aplicando limites de gastos, e estabeleceu punições aos que não respeitarem os limites de endividamento, das quais se pode citar o não-recebimento de transferências voluntárias, a não obtenção de garantia direta ou indireta e a não contratação de operações de crédito. Apesar disso, a dívida pública dos estados alcançou a cifra de R\$250 bilhões. “O que se conseguiu até agora foi às custas de uma redução brutal dos investimentos, afora vários estados estarem novamente caminhando para uma crise financeira.” (ABRUCIO, 2003, p. 216)

Portanto, em termos de coordenação federativa para alcançar as metas fiscais, essencial para a estabilização econômica, o governo federal atuou estrategicamente nas esferas subnacionais, incluindo as privatizações dos bancos e empresas estaduais, o Programa de Demissão Voluntária e a aprovação de leis de restrições orçamentárias. Apesar dos resultados não serem eficazes, houve um empenho nacional para a sua efetivação. Em termos sociais, de acordo com Abrucio (2003), houve grandes avanços nas áreas de saúde e educação, cujos mecanismos coordenadores, que vincularam o repasse de recursos a metas pré-estabelecidas e a programas nacionais, procuraram uniformizar a descentralização. Em termos de assistências sociais, houve vários programas importantes (Renda Mínima, Bolsa Escola, Vale Gás), mas “há ainda muita descoordenação e fragmentação no terreno da política social, inclusive nas ações de distribuição direta de renda.” (ABRUCIO, 2003, p. 206)

Contudo, as áreas mais problemáticas foram a de políticas para o desenvolvimento e a de políticas urbanas. Segundo Abrucio (2003), o Ministério da Integração Regional constituiu-se apenas em um lugar para o “fisiologismo político da pior espécie”, não havendo nenhum projeto claro de desenvolvimento regional.

“Ao contrário, [o governo federal] desmantelou os órgãos incumbidos de tal tarefa, fragmentou políticas para esta área e não propôs uma alternativa ao modelo anterior. Faltou um planejamento estratégico para os lugares menos desenvolvidos do país, que foram atingidos positivamente pelas macropolíticas sociais nos setores previdenciários, educacional, de saúde e assistência social e por medidas ad hoc, porém não se discutiu e nem foram tomadas medidas para reposicionar as Regiões Nordeste e Norte, em especial, no campo do desenvolvimento econômico.” (ABRUCIO, 2003, p. 227)

Mais do que isso, não houve estratégia de desenvolvimento nacional que organizasse a dinâmica federativa nas bases do princípio cooperativo, ocorrendo a competição predatória, com o acirramento da guerra fiscal.

A política urbana apresentou uma fragilização ainda maior, nos anos 90. O processo de metropolitanização dos problemas ocorreu em um período sem políticas ou instituições capazes de resolver “(...) a elevação do desemprego urbano, a piora no sistema de transportes nas grandes cidades, o crescimento da desigualdade e da pobreza metropolitana e o aumento da violência nas periferias (...)” (ABRUCIO, 2003, p. 231)

O governo federal não coordenou a elaboração de políticas, repassando o problema a Secretaria de Políticas Urbanas, “fraca institucionalmente e politicamente, sendo destinada para obter apoios clientelísticos no Congresso Nacional.” (ABRUCIO, 2003, p. 231) Além disso, houve uma redução dos gastos na área de políticas urbanas, com uma distribuição pouco coordenada do recurso para vários ministérios, como na área de saneamento. Nesse setor, segundo Abrucio (2003), houve investimentos entre 1995 e 1998, mas em decorrência das restrições do acordo com o FMI, entre 1999 e 2000 a Caixa Econômica Federal não financiou nenhum contrato na área de saneamento.

Houve uma concentração dos esforços do governo federal na estabilização econômica, pela qual se tem uma coordenação com vistas ao equilíbrio fiscal. Portanto, a coordenação tem como base de atuação a política macroeconômica, de viés neoliberal. Diante disso, não se tem uma coordenação em prol do desenvolvimento, deixando essa parte da política as esferas subnacionais, fragilizadas administrativa e financeiramente. .

2.2.3 – A Participação Cidadã na Descentralização das Políticas Públicas: Os Conselhos Gestores Municipais

Como apontado, a descentralização política tinha como uma argumentação a aproximação das bases governamentais com a sociedade civil, o que facilitaria a fiscalização e levaria a um melhor desempenho da gestão.

No final dos anos 1980, durante o processo de elaboração constituinte, houve o movimento de “Participação Popular na Constituinte”, que sistematizou as reivindicações populares em propostas políticas elaboradas. “A emergência dos chamados novos

movimentos sociais, que se caracterizou pela conquista do direito a ter direitos, do direito de participar da redefinição dos direitos e da gestão da sociedade, culminou com o reconhecimento, na Constituição de 1988 (...)” (Carvalho, 1998, p.03)

De acordo com o artigo 1º, parágrafo único, da Constituição, “Todo poder emana do povo, que o exerce indiretamente, através de seus representantes eleitos, ou diretamente, nos termos da Constituição.” O poder indireto é traduzido no voto direto e secreto em representantes políticos e a participação direta é efetivada por meio dos institutos de democracia direta ou semi-direta, como o plebiscito, o referendo, a iniciativa popular de lei, as audiências públicas, os conselhos, entre outros. Portanto, a Constituição incorpora os postulados da democracia representativa e da democracia participativa.

Dentro desse contexto, Gohn (2001) apresenta uma nova forma de participação, denominada de “participação cidadã”. “Na participação cidadã, a categoria deixa de ser a comunidade ou o povo e passa a ser a sociedade.” (p. 56) Portanto, as diversidades de interesses e de projetos são confrontadas, rompendo com o distanciamento entre a esfera de decisões e a participação da população, em um confronto de “diferentes posições político-ideológicas e projetos sociais”. “A participação passa a ser concebida como intervenção social periódica e planejada, ao longo de todo o circuito de formulação e implementação de uma política pública, porque toda a ênfase passa a ser dada nas políticas públicas.” (GOHN, 2001, p. 57)

Os conselhos gestores são os exemplos mais abundantes dessa nova forma de participação. Estão presentes em todos os níveis de governo (nacional, estadual e municipal). “Em boa medida, a nova institucionalidade das políticas sociais apóia-se e alimenta-se deste modelo de expressão, articulação de interesses e de processamento das demandas.” (DRAIBE, 1998, p.01) As reformas operadas pelo Estado, na última década, com vistas ao processo de descentralização política, vincularam o repasse dos recursos financeiros federais à existência de conselhos municipais, fato que gerou uma proliferação de conselhos.

De acordo com Abramovay (2001), segundo dados do *Perfil dos Municípios Brasileiros* (IBGE, 2001), existiam, em 1999, quase 27 mil conselhos, numa média de 4,9 por município, distribuídos entre conselhos de saúde, educação, desenvolvimento, criança e adolescente, assistência e ação social, turismo, meio ambiente, entre outros. Entre os programas e políticas de descentralização, baseados na proliferação dos conselhos, pode-se

citar o Sistema Único de Saúde, o Programa de Municipalização da Merenda Escolar, o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar – Infra-estrutura e o Plano Nacional de Municipalização do Turismo¹³.

Os conselhos gestores estão atrelados ao órgão executivo correspondente à sua área de atuação, dando assessoria e suporte ao funcionamento das áreas e fazendo parte do processo de planejamento. Para a sua efetivação são necessárias leis ordinárias estaduais e municipais. Os conselhos são compostos por representantes da sociedade civil organizada e do poder público, em um sistema de co-gestão e controle social.

Os conselhos gestores são novos instrumentos de expressão, representação e participação; **em tese**, eles são dotados de potencial de transformação política. Se efetivamente representativos, poderão imprimir um novo formato às políticas sociais, pois se relacionam ao processo de formação das políticas e tomada de decisões. (GOHN, 2001, p. 85) (grifo do autor)

Segundo Carvalho (1998), trata-se de uma proposta de participação que rompe com a postura reativa, antagonista e contestadora do Estado, para uma participação propositiva, que passa a entender o Estado como um espaço de disputa e negociação. Nesse sentido, os conselhos foram uma oferta estatal em prol da participação. De acordo com Carvalho (1998), essa oferta passou a ser em muitos casos maior que a demanda de participação, devido a dois motivos. Um deles é que a postura reativa e de antagonismo dos movimentos sociais, gerado pela ditadura, bem como a tradição autoritária, produziram uma sociedade civil frágil, “com pouca capacitação técnica e política para a proposição e a negociação de políticas públicas, que ocupa de forma precária os canais participativos conquistados.” (p. 07) O outro motivo, decorre da “menor tradição organizativa e capacidade propositiva”, principalmente nos municípios, onde a sociedade não consegue ocupar com qualidade os espaços de participação propositiva.

Nesse sentido, Abramovay (2001) ressalta o fato de que, em muitos municípios, a falta de qualificação faz com que o mesmo conselheiro faça parte de vários conselhos, dificultando a sua presença nas reuniões e mesmo a sua capacidade de dar respostas a tantas demandas diversas. De acordo com Tabagiba (2002), mesmo os que são conselheiros não têm capacitação/formação para atuar de maneira eficiente no conselho, sendo essa uma realidade constatada de forma unânime nos estudos feitos e analisados pela autora.

¹³ O PNMT não fazia repasses de recursos, apenas promovia a capacitação para os gestores do turismo no município.

Nesse ponto me parece que surge um paradoxo, pois se os conselhos são espaços para trazer os excluídos para o processo de planejamento político, ao mesmo tempo se faz necessário reduzir os efeitos das desigualdades sociais para que eles tenham capacidade de atuação.

Diante desse quadro, “Criam-se então, muitos canais participativos burocratizados, esvaziados de conteúdo democrático, além de muito segmentados.” (CARVALHO, 1998, p. 08) Ocorre também um despreparo por parte dos governos para a transparência, de forma que as informações, procedimentos e decisões de governo cheguem à sociedade. Além disso, há uma falta de vontade e de cultura política para partilha de poder. Isso pode decorrer, em alguns casos, de compromissos com a elite, o clientelismo e/ou o corporativismo, ou, em outros casos, o tecnicismo, no qual se privilegia as avaliações técnicas aos critérios sociais e políticos. (CARVALHO, 2001).

Para Arretche (2003), todos os estudos apontam para a pouca atuação dos conselhos em termos de formulação e avaliação das políticas. Isso decorre da limitação técnica dos conselheiros e da manipulação e do autoritarismo do seu funcionamento. Portanto, o funcionamento dos conselhos está atrelado à orientação política das administrações, na vontade e na liberação de recursos. “Em outras palavras, a possibilidade de controle dos conselheiros sobre os governos depende em boa medida (...) da disposição dos próprios governos para serem controlados.” (ARRETCHE, 2003, p. 340)

A literatura sobre conselhos gestores tem apontado para as dificuldades de atuação dos conselheiros representantes da sociedade civil, diante da desigual distribuição de informações, de poder e de saber. Isso amplia a dependência desses conselheiros das informações, dos recursos e da “boa vontade do governo”, reduzindo a sua capacidade de se opor às tentativas de esvaziamento e desmobilização por parte do governo. Nesse sentido, mesmo com uma paridade aritmética no conselho, não se garante que haja uma participação efetiva dos representantes da sociedade civil na formulação da política pública.

Mostrando um outro lado da moeda, mas que cai na mesma inexpressividade do conselho nas deliberações das políticas, Tatagiba (2002) ressalta o fato de que os representantes governamentais no conselho, geralmente, são pessoas que não tem poder decisório, além de não estarem totalmente familiarizados com as posições governamentais. Com isso, mesmo o seu voto sendo a favor da posição dos demais conselheiros, as

deliberações não são aceitas por aqueles que efetivamente decidem no governo. Isso gera retornos e atrasos na discussão, além da fragilização da figura dos representantes governamentais, pois eles não conseguem efetivar as posições do conselho.

Gohn (2001) aponta outros fatores que atrapalham e inviabilizam uma atuação participativa de co-gestão. Entre eles está a multiplicidade de conselhos competindo por um recurso escasso, obstaculizando uma ação coordenada entre eles. Outro ponto importante é a falta de uma instituição jurídica que fiscalize e obrigue o executivo a acatar as deliberações dos conselhos. Existe lei federal que preconiza o seu caráter deliberativo, mas ele tem sido efetivamente transformado em caráter consultivo. Muitas vezes, o conselho serve apenas para dar uma aparência participativa às propostas pré-definidas.

Um fator extremamente relevante, ressaltado por Gohn (2001) e por Carvalho (1998), é a necessidade de o conselheiro estar em constante contato com a comunidade que representa. É esse contato que possibilita capacidade de pressão do conselheiro sobre os representantes do governo e fortalece a sua atuação no processo de negociação. A comunidade tem de ser uma constante força de mobilização, de reação ao chamado dos conselheiros, mas isso não tem ocorrido. Essa falta de contato implica em dois outros fatores problemáticos. Um consiste na atuação do conselheiro a partir de sua própria opinião, e não da opinião dos que ele representa. O outro fator, que decorre do anterior, refere-se a que a opinião própria, sem respaldo da comunidade, é potencialmente mais frágil diante de uma argumentação mais bem elaborada por outro conselheiro, que pode ser oposta à comunidade que representa.

Muitas vezes a maioria da população não participa das reuniões e nem está representada no conselho, já que o representante da sociedade advém de grupos organizados. Por isso, os cidadãos que não estão organizados não têm representação. Além disso, a Constituição não prevê uma composição paritária, apenas assegura a participação da sociedade. Dessa forma, é facultado ao governo definir em lei a composição dos conselhos, cuja paridade fica na dependência mais uma vez da sensibilidade da administração pública e do grau de organização e mobilização social das comunidades. (SAULE JR., 1998) Mesmo que essa paridade não garanta uma participação cidadã, como apontado, ela é o início para uma verdadeira democracia participativa.

Os fundos são também um ponto de impasse nos conselhos. A obrigatoriedade legal dos fundos está vinculada à estratégia da descentralização. Os repasses federais e estaduais levariam a um gasto mais transparente, via conselhos. Contudo, nem todos os conselhos têm fundos e os que possuem na sua maioria não dispõem de recursos. “Os fundos, com sua exigência intrínseca da publicização, chocam-se com uma cultura política marcada pela apropriação privada dos bens públicos.” (TABAGIBA, 2002, p. 97) Na maioria das vezes, a decisão sobre o recurso se faz nas instâncias superiores de governo, sobrando pequenas quantidades para a deliberação do conselho. A situação se agrava ainda mais com a política de cortes no gasto público na área social.

Segundo Carvalho (2001), dentro do contexto de descentralização, o governo neoliberal tenta se desobrigar dos gastos sociais, transferindo-os aos governos estaduais e/ou municipais, na busca de uma economia de recursos. Contudo, o resultado tem sido a redução das políticas sociais a políticas compensatórias, cujos conselhos têm sido usados para respaldar esses processos. “Este tipo de descentralização, que não é acompanhado de descentralização de recursos, tem sido chamado, no Brasil, de prefeiturização, ao invés de uma verdadeira descentralização de poder, acompanhada de controle social.” (CARVALHO, 2001, p.10)

Diante de tudo que foi colocado nessa subseção, a literatura corrente aponta uma série de problemas nos conselhos gestores. Consideram que são também um caminho a ser trilhado dentro do processo de ampliação da democracia, que emerge do movimento social, dentro de uma herança política autoritária, clientelista e patrimonialista. Os conselhos são apontados como um espaço para a participação cidadã, conceito que inclui a verdadeira democracia, pois é um espaço de confronto da diversidade.

Portanto, a contextualização histórica brasileira na década de 1990, permitiu levantar uma série de problemas tanto na implementação dos conselhos, como na implementação da política de desenvolvimento no Brasil. A configuração política alicerçada fortemente para a estabilização econômica, levou à ineficiência da coordenação federativa para o desenvolvimento. Essas deficiências serão associadas à capacidade de resposta do PRODETUR I/NE para o desenvolvimento dos municípios beneficiados. Para isso, o próximo capítulo fará um breve resgate do Programa, para compreensão do mesmo. Após esse resgate, será feita a relação entre o PRODETUR I/NE e o desenvolvimento sustentável dos municípios turísticos e com potencial turístico do Nordeste.

3 – PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO DO TURISMO NO NORDESTE FASE 1 – PRODETUR I/NE

O Programa de Desenvolvimento do Turismo no Nordeste - PRODETUR/NE foi escolhido como objeto de estudo por ser um exemplo de política pública apoiada pelo governo federal, dentro da nova concepção de descentralização da política para o desenvolvimento.

O PPA 1996/1999 parte dessa diretriz de descentralização, definida como uma estratégia de “construção de um Estado moderno e eficiente”. Em contraposição a essa visão de desenvolvimento, Sallum Jr. (2001) a reconhece como uma tentativa de manter a estabilização da economia sem renegar o desenvolvimento. Conforme apontado no Capítulo 2, trata-se de um ideário liberal-desenvolvimentista que, do ponto de vista da trajetória efetiva da economia, inspirou apenas políticas fracamente compensatórias. Na visão de Abrucio (2003), foram apenas políticas *ad hoc*.

Nestes termos, este capítulo tem como objetivo descrever o PRODETUR/NE, partindo das diretrizes básicas do Programa, para identificar o seu caráter desenvolvimentista. Serão apresentados e discutidos os projetos efetivados pelo Programa, relacionando os resultados positivos e negativos desses investimentos. Para tanto serão utilizados os documentos oficiais sobre o PRODETUR/NE, bem como as avaliações e estudos feitos sobre o Programa, incluindo as avaliações feitas para os Planos de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável - PDITS. A essas informações serão acrescentadas informações obtidas a partir do trabalho de campo feito na Costa do Descobrimento – BA.

3.1 – DIRETRIZES BÁSICAS DO PROGRAMA

A região Nordeste (composta pelos estados de Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe) é a região mais pobre do Brasil. Comparativamente, o Nordeste apresentava um percentual de pessoas pobres, em 1991, de

67,12%, superando as demais regiões, nas quais esse percentual foi de 32,67% para o Centro Oeste, 52,76% para o Norte, 30,79% para o Sul e 24,24% para o Sudeste, conforme o Gráfico 3¹⁴.

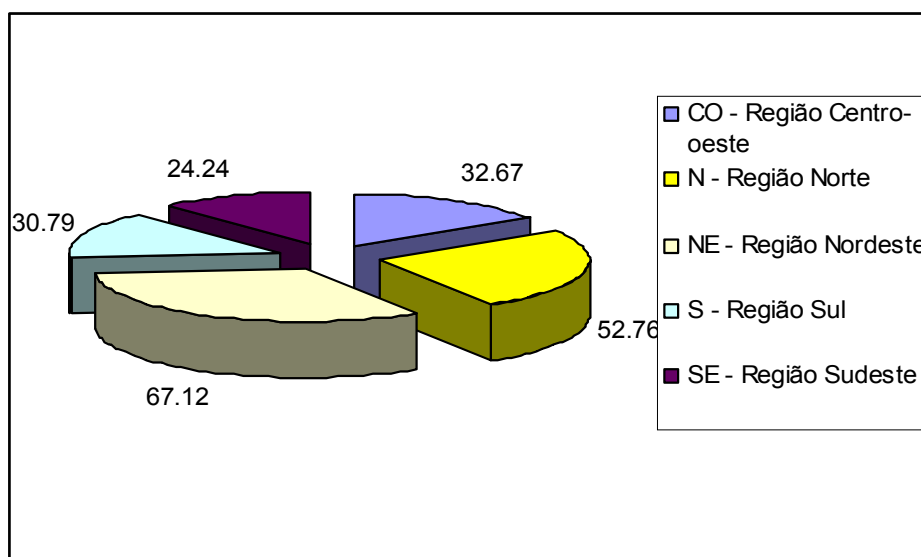


Gráfico 3 – Percentual de Pessoas Pobres nas Regiões do Brasil, em 1991

Fonte: IPEA

Dentre as medidas citadas pelo Banco Inter-Americano de Desenvolvimento – BID (1994) para superar essa desigualdade está a geração de emprego e de renda, mediante alternativas viáveis de crescimento econômico. Diante dessa perspectiva, o turismo foi apontado pelo BID como a atividade capaz de dar esse incremento na economia da região Nordeste. Essa indicação do turismo teve como orientação uma pesquisa realizada pelo BNDES, para a região.

Contudo, o avanço dessa atividade implica em uma oferta de infra-estrutura e serviços compatíveis com a demanda gerada pelo potencial fluxo de turistas. Dentro deste contexto é que foi pensado o Programa de Desenvolvimento do Turismo no Nordeste – PRODETUR/NE.

O objetivo básico do programa é aumentar a capacidade do Nordeste do Brasil de manter e impulsionar seu setor turístico, em crescimento, e dessa maneira contribuir para o desenvolvimento sócio-econômico da região. (BID, 1994, p. 01)

¹⁴ O percentual de pessoas pobres, de acordo com a metodologia do IPEA, corresponde ao percentual de pessoas com renda domiciliar per capita inferior a R\$75,50, equivalentes a 1/2 do salário mínimo vigente em agosto de 2000. O universo de indivíduos é limitado àqueles que vivem em domicílios particulares permanentes

Com vistas a implementar esse objetivo, o Programa foi concebido para os municípios em que o turismo estivesse consolidado ou em processo de consolidação, mas onde a infraestrutura não fosse suficiente frente à demanda. Dentro da estratégia de desenvolvimento, cada estado consultou os responsáveis pela atividade turística no setor público e os investidores para determinar as áreas a serem contempladas, de acordo com um diagnóstico de oferta e demanda turística dos últimos 5 anos.

A primeira proposta do Programa decorreu de uma negociação entre a Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), o Banco do Nordeste (BNB), o Instituto Brasileiro de Turismo (EMBRATUR) e a Comissão de Turismo Integrado do Nordeste (CTI-NE). As negociações foram lideradas pela EMBRATUR. Com a criação do Comitê Consultivo e de Coordenação do Programa¹⁵ e após várias rodadas de negociações e de missões do BID, chegou-se à definição do PRODETUR/NE, que seria realizado em várias fases. No final de 1994, foi assinado o Contrato 841-OC/BR, entre o BNB e o BID, referente ao Programa de Desenvolvimento do Turismo no Nordeste – PRODETUR/NE. (BNB, dez/2005, p.12 – Anexo) Cabe ressaltar que, para esse estudo foi analisada apenas a primeira fase do Programa, que passará a ser referido como PRODETUR I/NE.

No sentido de melhorar as condições nas áreas de turismo consolidado ou em processo de consolidação, de acordo com o BID (1994), o Programa teve como foco: a) fortalecer o marco institucional; b) melhorar as condições sanitárias e ambientais das áreas turísticas; c) melhorar os deslocamentos até a região e dentro dela; d) melhorar e diversificar os produtos turísticos da região.

O fortalecimento institucional pretendia melhorar a supervisão e o fomento do turismo. Ele implicou no desenvolvimento institucional de entidades públicas municipais e estaduais ligadas ao setor turístico, ao setor de transporte e ao setor ambiental. Dentre as ações ligadas a esse fortalecimento estavam a capacitação de funcionários, a realização de estudos, o fomento à capacidade normativa e fiscal e o fornecimento de equipamentos. O melhoramento das condições sanitárias e ambientais correspondeu à ampliação nos serviços de abastecimento de água e esgoto, bem como à recuperação e proteção ambiental e ao manejo de resíduos sólidos. Já o deslocamento até a região e dentro dela seria favorecido com a

¹⁵ O Comitê é composto pelos Ministérios da Fazenda, Planejamento, Aeronáutica, Indústria Comércio e Turismo, Integração Nacional e pelas instituições BNB, SUDENE, EMBRATUR, INFRAERO, DAC e SEAIN.

reforma e ampliação de aeroportos e o melhoramento nas rodovias estaduais ou vias secundárias. Os produtos turísticos a serem melhorados incluíam a conservação e recuperação do patrimônio histórico e a revitalização de áreas circunvizinhas, bem como o melhoramento das praças, parques e outros recursos naturais. Portanto, o Programa teve três componentes principais: o desenvolvimento institucional, as obras múltiplas de infra-estrutura básica e os serviços públicos e o melhoramento de aeroportos.

O total dos recursos para o PRODETUR I/NE foi estimado em US\$ 800 milhões, dos quais US\$ 400 milhões viriam do BID e US\$ 400 milhões seriam de contrapartida local. Desse recurso, 62,9% seriam para custo direto das obras múltiplas, 3,7% para desenvolvimento institucional e 11,7% para aeroportos, conforme explicitado na Tabela 5.

Tabela 5 – PRODETUR I/NE: Custo Total Estimado, por Componente e Fonte de Financiamento (em mil US\$).

COMPONENTE	FONTE DE FINANCIAMENTO			
	BID	LOCAL	TOTAL	%TOTAL
Engenharia e Administração	0	59410	59410	7,4
Estudos		9300	9300	1,1
Supervisão		26230	26230	3,3
Administração		23880	23880	3,0
Desenvolvimento Institucional	11940	17930	29870	3,7
Custo Direto das Obras Múltiplas	328050	174972	503022	62,9
Saneamento	131780	77370	209150	26,2
Manejo dos resíduos sólidos	9210	5390	14600	1,8
Recuperação/proteção do Meio Ambiente	16760	8240	25000	3,1
Transporte	77250	38900	116150	14,6
Recuperação do Patrimônio Histórico	39050	19450	58500	7,3
Obras Adicionais nos Setores Anteriores	50000	29622	79622	9,9
Aeroportos	46760	46760	93520	11,7
Gastos Ordinários	0	9700	9700	1,2
Aquisição de Terra		8000	8000	1,0
Reassentamento da População		1700	1700	0,2
Gastos Imprevistos	9250	9250	18500	2,3
Gastos Imprevistos	5575	5575	11150	1,4
Subida de Preços	3675	3675	7350	0,9
Custos Financeiros	4000	81978	85978	10,7
Juros		75544	75544	9,4
Comissão de Crédito		6434	6434	0,8
Inspeção e Vigilância	4000		4000	0,5
TOTAL	400000	400000	800000	100,0
PORCENTAGEM DO TOTAL	50,0	50,0	100,0	

Fonte: BID (1994)

O Programa foi originalmente elaborado para um período de desembolso de cinco anos, com um prazo de amortização de 25 anos, incluso o prazo de carência de cinco anos e meio. A taxa de juros estabelecida foi equivalente aos custos dos recursos do empréstimo do BID, mais uma comissão anual de 2,5%. A garantia estipulada foi a cota-parte do Fundo de Participação dos Estados (FPE), a que os estados têm direito. Essa cota ficaria retida no BNB.

A execução do PRODETUR I/NE foi designada para o Banco do Nordeste do Brasil – BNB. A sua função foi coordenar e administrar os recursos do Programa, responsabilizando-se não só pelos recursos, mas também pela aprovação e fiscalização dos projetos, com avaliação da sua viabilidade técnica, financeira, econômica, ambiental, institucional e jurídica dos projetos. Para tanto, o BNB estabeleceu uma Unidade de Execução Central dentro do Departamento de Projetos Integrados de Infra-estrutura (DEPRI).

A realização dos subprogramas, mediante elaboração, coordenação e supervisão das atividades, ficou a cargo das Unidades de Execução Estaduais, compostas por representantes dos órgãos estaduais e municipais dos estados correspondentes. Único interlocutor com o BNB, as Unidades de Execução Estaduais também se encarregariam da prestação de contas, licitações e contratação de consultorias para os componentes de obras múltiplas e desenvolvimento institucional. A execução física das obras e dos serviços financiados pelo Programa foi designada aos Organismos Executores Locais, como as companhias estaduais de saneamento, os departamentos estaduais de transporte e outros. Para tanto, o Regulamento Operacional previa o estabelecimento de acordos assinados entre o estado e os órgãos responsáveis pela execução, determinando as obrigações assumidas. Apenas os aeroportos ficaram sobre a responsabilidade da INFRAERO, por se tratar de obras federais, necessitando, portanto, de uma instituição federal para a sua execução.

Para o primeiro desembolso foi necessário o cumprimento de algumas condições prévias, quais sejam: a) o estabelecimento de uma unidade de execução dentro do BNB, com capacidade técnica e administrativa para coordenar o Programa; b) estabelecimento de um grupo ambiental interdepartamental dentro do BNB; c) colocar em vigor um Regulamento Operacional, d) apresentar um acordo de financiamento firmado entre o BNB e cada estado respectivo, cujo projeto tivesse sido aprovado anteriormente; e) para os projetos ligados aos aeroportos, o BNB deveria apresentar a capacidade de endividamento e contrapartida do

governo federal e do estado da Bahia¹⁶, bem como o plano de ação e estratégia turística, o acordo entre INFRAERO e os estados, estabelecendo as suas obrigações, e as licenças ambientais necessárias.

Com relação ao Regulamento Operacional, há alguns aspectos importantes a serem apresentados. O Regulamento estabeleceu critérios de elegibilidade dos estados. Eles tinham que demonstrar equilíbrio financeiro capaz de atender ao serviço da dívida, às obrigações financeiras e à contrapartida necessária. Além disso, o critério de elegibilidade exigia o cumprimento dos requisitos estabelecidos pelo Senado sobre os limites de endividamento e capacidade de pagamento; cumprir com as contribuições que o governo federal requer do estado; ter autorização legislativa para assumir o financiamento, o que implica em não ter serviços de dívidas não-pagos com o governo federal. No caso de o estado não apresentar condições de cumprir esses critérios, o Regulamento garantiu a possibilidade de municípios serem os contratantes diretos com o BNB, como ocorreu no estado de Alagoas, no qual Maceió foi o contratante direto.

Os critérios de elegibilidade não foram apenas financeiros. Eles se estenderam aos projetos, que deveriam fazer parte da estratégia turística e do plano de ação do estado, que seriam submetidos à aprovação do BNB e do BID. Estavam inclusos na elegibilidade dos projetos as licenças ambientais e os planos de reassentamento de população, quando necessários. Além disso, os projetos deveriam apresentar planos para evitar os efeitos negativos resultantes do fluxo migratório das populações em busca de emprego, especialmente na fase de construção em novas áreas. Os projetos deveriam apresentar também viabilidade técnica, sócio-econômica e ambiental.

De acordo com o Regulamento Operacional, os recursos do financiamento se limitariam à quantidade que assegurasse que a contrapartida anual requerida do estado não excedesse a 25% da poupança real do estado¹⁷ e também a 50,0% do custo de todos os projetos financiados pelo Programa. No caso dos gastos com transporte, a soma nos estados foi limitada ao valor de US\$ 130 milhões.

¹⁶ O aeroporto de Porto Seguro ficou a cargo do estado da Bahia. Por isso houve a necessidade de o estado apresentar junto com a INFRAERO a sua capacidade de endividamento e contrapartida para esse componente.

¹⁷ “Poupança real do estado – receita líquida real menos os gastos correntes líquidos. A receita líquida real é a receita total menos as operações de crédito, transferências aos municípios por participações constitucionais, legais e doações. Gastos correntes líquidos são os gastos correntes pagos, menos gastos financeiros e transferências aos municípios.” (BID, 1994, p. 37)

Com relação aos gastos com o desenvolvimento institucional, o Regulamento Operacional decidiu que a contratação dessas atividades para os órgãos estaduais de turismo e de meio ambiente como condição prévia para do desembolso com obras múltiplas de infraestrutura. No caso dos gastos com aeroportos federais, a INFRAERO ficou responsável pela execução e manutenção. Os governos estaduais assumiriam os riscos e os FPEs seriam utilizados como garantia. A contrapartida foi delegada ao governo federal, sendo uma condição prévia para os desembolsos. Apenas no caso de Porto Seguro, o governo do estado da Bahia assumiu a obra, por meio do DTT (Departamento de Transportes e Terminais).

O Programa previa avaliações periódicas, com o intuito de manter a fidelidade dos seus objetivos e medir as mudanças ocorridas no setor turístico. Essa atividade foi pensada para ser realizada pelo BID, BNB, comitê federal do PRODETUR I/NE e pelo organismo regional CTI/NE. A primeira avaliação foi prevista para depois dos 15 primeiros meses após a assinatura do contrato. Após essa avaliação, foi determinada a elaboração de informes anuais, durante os dois anos seguintes. Uma avaliação *ex post* foi estipulada com o objetivo de medir tanto o impacto do Programa para o setor turístico, como os benefícios diretos das obras. “Para isso, o BNB reunirá e porá a disposição do Banco dados gerais sobre os efeitos gerais do programa e uma avaliação detalhada de uma amostra de projetos para cada setor, acordada com o Banco.” (BID, 1994, p. 31) Para tanto seriam precisos um informe inicial, preparado em 12 meses; um informe periódico, a ser apresentado em 18 meses; e um informe de avaliação *ex post*, a ser apresentado no terceiro ano depois do último desembolso.

De acordo com o Marco de Referência do Programa (BID, 1994), tanto o BNB como os estados tinham capacidade de realizar o Programa. Entretanto, os governos dos estados de Alagoas e Paraíba não tinham até aquele momento (1994) os quesitos de elegibilidade estipulados no Regulamento Operacional. Entretanto, tratava-se de uma situação transitória, que se previa estar resolvida em 24 meses. Com relação aos organismos estaduais participantes, apenas as empresas de saneamento dos estados de Alagoas, do Rio Grande do Norte e do Maranhão não apresentavam condições financeiras para receber os recursos. Assim, em termos de viabilidade financeira, não havia grandes obstáculos. O mesmo ocorreu em relação à viabilidade institucional, não havendo vetos.

Com relação à viabilidade econômica, foram estipulados como elementos a serem averiguados para avaliação dos projetos a sua adequação às demandas existentes e projeções razoáveis e ao seu menor custo econômico. A avaliação técnica considerou factíveis as obras

que apresentassem: práticas de engenharia aceitáveis; custos comparáveis a obras similares; cronograma realista aos 5 anos; ter entidades executoras com experiência para contratar e supervisionar as obras, bem como fazer a sua manutenção; processo de licitação adequado.

A avaliação ambiental foi baseada no processo de licenciamento ambiental brasileiro e a inclusão de modificações e/ou requerimento que mitigassem os impactos ambientais, recuperação de áreas degradadas e educação à população.

Dentre as condições operativas do contrato estava a adoção de medidas adequadas com relação aos ajustes tarifários, para alcançar parâmetros aceitáveis de eficiência operativa. Os investimentos financiados pelo Programa deveriam ser recuperados mediante a fixação de tarifas por serviços, impostos gerais, taxas especiais ou contribuições por melhoramento. Em casos excepcionais, dependendo das condições de receita da população, poderiam ser utilizadas as rendas gerais dos estados e municípios, desde que isso não gerasse déficit nas contas públicas.

3.2 – PROCESSO DE EXECUÇÃO DO PRODETUR I/NE: PROBLEMAS E REALIZAÇÕES

De acordo com o BNB (2005), as dificuldades dos estados de obter recursos para a contrapartida local, levaram à primeira alteração no contrato, em 1996. Foi reduzido o montante de contrapartida local de 50% para 40%, diminuindo as estimativas do empréstimo de US\$ 800 milhões para US\$ 670 milhões, distribuídos conforme os dados da Tabela 8.

Uma segunda alteração contratual foi feita, em 1997. Segundo o BNB (2005), as causas das alterações foram a dificuldade dos estados de alocar recursos para a elaboração dos projetos para o PRODETUR I/NE e a necessidade de inclusão de mais três grandes projetos de ampliação de aeroportos. Comparando os dados das Tabelas 5 e 6, vê-se que o montante estimado para os aeroportos aumentou de US\$ 93,5 milhões para US\$ 220 milhões, sendo mantida a contrapartida local de 50%. Isso foi possível porque essa contrapartida local foi coberta com recurso federal, vinculado à EMBRATUR.

Além disso, os estudos passaram a ser financiados também pelo Programa, e não só pela contrapartida local. As suas estimativas cresceram de US\$ 9,4 milhões para US\$ 17 milhões, dos quais US\$ 15 milhões seriam provenientes do BID. A redução na contrapartida local

afetou especialmente os custos diretos de obras múltiplas, com uma queda significativa do seu valor, passando de US\$ 174.972.000,00 para US\$ 46.000.000,00, resultando em uma redução total no componente de US\$ 503.022.000,00 para US\$ 298.600.000,00. Os gastos com contingências foram retirados dos custos e houve uma redução dos juros estimados, de US\$ 75.544.000,00 para US\$ 49.500.000,00.

Todavia, os gastos totais realizados foram superiores aos gastos dessa segunda estimativa, compreendendo um total de US\$ 729.916.000,00. Apesar de o valor total realizado ser superior ao estimado, nem todas as categorias de investimento foram 100% efetivadas. De acordo com os dados da tabela 6, todos os componentes da categoria Engenharia e Administração tiveram o percentual de gastos realizados menor que os estimados. O mesmo ocorreu com as categorias Desenvolvimento Institucional e Custo de Operação. Com relação à categoria Custos Diretos de Obras Múltiplas houve uma queda no valor efetivado do componente Recuperação e Proteção Ambiental e uma redução a zero do componente Administração de Resíduos Sólidos. O componente Inspeção e Supervisão também teve uma redução nos gastos realizados.

Os demais componentes tiveram um gasto superior ao estimado, o que explica o aumento dos gastos totais efetivados. Esse descompasso no total dos gastos foi obtido pelo aumento das contrapartidas locais em vários itens, já que no concernente ao BID houve apenas um rearranjo dos gastos. Neste rearranjo, houve um aumento de 54% em Transportes e 16% em Recuperação do Patrimônio Histórico.

Tabela 6 – PRODETUR I/NE: Custo Total Estimado e Realizado por Componente e Fonte de Financiamento (em mil US\$)

CATEGORIA DE INVESTIMENTO	FONTE DE FINANCIAMENTO ORIGINAL			FONTE DE FINANCIAMENTO ATUAL			PERCENTUAL DE REALIZAÇÃO*		
	BID	LOCAL	TOTAL	BID	LOCAL	TOTAL	BID	LOCAL	TOTAL
Engenharia e Administração	<u>15000</u>	<u>37300</u>	<u>52300</u>	<u>2371</u>	<u>20395</u>	<u>22766</u>	<u>15,8</u>	<u>54,7</u>	<u>43,5</u>
Estudos	15000	2000	17000	2371	8700	11071	15,8	435,0	65,1
Supervisão	0	18300	18300	0	3744	3744	0	20,5	20,5
Administração	0	17000	17000	0	7951	7951	0	46,8	46,8
Desenvolvimento Institucional	<u>18800</u>	<u>11200</u>	<u>30000</u>	<u>16010</u>	<u>5777</u>	<u>21787</u>	<u>85,2</u>	<u>51,6</u>	<u>72,6</u>
Custo Direto das Obras Múltiplas	<u>252200</u>	<u>46400</u>	<u>298600</u>	<u>269540</u>	<u>100107</u>	<u>369647</u>	<u>106,9</u>	<u>215,7</u>	<u>123,8</u>
Saneamento	123150	22750	145900	118256	43012	161268	96,0	189,1	110,5
Administração de resíduos sólidos	8550	2050	10600	0	0	0	0	0	0
Recuperação/proteção do Meio Ambiente	19500	3900	23400	6304	14246	20550	32,3	365,3	87,8
Transporte	71000	11800	82800	109944	32253	142197	154,9	273,3	171,7
Recuperação do Patrimônio Histórico	30000	5900	35900	35036	10596	45632	116,8	179,6	127,1
Obras Adicionais nos Setores Anteriores
Aeroportos	<u>110000</u>	<u>110000</u>	<u>220000</u>	<u>108681</u>	<u>114779</u>	<u>223460</u>	<u>98,8</u>	<u>104,3</u>	<u>101,6</u>
Custo de Operação	<u>0</u>	<u>9500</u>	<u>9500</u>	<u>0</u>	<u>5383</u>	<u>5383</u>	<u>0</u>	<u>56,7</u>	<u>56,7</u>
Aquisição de Terra	0	7800	7800	0	5383	5383	0	69,0	69,0
Relocalização de População	0	1700	1700	0	0	0	0	0	0
Contingências	<u>0</u>	<u>0</u>	<u>0</u>	<u>0</u>	<u>0</u>	<u>0</u>	<u>0</u>	<u>0</u>	<u>0</u>
Contingências Físicas	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Variações de Preços	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Custos Financeiros	<u>4000</u>	<u>55600</u>	<u>59600</u>	<u>2056</u>	<u>84817</u>	<u>86873</u>	<u>51,4</u>	<u>152,5</u>	<u>145,8</u>
Juros	0	49500	49500	0	75158	75158	0	151,8	151,8
Comissão de Crédito	0	6100	6100	0	9659	9659	0	158,3	158,3
Inspeção e Supervisão	4000	0	4000	2056	0	2056	51,4	0	51,4
TOTAL	<u>400000</u>	<u>270000</u>	<u>670000</u>	<u>398658</u>	<u>331258</u>	<u>729916</u>	<u>99,7</u>	<u>122,7</u>	<u>108,9</u>

* = (Atual/Original)x100

Fonte: Base de dados do Banco do Nordeste (In: BNB, 2005 – Anexo)

De acordo com o Regulamento Operacional, os empréstimos seriam liberados com a apresentação dos projetos pelas UEE, compostos por ações. Os projetos deveriam ser aprovados pelo BNB e pelo BID.

Com relação aos gastos com Desenvolvimento Institucional, foram propostos 73 projetos, com 207 ações, que contemplariam os nove estados. Dessas metas, foram alcançados 57 projetos, com 149 ações, das quais 36 não-previstas inicialmente. Os nove estados foram contemplados, sendo que o recurso superou o planejado apenas para projetos de órgãos de turismo (173%), conforme se vê no Gráfico 4. Contudo, Alagoas e Sergipe não realizaram os projetos previstos para o Desenvolvimento Institucional.

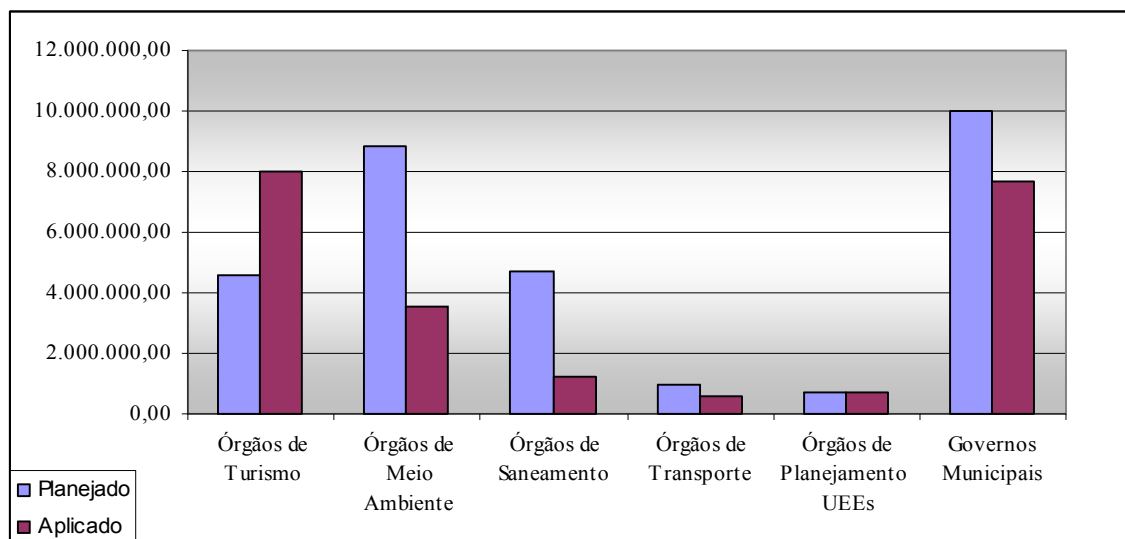


Gráfico 4 – Gastos do PRODETUR I/NE Planejados e Executados por Sub-componente do Desenvolvimento Institucional (em US\$), 2005

Fonte: Base de dados do Banco do Nordeste (In: BNB, 2005 – Anexo)

Para os projetos de órgãos ambientais estaduais, apenas 40,3% do previsto foi gasto, mas somente o Maranhão não realizou nenhum projeto previsto. Parte dos projetos foi realizada com outras fontes de financiamento, como na Bahia e Rio Grande do Norte. As Companhias de Saneamento Estaduais tiveram 26,23% dos projetos previstos efetivados, beneficiando os estados do Ceará, Paraíba e Rio Grande do Norte. Os Departamentos Estaduais de Estradas obtiveram a efetivação de 56,41% dos projetos, contemplando os estados do Ceará, Paraíba e Rio Grande do Norte. Já os Órgãos de Planejamento e Unidades Executoras Estaduais obtiveram 97,7% dos projetos alcançados, atendendo aos estados de Alagoas, Ceará Paraíba, Pernambuco, Piauí e Rio Grande do Norte. Os governos municipais

foram atendidos em 77,3% de suas demandas, contemplando os estados de Alagoas, Paraíba Rio Grande do Norte, Pernambuco e Ceará.

A redução nos investimentos para Desenvolvimento Institucional foi resultado de diferentes fatores, segundo o BNB (2005, p. 13). Um deles foi a desvalorização do real, que aumentou o montante previsto em dólares. Outro foi a redução dos projetos e ações a serem executados. Houve ainda o fato de alguns projetos e/ou ações terem sido financiados por outras fontes que não poderiam ser reconhecidas como contrapartida local, especialmente para órgãos ambientais.

De acordo com os Planos de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável – PDITS, feitos para o PRODETUR II/NE, os gastos em Desenvolvimento Institucional obtiveram pouco resultado. Com relação aos investimentos nos governos municipais, o fraco resultado é especialmente problemático. Considerando que a maioria dos municípios não tinha um Plano Diretor – ou, quando existente, ele estava desatualizado – essa lacuna resultou em uma ocupação inadequada das áreas costeiras, com prejuízo às áreas frágeis. Além disso, houve especulação imobiliária, proliferação de loteamentos em locais inadequados, podendo comprometer a capacidade de suporte natural da área. (BNB, 2005, p. 13)

Foram apontados como causas desse resultado inexpressivo a própria limitação dos projetos e, principalmente, a falta de articulação institucional entre estado e municípios. (Perazza e Tuazon, s/d: p.10) Essa falta de articulação foi apontada também em algumas avaliações dos PDITS. De acordo com os PDITS's, os conflitos políticos locais e a quantidade reduzida de funcionários levaram à pouca participação dos funcionários públicos municipais nos cursos de capacitação. Além disso, os cursos de capacitação foram de curta duração, sendo apontados como de baixo impacto. Segundo representante da sociedade civil de Cabralia, com relação à capacitação institucional, foram comprados computadores e fax e foi feito treinamento dos técnicos. Contudo, com a troca de prefeito, os aparelhos sumiram e os técnicos foram trocados. Perdeu-se todo o investimento.

Os investimentos em saneamento, mesmo tendo ultrapassado o valor estimado, não alcançaram todas as metas. Dos 83 projetos planejados, 72 foram implementados. Para o sub-setor de água potável, foram atendidos os oito estados, mas o maior número de projetos foi para o Ceará e a Bahia. No sub-setor de esgotamento sanitário, o maior número de projetos também foi concentrados na Bahia e Ceará, mas os nove estados receberam recursos.

Entretanto, nem todos os sistemas estão em funcionamento. Ocorreram atos de resistência de moradores, que promoveram manifestações contrárias a vários projetos, ressaltando a falta de consulta à população. Como exemplo, muitos moradores se recusaram a fazer as ligações domiciliares de esgoto, devido ao seu custo elevado. Outros fizeram reclamações formais ao BID pela implantação de obras em locais inapropriados, como no centro de praças. Além disso, a implantação de estações de tratamento de esgoto - ETEs causou manifestações, pelo receio de contaminação do lençol freático e pelo mau cheiro e degradação da paisagem. Além disso, a abrangência dos sistemas foi limitada por questões geográficas, como a declividade de algumas áreas, impossibilitando a instalação de sistemas em rede. Em alguns casos não foi feita a complementação de sistemas de esgotamento sanitário, impossibilitando o atendimento da população. Passivos ambientais também foram empecilhos a um bom resultado.

Para a categoria de investimento gerenciamento de resíduos sólidos, não foi executado nenhum dos 19 projetos planejados, que atenderiam a seis estados. De acordo com o BNB (2005, p. 19), no caso de Alagoas foi dada prioridade a outros componentes, realocando o recurso. Nos demais estados (BA, PB, PE, PI, RN), foram utilizados recursos de outras fontes para alguns projetos e outros projetos foram reprogramados para o PRODETUR II/NE. Alguns estados alegaram que o recurso foi alocado para outros componentes por restrições do próprio Programa, que não financiou a aquisição de equipamentos para o processo de coleta do lixo e operação do aterro sanitário.

Segundo Whiting e Faria (2001), a razão mais destacada para a não-ocorrência de projetos de resíduos sólidos decorre do fato de seu manejo não ser uma responsabilidade estadual, mas sim municipal. Contudo, *“muitos municípios não têm os recursos nem a capacidade técnica para desenvolver ou implantar programas.”* (p. 06)

Os investimentos em obras múltiplas direcionados à recuperação/proteção ambiental foram reduzidos para 87,8% do recurso previsto, atendendo quatro estados, ao invés de sete. Entretanto, o número de projetos foi ampliado de 15 para 18, sendo que a maioria dos projetos era do Ceará. Segundo o BNB (2005, p. 20), houve vários problemas, como a baixa eficiência na conservação ambiental, com a implantação de UCs de forma indevida. Na realidade, as UCs foram criadas, mas não implementadas, faltando plano de manejo, edificações e equipamentos, exigidos nos Planos do PRODETUR II/NE. Cabe ressaltar que, de acordo com a avaliação de Whiting e Faria (2001), algumas UCs foram criadas como forma de

compensação a problemas ambientais gerados por outras obras do próprio PRODETUR I/NE, como a destruição de áreas de mangue, que é proibido por lei no Brasil.

Foi detectada a aplicação de técnicas insuficientes para resolver o problema de erosão marinha, denotando a falta de um planejamento adequado. Além disso, a falta de compromisso por parte das administrações municipais, que não fizeram a manutenção das benfeitorias, resultou na depredação de obras e no desrespeito aos limites estabelecidos em áreas de preservação permanente. A ausência de um plano de gestão para utilização das benfeitorias, com envolvimento da população, agravou o quadro de manutenção.

O próprio BNB (2005) ressaltou a falta de investimentos em proteção ambiental, dado que se trata de municípios que dependem do meio ambiente para o turismo. A preocupação procede não só pelo baixo valor investido, mas também quando se percebe que 62,7% desse valor foram direcionados para um projeto de coleta de esgoto. Não que essa ação não seja importante, mas ela deveria estar no componente de saneamento, o que reduziria significativamente o montante no componente de proteção ambiental, que foi pensado mais em termos de educação ambiental, manejo, preservação e recuperação de recursos naturais.

O componente transporte obteve um grande aumento, tanto em termos de recursos, como de projetos implantados. Foram planejados 43 projetos. Destes, 30 foram realizados e mais 60 adicionados, resultando em total de 90 projetos. Esse componente apresentou sérios problemas, com a ocorrência de passivos ambientais, tanto pela elaboração de projetos insuficientes como pela não implantação das medidas mitigadoras indicadas nos estudos e licenças ambientais. Além disso, houve conflitos com a população local, decorrente da falta de consulta popular. A ocupação desordenada foi favorecida pelo melhoramento no acesso a municípios despreparados.

Um exemplo desses problemas foi o caso dos municípios da Costa do Descobrimento. A BA-001 (Santa Cruz de Cabralia – Belmonte) ocasionou erosão e a não-recomposição da vegetação nativa nas margens das rodovias, que foram tomadas por braquiárias. De acordo com entrevista feita com um representante da sociedade civil de Cabralia, a rodovia também ocasionou o atropelamento de várias crianças que não estavam habituadas ao trânsito no local, não sendo adotado nenhum processo educacional para evitar o problema.

Além disso, o secretário de turismo de Belmonte apontou o problema da evasão populacional devido à rodovia. Com o acesso facilitado para Cabralia e Porto Seguro, parte

população migrou para essas cidades, não tendo sido feito nenhum investimento de melhoria na cidade capaz de vitalizar o turismo e com isso gerar atrativos para a mão-de-obra local permanecer na cidade. Segundo o secretário, a cidade atualmente vive das aposentadorias pagas pelo governo federal e dos salários de funcionários públicos municipais. Ao contrário, Cabralia teve uma expansão da população, que anulou os investimentos em saneamento promovidos pelo Programa. Esse processo, na realidade, não decorreu apenas do Programa. Ele foi um facilitador dessa migração, que tem origem na quebra da economia cacauceira local.

De acordo com Whiting e Faria (2001, p.07), em quase todos os projetos de estradas faltou recuperação das áreas degradadas pelas obras. Além disso, provocou a especulação e loteamento das áreas de entorno. Em decorrência, algumas áreas ambientalmente protegidas foram criadas pelos projetos de transporte como compensação, mas falta implementação adequada delas.

Segundo Perazza e Tuazon (s/d), os conflitos gerados em alguns trechos de estradas provocaram a modificação dos projetos praticamente durante a construção, sem uma atualização dos estudos ambientais. “Portanto os EIA e PCA não incluíram todas as medidas mitigadoras que seriam requeridas.” (p. 09)

Os investimentos realizados na recuperação do patrimônio histórico foram ampliados em recursos e em projetos efetivados. Foram planejados sete projetos, dos quais foram implementados seis. Houve outros onze adicionais. Os recursos se concentraram em Pernambuco, Bahia e Maranhão, mas também beneficiaram Alagoas, Paraíba, Piauí, Sergipe e Maceió.

Muitos investimentos já vinham ocorrendo com recursos de outras fontes e mesmo do setor privado, influenciado pelos incentivos da Lei Rouanet de 1991. Entretanto, o BNB (2005, p. 26) ressalta que o resultado favorável desses investimentos em recuperação de patrimônio histórico pelo Programa ficou vinculado à presença de outros investimentos no setor. Isso porque os gastos do Programa representaram apenas uma parte dos investimentos necessários à completa revitalização e consolidação das áreas de interesse histórico e atração turística.

Um exemplo dessa necessidade ocorre no Pólo do Descobrimento, onde houve uma série de outros investimentos, em decorrência dos “500 Anos do Descobrimento”, que

fortaleceram Cabrália e Porto Seguro. No caso de Belmonte, onde não ocorreram esses investimentos, não houve consolidação do turismo, não havendo um choque visível do fluxo de turistas. Algumas dificuldades existiram durante a execução desse componente, como as complicações nas obras, que aumentaram os custos e provocaram atrasos, denotando falhas na elaboração dos projetos. Além disso, faltaram garantias de manutenção periódica de parte das obras e detectaram-se deficiências na gestão das áreas revitalizadas. Segundo Whiting e Faria (2001, p.08), não foram encontrados problemas ambientais e sociais nesse componente, pois os projetos foram realizados em áreas já urbanizadas e não pareciam que necessitavam de reassentamento de pessoas.

Os investimentos em aeroportos contemplaram oito projetos em seis estados, conforme o planejado. O estado da Bahia obteve o maior percentual de recursos (47%), investindo em três aeroportos, um em Salvador, um em Porto Seguro e um em Lençóis. Nos demais estados beneficiados (CE, MA, RN, SE, PE), o financiamento foi para os aeroportos nas capitais.

De acordo com o BNB (2005), a execução da maior parte dos projetos ficou a cargo da INFRAERO. Ela foi eficiente na condução, supervisão e manutenção das obras. Esse é um ponto importante, que demonstra que a capacidade de planejamento do órgão federal se mostrou maior que a dos estaduais e municipais. Em grande parte isso se deve à experiência dos órgãos federais na elaboração de projetos, experiência mais rara nos estados e, principalmente, em pequenos municípios. Isso ficou claro nas falhas ocorridas nos projetos do PRODETUR I/NE a cargo dos estados e municípios.

A falta de experiência na elaboração de projetos e mesmo o reconhecimento de sua importância ficam mais claros quando se verifica que apenas 65,1% dos recursos destinados à categoria de estudos e projetos foram aplicados e 72,6% dos recursos previstos para desenvolvimento institucional. Desse investimento em estudos, a maior parte foi para o estado do Ceará (61,8%). Portanto, não é difícil deduzir um dos motivos que levaram à existência de tantos problemas de execução de obras, bem como aos problemas ambientais e sociais.

Contudo, o motivo dos problemas ambientais pode ser compartilhado com um outro componente dos investimentos. Nos gastos em inspeção e supervisão foram utilizados apenas 51,4% dos recursos estimados, ao passo que o número de projetos executados foi maior que o estimado, passando de 240 para 256 projetos.

De acordo com Whiting e Faria (2001), conforme estabeleceu o Regulamento Operacional do Programa, o BNB criou uma unidade de gerência ambiental, denominada Grupo Interdepartamental de Meio Ambiente – GIMAM, que se dedicava à avaliação e ao acompanhamento ambiental e social dos projetos. De acordo com o BID, estava funcionando bem. Contudo, o BNB decidiu descentralizar essa atividade para três centrais de operação regionais (CENOPS), localizadas em Fortaleza, Recife e Salvador. As CENOPS de Recife e Salvador não tinham nenhum especialista em meio ambiente.

Então como resultado da reorganização o Banco do Nordeste tecnicamente não ficou com cumprimento estrito do contrato. Segundo o BID, o BN ganhou mais visibilidade e contato com os estados e as comunidades, melhorando a coordenação pela descentralização. Mas ao mesmo tempo muitos dos entrevistados (do BID e dentro do Banco do Nordeste mesmo) indicam que sofreu a qualidade da avaliação e acompanhamento técnico (inclusive ambiental) de muitos dos projetos. (WHITING e FARIA, 2001: p. 4)

Para Perazza e Tuazon (s/d), o problema passa também pela ineficiência as autoridades estaduais no processo de monitoramento. Além da gestão específica pelas UEE's, limitando-se à engenharia do projeto, a situação dependeu também da capacidade e experiência das OEMA's e do DER. Em alguns casos, os órgãos estaduais de meio ambiente estão vinculados à Secretaria de Desenvolvimento Municipal, o que tem comprometido a execução de um trabalho isento por parte desses órgãos, prevalecendo os interesses econômicos.

O Gráfico 5 sintetiza todos os gastos do Programa. Houve um redirecionamento dos recursos, pelo qual o componente transporte foi incrementado em 7% do total investido. Os aeroportos tiveram uma pequena queda, mas ainda somam o maior aporte de recurso, sendo que, em comparação a primeira estimativa, já haviam tido os seus gastos aumentados em mais de 100% , conforme mencionado.

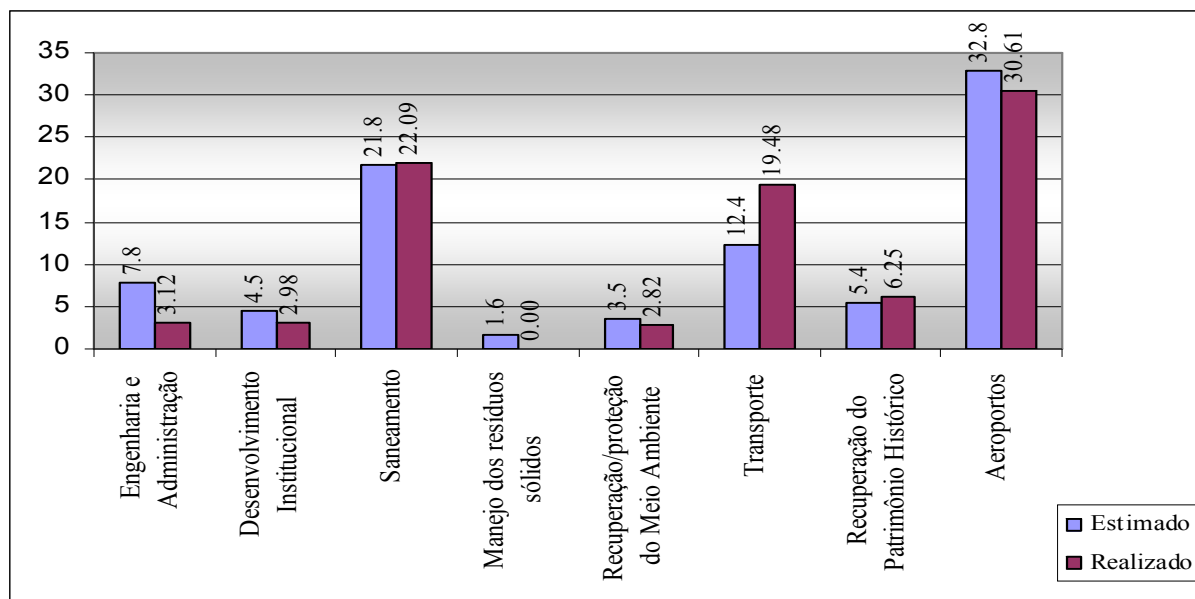


Gráfico 5 – Percentual do Recurso Estimado e Realizado do PRODETUR I/NE, por Categoria de Investimento

Fonte: Base de dados do Banco do Nordeste (In: BNB, 2005 – Anexo)

Segundo Whiting e Faria (2001, p.2), os estados tiveram problemas para apresentar os projetos técnicos, por causa de dificuldade financeiras. Somente com a integração do Programa às prioridades do governo federal, no segundo semestre de 1996, é que há um novo impulso, principalmente com a participação do BNDES, alocando recursos para a contrapartida dos estados e municípios.

De acordo com os dados da Tabela 7, é claro esse atraso nos gastos do PRODETUR I/NE. Como foi visto, o prazo inicial era de cinco anos. Por meio de um termo aditivo, o prazo de desembolso foi ampliado para 10 anos. Isso reforça a argumentação a favor da necessidade do governo federal para a implantação de políticas locais, não sendo os estados e municípios, em padrões diferenciados, auto-suficientes.

Tabela 7 – Calendário de Investimentos do PRODETUR I/NE (em mil US\$), 1993 - 2005

Anos	Montante Original	Montante Atual	% de Realização*
1993	0	269	0
1994	0	556	0.1
1995	91928	2573	0.5
1996	157308	41340	6.1
1997	244985	130888	24.1
1998	104753	134316	42.5
1999	71928	142160	61.9
2000	0	106317	76.5
2001	0	51607	83.6
2002	0	69165	93.1
2003	0	16905	95.4
2004	0	27861	99.2
2005	0	5958	100
Total	670902	729915	100

* = Valor atual acumulado/Valor atual total

Fonte: Base de dados do Banco do Nordeste (In: BNB, 2005 – Anexo)

O PRODETUR I/NE não estabeleceu instrumentos de aferição de seus resultados, não havendo um marco lógico e uma linha de base capazes de apresentarem indicadores de efeitos específicos para o Programa. Diante disso, as avaliações feitas por consultores e mesmo o Relatório Final de Programa do BNB trazem como resultado os indicadores oferecidos para a região entre 1990 e 2004, disponibilizados por órgãos como IBGE, RAIS, EMBRATUR, INFRAERO, entre outros. Além disso, são apresentados os próprios benefícios resultantes dos projetos executados. Com relação aos benefícios resultantes dos projetos, o Quadro 4 traz os produtos alcançados com os investimentos feitos pelo Programa. Trata-se apenas de uma apresentação quantitativa, pois, como não foi feito um marco lógico ou linha de base, não foi possível identificar alterações nos resultados previstos em termos dos benefícios efetivados.

Categorias de Investimento	Benefícios Gerados
Desenvolvimento Institucional	149 ações implementadas
Saneamento	971.888 habitantes atendidos
Gerenciamento de Resíduos Sólidos	0
Recuperação e Proteção Ambiental	11.202 ha de área protegida/recuperada e 102.925 ha de conservação com criação de APAs
Transportes	978,1 km de rodovias pavimentadas e 47km de vias urbanas pavimentadas
Recuperação do Patrimônio Histórico	14 sítios históricos, 61 edificações recuperadas, 94.814 m ² de área construída, 11.000 m de enterramento de rede elétrica e 11.000 m de enterramento de rede eletrônica
Aeroportos	oito aeroportos reformados e/ou ampliados

Quadro 4 – Benefícios Gerados pelos Investimentos do PRODETUR I/NE, 2005

Fonte: Base de dados do Banco do Nordeste (In: BNB, 2005 – Anexo)

Os dados constantes do Quadro 4 indicam um incremento em termos de pessoas atendidas com saneamento e uma ampliação da área destinada para a proteção ambiental. Houve, também, um aumento na extensão pavimentada, tanto de rodovias estaduais como de vias urbanas. Foram recuperados sítios e edificações e foi incrementada a parte elétrica e eletrônica. Aeroportos foram reformados e/ou ampliados e vários órgãos públicos estaduais e municipais beneficiados, tanto com capacitação como infra-estrutura.

Com relação aos indicadores oferecidos por órgãos responsáveis por levantamentos de dados secundários, as avaliações trouxeram informações comparando estados do Nordeste, que receberam recursos do PRODETUR I/NE, com os estados das demais regiões, que não receberam recursos do Programa. Esse procedimento metodológico não permite uma boa análise, por dois motivos. Primeiro, porque dilui possíveis impactos do Programa, dado que foram poucos os municípios beneficiados frente à quantidade de municípios existentes em cada estado. Segundo, de forma contrária, resultados diferenciados entre os estados do Nordeste e os demais estados brasileiros podem ser provenientes de outras políticas relacionadas à região Nordeste, que não estão necessariamente associados ao PRODETUR I/NE. Além disso, há uma diferenciação muito grande entre as regiões brasileiras, dificultando este tipo de procedimento comparativo entre elas.

Diante disso, este trabalho propõe uma nova metodologia de avaliação do impacto do PRODETUR I/NE em termos de desenvolvimento, explicitada nos procedimentos metodológicos e aplicada no Capítulo 4, a seguir.

4 – O PRODETUR I/NE NOS MUNICÍPIOS TURÍSTICOS E COM POTENCIAL TURÍSTICO

Este capítulo tem como objetivo analisar o impacto do PRODETUR I/NE, em termos de desenvolvimento, nos municípios beneficiados pelo Programa. Para tanto, foi utilizada a metodologia descrita no início deste trabalho, na seção dos procedimentos metodológicos, concernente ao cálculo do índice de desenvolvimento. Nos gráficos e regressões este índice aparece com a sigla *icv*. Procurou-se estabelecer a relação desse índice de desenvolvimento com os municípios beneficiados pelo Programa, bem como a sua relação com os gastos públicos municipais, com as transferências federais e estaduais e com a participação cidadã, por meio de regressões *cross section* e análises de correspondências.

4.1 – ANÁLISE DE RESULTADOS

Utilizando o modelo de regressão de mínimos quadrados em dois estágios, procurou-se determinar a primeira equação, ou equação de seleção, com a melhor predição para os municípios com potencial para receber o PRODETUR I/NE.

Transformando os recursos do Programa em uma variável *dummy*, criou-se a variável *prodetursn*, para a qual os municípios beneficiados, até a data do Censo de 2000, têm valor 1 e os municípios não beneficiados têm valor zero.

Partindo da concepção do PRODETUR I/NE de que os municípios contemplados deveriam ser aqueles com demanda turística e com capacidade de resposta para o desenvolvimento do turismo, elegeu-se como variáveis explicativas desta *dummy* *prodetursn* seis outras variáveis trabalhadas como *dummies* e o **Produto Interno Bruto - PIB de 1996**, presentes na Tabela 8.

Tabela 8 – Regressão Logit Para Predição dos Municípios com Potencial para Receber os Recursos do PRODETUR I/NE

```

logit prodetursn MunCostLit capital pib1996 div1 div2 gov194 gov294 gov394

Iteration 0:   log likelihood = -132.82181
Iteration 1:   log likelihood = -98.205107
Iteration 2:   log likelihood = -93.411691
Iteration 3:   log likelihood = -92.972186
Iteration 4:   log likelihood = -92.951278
Iteration 5:   log likelihood = -92.951175
Iteration 6:   log likelihood = -92.951175

Logistic regression               Number of obs   =       327
                                LR chi2(8)         =       79.74
                                Prob > chi2          =       0.0000
Log likelihood = -92.951175      Pseudo R2       =       0.3002

```

prodetursn	Coef.	Std. Err.	z	P> z	[95% Conf. Interval]	
MunCostLit	2.591515	.4382441	5.91	0.000	1.732572	3.450457
capital	1.145877	2.928647	0.39	0.696	-4.594166	6.885921
pib1996	6.03e-07	7.90e-07	0.76	0.446	-9.46e-07	2.15e-06
div1	.301653	.4589487	0.66	0.511	-.59787	1.201176
div2	.0747152	.5431872	0.14	0.891	-.9899121	1.139342
gov194	-.0668613	.5844142	-0.11	0.909	-1.212292	1.078569
gov294	-.7002245	.6920595	-1.01	0.312	-2.056636	.6561873
gov394	-.3580585	.5513721	-0.65	0.516	-1.438728	.722611
_cons	-3.229033	.5581571	-5.79	0.000	-4.323	-2.135065

Entre as *dummies* escolhidas está a variável **MunCostLit**, que corresponde aos municípios da Costa Litorânea do Nordeste. O valor um é para os que estão na Costa Litorânea e o valor zero para os que não estão.

Também foi colocado como variável o fato do município ser ou não uma capital, criando-se a variável **capital**, para a qual utiliza-se o valor um quando a resposta é positiva e zero para resposta negativa.

Para representar a situação turística e a posição de fronteira com municípios turísticos considerou-se duas *dummies*, **div1** e **div2**, seguindo a regra das *dummies*: se uma variável tiver m categorias, deve-se introduzir apenas m-1 variáveis *dummies*. As três categorias são:

- 1) município é turístico div1 = 0, div2 = 1;
- 2) município com potencial turístico e vizinho de municípios turísticos div1 = 1, div2 = 0;

- 3) município com potencial turístico e não-vizinho a municípios turísticos
 $div1 = 0$ $div2 = 0$.

Buscando trabalhar a questão partidária dos governos estaduais e municipais, chegou-se a três *dummies*, **gov194**, **gov294**, **gov394**. As categorias consideram os partidos dos governos estaduais de 1994 e os partidos dos governos municipais de 1996, período do início do Programa. As categorias correspondentes são:

- 1) não há nenhuma coligação entre os partidos das duas esferas de governo
 $gov194 = 0$, $gov294 = 0$, $gov394 = 0$;
- 2) há uma coligação entre o partido do governo estadual e o partido do governo municipal, na eleição municipal $gov194 = 1$, $gov294 = 0$, $gov394 = 0$;
- 3) há uma coligação entre os partido do governo estadual e o partido do governo municipal, na eleição estadual $gov194 = 0$, $gov294 = 1$, $gov 394 = 0$;
- 4) o partido do governo estadual é o mesmo do governo municipal $gov194 = 0$, $gov294 = 0$, $gov394 = 1$.

Essa composição de variáveis explicativas permitiu a melhor regressão *logit*. Os critérios utilizados para essa determinação foi o maior *pseudo R2* = 0.3002, que é um substituto do coeficiente de determinação *R2*, e o maior crescimento do *log likelihood*, que passou do valor de -132.82 para -92.95, presentes na tabela 8.

De acordo com a regressão *logit*, a variável que mais explica a seleção dos municípios é o fato de serem municípios da costa litorânea, já que o *p-value* para variável **MunCostLit** é bem baixo 0.000. A partir dessa regressão, criou-se uma variável *proxy*, por meio da predição da variável **prodetursn**, denominada **prediçãologit**.

Conforme explicado na metodologia, essa variável *proxy* passa a estar presente na equação de regressão linear, substituindo a variável **prodetursn**, com vistas a retirar qualquer endogeneidade dessa variável.

A variável *proxy* foi utilizada junto com outras variáveis para obter as melhores variáveis explicativas do desenvolvimento. Serão expostas neste capítulo as regressões mais

significativas em termos de *p-value* e de R² e que passaram no teste de heteroscedasticidade e de Normalidade.

Cabe ressaltar que, uma série de regressões foram feitas, bem como os testes de heteroscedasticidade e de distribuição normal das regressões. Elas constam do Anexo 2. Destas regressões foram tiradas as que apresentaram maior nível de significância em termos de *p-value* e R². Foram introduzidas nessas regressões as dummies 1, 2 e 3. Em alguns casos, foram retirados os municípios *outliers*, conforme explicado na metodologia. Essas novas regressões estão no Anexo 3. Foram analisadas nesse capítulo aquelas que passaram nos testes, como mencionado.

Como variáveis explicativas foram utilizadas: o investimento público municipal *per capita* para os períodos de 1998 a 2000 (**toinvcapita9800**), de 1995 a 2000 (**toinvcapita9500**) e de 1990 a 2000 (**toinvcapita9000**); as transferências estaduais *per capita* para os municípios, nos períodos de 1998 a 2000 (**totranestcapita9800**), de 1995 a 2000 (**ttranstribest9500capita**) e de 1990 a 2000 (**ttranstribest9000capita**); as transferências federais *per capita* de 1998 a 2000 (**totransfedcapita9800**), de acordo com o Quadro 5. Foi utilizado também o índice de participação - **ipart**, calculado conforme exposto na metodologia.

As regressões com as variáveis de investimento municipal e de transferências estaduais e federal foram feitas separadamente, para evitar multicolinearidades, já que há uma elevada correlação entre elas. O investimento municipal e a transferência estadual do período de 1998 a 2000 têm uma correlação de 0.60, e o investimento municipal e a transferência federal do mesmo período possuem uma correlação de 0.42.

A Tabela 9 traz a regressão mais significativa com relação aos investimentos municipais públicos. Nessa regressão estão presentes como variáveis explicativas, além do investimento, o índice de desenvolvimento de 1991 (**icv91**), o **ipart**, a **prediçãologit** e as dummies.

<i>Variável</i>	<i>Significado</i>
icv91	Índice de Desenvolvimento de 1991
icv00	Índice de Desenvolvimento de 2000
varicv	Variação no Índice de Desenvolvimento entre 2000 e 1991
irenda91	Índice Renda de 1991
irenda00	Índice Renda de 2000
varenda	Variação no Índice Renda entre 2000 e 1991
infan91	Índice Infância de 1991
infan00	Índice Infância de 2000
varinf	Variação no Índice Infância entre 2000 e 1991
ieduc91	Índice Educação de 1991
ieduc00	Índice Educação de 2000
varied	Variação no Índice Educação entre 2000 e 1991
habit91	Índice Habitação de 1991
habit00	Índice Habitação de 2000
varhab	Variação no Índice Habitação entre 2000 e 1991
longev91	Índice Longevidade de 1991
longev00	Índice Longevidade de 2000
varlong	Variação no Índice Longevidade entre 2000 e 1991
ipart	Índice de Participação
prediçãologit	Equação de seleção, resultado da regressão logit para predição da variável prodetur (Dummy que determina os municípios que receberam ou não recursos do PRODETUR I/NE até o ano de 2000)
toinvcapita9800	Total dos investimentos públicos municipais <i>per capita</i> realizados entre 1998 e 2000 (IBGE)
toinvcapita9500	Total dos investimentos públicos municipais <i>per capita</i> realizados entre 1995 e 2000 (IPEA)
invest9000capita	Total dos investimentos públicos municipais <i>per capita</i> realizados entre 1990 e 2000 (IPEA)
totranfedcapita9800	Total das transferências federais <i>per capita</i> aos municípios entre 1998 a 2000 (IBGE)
totranestcapita9800	Total das transferências estaduais <i>per capita</i> aos municípios entre 1998 a 2000 (IBGE)
ttrantribest9000capita	Total das transferências tributárias estaduais <i>per capita</i> aos municípios entre 1990 e 2000 (IPEA)
ttrantribest9500capita	Total das transferências tributárias estaduais <i>per capita</i> aos municípios entre 1995 e 2000 (IPEA)
dummy1	Municípios Potencialmente Turísticos com PRODETUR I/NE até 2000
dummy2	Municípios Turísticos sem PRODETUR I/NE até 2000
dummy3	Municípios Turísticos com PRODETUR I/NE até 2000

Quadro 5 – Variáveis Utilizadas nas Regressões

Tabela 9 – Regressão Linear do Índice de Desenvolvimento de 2000 (icv00) com icv91, ipart, prediçãologit, toinvcapita9500 e as dummies

```
. regress icv00 icv91 ipart prediçãologit toinvcapita9500 dummy1 dummy2 dummy3
> if outlier == 0, beta
```

Source	SS	df	MS		
Model	1.8104253	7	.258632185	Number of obs =	192
Residual	.185975851	184	.001010738	F(7, 184) =	255.88
Total	1.99640115	191	.010452362	Prob > F =	0.0000
				R-squared =	0.9068
				Adj R-squared =	0.9033
				Root MSE =	.03179

	icv00	Coef.	Std. Err.	t	P> t	Beta
	icv91	.8324637	.0260456	31.96	0.000	.9503044
	ipart	-.0006845	.0017192	-0.40	0.691	-.0092109
	prediçãologit	-.0123715	.0168789	-0.73	0.465	-.0262601
	toinvcapita9500	.0000736	.0000168	4.39	0.000	.1006048
	dummy1	-.0029591	.0094557	-0.31	0.755	-.007788
	dummy2	.0160086	.0071928	2.23	0.027	.0562174
	dummy3	.0007698	.0157283	0.05	0.961	.0018273
	_cons	.127466	.0122333	10.42	0.000	.

Legenda: icv91 – índice de desenvolvimento de 1991; ipart – índice de participação; prediçãologit – variável proxy, que faz a predição para a variável prodetur (se tem prodetur ou não); toinvcapita9500 – total do investimento público municipal per capita entre 1995 e 2000; dummy1 – municípios com potencial turístico com PRODETUR I/NE até 2000; dummy2 – municípios turísticos sem PRODETUR I/NE até 2000; dummy3 – municípios turísticos com PRODETUR I/NE até 2000.

De acordo com a regressão, o ponto inicial de desenvolvimento (**icv91**) tem grande relação com o nível de desenvolvimento de 2000. O investimento municipal público do período de 1995 a 2000 também é explicativo, com um *p-value* baixo de 0.000. Essa regressão tem um R2 de 0.90, demonstrando uma alta capacidade explicativa. A **prediçãologit** e o **ipart** não explicam a variável dependente **icv00**, apresentando *p-value* muito elevados. No caso das *dummies*, percebe-se que há um acréscimo no índice de desenvolvimento quando se passa da categoria de referência (municípios com potencial turístico sem PRODETUR I/NE) para a categoria de municípios turísticos sem PRODETUR I/NE (dummy 2).

A regressão com as transferências estaduais mostrou-se mais significativa para o período de 1995 a 2000, com *p-value* 0.012, conforme a Tabela 10. Mais uma vez o índice de desenvolvimento é a variável que mais explica o nível de desenvolvimento de 2000. O nível de participação e a variável *proxy* do PRODETUR I/NE continuam não respondendo à regressão nessa nova composição de variáveis.

Tabela 10 – Regressão Linear do Índice de Desenvolvimento 2000 (icv00) com icv91, ipart, prediçãoologit, ttranstribest9500capita e dummies

```
regress icv00 icv91 ipart prediçãoologit ttranstribest9500capita dummy1 d
> ummy2 dummy3, beta
```

Source	SS	df	MS		
Model	1.20826985	7	.172609978	Number of obs =	114
Residual	.150907808	106	.001423659	F(7, 106) =	121.24
				Prob > F =	0.0000
				R-squared =	0.8890
				Adj R-squared =	0.8816
Total	1.35917765	113	.012028121	Root MSE =	.03773

icv00	Coef.	Std. Err.	t	P> t	Beta
icv91	.8200887	.0407272	20.14	0.000	.9362193
ipart	.001322	.0027403	0.48	0.630	.0163356
prediçãoolo~t	-.0006031	.0240145	-0.03	0.980	-.0013544
~t9500capita	.0000151	5.91e-06	2.56	0.012	.0838754
dummy1	-.0154549	.0157725	-0.98	0.329	-.0339795
dummy2	.0095769	.0107453	0.89	0.375	.0326868
dummy3	-.009701	.0220885	-0.44	0.661	-.0251328
_cons	.1423963	.0184065	7.74	0.000	.

Legenda: icv91 – índice de desenvolvimento de 1991; ipart – índice de participação; prediçãoologit – variável proxy, que faz a predição para a variável prodetur (se tem prodetur ou não); ttranstribest9500capita – total das transferências tributárias estaduais per capita entre 1995 e 2000; dummy1 – municípios com potencial turístico com PRODETUR I/NE até 2000; dummy2 – municípios turísticos sem PRODETUR I/NE até 2000; dummy3 – municípios turísticos com PRODETUR I/NE até 2000.

As transferências federais *per capita* do período 1998 a 2000 não mostraram qualquer relação com o índice de desenvolvimento de 2000, apresentando um *p-value* muito alto de 0.410 (Anexo 3).

Quando se trata da variação no nível de desenvolvimento entre o ano de 1991 e 2000 (**varicv** = icv00 – icv91), o índice de desenvolvimento inicial (**icv91**) ainda continua apresentando uma grande relação com a variável dependente. Entretanto, a relação agora é negativa, demonstrando que, quanto maior o nível de desenvolvimento inicial, mais difícil se torna aumentar o desenvolvimento.

Para a variação do índice de desenvolvimento, o **ipart** e a **prediçãoologit** não apresentaram qualquer relação com a variável dependente. O investimento público municipal mostrou-se significativo para o período de 1995 a 2000. O R2 não foi tão expressivo como no caso do icv00, mas ainda é representativo, com o valor de 0.35, conforme Tabela 11.

Tabela 11 - Regressão Linear da Variação do Índice de Desenvolvimento (varicv) com icv91, ipart, prediçãoologit, invest9500capita e dummies

```
. regress varicv icv91 ipart prediçãoologit toinvcapita9500 dummy1 dummy2 dumm
> y3 if outlier8 == 0, beta
```

Source	SS	df	MS		
Model	.101206516	7	.014458074	Number of obs =	192
Residual	.185975851	184	.001010738	F(7, 184) =	14.30
Total	.287182367	191	.001503573	Prob > F =	0.0000
				R-squared =	0.3524
				Adj R-squared =	0.3278
				Root MSE =	.03179

	varicv	Coef.	Std. Err.	t	P> t	Beta
	icv91	-.1675363	.0260456	-6.43	0.000	-.5042562
	ipart	-.0006845	.0017192	-0.40	0.691	-.0242855
	prediçãoolo~t	-.0123715	.0168789	-0.73	0.465	-.0692376
	toinvca~9500	.0000736	.0000168	4.39	0.000	.2652551
	dummy1	-.0029591	.0094557	-0.31	0.755	-.0205338
	dummy2	.0160086	.0071928	2.23	0.027	.148223
	dummy3	.0007698	.0157283	0.05	0.961	.0048179
	_cons	.127466	.0122333	10.42	0.000	.

Legenda: icv91 – índice de desenvolvimento de 1991; ipart – índice de participação; prediçãoologit – variável proxy, que faz a predição para a variável prodetur (se tem prodetur ou não); toinvcapita9500 – total do investimento público municipal per capita entre 1995 e 2000; dummy1 – municípios com potencial turístico com PRODETUR I/NE até 2000; dummy2 – municípios turísticos sem PRODETUR I/NE até 2000; dummy3 – municípios turísticos com PRODETUR I/NE até 2000.

No caso das transferências estaduais *per capita*, o único período que apresentou distribuição normal e regressão homoscedástica foi de 1995 a 2000. Contudo, as transferências não se mostraram significativas, com um *p-value* de 0.229, de acordo com a Tabela 12. O nível de desenvolvimento inicial (**icv91**) é a variável que mais explica a variação do desenvolvimento, em uma relação negativa, como havia ocorrido na regressão anterior.

Tabela 12 - Regressão Linear da Variação do Índice de Desenvolvimento (varicv) com icv91, ipart, prediçãologit, ttranstribest9500capita e dummies.

```
. regress varicv icv91 ipart prediçãologit ttranstribest9500capita dummy1 du
> mmy2 dummy3 if outlier10 == 0, beta
```

Source	SS	df	MS		
Model	.065601465	7	.009371638	Number of obs =	109
Residual	.113916496	101	.001127886	F(7, 101) =	8.31
Total	.179517961	108	.001662203	Prob > F =	0.0000
				R-squared =	0.3654
				Adj R-squared =	0.3215
				Root MSE =	.03358

varicv	Coef.	Std. Err.	t	P> t	Beta
icv91	-.1717735	.0391024	-4.39	0.000	-.5153985
ipart	.0014062	.0024799	0.57	0.572	.047335
prediçãologit	.0095756	.0232158	0.41	0.681	.0587189
ttranstribest9500capita	6.91e-06	5.71e-06	1.21	0.229	.096753
dummy1	-.0158932	.0143029	-1.11	0.269	-.0960048
dummy2	.013382	.009768	1.37	0.174	.1224368
dummy3	-.0272623	.0214301	-1.27	0.206	-.1848911
_cons	.1404302	.0176378	7.96	0.000	.

Legenda: icv91 – índice de desenvolvimento de 1991; ipart – índice de participação; prediçãologit – variável proxy, que faz a predição para a variável prodetur (se tem prodetur ou não); ttranstribest9500capita – total das transferências tributárias estaduais per capita entre 1995 e 2000; dummy1 – municípios com potencial turístico com PRODETUR I/NE até 2000; dummy2 – municípios turísticos sem PRODETUR I/NE até 2000; dummy3 – municípios turísticos com PRODETUR I/NE até 2000.

Segundo as regressões realizadas, verifica-se que os recursos públicos atuaram no processo de desenvolvimento, mas o determinante mais expressivo foi o nível de desenvolvimento inicial. A participação social, significando atuação dos conselhos de turismo, não apresentou qualquer relação com o nível de desenvolvimento nem com sua variação. A mesma falta de relação ocorreu com o PRODETUR I/NE, cujas regressões não apontaram nenhuma capacidade explicativa para o nível de desenvolvimento ou para sua variação.

Entretanto, o mesmo não ocorre nas regressões com os índices que compõem o índice de desenvolvimento. No caso do índice renda de 2000 (**irenda00**), a **prediçãologit** está relacionada negativamente com esse índice, conforme a Tabela 13. O *p-value* para a **prediçãologit** é muito baixo, com valor de 0.001. O R2 é bastante expressivo (0.84), e tem no nível inicial do índice renda (**irenda91**) a variável explicativa mais importante.

Tabela 13 – Regressão Linear do Índice Renda de 2000 (*irenda00*) com *irenda91*, *ipart*, *invest9500capita*, *prediçãologit* e *dummies*

```
regress irenda00 irenda91 ipart prediçãologit toinvcapita9500 dummy1 dummy2
> dummy3, beta
```

Source	SS	df	MS	Number of obs = 247	
Model	.942081572	7	.134583082	F(7, 239)	= 192.33
Residual	.167244155	239	.000699766	Prob > F	= 0.0000
				R-squared	= 0.8492
				Adj R-squared	= 0.8448
Total	1.10932573	246	.004509454	Root MSE	= .02645

irenda00	Coef.	Std. Err.	t	P> t	Beta
irenda91	.6867028	.0289522	23.72	0.000	.873292
ipart	-.0007997	.0012415	-0.64	0.520	-.0165057
prediçãologit	-.0442066	.0131208	-3.37	0.001	-.1325229
toinvcapita9500	-3.24e-06	6.85e-06	-0.47	0.637	-.0120631
dummy1	.0060238	.0069656	0.86	0.388	.0239515
dummy2	.0188092	.0053148	3.54	0.000	.0966991
dummy3	.0486045	.0111141	4.37	0.000	.1677029
_cons	.0882266	.0092872	9.50	0.000	.

Legenda: *irenda91* – índice renda de 1991; *ipart* – índice de participação; *prediçãologit* – variável proxy, que faz a predição para a variável *prodetur* (se tem *prodetur* ou não); *toinvcapita9500* – total do investimento público municipal per capita entre 1995 e 2000; *dummy1* – municípios com potencial turístico com PRODETUR I/NE até 2000; *dummy2* – municípios turísticos sem PRODETUR I/NE até 2000; *dummy3* – municípios turísticos com PRODETUR I/NE até 2000.

As demais regressões feitas com o índice renda de 2000 como variável dependente apresentaram a mesma relação com as variáveis independentes: os recursos públicos e o índice participação (***ipart***) não têm qualquer capacidade explicativa e o índice renda de 1991 (***irenda91***) e a ***prediçãologit*** são os que mais se relacionam com o índice renda de 2000, conforme Anexo 3.

As *dummies* 2 e 3 apresentaram-se significativas, indicando que da passagem da categoria de referência (municípios com potencial turístico sem PRODETUR I/NE) para os municípios turísticos com e sem PRODETUR I/NE há um acréscimo no índice renda de 2000. Esse acréscimo se deve ao fato de serem municípios turísticos, já que a ***dummy1*** (municípios com potencial turístico com PRODETUR I/NE) não se manifestou significativamente, ao contrário da ***dummy2*** (municípios turísticos sem PRODETUR I/NE). Além disso, essas *dummies* (2 e 3) têm uma relação positiva com o *irenda00*, sendo que o mesmo não ocorre com a ***prediçãologit***.

Na realidade, o acréscimo no índice renda para essas duas categorias decorre do fato de se tratar de municípios maiores, no quais o nível de renda *per capita* é maior. Por isso, a *dummy3* apresenta um coeficiente maior (0.0486045) que a *dummy2* (0.0188092), pois as capitais fazem parte da *dummy3*.

O mesmo ocorre com a variação do índice renda (**varenda** = irenda00 – irenda91), em que o **irenda91** e a **prediçãologit** são as variáveis explicativas, bem como a **dummy2** e a **dummy3**. Contudo, o nível inicial da renda apresenta uma relação negativa com o nível de variação da renda entre os anos de 1991 e 2000, conforme se vê nos dados da Tabela 14.

Tabela 14 - Regressão Linear da Variação do Índice Renda entre 1991 e 2000 (varenda) com ipart, invest9000capita, prediçãologit e dummies

```
regress varenda irenda91 ipart prediçãologit invest9000capita dummy1 dummy2
> dummy3, beta
```

Source	SS	df	MS		
Model	.154556198	7	.022079457	Number of obs =	209
Residual	.145019103	201	.000721488	F(7, 201) =	30.60
Total	.299575302	208	.001440266	Prob > F =	0.0000
				R-squared =	0.5159
				Adj R-squared =	0.4991
				Root MSE =	.02686

varenda	Coef.	Std. Err.	t	P> t	Beta
irenda91	-.3148544	.032555	-9.67	0.000	-.7343906
ipart	-.0014456	.0013834	-1.04	0.297	-.0525372
prediçãologit	-.0510448	.0140201	-3.64	0.000	-.2848395
invest9000capita	-4.83e-06	5.38e-06	-0.90	0.370	-.044854
dummy1	.0079018	.0074086	1.07	0.287	.0585537
dummy2	.0204525	.0058915	3.47	0.001	.1867474
dummy3	.0537082	.0123329	4.35	0.000	.342621
_cons	.0917763	.0106076	8.65	0.000	.

Legenda: irenda91 – índice renda de 1991; ipart – índice de participação; prediçãologit – variável proxy, que faz a predição para a variável prodetur (se tem prodetur ou não); invest9000capita – total do investimento público municipal per capita entre 1990 e 2000; dummy1 – municípios com potencial turístico com PRODETUR I/NE até 2000; dummy2 – municípios turísticos sem PRODETUR I/NE até 2000; dummy3 – municípios turísticos com PRODETUR I/NE até 2000.

Com relação ao índice infância de 2000 e à sua variação entre 1991 e 2000, não foi possível fazer nenhuma inferência. Apesar de as variáveis investimento municipal *per capita* e participação social apresentarem *p-value* baixos e R2 expressivos, nenhuma das regressões apresentou-se homoscedástica e/ou com distribuição normal. Portanto, não são regressões confiáveis, conforme Anexo 3.

No caso do índice educação de 2000 e de sua variação entre 1991 e 2000, também não foi possível caracterizar qualquer relação. As transferências estaduais se mostraram significativas, com *p-value* baixos e R2 elevados, e mesmo regressões homoscedásticas. Todavia, por não apresentarem distribuição normal, optou-se por não utilizá-las, pois não são regressões confiáveis, de acordo com Anexo 3.

Com relação ao índice habitação de 2000 (*habit00*), a participação social (**ipart**) e as transferências federais *per capita* não apresentam relação em qualquer regressão, havendo *p-value* muito elevados em todas elas.

O investimento público municipal *per capita* tem capacidade explicativa apenas para o período de 1995 a 2000, juntamente com o índice habitação de 1991 (*habit91*), que é a variável explicativa mais importante, segundo a Tabela 15.

Tabela 15 – Regressão Linear do Índice Habitação de 2000, com *habit91*, *ipart*, *prediçãologit*, *toinvcapita9500* e *dummies*

```
. regress habit00 habit91 ipart prediçãologit toinvcapita9500 dummy1 dummy2
> dummy3, beta
```

Source	SS	df	MS		
Model	2.58411512	7	.369159303	Number of obs =	200
Residual	1.11934785	192	.005829937	F(7, 192) =	63.32
Total	3.70346297	199	.018610367	Prob > F =	0.0000
				R-squared =	0.6978
				Adj R-squared =	0.6867
				Root MSE =	.07635

	Coef.	Std. Err.	t	P> t	Beta
habit91	.7211381	.0396918	18.17	0.000	.7958075
ipart	-.0014452	.0040777	-0.35	0.723	-.0143686
prediçãologit	-.0753289	.0382844	-1.97	0.051	-.1185995
toinvcapita9500	.0000063	.0000029	2.17	0.031	.0874286
dummy1	.0054043	.0217771	0.25	0.804	.0107744
dummy2	.0336261	.0162103	2.07	0.039	.0882353
dummy3	.0837809	.0344023	2.44	0.016	.1517813
_cons	.229807	.0209655	10.96	0.000	.

Legenda: *ihabit91* – índice habitação de 1991; *ipart* – índice de participação; *prediçãologit* – variável proxy, que faz a predição para a variável *prodetur* (se tem *prodetur* ou não); *toinvcapita9500* – total do investimento público municipal *per capita* entre 1995 e 2000; *dummy1* – municípios com potencial turístico com PRODETUR I/NE até 2000; *dummy2* – municípios turísticos sem PRODETUR I/NE até 2000; *dummy3* – municípios turísticos com PRODETUR I/NE até 2000.

A predição do PRODETUR I/NE possui uma relação negativa com o índice habitação de 2000. De acordo com o coeficiente de regressão, para cada aumento unitário no PRODETUR I/NE há uma redução no índice de habitação de 2000 em 0.0753289.

A *dummy2* e a *dummy3* apresentam uma relação positiva com o índice habitação de 2000. Da mesma forma que o índice renda, isso ocorre porque os municípios turísticos são os municípios maiores, que, apesar de deficientes em termos saneamento, são mais bem servidos do que os municípios com potencial turístico.

Com relação às transferências estaduais per capita, o período de 1995 a 2000 têm relação positiva com o índice habitação de 2000, com *p-value* de 0.018. Mais uma vez o índice habitação de 1991 é a variável explicativa mais relevante na regressão, conforme a Tabela 16.

Tabela 16 - Regressão Linear do Índice Habitação de 2000, com habit91, ipart, prediçãologit, ttrantribest9500capita e dummies

```
. regress habit00 habit91 ipart prediçãologit ttrantribest9500capita dummy1
> dummy2 dummy3, beta
```

Source	SS	df	MS		
Model	1.47755479	7	.211079256	Number of obs =	114
Residual	.650276063	106	.00613468	F(7, 106) =	34.41
Total	2.12783086	113	.018830362	Prob > F =	0.0000
				R-squared =	0.6944
				Adj R-squared =	0.6742
				Root MSE =	.07832

	Coef.	Std. Err.	t	P> t	Beta
habit00					
habit91	.685165	.0532849	12.86	0.000	.765053
ipart	-.0008452	.0056682	-0.15	0.882	-.0083466
prediçãologit	-.0851203	.048671	-1.75	0.083	-.152778
t9500capita	.0000294	.0000123	2.40	0.018	.1302842
dummy1	-.0234573	.0325528	-0.72	0.473	-.0412191
dummy2	.0254414	.0211536	1.20	0.232	.0693998
dummy3	.0930452	.04381	2.12	0.036	.1926592
_cons	.2554223	.0271997	9.39	0.000	.

Legenda: habit91 – índice habitação de 1991; ipart – índice de participação; prediçãologit – variável proxy, que faz a predição para a variável prodetur (se tem prodetur ou não); ttrantribest9500capita – total das transferências tributárias estaduais per capita entre 1995 e 2000; dummy1 – municípios com potencial turístico com PRODETUR I/NE até 2000; dummy2 – municípios turísticos sem PRODETUR I/NE até 2000; dummy3 – municípios turísticos com PRODETUR I/NE até 2000.

A **predição**logit continua significativa em uma relação negativa com o índice habitação. Em termo de *dummies*, apenas a **dummy3** responde nessa regressão com as transferências estaduais.

Nas regressões para a variação no índice habitação (**varhab**) entre os períodos de 1991 a 2000, a participação social (**ipart**) continua não apresentando nenhuma relação com a variável dependente, assim como as transferências federais.

Os investimentos públicos municipais per capita entre 1995 a 2000 respondem positivamente, com *p-value* 0.031. Entretanto, R2 é muito pequeno (0,24), demonstrando pouca capacidade explicativa das variáveis independentes, segundo a Tabela 17.

Tabela 17 – Regressão Linear da Variação do Índice Habitação entre os anos de 1991 e 2000, com habit91, ipart, prediçãologit, toinvcapita9500 e dummies

```
. regress varhab habit91 ipart prediçãologit toinvcapita9500 dummy1 dummy2 d
> ummy3, beta
```

Source	SS	df	MS		
Model	.362322922	7	.051760417	Number of obs =	200
Residual	1.11934786	192	.005829937	F(7, 192) =	8.88
Total	1.48167078	199	.007445582	Prob > F =	0.0000
				R-squared =	0.2445
				Adj R-squared =	0.2170
				Root MSE =	.07635

varhab	Coef.	Std. Err.	t	P> t	Beta
habit91	-.2788619	.0396918	-7.03	0.000	-.4865271
ipart	-.0014452	.0040777	-0.35	0.723	-.0227165
prediçãolo~t	-.0753289	.0382844	-1.97	0.051	-.1875042
toinvca~9500	.000063	.000029	2.17	0.031	.1382234
dummy1	.0054043	.0217771	0.25	0.804	.0170341
dummy2	.0336261	.0162103	2.07	0.039	.1394989
dummy3	.0837809	.0344023	2.44	0.016	.2399642
_cons	.229807	.0209655	10.96	0.000	.

Legenda: habit91 – índice habitação de 1991; ipart – índice de participação; prediçãologit – variável proxy, que faz a predição para a variável prodetur (se tem prodetur ou não); toinvcapita9500 – total de investimentos públicos municipais per capita entre 1995 e 2000; dummy1 – municípios com potencial turístico com PRODETUR I/NE até 2000; dummy2 – municípios turísticos sem PRODETUR I/NE até 2000; dummy3 – municípios turísticos com PRODETUR I/NE até 2000.

As transferências estaduais per capita respondem para 1995 a 2000, assim como os investimentos públicos municipais. O índice habitação de 1991 é a variável explicativa mais importante, com uma relação negativa, indicando que quanto mais elevado o nível inicial do índice habitação mais difícil é uma variação no mesmo.

A **prediçãoologit** mantém a relação negativa com a variação no índice habitação. A relação com as *dummies*, demonstra que a passagem da categoria de referência (municípios com potencial turístico sem PRODETUR I/NE) para os municípios turísticos (com ou sem PRODETUR I/NE) eleva o a variação no índice habitação entre 1991 e 2000, talvez porque esteja havendo mais investimentos no setor de saneamento nesses municípios, como sugere a regressão na Tabela 18.

Tabela 18 - Regressão Linear da Variação do Índice Habitação entre os anos de 1991 e 2000, com habit91, ipart, prediçãoologit, ttranstribest9500 e dummies

```
. regress varhab habit91 ipart prediçãoologit ttranstribest9500capita dummy1
> dummy2 dummy3, beta
```

Source	SS	df	MS		
Model	.270490776	7	.038641539	Number of obs =	114
Residual	.650276066	106	.00613468	F(7, 106) =	6.30
Total	.920766842	113	.008148379	Prob > F =	0.0000
				R-squared =	0.2938
				Adj R-squared =	0.2471
				Root MSE =	.07832

varhab	Coef.	Std. Err.	t	P> t	Beta
habit91	-.314835	.0532849	-5.91	0.000	-.5344081
ipart	-.0008452	.0056682	-0.15	0.882	-.0126883
prediçãoologit	-.0851203	.048671	-1.75	0.083	-.2322493
ttranstribest9500capita	.0000294	.0000123	2.40	0.018	.1980548
dummy1	-.0234573	.0325528	-0.72	0.473	-.0626603
dummy2	.0254414	.0211536	1.20	0.232	.1054999
dummy3	.0930452	.04381	2.12	0.036	.2928758
_cons	.2554223	.0271997	9.39	0.000	.

Legenda: habit91 – índice habitação de 1991; ipart – índice de participação; prediçãoologit – variável proxy, que faz a predição para a variável prodetur (se tem prodetur ou não); ttranstribest9500capita – total de transferências tributárias estaduais per capita entre 1995 e 2000; dummy1 – municípios com potencial turístico com PRODETUR I/NE até 2000; dummy2 – municípios turísticos sem PRODETUR I/NE até 2000; dummy3 – municípios turísticos com PRODETUR I/NE até 2000.

Com relação ao índice longevidade de 2000 (**longev00**), a participação social (**ipart**), a **prediçãoologit**, e as transferências estaduais e federais não respondem em nenhuma regressão, somente o investimento público municipal *per capita* responde. Contudo, as regressões com investimentos públicos não passaram nos testes de distribuição normal.

A regressão da variação do índice longevidade (**varlong** = longev00 – longev91) entre os anos de 1991 e 2000, também não apresenta relação com a participação social (**ipart**), a

prediçãologit e as transferências federais. As transferências estaduais também não apresentaram relação com a variação do índice longevidade.

Apenas o investimento público municipal per capita entre 1990 e 2000 mostrou alguma relação com a variação no índice longevidade, com regressão homoscedástica e distribuição normal. Entretanto, o R2 foi muito baixo (0,19) apresentando uma regressão com pouca capacidade explicativa, conforme Tabela 19.

Tabela 19 – Regressão da Variação do Índice Longevidade entre os anos de 1991 e 2000, com longev91, ipart, prediçãologit, invest9000capita e dummies

```
regress varlong longev91 ipart prediçãologit invest9000capita dummy1 dummy2 d
> ummy3, beta
```

Source	SS	df	MS		
Model	.419045163	7	.059863595	Number of obs =	209
Residual	1.72010626	201	.008557743	F(7, 201) =	7.00
Total	2.13915142	208	.010284382	Prob > F =	0.0000
				R-squared =	0.1959
				Adj R-squared =	0.1679
				Root MSE =	.09251

varlong	Coef.	Std. Err.	t	P> t	Beta
longev91	-.2020122	.0388128	-5.20	0.000	-.3667723
ipart	.0023584	.0047887	0.49	0.623	.0320751
prediçãolo~t	.0325368	.0450258	0.72	0.471	.0679447
invest9000~a	.0000449	.0000188	2.39	0.018	.1559016
dummy1	-.0163299	.0251934	-0.65	0.518	-.0452839
dummy2	.0136818	.0199087	0.69	0.493	.0467504
dummy3	-.0504187	.0395203	-1.28	0.204	-.1203642
_cons	.149226	.0223362	6.68	0.000	.

Legenda: longev91 – índice longevidade de 1991; ipart – índice de participação; prediçãologit – variável proxy, que faz a predição para a variável prodetur (se tem prodetur ou não); invest9000capita – total do investimento público municipal per capita entre 1990 e 2000; dummy1 – municípios com potencial turístico com PRODETUR I/NE até 2000; dummy2 – municípios turísticos sem PRODETUR I/NE até 2000; dummy3 – municípios turísticos com PRODETUR I/NE até 2000.

De acordo com a metodologia apresentada, buscou-se enriquecer o estudo com o método de análise de correspondências múltiplas. Para tanto, categorizou-se as variáveis utilizadas por meio dos 1º, 3º e 4º percentis, classificando-as em níveis baixo, médio e alto.

Para as análises, as variáveis que passaram por essa categorização foram a variação do índice de desenvolvimento entre os anos 1991 e 2000 (ICVPOS), os investimentos municipais públicos *per capita* de 1995 a 2000 (INVPOS), as transferências tributárias

estaduais *per capita* de 1995 a 2000 (TRANSESTPOS), a variação do índice renda entre 1991 e 2000 (VIRENDAPOS), a variação do índice educação entre os anos de 1991 e 2000 (VIEDUCPOS), a variação do índice infância entre os anos de 1991 e 2000 (VINFANPOS), a variação do índice habitação entre os anos de 1991 e 2000 (VIHABITPOS) e a variação do índice longevidade entre os anos de 1991 e 2000.

No caso das variáveis que qualificam os municípios como turísticos ou com potencial turístico (*tur*), bem como as variáveis que os qualificam como beneficiados ou não do PRODETUR I/NE (*prodetursn*), foi feito uma nova variável, a PRODTUR, composta de quatro categorias: municípios com potencial turístico sem PRODETUR I/NE – PRODTUR_1; municípios turísticos sem PRODETUR I/NE – PRODTUR_2; municípios com potencial turístico com PRODETUR I/NE – PRODTUR_3; municípios turísticos com PRODETUR I/NE – PRODTUR_4. Nesses termos, as variáveis ficam distribuídas nas categorias como apresentadas no Quadro 6.

Variáveis	Categorias
Varição do Índice de Desenvolvimento entre 1991 e 2000 (<i>varicv</i>)	ICVPOS_1 Variação Baixa ICVPOS_2 Variação Média ICVPOS_3 Variação Alta
Investimento Público Municipal per Capita de 1995 a 2000 (<i>toinvcapita9500</i>)	INVPOS_1 Investimento Baixo INVPOS_2 Investimento Médio INVPOS_3 Investimento Alto
Transferências Tributárias Estaduais de 1995 a 2000 (<i>ttrantribest9500capita</i>)	TRANSESTPOS_1 Transferência Baixa TRANSESTPOS_2 Transferência Média TRANSESTPOS_3 Transferência Alta
Turístico ou com potencial turístico/com ou sem PRODETUR I/NE (<i>tur / prodetursn</i>)	PRODTUR_1 <i>tur</i> = 0 <i>prodetursn</i> = 0 PRODTUR_2 <i>tur</i> = 0 <i>prodetursn</i> = 1 PRODTUR_3 <i>tur</i> = 1 <i>prodetursn</i> = 0 PRODTUR_4 <i>tur</i> = 1 <i>prodetursn</i> = 1
Varição do Índice Renda entre 1991 e 2000 (<i>varenda</i>)	VIRENDAPOS_1 Variação Baixa VIRENDAPOS_2 Variação Média VIRENDAPOS_3 Variação Alta
Varição do Índice Educação entre 1991 e 2000 (<i>varied</i>)	VIEDUCPOS_1 Variação Baixa VIEDUCPOS_2 Variação Média VIEDUCPOS_3 Variação Alta
Varição do Índice Infância entre 1991 e 2000 (<i>varinf</i>)	VINFANPOS_1 Variação Baixa VINFANPOS_2 Variação Média VINFANPOS_3 Variação Alta
Varição do Índice Habitação entre 1991 e 2000 (<i>varhab</i>)	VIHABITPOS_1 Variação Baixa VIHABITPOS_2 Variação Média VIHABITPOS_3 Variação Alta
Varição do Índice Longevidade entre 1991 e 2000 (<i>varlong</i>)	VILONGEVPOS_1 Variação Baixa VILONGEVPOS_2 Variação Média VILONGEVPOS_3 Variação Alta

Quadro 6 – Categorização das Variáveis para Análise de Correspondências Múltiplas

O cálculo para a categorização das variáveis por meio dos percentis está no Anexo 4. Cabe ressaltar que, foram feitas seis análises de correspondências, a partir das variáveis citadas, pois, optou-se por trabalhar os índices que compõem o índice de desenvolvimento (renda, infância, educação, habitação e longevidade) separadamente, seguindo o mesmo procedimento das regressões. Nesses termos, não foi necessário recalcular alguns perfis que se repetiam, por isso só aparecem e são interpretados apenas uma vez, que é o caso dos perfis compostos pelas variáveis PRODTUR/INVPOS, PRODTUR/TRANSESTPOS e INVPOS/TRANSESTPOS.

Além disso, é importante observar que para a análise de correspondências é necessário que a tabela com as variáveis não contenha *missing values*. Diante da falta de informação, principalmente sobre transferências estaduais, o número de municípios analisados foi reduzido para 136. Apesar disso, não se inviabiliza a análise, já que estão representados todos os estados, bem como os quatro grupos trabalhados (municípios turísticos com e sem PRODETUR I/NE e os municípios com potencial turístico com e sem PRODETUR I/NE). Somado a isso, a análise de correspondência é utilizada aqui como um complemento ao estudo, não sendo e nem podendo ser um método de comparação de resultados com as regressões, apesar de muitos dos resultados serem compatíveis, reforçando as conclusões. Cabe esclarecer que a primeira linha da tabela corresponde ao número de observações, a segunda linha trata-se do perfil de linha e a terceira linha refere-se ao perfil de coluna, em cada associação das categorias.

De acordo com a Tabela 20, percebe-se, pelo perfil de coluna, uma concentração dos municípios entre os com potencial turístico sem PRODETUR I/NE (69,12%), independente do nível de investimento. Se for agregado a estes municípios, os municípios turísticos sem PRODETUR I/NE, chega-se a 85,30% dos municípios pesquisados. Nesses termos, verifica-se a pouca extensão do programa, com atuações pontuais, que atingiram menos de 15% dos municípios turísticos e com potencial turístico analisados da região Nordeste.

Tabela 20 - Perfil de Linha e Perfil de Coluna da Variável PRODTUR E INVPOS

PRODTUR	POSICAO DE toinvcapita9500			Total
	toinvcapitB	toinvcapitM	toinvcapitA	
1	19	49	26	94
	20.21	52.13	27.66	100.00
	55.88	72.06	76.47	69.12
	13.97	36.03	19.12	69.12
2	3	4	1	8
	37.50	50.00	12.50	100.00
	8.82	5.88	2.94	5.88
	2.21	2.94	0.74	5.88
3	9	9	4	22
	40.91	40.91	18.18	100.00
	26.47	13.24	11.76	16.18
	6.62	6.62	2.94	16.18
4	3	6	3	12
	25.00	50.00	25.00	100.00
	8.82	8.82	8.82	8.82
	2.21	4.41	2.21	8.82
Total	34	68	34	136
	25.00	50.00	25.00	100.00
	100.00	100.00	100.00	100.00
	25.00	50.00	25.00	100.00

Pearson chi2(6) = 5.2128 Pr = 0.517

Dentre os municípios que receberam recursos, 8,82% eram turísticos e 5,88% com potencial turístico. Portanto, o Programa segue a política federal, do período, de priorizar os municípios com a atividade consolidada.

No que concerne ao perfil de linha, verifica-se uma concentração dos municípios no nível médio de investimento municipal público per capita, independente da sua categoria PRODTUR. Destacam-se apenas os municípios PRODTUR_2 (37,50%) e PRODTUR_3 (40,91%), que apresentaram um nível baixo de investimento, na segunda concentração de seus municípios.

Com relação as variáveis PRODTUR e TRANSESTPOS, o perfil de linha é exatamente o mesmo da tabela anterior, já que se trata da mesma distribuição entre as categorias do PRODTUR, conforme os dados da Tabela 21.

Tabela 21 - Perfil de Linha e Perfil de Coluna da Variável PRODTUR E TRANSESTPOS

PRODTUR	POSICAO DE			Total
	ttranstriB	ttranstriM	ttranstriB	
1	30	46	18	94
	31.91	48.94	19.15	100.00
	88.24	67.65	52.94	69.12
	22.06	33.82	13.24	69.12
2	1	5	2	8
	12.50	62.50	25.00	100.00
	2.94	7.35	5.88	5.88
	0.74	3.68	1.47	5.88
3	2	13	7	22
	9.09	59.09	31.82	100.00
	5.88	19.12	20.59	16.18
	1.47	9.56	5.15	16.18
4	1	4	7	12
	8.33	33.33	58.33	100.00
	2.94	5.88	20.59	8.82
	0.74	2.94	5.15	8.82
Total	34	68	34	136
	25.00	50.00	25.00	100.00
	100.00	100.00	100.00	100.00
	25.00	50.00	25.00	100.00

Pearson chi2(6) = 14.1897 Pr = 0.028

No que tange ao perfil de coluna, os dados da Tabela 21 mostram que uma semelhança com relação ao investimento, com uma concentração no nível médio de transferências tributárias estaduais para os três primeiros grupos de municípios, demonstrando uma correlação entre investimentos e transferências, já verificada nas regressões. A única exceção são os municípios turísticos com PRODETUR I/NE (PRODTUR_4), que se concentram mais no nível alto de transferências (58,33%). Isso ocorre porque nessa categoria estão as capitais e grandes municípios, capazes de gerar grande volumes de tributo (como ICMS), que retornam em maior quantidade, via transferências estaduais, já que são atrelados a capacidade do município de gerá-los. Ao contrário, os municípios com potencial turístico e sem PRODETUR I/NE (PRODTUR_1), que são municípios menores, apresentam sua segunda maior concentração no nível baixo de transferências estaduais (31,91%).

Reforçando a correlação entre os investimentos municipais e as transferências estaduais, a Tabela 22 mostra, no perfil de coluna, que o nível médio de transferência se concentra mais no nível médio de investimento (55,88%) e o nível alto de transferência se concentra no nível alto de investimento (55,88%). Apenas o nível baixo de transferência se concentra no nível médio de investimento (67,65%). No perfil de linha, os níveis baixo e médio de investimento municipal se concentram no nível médio de transferência, com 55,8% para cada um. A mesma relação ocorre com o nível alto de investimento, que se concentra no

nível alto de transferência (55,8%). Isso significa que as transferências estaduais são significativas para os investimentos municipais. É interessante observar que o nível baixo de transferência está concentrado mais no nível médio de investimento, ao passo que o nível baixo de investimento está concentrado no nível médio de transferências. Isso denota que os municípios do segundo grupo não estão conseguindo direcionar o recurso para o investimento, podendo estar associado a mau uso do recurso e/ou a altos custos com pessoal e/ou custos fixos.

Tabela 22 - Perfil de Linha e Perfil de Coluna da Variável INVPOS E TRANSESTPOS

POSICAO DE toinvcapita9500	POSICAO DE			Total
	ttranstriB	ttranstriM	ttranstriA	
toinvcapita9500 BAIXO	7	19	8	34
	20.59	55.88	23.53	100.00
	20.59	27.94	23.53	25.00
	5.15	13.97	5.88	25.00
toinvcapita9500 MEDIO	23	38	7	68
	33.82	55.88	10.29	100.00
	67.65	55.88	20.59	50.00
	16.91	27.94	5.15	50.00
toinvcapita9500 ALTO	4	11	19	34
	11.76	32.35	55.88	100.00
	11.76	16.18	55.88	25.00
	2.94	8.09	13.97	25.00
Total	34	68	34	136
	25.00	50.00	25.00	100.00
	100.00	100.00	100.00	100.00
	25.00	50.00	25.00	100.00

Pearson chi2(4) = 26.4706 Pr = 0.000

Com relação aos níveis de desenvolvimento (ICVPOS), os dados da Tabela 23 mostram que os municípios turísticos com PRODETUR I/NE (PRODTUR_4 – 58,33%) concentram-se no menor nível de variação no índice de desenvolvimento, o que não significa que estejam entre os municípios menos desenvolvidos, pelo contrário, como se verá mais adiante. A sua menor variação decorre justamente do seu alto nível de desenvolvimento, cuja variação depende de uma ‘esforço’ superior aos de nível mais baixo para que seja identificado em termos de índice. O mesmo se observa na regressão da Tabela 11, na qual o nível de desenvolvimento inicial (ICV91) apresenta uma correlação negativa com a variação do índice de desenvolvimento.

Tabela 23 - Perfil de Linha e Perfil de Coluna da Variável ICVPOS PRODTUR

POSICAO DE VAR ICV	PRODTUR				Total
	1	2	3	4	
VARICV BAIXO	20	3	4	7	34
	58.82	8.82	11.76	20.59	100.00
	21.28	37.50	18.18	58.33	25.00
	14.71	2.21	2.94	5.15	25.00
VARICV MEDIO	49	2	13	4	68
	72.06	2.94	19.12	5.88	100.00
	52.13	25.00	59.09	33.33	50.00
	36.03	1.47	9.56	2.94	50.00
VARICV ALTO	25	3	5	1	34
	73.53	8.82	14.71	2.94	100.00
	26.60	37.50	22.73	8.33	25.00
	18.38	2.21	3.68	0.74	25.00
Total	94	8	22	12	136
	69.12	5.88	16.18	8.82	100.00
	100.00	100.00	100.00	100.00	100.00
	69.12	5.88	16.18	8.82	100.00

Pearson chi2(6) = 10.8536 Pr = 0.093

Já os municípios turísticos e com potencial turístico, sem PRODETUR I/NE, estão mais concentrados no nível médio de variação do índice de desenvolvimento, com 59,09% e 52,13%, respectivamente, com tendência para a alta variação. Os municípios com potencial turístico e com PRODETUR I/NE (PRODTUR_2) possuem o mesmo percentual de municípios para a alta e a baixa variação do índice de desenvolvimento, com 37,50%.

De acordo com os dados da tabela 24, a partir do perfil de linha, denota-se que os níveis de variação do índice de desenvolvimento se concentram no nível médio de investimento. Contudo, ao se direcionar para a segunda maior concentração, o nível baixo de variação está no nível baixo de investimento (32,35%) e o nível alto de variação está no nível alto de investimento (38,24%). Dessa forma, percebe-se uma associação entre investimento e variação no desenvolvimento, como ocorreu na regressão correspondente (Tabela 11). A mesma associação de níveis ocorre no perfil de coluna.

Tabela 24 - Perfil de Linha e Perfil de Coluna da Variável ICVPOS INVPOS

POSICAO DE VAR ICV	POSICAO DE toinvcapita9500			Total
	toinvcapiB	toinvcapiM	toinvcapiA	
VARICV BAIXO	11	17	6	34
	32.35	50.00	17.65	100.00
	32.35	25.00	17.65	25.00
	8.09	12.50	4.41	25.00
VARICV MEDIO	18	35	15	68
	26.47	51.47	22.06	100.00
	52.94	51.47	44.12	50.00
	13.24	25.74	11.03	50.00
VARICV ALTO	5	16	13	34
	14.71	47.06	38.24	100.00
	14.71	23.53	38.24	25.00
	3.68	11.76	9.56	25.00
Total	34	68	34	136
	25.00	50.00	25.00	100.00
	100.00	100.00	100.00	100.00
	25.00	50.00	25.00	100.00

Pearson $\chi^2(4) = 5.6765$ Pr = 0.225

No caso da relação entre transferências estaduais e a variação do índice de desenvolvimento, não há qualquer associação específica, tanto no perfil de linha como no perfil de coluna, há uma concentração nos níveis de transferências no nível médio de variação do índice de desenvolvimento, assim como os níveis de variação do índice se concentram no nível médio de transferências, segundo os dados da Tabela 25. Considerando a relação entre a variação do índice e os investimentos municipais, pode-se dizer que a associação entre transferências estaduais e a variação do índice está ministrada pelo nível de investimento. Para que as transferências reflitam na variação do desenvolvimento é necessário que ela seja direcionada para o mesmo nível de investimento, o que nem sempre ocorre, conforme a Tabela 24.

Tabela 25 - Perfil de Linha e Perfil de Coluna da Variável ICVPOS TRANSESTPOS

POSICAO DE VAR ICV	POSICAO DE ttranstribest9500capita			Total
	ttranstriB	ttranstriM	ttranstriA	
VARICV BAIXO	9	15	10	34
	26.47	44.12	29.41	100.00
	26.47	22.06	29.41	25.00
	6.62	11.03	7.35	25.00
VARICV MEDIO	17	37	14	68
	25.00	54.41	20.59	100.00
	50.00	54.41	41.18	50.00
	12.50	27.21	10.29	50.00
VARICV ALTO	8	16	10	34
	23.53	47.06	29.41	100.00
	23.53	23.53	29.41	25.00
	5.88	11.76	7.35	25.00
Total	34	68	34	136
	25.00	50.00	25.00	100.00
	100.00	100.00	100.00	100.00
	25.00	50.00	25.00	100.00

Pearson $\chi^2(4) = 1.6765$ Pr = 0.795

Após o cálculo desses perfis, foi possível fazer os cálculos dos *eigenvalues*, das coordenadas e das contribuições de cada variável (Contribuição Absoluta) e de cada dimensão (Correlação Quadrada) para a análise de correspondências múltiplas das variáveis ICVPOS, INVPOS, TRANESTPOS, PRODTUR.

De acordo com a análise de correspondência, apenas duas dimensões foram necessárias, correspondendo a 84,7% da inércia dos componentes. Considerando a expressividade das duas dimensões e a regra de parcimônia estatística, que determina o uso do menor número possível de dimensões, conforme exposto na metodologia, não foi utilizada uma terceira dimensão.

De acordo com os *eigenvalues*, a dimensão 1 possui 0,033 da inércia e a dimensão 2 possui 0,013. Portanto, a dimensão 1 contribui com 60,3% dos componentes principais da inércia e a dimensão 2 com 24,4%.

A contribuição absoluta mostra como cada ponto contribui para determinar uma dimensão. As correlações ao quadrado provêm informações sobre quanto cada ponto é descrito por cada dimensão. Segundo a Tabela 26, a dimensão 1 é determinada pelo TRANSESTPOS_3 (0,3403), INVPOS_3 (0,2000), PRODTUR_4 (0,1193) e INVPOS_2 (0,1135). A dimensão 2 é determinada pelo INVPOS_1 (0,2063), INVPOS_3 (0,1558) e ICVPOS_3 (0,1416).

Tabela 26 – Contribuição Absoluta e Correlações ao Quadrado da Análise de Correspondência Múltiplas ICVPOS, INVPOS, TRANSESTPOS e PRODTUR

	Contribuição Absoluta		Correlações ao Quadrado		
	Dim1	Dim2	Dim1	Dim2	
ICVPO_1	0.0190	0.1071	ICVPO_1	0.1692	0.3870
ICVPO_2	0.0304	0.0012	ICVPO_2	0.6144	0.0098
ICVPO_3	0.0118	0.1416	ICVPO_3	0.1440	0.6998
PRODT_1	0.0275	0.0901	PRODT_1	0.4212	0.5602
PRODT_2	0.0007	0.0377	PRODT_2	0.0185	0.3956
PRODT_3	0.0051	0.0946	PRODT_3	0.0554	0.4171
PRODT_4	0.1193	0.0704	PRODT_4	0.6313	0.1511
INVPO_1	0.0009	0.2063	INVPO_1	0.0094	0.9187
INVPO_2	0.1135	0.0018	INVPO_2	0.9117	0.0058
INVPO_3	0.2000	0.1558	INVPO_3	0.7487	0.2365
TRANS_1	0.0929	0.0462	TRANS_1	0.6782	0.1369
TRANS_2	0.0388	0.0417	TRANS_2	0.5645	0.2457
TRANS_3	0.3403	0.0054	TRANS_3	0.9924	0.0064

As correlações ao quadrado mostram que a dimensão 1 determina a maioria das categorias, com exceção do PRODTUR_2 (0,0185), INVPOS_1 (0,0094). O ICVPOS_1, o PRODTUR_1 podem ser considerados como determinados pelas duas dimensões.

Determinadas as duas dimensões e a exposição gráfica dos pontos em função dessas dimensões, a análise de correspondências múltiplas revelam três grupos de categorias associadas, pela proximidade de seus pontos e suas distribuições ao longo das dimensões, segundo o Gráfico 6.

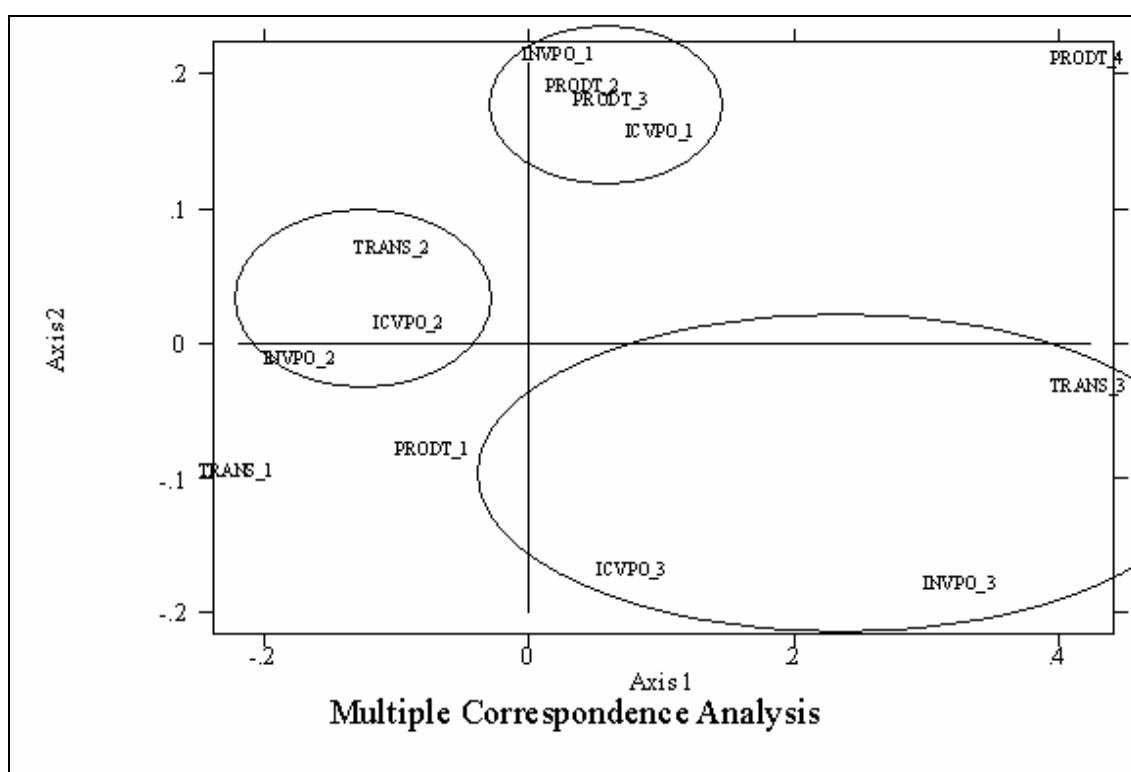


Gráfico 6- Análise de Correspondências Múltiplas ICVPOS, INVPOS, TRANSESTPOS e PRODTUR

Conforme o gráfico 6, foi possível associar em um primeiro grupo as categorias ICVPOS_3, com o INVPOS_3 e com as TRANSESTPOS_3. Em outro grupo estão associadas as categorias ICVPOS_1, com INVPOS_1, com PRODTUR_2 e com o PRODTUR_3. Em um terceiro grupo estão as categorias INVPOS_2, TRANSESTPOS_2 e ICVPOS_2.

De acordo com os grupos formados, tem-se que os níveis de variação do desenvolvimento estão associados diretamente com os níveis de investimento público

municipal per capita. Assim, quanto maior o nível de investimento maior o nível de variação no índice de desenvolvimento. Além disso, percebe-se que o maior nível de transferências também está relacionado aos altos níveis de investimento e desenvolvimento.

No caso do nível médio de variação do desenvolvimento e do nível médio de investimento municipal per capita, há uma associação tanto com as transferências de nível médio como baixo. Com relação aos municípios com PRODETUR I/NE não há uma associação que permita identificar uma tendência.

Apesar de não ser o propósito a comparação entre a regressão e a análise de correspondência, não se pode deixar de notar que em ambos os procedimentos confirmam-se a relação positiva entre a variação do índice de desenvolvimento e o investimento público municipal per capita de 1995 a 2000, conforme o Gráfico 6 e a Tabela 11.

Com relação à Tabela 27, percebe-se que há uma concentração dos municípios no PRODTUR_1, independente da variação do índice renda, isso ocorre porque é nessa categoria que está o maior número de municípios.

Tabela 27 - Perfil de Linha e Perfil de Coluna da Variável PRODTUR e VIRENDAPOS

PRODTUR	POSICAO DE varenda			Total
	varenda B	varenda M	varenda A	
1	17	53	24	94
	18.09	56.38	25.53	100.00
	50.00	77.94	70.59	69.12
	12.50	38.97	17.65	69.12
2	2	4	2	8
	25.00	50.00	25.00	100.00
	5.88	5.88	5.88	5.88
	1.47	2.94	1.47	5.88
3	7	10	5	22
	31.82	45.45	22.73	100.00
	20.59	14.71	14.71	16.18
	5.15	7.35	3.68	16.18
4	8	1	3	12
	66.67	8.33	25.00	100.00
	23.53	1.47	8.82	8.82
	5.88	0.74	2.21	8.82
Total	34	68	34	136
	25.00	50.00	25.00	100.00
	100.00	100.00	100.00	100.00
	25.00	50.00	25.00	100.00

Pearson chi2(6) = 15.6199 Pr = 0.016

Com relação ao perfil de linha, há uma concentração na variação média do índice renda, com exceção do PRODTUR_4, no qual há uma concentração maior no nível baixo de variação do índice renda (66,67%), mas com uma segunda variação no nível alto de variação

(25,0%). Isso não converge com a regressão da Tabela 14, que mostra pela dummy 3 um aumento da variação, quando se passa da categoria de referência para essa dummy 3, que corresponde ao PRODTUR_4, de acordo com a tabela. Talvez isso seja um reflexo do fato de eles receberem o PRODETUR I/NE, já que na regressão a predição do Programa apresentou uma correlação negativa com a variação do índice renda, que é equacionado separadamente, o que não ocorre na análise de correspondência.

Pela Tabela 28, verifica-se no perfil de coluna uma concentração do nível médio de variação do índice renda, independente do nível de investimento municipal. O mesmo ocorre no perfil de linha. Não podendo fazer uma associação clara da tendência entre investimento público municipal e variação no índice renda. O mesmo ocorre na regressão correspondente (Tabela 14)

Tabela 28 - Perfil de Linha e Perfil de Coluna da Variável VIRENDAPOS e INVPOS

POSICAO DE varenda	POSICAO DE toinvcapita9500			Total
	toinvcapib	toinvcapim	toinvcapia	
varenda BAIXO	8	16	10	34
	23.53	47.06	29.41	100.00
	23.53	23.53	29.41	25.00
	5.88	11.76	7.35	25.00
varenda MEDIO	15	38	15	68
	22.06	55.88	22.06	100.00
	44.12	55.88	44.12	50.00
	11.03	27.94	11.03	50.00
varenda ALTO	11	14	9	34
	32.35	41.18	26.47	100.00
	32.35	20.59	26.47	25.00
	8.09	10.29	6.62	25.00
Total	34	68	34	136
	25.00	50.00	25.00	100.00
	100.00	100.00	100.00	100.00
	25.00	50.00	25.00	100.00

Pearson chi2(4) = 2.5882 Pr = 0.629

As transferências estaduais seguem o mesmo perfil dos investimentos municipais, não podendo fazer nenhuma inferência sobre a associação das categorias utilizadas, conforme Tabela 29. O mesmo ocorre com as regressões que estão no Anexo 3, que nem foram utilizadas por não passarem nos testes de heteroscedasticidade e de distribuição normal.

Tabela 29 - Perfil de Linha e Perfil de Coluna da Variável VIRENDAPOS e TRANSESTPOS

POSICAO DE varenda	POSICAO DE			Total
	ttranstriB	ttranstriM	ttranstriA	
varenda BAIXO	4	17	13	34
	11.76	50.00	38.24	100.00
	11.76	25.00	38.24	25.00
	2.94	12.50	9.56	25.00
varenda MEDIO	18	36	14	68
	26.47	52.94	20.59	100.00
	52.94	52.94	41.18	50.00
	13.24	26.47	10.29	50.00
varenda ALTO	12	15	7	34
	35.29	44.12	20.59	100.00
	35.29	22.06	20.59	25.00
	8.82	11.03	5.15	25.00
Total	34	68	34	136
	25.00	50.00	25.00	100.00
	100.00	100.00	100.00	100.00
	25.00	50.00	25.00	100.00

Pearson chi2(4) = 7.4118 Pr = 0.116

Com relação ao eigenvalues, a dimensão 1 responde por 0,051 de inércia e a dimensão 2 de 0,010. Portanto, a dimensão 1 corresponde a 78,8% dos componentes principais da inércia e a dimensão 3 corresponde a 15,3%. Dado um total de 94,1% de inércia acumulada, optou-se por analisar apenas duas dimensões.

Conforme a Tabela 30, o cálculo da Contribuição Absoluta mostra que a dimensão 1 é determinada pelos pontos das categorias TRANSESTPOS_3 (0,2456), PRODTUR_4 (0,1690), VIRENDAPOS_1, INVPOS_3 (0,1067) e TRANSESTPOS_1 (0,1097). A dimensão 2 é determinada pelas categorias PRODTUR_3 (0,1878), INVPOS_3 (0,1771), INVPOS_1 (0,1654) e TRANSESTPOS_2 (0,1402). As Correlações ao Quadrado revelam que a dimensão 1 determina todas as variáveis, apesar das categorias INVPOS_3 e TRANSESTPOS_2 serem mais determinadas pela dimensão 2. As categorias INVPOS_1, INVPOS_2 e TRANESTPOS_3 também são determinadas pela dimensão 2.

Tabela 30 - Contribuição Absoluta e Correlações ao Quadrado da Análise de Correspondência Múltiplas VIRENDAPOS, INVPOS, TRANSESTPOS e PRODTUR

Contribuição Absoluta			Correlações ao Quadrado		
	Dim1	Dim2		Dim1	Dim2
VIREN_1	0.1511	0.0154	VIREN_1	0.9348	0.0186
VIREN_2	0.0595	0.0010	VIREN_2	0.9084	0.0029
VIREN_3	0.0019	0.0065	VIREN_3	0.1034	0.0676
INVPO_1	0.0033	0.1654	INVPO_1	0.0749	0.7338
INVPO_2	0.0737	0.0001	INVPO_2	0.8846	0.0002
INVPO_3	0.1067	0.1771	INVPO_3	0.7276	0.2347
TRANS_1	0.1097	0.0912	TRANS_1	0.8336	0.1347
TRANS_2	0.0135	0.1408	TRANS_2	0.3193	0.6473
TRANS_3	0.2456	0.0523	TRANS_3	0.9540	0.0395
PRODT_1	0.0461	0.0817	PRODT_1	0.7413	0.2556
PRODT_2	0.0000	0.0805	PRODT_2	0.0002	0.9974
PRODT_3	0.0199	0.1878	PRODT_3	0.3347	0.6134
PRODT_4	0.1690	0.0003	PRODT_4	0.9308	0.0004

Como já observado na análise dos perfis, o Gráfico 7 também não revela qualquer associação entre os investimentos municipais e a variação do índice renda. Essa falta de relação pode estar relacionada a composição do índice renda, que incorpora a distribuição de renda, pelo índice de Theil. Como se sabe, a alteração na distribuição renda no Brasil é muito difícil, estando atrelada mais a políticas nacionais estruturante. À exemplo disso, a previdência rural e o Bolsa Família foram apontadas como responsáveis na última pesquisa pela redução da concentração de renda no País. Além disso, a variação da renda depende muito de investimento privados, que gerem produção, estando mais associado a política macroeconômicas. Os investimentos municipais podem colaborar, mas não são determinantes.

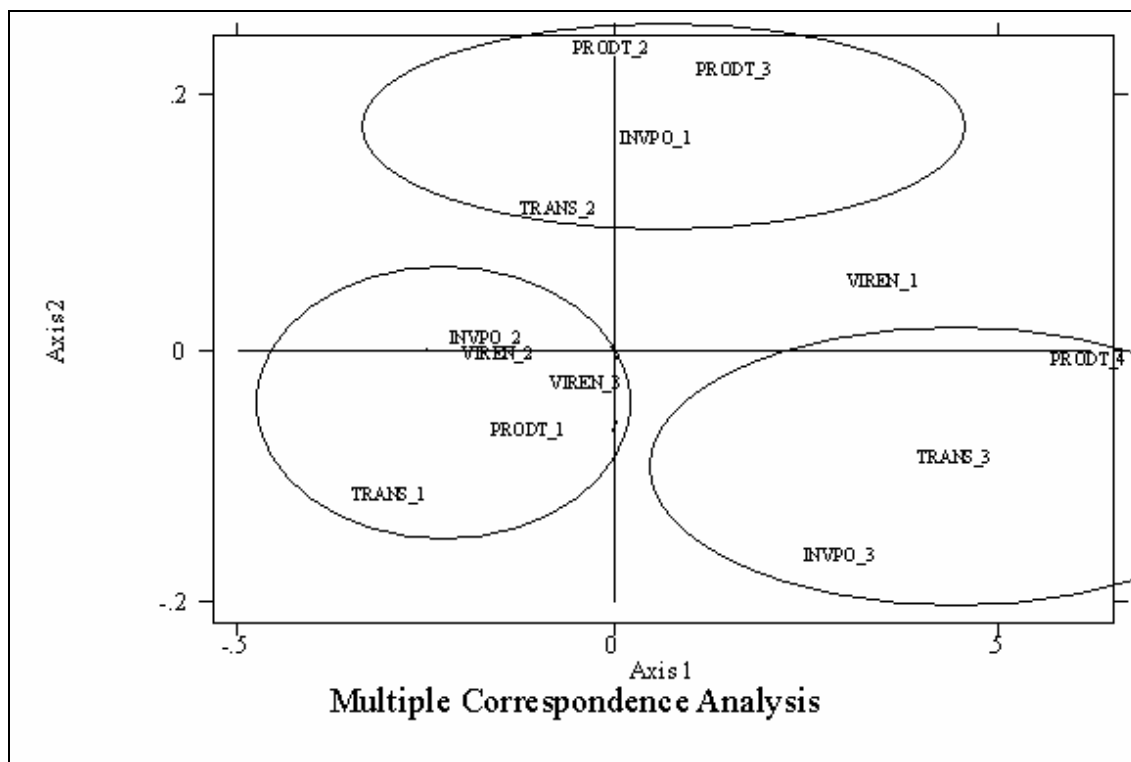


Gráfico 7 - Análise de Correspondências Múltiplas VARENDAPOS, INVPOS, TRANSESTPOS e PRODTUR

Para a análise de correspondências da variação do índice infância foi necessário calcular os perfis de linha e de coluna das variáveis VINFANPOS e PROTUR, VINFANPOS e INVPOS, e VINFANPOS e TRANSESTPOS.

De acordo com a Tabela 31, o perfil de coluna demonstra uma concentração da para todos os níveis de variação do índice infância no PRODTUR_1, isso já era esperado, por ser a categoria com maior quantidade de municípios. Com relação ao perfil de linha, os municípios turísticos (PRODTUR_3 e PRODTUR_4) apresentaram uma maior concentração no nível baixo de variação do índice infância, e os municípios potencialmente turísticos (PRODTUR_1 e PRODTUR_2) se concentraram no nível médio de variação do índice. Isso não significa um nível mais baixo no índice infância, na realidade os municípios turísticos apresentam um nível mais elevado para o índice infância, o que dificulta sua alteração de forma significativa, necessitando de grandes mudanças quantitativas nos indicadores que o compõe, para que se tenha um reflexo no índice sintético. Os próprios indicadores precisam de um volume absoluto mais expressivo, para que possa ser impactado.

Tabela 31 - Perfil de Linha e Perfil de Coluna das Variáveis PRODTUR e VINFANPOS

PRODTUR	POSICAO DE varinf			Total
	varinf BA	varinf ME	varinf AL	
1	16	52	26	94
	17.02	55.32	27.66	100.00
	47.06	76.47	76.47	69.12
	11.76	38.24	19.12	69.12
2	2	5	1	8
	25.00	62.50	12.50	100.00
	5.88	7.35	2.94	5.88
	1.47	3.68	0.74	5.88
3	9	7	6	22
	40.91	31.82	27.27	100.00
	26.47	10.29	17.65	16.18
	6.62	5.15	4.41	16.18
4	7	4	1	12
	58.33	33.33	8.33	100.00
	20.59	5.88	2.94	8.82
	5.15	2.94	0.74	8.82
Total	34	68	34	136
	25.00	50.00	25.00	100.00
	100.00	100.00	100.00	100.00
	25.00	50.00	25.00	100.00

Pearson chi2(6) = 15.0021 Pr = 0.020

No caso da relação entre investimento municipal e variação no índice infância, há uma concentração no nível médio tanto no perfil de linha como no de coluna, segundo Tabela 32. Mas com relação ao nível médio e alto da variação do índice, a segunda maior concentração é no nível alto de investimento, já o nível baixo de variação a segunda maior concentração é no nível baixo de investimento. O mesmo ocorre com relação a variação do nível de investimento médio e alto, se concentrando no nível alto de variação do índice infância. Apesar de não ser uma associação direta, pode-se dizer que há uma tendência a uma maior variação do índice com níveis mais altos de investimento. O mesmo não pode ser concluído na regressão, mesmo tendo um p-value pequeno e R2 alto, as regressões correspondentes não passaram nos testes (Anexo 3).

Tabela 32 - Perfil de Linha e Perfil de Coluna das Variáveis VINFANPOS e INVPOS

POSICAO DE varinf	POSICAO DE toinvcapita9500			Total
	toinvcapiB	toinvcapiM	toinvcapiA	
varinf BAIXO	14	15	5	34
	41.18	44.12	14.71	100.00
	41.18	22.06	14.71	25.00
	10.29	11.03	3.68	25.00
varinf MEDIO	14	32	22	68
	20.59	47.06	32.35	100.00
	41.18	47.06	64.71	50.00
	10.29	23.53	16.18	50.00
varinf ALTO	6	21	7	34
	17.65	61.76	20.59	100.00
	17.65	30.88	20.59	25.00
	4.41	15.44	5.15	25.00
Total	34	68	34	136
	25.00	50.00	25.00	100.00
	100.00	100.00	100.00	100.00
	25.00	50.00	25.00	100.00

Pearson chi2(4) = 9.2941 Pr = 0.054

No caso das transferências, também há uma concentração dos níveis de transferências estaduais no nível médio de variação do índice infância, ocorrendo o mesmo com relação aos níveis de variação do índice, que se concentram no nível médio de transferência, de acordo com os dados da Tabela 33. Contudo, não acontece uma tendência de elevação do índice com aumento nas transferências, não podendo fazer nenhuma inferência.

Tabela 33 - Perfil de Linha e Perfil de Coluna das Variáveis VINFANPOS e TRANSESTPOS

POSICAO DE varinf	POSICAO DE ttranstribest9500capita			Total
	ttranstriB	ttranstriM	ttranstriA	
varinf BAIXO	7	18	9	34
	20.59	52.94	26.47	100.00
	20.59	26.47	26.47	25.00
	5.15	13.24	6.62	25.00
varinf MEDIO	17	31	20	68
	25.00	45.59	29.41	100.00
	50.00	45.59	58.82	50.00
	12.50	22.79	14.71	50.00
varinf ALTO	10	19	5	34
	29.41	55.88	14.71	100.00
	29.41	27.94	14.71	25.00
	7.35	13.97	3.68	25.00
Total	34	68	34	136
	25.00	50.00	25.00	100.00
	100.00	100.00	100.00	100.00
	25.00	50.00	25.00	100.00

Pearson chi2(4) = 3.0882 Pr = 0.543

Para o cálculo do *eigenvalues*, obteve-se 0,040 de inércia para dimensão 1 e 0,025 de inércia para a dimensão 2. Com as duas dimensões alcançou-se 96,8% da inércia, sendo que a

dimensão 1 corresponde a 59,9% dos componentes principais da inércia e a dimensão 2 corresponde a 36,9% dos componentes principais da inércia.

De acordo com a Contribuição Absoluta, a dimensão 1 é determinada pelas categorias TRANSESTPOS_3 (0,2415), PRODTUR_4 (0,1359), TRANSESTPOS_1 (0,1175) e INVPOS_2 (0,1139). A dimensão 2 é determinada pelas categorias INVPOS_3 (0,2364), VINFANPOS_1 (0,1671), INVPOS_1 (0,1283), PRODTUR_3 (0,1180) e VINFANPOS_2 (0,1074), conforme a Tabela 34. As Correlações ao Quadrado mostram que a dimensão 1 determina a maioria das categorias, com exceção da VINFANPOS_2 (0,0002). No caso das categorias VINFANPOS_1, INVPOS_1, INVPOS_3, TRANSESTPOS_2, PRODTUR_2 e PRODTUR_3, apesar de determinadas pela dimensão 1, a dimensão 2 possui uma determinação maior.

Tabela 34 - Contribuição Absoluta e Correlações ao Quadrado da Análise de Correspondência Múltiplas VINFANPOS, INVPOS, TRANSESTPOS e PRODTUR

	Contribuição Absoluta		Correlações ao Quadrado		
	Dim1	Dim2	Dim1	Dim2	
VINFA_1	0.0782	0.1671	VINFA_1	0.4236	0.5584
VINFA_2	0.0000	0.1074	VINFA_2	0.0002	0.9536
VINFA_3	0.0811	0.0030	VINFA_3	0.9336	0.0213
INVPO_1	0.0383	0.1283	INVPO_1	0.3220	0.6651
INVPO_2	0.1139	0.0082	INVPO_2	0.9416	0.0418
INVPO_3	0.0793	0.2364	INVPO_3	0.3502	0.6437
TRANS_1	0.1175	0.0061	TRANS_1	0.9318	0.0299
TRANS_2	0.0110	0.0722	TRANS_2	0.1888	0.7621
TRANS_3	0.2415	0.0911	TRANS_3	0.8106	0.1886
PRODT_1	0.0596	0.0475	PRODT_1	0.6701	0.3295
PRODT_2	0.0022	0.0112	PRODT_2	0.1018	0.3146
PRODT_3	0.0415	0.1180	PRODT_3	0.3478	0.6097
PRODT_4	0.1359	0.0034	PRODT_4	0.9023	0.0140

Segundo o Gráfico 8, não se percebe uma associação entre o nível de investimento e a variação do índice infância, que permita identificar uma relação. O mesmo ocorreu com as regressões ligadas à variação no índice infância como variável dependente, não sendo possível uma determinação entre esta variável e o investimento e/ou as transferências estaduais. Apenas a categoria de baixa variação do investimento está associada ao nível baixo de variação do índice infância. Considerando os componentes do índice infância, pode-se inferir que se trata de índice mais estrutural, dependente de políticas nacionais, capazes de alterar sua posição inicial. Além disso, os municípios turísticos estão distantes do nível alto de variação do índice infância, associação que já foi explicada anteriormente.

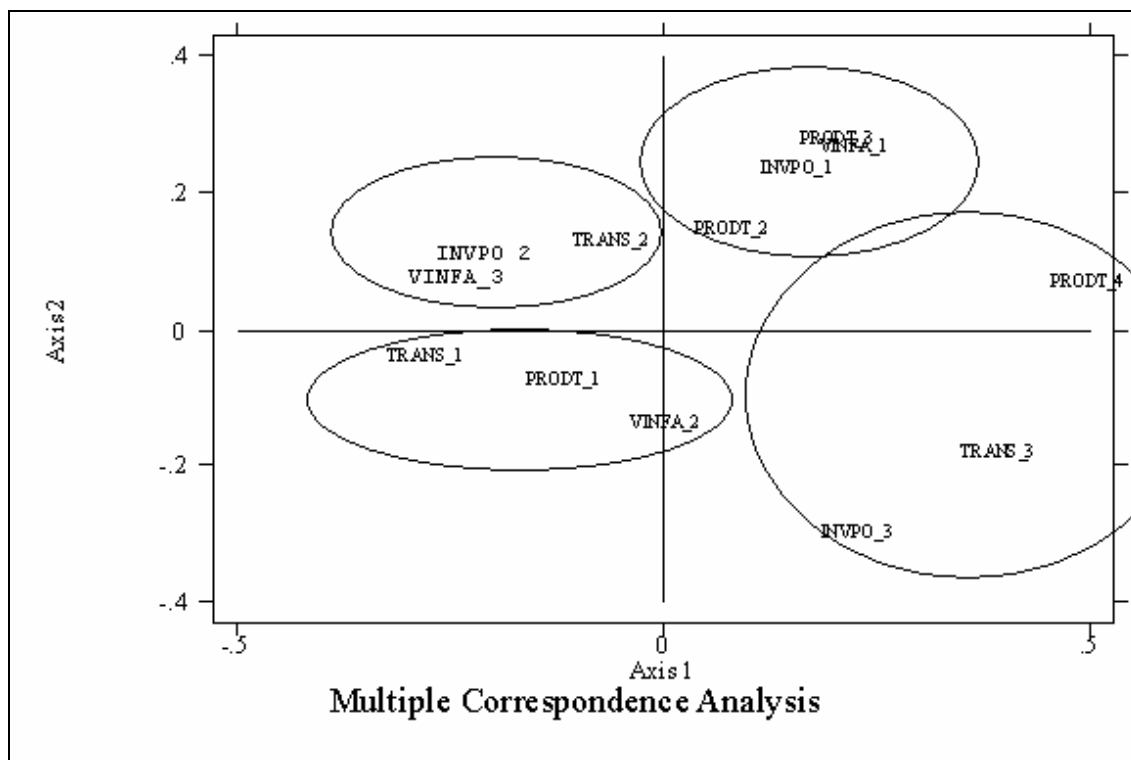


Gráfico 8 - Análise de Correspondências Múltiplas VINFANPOS, INVPOS, TRANSESTPOS e PRODTUR

Para a análise de correspondência com a variação do índice educação, foram calculados os perfis de linha e de coluna das variáveis VIEDUCPOS e PRODTUR, VIEDUCPOS e INVPOS, e VIEDUCPOS e TRANSESTPOS.

Com relação as variáveis VIEDUCPOS e PRODTUR, a tabela 35 mostra que no perfil de coluna, independente do nível de variação do índice educação, há uma concentração no PRODTUR_1. Com relação ao perfil de linha, não há uma associação que permita identificar uma relação, nem em termos de municípios turístico ou com potencial turístico, nem em termos de municípios beneficiados ou não pelo PRODETUR I/NE.

Tabela 35 - Perfil de Linha e Perfil de Coluna das Variáveis PRODTUR e VIEDUCPOS

PRODTUR	POSICAO DE varied			Total
	varied BA	varied ME	varied AL	
1	23	51	20	94
	24.47	54.26	21.28	100.00
	67.65	75.00	58.82	69.12
	16.91	37.50	14.71	69.12
2	1	3	4	8
	12.50	37.50	50.00	100.00
	2.94	4.41	11.76	5.88
	0.74	2.21	2.94	5.88
3	3	12	7	22
	13.64	54.55	31.82	100.00
	8.82	17.65	20.59	16.18
	2.21	8.82	5.15	16.18
4	7	2	3	12
	58.33	16.67	25.00	100.00
	20.59	2.94	8.82	8.82
	5.15	1.47	2.21	8.82
Total	34	68	34	136
	25.00	50.00	25.00	100.00
	100.00	100.00	100.00	100.00
	25.00	50.00	25.00	100.00

Pearson chi2(6) = 13.2587 Pr = 0.039

De acordo com os dados da Tabela 36, há uma concentração dos investimentos no nível médio de variação do índice educação, não havendo uma relação possível de ser identificada, no perfil de coluna. No caso do perfil linha, permanece a concentração das variações do índice educação no nível de investimento médio, também não sendo possível identificar uma relação. O mesmo ocorreu com as regressões correspondentes (Anexo 3).

Tabela 36 - Perfil de Linha e Perfil de Coluna das Variáveis VIEDUCPOS e INVPOS

POSICAO DE varied	POSICAO DE toinvcapita9500			Total
	toinvcapib	toinvcapim	toinvcapia	
varied BAIXO	9	22	3	34
	26.47	64.71	8.82	100.00
	26.47	32.35	8.82	25.00
	6.62	16.18	2.21	25.00
varied MEDIO	17	34	17	68
	25.00	50.00	25.00	100.00
	50.00	50.00	50.00	50.00
	12.50	25.00	12.50	50.00
varied ALTO	8	12	14	34
	23.53	35.29	41.18	100.00
	23.53	17.65	41.18	25.00
	5.88	8.82	10.29	25.00
Total	34	68	34	136
	25.00	50.00	25.00	100.00
	100.00	100.00	100.00	100.00
	25.00	50.00	25.00	100.00

Pearson chi2(4) = 10.1176 Pr = 0.038

No caso das transferências estaduais, a Tabela 37 mostra que o nível de transferência baixa está mais concentrado no nível baixo de variação do índice educação (41,18%). O nível médio de transferência está mais concentrado no nível médio de variação do índice educação (58,82%) e o nível alto de transferências está mais concentrado ao nível médio de variação (44,12%), mas com uma segunda concentração no nível alto de variação do índice educação (35,39%). No caso do perfil de coluna, ocorrem as mesmas associações. Portanto, pode-se inferir que há uma relação direta entre o nível de transferências estaduais e a variação do índice educação. Nas regressões correspondentes também foi identificada essa relação, mas como elas não passaram nos testes, optou-se por não utilizá-las.

Tabela 37 - Perfil de Linha e Perfil de Coluna das Variáveis VIEDUCPOS e TRANSESTPOS

POSICAO DE varied	POSICAO DE			Total
	ttranstriB	ttranstriM	ttranstriA	
varied BAIXO	14	13	7	34
	41.18	38.24	20.59	100.00
	41.18	19.12	20.59	25.00
	10.29	9.56	5.15	25.00
varied MEDIO	13	40	15	68
	19.12	58.82	22.06	100.00
	38.24	58.82	44.12	50.00
	9.56	29.41	11.03	50.00
varied ALTO	7	15	12	34
	20.59	44.12	35.29	100.00
	20.59	22.06	35.29	25.00
	5.15	11.03	8.82	25.00
Total	34	68	34	136
	25.00	50.00	25.00	100.00
	100.00	100.00	100.00	100.00
	25.00	50.00	25.00	100.00

Pearson $\chi^2(4) = 8.9412$ Pr = 0.063

Na análise de correspondências derivada dessas variáveis, obteve-se com duas dimensões um total de 90,0% dos componentes principais da inércia. Deste percentual, 65,1% correspondem a dimensão 1 e 24,9% correspondem a dimensão 2.

Conforme a Tabela 38, o cálculo da Contribuição Absoluta demonstra que a dimensão 1 é determinada pelos pontos das categorias TRANSESTPOS_3 (0,2521), INVPOS_3 (0,2100), INVPOS_2 (0,1313), TRANSESTPOS_1 (0,1230) e VIEDUCPOS_3 (0,1112). No caso da dimensão 2, as categorias mais determinantes foram PRODTUR_4 (0,2271), VIEDUCPOS_1 (0,2067), TRANSESTPOS_2 (0,1368) e VIEDUCPOS_2 (0,1137). As Correlações ao Quadrado informam que a dimensão 1 determina a maioria das categorias,

com exceção da VIEDUCPOS_2 e INVPOS_1. As categorias VIEDUCPOS_1, TRANSESTPO_2, PRODTUR_2, PRODTUR_3 e PRODTUR_4, apesar de serem determinadas pela dimensão 1, sofrem mais influência da dimensão 2.

Tabela 38 - Contribuição Absoluta e Correlações ao Quadrado da Análise de Correspondência Múltiplas VIEDUCPOS, INVPOS, TRANSESTPOS e PRODTUR

	Contribuição Absoluta		Correlações ao Quadrado		
	Dim1	Dim2		Dim1	Dim2
VIEDU_1	0.0722	0.2067	VIEDU_1	0.4429	0.4845
VIEDU_2	0.0021	0.1137	VIEDU_2	0.0397	0.8227
VIEDU_3	0.1112	0.0005	VIEDU_3	0.9639	0.0016
INVPO_1	0.0029	0.0378	INVPO_1	0.0663	0.3270
INVPO_2	0.1313	0.0028	INVPO_2	0.9909	0.0080
INVPO_3	0.2100	0.0145	INVPO_3	0.8788	0.0231
TRANS_1	0.1230	0.0721	TRANS_1	0.7927	0.1774
TRANS_2	0.0115	0.1368	TRANS_2	0.1731	0.7895
TRANS_3	0.2521	0.0648	TRANS_3	0.9094	0.0893
PRODT_1	0.0256	0.0007	PRODT_1	0.5763	0.0063
PRODT_2	0.0064	0.0247	PRODT_2	0.1945	0.2857
PRODT_3	0.0295	0.0979	PRODT_3	0.3585	0.4542
PRODT_4	0.0223	0.2271	PRODT_4	0.1714	0.6659

Segundo as posições relativas dos pontos e suas distribuições ao longo das dimensões, a disposição gráfica da análise de correspondência revelam uma associação entre os níveis de variação do índice educação e os respectivos níveis de transferências estaduais, conforme Gráfico 9. Essa associação pode ser explicada pela função que os governos estaduais têm sobre as escolas de ensino fundamental, principalmente de 5ª a 8ª séries, e do 2º grau. Essa relação foi detectada na regressão correspondente (Anexo 3), mas não foi considerada consistente, por não ter passado no teste de normalidade.

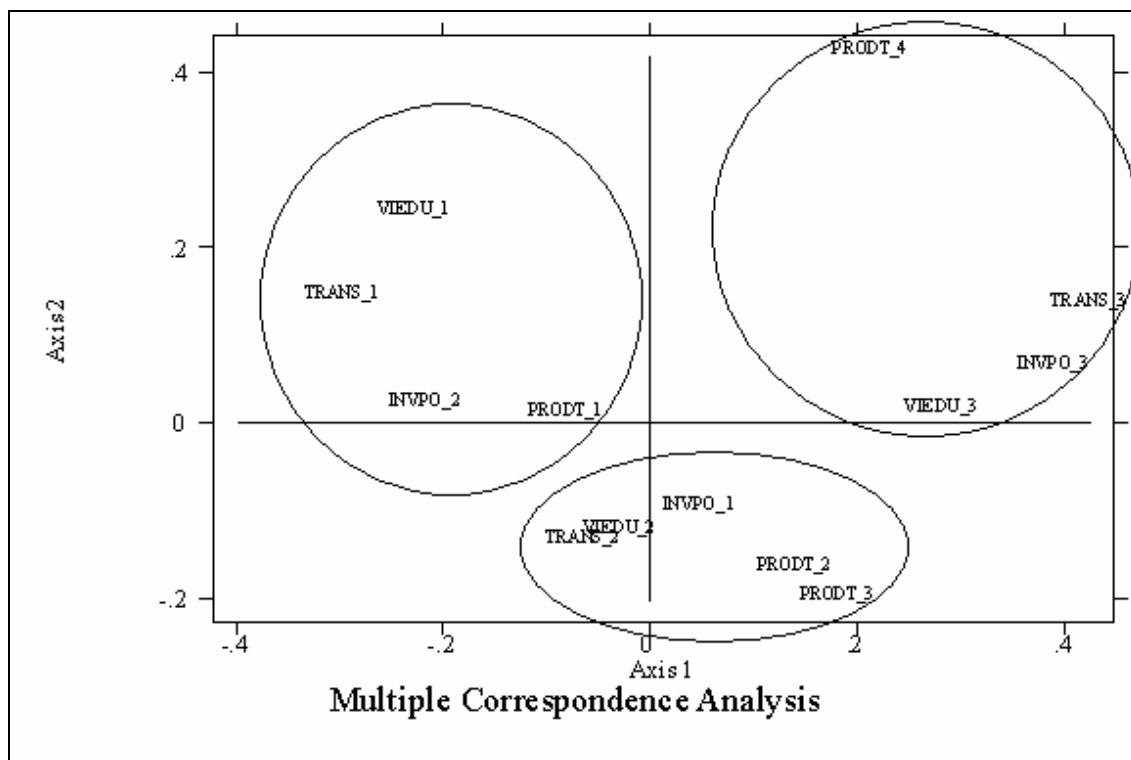


Gráfico 9 - Análise de Correspondências Múltiplas VIEDUCPOS, INVPOS, TRANSESTPOS e PRODTUR

Para a análise de correspondência a variação do índice habitação, foram calculados os perfis para as variáveis VIHABITPOS e PRODTUR, VIHABITPOS e INVPOS, e VIHABITPOS e TRANESTPOS.

De acordo com a tabela 39, a maioria das variações do índice habitação concentra-se no PRODTUR_1, como em todos os perfis de coluna que envolvem essa variável, já que é nessa categoria que está o maior número de municípios. Com relação ao perfil de linha todas as categorias do PRODTUR concentram-se no nível médio de variação do índice habitação, não havendo associações que possam indicar uma relação entre essas duas variáveis.

Tabela 39 - Perfil de Linha e Perfil de Coluna das Variáveis PRODTUR e VIHABITPOS

PRODTUR	POSICAO DE varhab			Total
	varhab BA	varhab ME	varhab AL	
1	24	46	24	94
	25.53	48.94	25.53	100.00
	70.59	67.65	70.59	69.12
	17.65	33.82	17.65	69.12
2	3	3	2	8
	37.50	37.50	25.00	100.00
	8.82	4.41	5.88	5.88
	2.21	2.21	1.47	5.88
3	4	12	6	22
	18.18	54.55	27.27	100.00
	11.76	17.65	17.65	16.18
	2.94	8.82	4.41	16.18
4	3	7	2	12
	25.00	58.33	16.67	100.00
	8.82	10.29	5.88	8.82
	2.21	5.15	1.47	8.82
Total	34	68	34	136
	25.00	50.00	25.00	100.00
	100.00	100.00	100.00	100.00
	25.00	50.00	25.00	100.00

Pearson chi2(6) = 1.8380 Pr = 0.934

No cálculo dos perfis das variáveis VIHABITPOS e INVPOS, os níveis de investimento concentram-se na variação média do índice habitação, conforme Tabela 40. Contudo, a segunda maior concentração mostra que o nível alto de investimento se associa mais com o nível alto de variação do índice, e o nível baixo de investimento se associa ao nível baixo de variação do índice habitação. No perfil de linha, ocorre o mesmo tipo de associação, o que denota uma tendência a uma relação direta entre o nível de investimento e o nível de variação do índice habitação. O mesmo ocorre na regressão correspondente, conforme a Tabela 17.

Tabela 40 - Perfil de Linha e Perfil de Coluna das Variáveis VIHABITPOS e INVPOS

POSICAO DE varhab	POSICAO DE toinvcapita9500			Total
	toinvcapiB	toinvcapiM	toinvcapiA	
varhab BAIXO	10	19	5	34
	29.41	55.88	14.71	100.00
	29.41	27.94	14.71	25.00
	7.35	13.97	3.68	25.00
varhab MEDIO	17	37	14	68
	25.00	54.41	20.59	100.00
	50.00	54.41	41.18	50.00
	12.50	27.21	10.29	50.00
varhab ALTO	7	12	15	34
	20.59	35.29	44.12	100.00
	20.59	17.65	44.12	25.00
	5.15	8.82	11.03	25.00
Total	34	68	34	136
	25.00	50.00	25.00	100.00
	100.00	100.00	100.00	100.00
	25.00	50.00	25.00	100.00

Pearson chi2(4) = 9.4412 Pr = 0.051

De acordo com a Tabela 41, os perfis de coluna e de linha das transferências estaduais segue a mesma associação dos investimentos municipais, com relação a variação do índice habitação. Isso ocorre porque há uma relação entre as transferências estaduais e os investimentos municipal. A regressão correspondente segue a mesma relação, conforme a Tabela 20.

Tabela 41 - Perfil de Linha e Perfil de Coluna das Variáveis VIHABITPOS e TRANSESTPOS

POSICAO DE varhab	ttranstribest9500capita			Total
	ttranstriB	ttranstriM	ttranstriA	
varhab BAIXO	11	16	7	34
	32.35	47.06	20.59	100.00
	32.35	23.53	20.59	25.00
	8.09	11.76	5.15	25.00
varhab MEDIO	14	39	15	68
	20.59	57.35	22.06	100.00
	41.18	57.35	44.12	50.00
	10.29	28.68	11.03	50.00
varhab ALTO	9	13	12	34
	26.47	38.24	35.29	100.00
	26.47	19.12	35.29	25.00
	6.62	9.56	8.82	25.00
Total	34	68	34	136
	25.00	50.00	25.00	100.00
	100.00	100.00	100.00	100.00
	25.00	50.00	25.00	100.00

Pearson $\chi^2(4) = 4.9706$ Pr = 0.290

A análise resultante das associações gerou um total de inércia de 0,056, distribuída em *eigenvalues* de 0,041 para a dimensão 1 e 0,012 para a dimensão 2. Portanto, as duas dimensões compõem 95,4% dos componentes principais da inércia.

Segundo a Tabela 42, a Contribuição Absoluta atribui a determinação da dimensão 1 às categorias TRANSESTPOS_3 (0,2992), INVPOS_3 (0,2595), INVPOS_2 (0,1199) e VIHABITPOS_3 (0,1026). A dimensão 2 é determinada pelas categorias PRODTUR_3 (0,2056), TRANSESTPOS_1 (0,2003), INVPOS_1 (0,1678) e PRODTUR_1 (0,1075).

As Correlações ao Quadrado indicam que a dimensão 1 determina todas as categorias, com exceção do *invpos_1*. No caso das categorias VIHABITPOS_2, PRODTUR_1, PRODTUR_2 e PRODTUR_3, apesar de serem determinadas pela dimensão 1, apresentam um nível de determinação maior na dimensão 2.

Tabela 42 - Contribuição Absoluta e Correlações ao Quadrado da Análise de Correspondência Múltiplas VIHABITOS, INVPOS, TRANSESTPOS e PRODTUR

Contribuição Absoluta			Correlações ao Quadrado		
	Dim1	Dim2		Dim1	Dim2
VIHAB_1	0.0361	0.0039	VIHAB_1	0.7466	0.0238
VIHAB_2	0.0085	0.0438	VIHAB_2	0.2892	0.4441
VIHAB_3	0.1026	0.0546	VIHAB_3	0.8295	0.1315
INVPO_1	0.0004	0.1678	INVPO_1	0.0071	0.9193
INVPO_2	0.1199	0.0176	INVPO_2	0.9445	0.0413
INVPO_3	0.2595	0.0492	INVPO_3	0.9450	0.0534
TRANS_1	0.0645	0.2003	TRANS_1	0.5166	0.4780
TRANS_2	0.0429	0.0897	TRANS_2	0.6039	0.3759
TRANS_3	0.2992	0.0006	TRANS_3	0.9946	0.0006
PRODT_1	0.0105	0.1075	PRODT_1	0.2429	0.7418
PRODT_2	0.0030	0.0392	PRODT_2	0.1215	0.4753
PRODT_3	0.0077	0.2056	PRODT_3	0.1065	0.8496
PRODT_4	0.0452	0.0202	PRODT_4	0.6782	0.0902

A distribuição espacial dos pontos das categorias, na análise de correspondências do Gráfico 10, mostra uma associação do nível alto de variação do índice habitação com o nível alto de investimento público municipal. Nas categorias de variação baixa e média do índice de habitação não há associação com os níveis correspondentes de investimento. As variações média e alta das transferências estaduais estão associadas aos níveis médio e alto das variações do índice habitação, respectivamente. Os municípios maiores (PRODTUR_4 e PRODTUR_3) estão mais próximos das variações maiores do índice habitação, o que permite inferir que essa variação está mais associada a capacidade do município do que ao fato de terem recebido recursos do PRODETUR I/NE, já que os municípios do PRODTUR_3 não foram beneficiados. Essas associações são reforçadas ao verificar que as regressões concernentes a essas variáveis (Tabelas 17 e 18), apresentam uma relação positiva entre a variação do índice habitação (variável dependente) e os investimentos públicos municipais (variável independente) e as transferências estaduais (variável independente). O mesmo ocorre com a predição do PRODETUR I/NE, que possui uma correlação negativa com a variação do índice, mas as dummies 2 e 3 (que correspondem as categorias PRODTUR_3 e PRODTUR_4) são significativas, o que leva a mesma inferência feita para a variável PRODTUR.

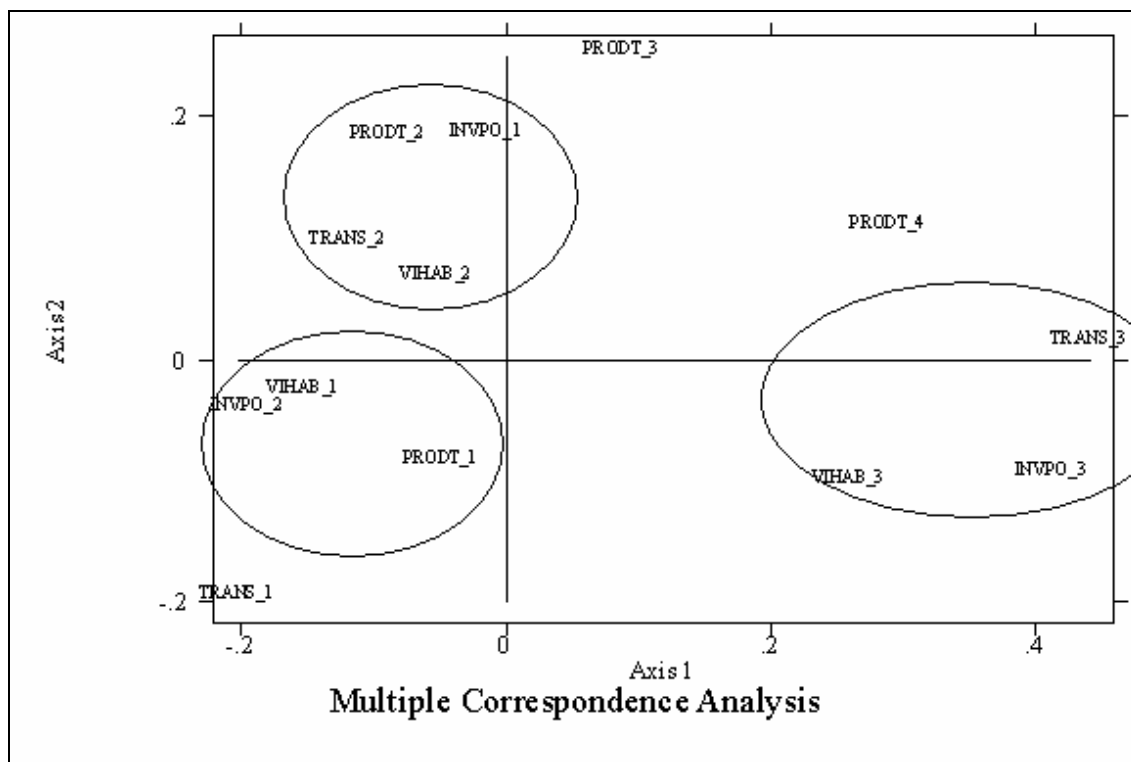


Gráfico 10 - Análise de Correspondências Múltiplas VIHABITPOS, INVPOS, TRANSESTPOS e PRODTUR

Na análise de correspondências para a variação do índice longevidade, novos perfis foram calculados para a relação entre as variáveis VILONGEVPOS e PRODTUR, INVPOS e VILONGEVPOS, e TRANSESTPOS e VILONGEVPOS.

De acordo com o perfil de linha, presente na Tabela 43, as três primeiras categorias apresentam uma tendência semelhante, de concentração no nível médio de variação do índice longevidade, caminhando para o nível alto de variação. Já o PRODTUR_4 está mais concentrado no nível baixo de variação do índice longevidade. Como é nessa categoria que estão as capitais, o que se deduz, tendo como referência as variações nos indicadores que compõe esse índice e a regressão correspondente (tabela 19), é que o nível inicial do índice longevidade (longev91) nessa categoria é muito maior que nas demais categorias, implicando em uma necessidade de incremento absoluto nos indicadores também muito maior para que haja um impacto em termos de índice. O fato de ser beneficiado pelo PRODETUR I/NE não está impactando, em termos de índice de longevidade.

Tabela 43 - Perfil de Linha e Perfil de Coluna das Variáveis PRODTUR e VILONGEVPOS

PRODTUR	POSICAO DE varlong			Total
	varlong B	varlong M	varlong A	
1	18	51	25	94
	19.15	54.26	26.60	100.00
	52.94	75.00	73.53	69.12
	13.24	37.50	18.38	69.12
2	2	4	2	8
	25.00	50.00	25.00	100.00
	5.88	5.88	5.88	5.88
	1.47	2.94	1.47	5.88
3	5	11	6	22
	22.73	50.00	27.27	100.00
	14.71	16.18	17.65	16.18
	3.68	8.09	4.41	16.18
4	9	2	1	12
	75.00	16.67	8.33	100.00
	26.47	2.94	2.94	8.82
	6.62	1.47	0.74	8.82
Total	34	68	34	136
	25.00	50.00	25.00	100.00
	100.00	100.00	100.00	100.00
	25.00	50.00	25.00	100.00

Pearson chi2(6) = 17.8143 Pr = 0.007

Segundo a Tabela 44, o perfil de linha entre as variáveis VILONGEVPOS e INVPOS estabelece percentuais difíceis de identificar uma tendência, bem como o perfil de coluna. Em ambos há uma concentração dos municípios no nível médio, ou seja, os diferentes níveis de investimento apresentam percentuais mais elevados no nível médio de variação do índice e os diferentes níveis de variação do índice tem percentuais mais elevados no nível médio de investimento. No caso da regressão correspondente (tabela 19), há uma correlação positiva entre investimento municipal e variação do índice longevidade, apesar de que nessa regressão além do nível baixo de R2, o tempo de investimento público municipal per capita é maior (1990 a 2000).

Tabela 44 - Perfil de Linha e Perfil de Coluna das Variáveis VILONGEVPOS e INVPOS

POSICAO DE varlong	POSICAO DE toinvcapita9500			Total
	toinvcapiB	toinvcapiM	toinvcapiA	
varlong BAIXO	8	16	10	34
	23.53	47.06	29.41	100.00
	23.53	23.53	29.41	25.00
	5.88	11.76	7.35	25.00
varlong MEDIO	21	33	14	68
	30.88	48.53	20.59	100.00
	61.76	48.53	41.18	50.00
	15.44	24.26	10.29	50.00
varlong ALTO	5	19	10	34
	14.71	55.88	29.41	100.00
	14.71	27.94	29.41	25.00
	3.68	13.97	7.35	25.00
Total	34	68	34	136
	25.00	50.00	25.00	100.00
	100.00	100.00	100.00	100.00
	25.00	50.00	25.00	100.00

Pearson chi2(4) = 3.7941 Pr = 0.435

No caso dos perfis estabelecidos com as transferências estaduais e os níveis de variação do índice longevidade, presentes na Tabela 45, assim como no investimento, não foi possível identificar uma relação. Repetiram-se as concentrações nos níveis médios, tanto no perfil de linha como no perfil de coluna. O mesmo ocorre nas regressões correspondentes, que estão no Anexo 3.

Tabela 45 - Perfil de Linha e Perfil de Coluna das Variáveis VILONGEVPOS e TRANSESTPOS

POSICAO DE varlong	POSICAO DE ttranstribest9500capita			Total
	ttranstriB	ttranstriM	ttranstriA	
varlong BAIXO	9	16	9	34
	26.47	47.06	26.47	100.00
	26.47	23.53	26.47	25.00
	6.62	11.76	6.62	25.00
varlong MEDIO	16	34	18	68
	23.53	50.00	26.47	100.00
	47.06	50.00	52.94	50.00
	11.76	25.00	13.24	50.00
varlong ALTO	9	18	7	34
	26.47	52.94	20.59	100.00
	26.47	26.47	20.59	25.00
	6.62	13.24	5.15	25.00
Total	34	68	34	136
	25.00	50.00	25.00	100.00
	100.00	100.00	100.00	100.00
	25.00	50.00	25.00	100.00

Pearson chi2(4) = 0.5882 Pr = 0.964

Para a análise de correspondências dessas variáveis, chegou-se a um total de inércia de 0,056, dos quais 0,038 estão na dimensão 1 e 0,011 estão na dimensão 2. Portanto, obteve-se 86,7% dos componentes principais da inércia, em que a dimensão 1 concentra 66,8% e a dimensão 2 concentra 19,9%.

Conforme a Tabela 46, a dimensão 1 é determinada pelas categorias TRANSESTPOS_3 (0,2687), PRODTUR_4 (0,2114), INVPOS_3 (0,1461) e VILONGEVPOS_1 (0,1000), segundo a Contribuição Absoluta. A dimensão 2 é determinada pelas categorias INVPOS_1 (0,2482), PRODTUR_3 (0,2132) e TRANSESTPOS_1 (0,1349). As Correlações ao Quadrado indicam que a dimensão 1 determina a maioria das categorias, apenas o INVPOS_1, o PRODTUR_2 e o PRODTUR_3 são determinadas pela dimensão 2.

Tabela 46 - Contribuição Absoluta e Correlações ao Quadrado da Análise de Correspondência Múltiplas VIHABITOS, INVPOS, TRANSESTPOS e PRODTUR

	Contribuição Absoluta		Correlações ao Quadrado		
	Dim1	Dim2		Dim1	Dim2
VILON_1	0.1000	0.0319	VILON_1	0.6523	0.0620
VILON_2	0.0163	0.0572	VILON_2	0.3807	0.3972
VILON_3	0.0184	0.0254	VILON_3	0.4538	0.1865
INVPO_1	0.0013	0.2482	INVPO_1	0.0159	0.9403
INVPO_2	0.0872	0.0451	INVPO_2	0.7769	0.1197
INVPO_3	0.1461	0.0391	INVPO_3	0.7396	0.0590
TRANS_1	0.0763	0.1349	TRANS_1	0.6390	0.3363
TRANS_2	0.0293	0.0665	TRANS_2	0.5366	0.3624
TRANS_3	0.2687	0.0000	TRANS_3	0.9412	0.0000
PRODT_1	0.0385	0.0549	PRODT_1	0.6187	0.2624
PRODT_2	0.0004	0.0567	PRODT_2	0.0186	0.7846
PRODT_3	0.0061	0.2132	PRODT_3	0.0868	0.8990
PRODT_4	0.2114	0.0268	PRODT_4	0.8193	0.0310

Segundo a base das posições relativas dos pontos e suas distribuições ao longo das dimensões no Gráfico 11, não foi possível identificar uma relação entre os níveis correspondentes das categorias. O nível de investimento alto não se posicionou próximo ao nível alto de variação do índice longevidade, o mesmo ocorre com os níveis médio e baixo de investimento, com relação aos níveis médio e baixo de variação do índice. Assim como o investimento, as transferências também não apresentaram uma relação visível. No caso das regressões isso foi possível em termos de investimento, apresentando uma correlação positiva. Mas, houve uma correspondência entre o nível inicial do índice longevidade e sua variação

em ambos os procedimentos, identificada no gráfico pelo posicionamento da variável PRODTUR.

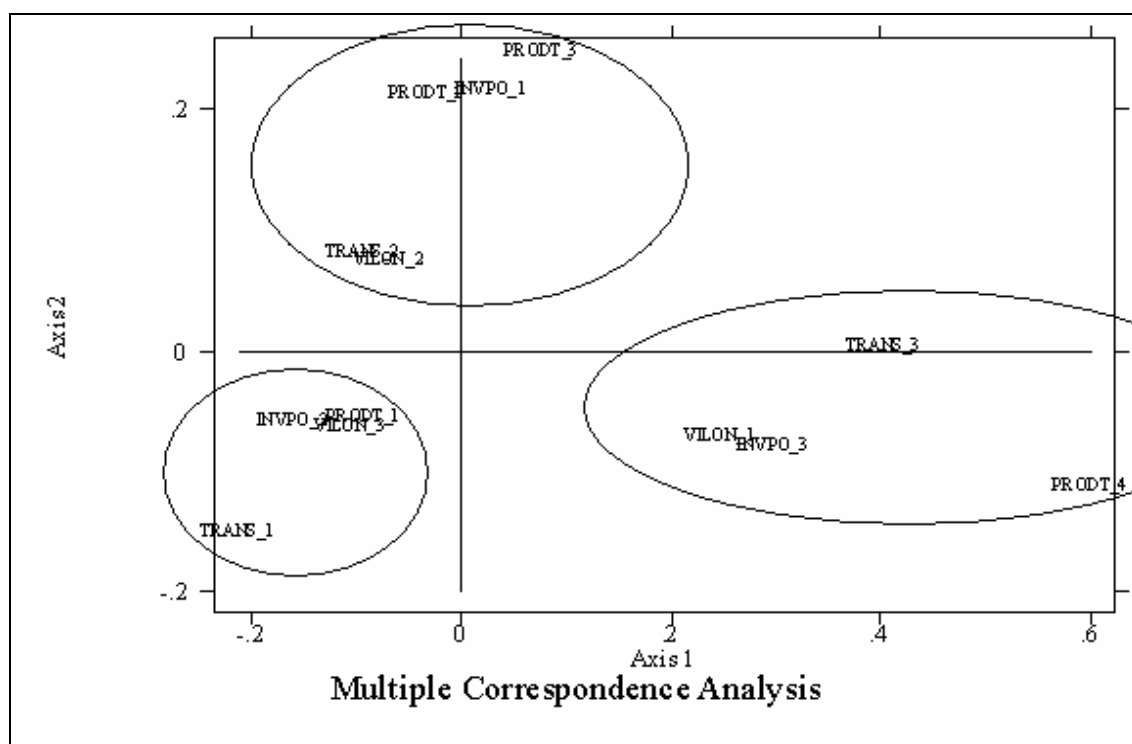


Gráfico 11 - Análise de Correspondências Múltiplas VILONGEVPOS, INVPOS, TRANSESTPOS e PRODTUR

5 – DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O objetivo desse capítulo é discutir os resultados alcançados, procurando contextualizá-los dentro da dinâmica política e econômica brasileira, da década de 1990. Mais do que contextualizá-los, pretende-se entender o processo de desenvolvimento, dentro da perspectiva da política pública brasileira.

Como exposto anteriormente, o PRODETUR I/NE foi escolhido como objeto de estudo por ser um exemplo de política de desenvolvimento ilustrativo do processo de desenvolvimento. Tendo como objetivo o desenvolvimento do turismo na região Nordeste, esse Programa é caracterizado por um forte componente econômico, de investimento público direcionado para a oferta de infra-estrutura, necessária para estimular o investimento privado. O objetivo último era o aumento da renda e do emprego, para reduzir a pobreza.

Apesar da alta concentração no econômico, marcada pelo investimento público de 50% do recurso em transporte (rodoviário e aéreo), o PRODETUR I/NE trouxe componentes novos em projetos dessa natureza. A presença de recursos para o desenvolvimento institucional e para recuperação e proteção ambiental, mesmo tendo sido os primeiros na lista de cortes de recursos, denotam um despertar para os problemas ambientais e institucionais, que fazem parte do desenvolvimento. Mesmo dentro de uma concepção mais economicista, no caso do turismo, o meio ambiente é um elemento essencial para a economia local.

De acordo com as regressões e análises de correspondências, os investimentos com o PRODETUR I/NE não trouxeram uma resposta positiva para o desenvolvimento. No caso das regressões isso seria esperado, principalmente em termos dos índices longevidade, infância e educação, por se tratar de indicadores que só responderiam indiretamente e a longo prazo ao Programa, por meio de geração de emprego e renda. Contudo, esperava-se uma resposta mais direta em termos do índice renda e do índice habitação, o que não ocorreu. Dentro de uma visão apressada e limitada, poder-se-ia dizer que o investimento público não tem uma relação direta com o desenvolvimento. Entretanto, cabe explorar aqui os elementos que interferiram nesse resultado, até porque os investimentos municipais e as transferências estaduais apresentaram uma relação positiva com o índice de desenvolvimento, fato que precisa ser analisado.

Antes de iniciar a discussão dos dados, é importante ressaltar a dificuldade de se trabalhar regressões com uma quantidade elevada de municípios heterogêneos. É preciso estar atento às nuances dessa heterogeneidade, que por vezes podem parecer contraditórias ou mesmo podem expressar contradições que envolvem o processo de desenvolvimento. Por isso, esta discussão não se limitará às regressões, mas procurar-se-á envolver os indicadores utilizados para o cálculo do índice de desenvolvimento e outras variáveis, para compreender esse processo tão complexo, como o desenvolvimento. Diante dessa complexidade, o trabalho de campo e o contexto histórico serão, também, fundamentais para a discussão.

Nas primeiras regressões, cujas variáveis dependentes eram o nível de desenvolvimento em 2000 (icv00) e a variação do nível de desenvolvimento entre 1991 e 2000 (varicv), percebe-se uma forte relação destas variáveis com o nível inicial de desenvolvimento (icv91), como variável explicativa. Com relação ao nível de desenvolvimento de 2000, a correlação positiva com o nível de desenvolvimento de 1991 expressa uma tendência à manutenção do quadro de disparidades entre os níveis de desenvolvimento obtidos por cada município. Isso porque, apesar de haver uma diferença entre a variação dos níveis de desenvolvimento para os municípios de cada grupo de estudo¹⁸, a mediana dessa variação foi relativamente baixa, indo de 0,07 a 0,03, indicando uma insuficiência frente às necessidades presentes nos municípios, em termos de índice sintético. Essa afirmação fica mais clara quando se verifica que a variação foi negativa na maioria das capitais e a variação de 0,07, que foi a maior mediana, está nos municípios pequenos (com potencial turístico sem PRODETUR I/NE), cuja variação percentual, considerada para o cálculo dos índices, necessita de uma variação absoluta menor.

Contudo, a relação entre o nível inicial de desenvolvimento e a variação do índice foi negativa. Isso porque, os municípios mais desenvolvidos obtiveram uma dificuldade maior para crescer, especialmente as capitais, que apresentaram em sua maioria uma variação negativa do icv. Nesse ponto, uma variável importante foi o nível de investimento municipal *per capita*, que apresentou uma correlação positiva com o nível de desenvolvimento e a sua variação entre 1991 e 2000. Portanto, o volume de investimento público resultou uma capacidade maior de resposta para os municípios. É importante ressaltar, porém, que apesar

¹⁸ Apenas para lembrar, os grupos são: municípios com potencial turístico sem PRODETUR I/NE; municípios com potencial turístico com PRODETUR I/NE; municípios turísticos sem PRODETUR I/NE; e municípios turísticos com PRODETUR I/NE.

da relação positiva, os municípios não estão com uma capacidade de investimento alta, o que é demonstrado pela pouca variação no índice.

Isso se explica pelo contexto histórico, marcado pela baixa capacidade de arrecadação dos pequenos municípios, altamente dependentes das transferências para cumprir com as suas despesas correntes¹⁹. Como há uma discrepância muito grande na capacidade de arrecadação, há também os municípios médios, com uma capacidade um pouco maior de investimento. Isso lhes permitiu ampliar o índice de desenvolvimento, como os municípios turísticos sem PRODETUR I/NE. Por isso, a dummy², que corresponde a esse grupo, responde nas regressões do índice de desenvolvimento, grupo no qual houve a maior variação do icv.

Com relação às capitais, que tiveram uma variação negativa do índice de desenvolvimento, observou-se no contexto histórico que nesse período (anos 1990) os problemas sociais se exacerbaram nos grandes centros, sem que houvesse políticas capazes de responder ao aumento do desemprego urbano, a piora no sistema de transporte nas grandes cidades, o crescimento da desigualdade e da pobreza e das demandas de infra-estrutura. As demandas se tornaram maiores que a capacidade de resposta nas grandes cidades. Percebe-se isso na variação do índice de desenvolvimento e no investimento *per capita* municipal, que não foram os maiores nesses locais (municípios turísticos com PRODETUR I/NE).

Isso não significa que esses municípios estejam em uma condição pior, muito pelo contrário. Significa apenas que, para se manterem e continuarem a se desenvolver, precisam de uma atuação política maior e de uma coordenação federativa capaz de atuar nesses centros, pois parte da demanda vem da migração, já que são cidades que atraem muitos migrantes. Portanto, há uma transferência de demandas dos municípios menores para os municípios maiores, que não tem tido a correspondente capacidade de resposta do setor público local.

As transferências estaduais apresentaram uma relação positiva com o nível de desenvolvimento de 2000 (icv00). Contudo, não se observou o mesmo na variação do índice. Na realidade, essa atuação no nível de desenvolvimento decorre da forte correlação que as transferências estaduais têm com o nível de investimento. Portanto, a resposta das transferências, em termos do índice como um todo, está vinculada à sua contribuição para o investimento, mais perceptível nas análises de correspondências. Nestas há uma forte

¹⁹ As despesas correntes incluem as despesas de custeio e de transferências, não incorporando as despesas de capital, na qual estão os investimentos.

associação entre os níveis médios e altos de investimentos e os níveis médios e altos de transferências estaduais, respectivamente. Não poderia ser diferente, já que no processo de descentralização fiscal brasileiro os municípios foram os maiores beneficiados, com o repasse de recursos estaduais e federais. Nesse sentido, o ICMS tem um forte peso, pois além de passar a contribuir para a receita disponível dos municípios, teve a sua base de incidência ampliada, contribuindo fortemente para a arrecadação.

O mesmo não se verificou com as transferências federais, que não apresentaram qualquer relação com o nível de desenvolvimento. Isso se expressa também na menor correlação entre as transferências federais e os investimentos municipais. Em termos de correlação, as transferências federais têm um valor menor (0,42) que as transferências estaduais (0,60). Dentro do contexto histórico, as transferências federais foram reduzidas com a implantação do FSE, que desobrigou o governo federal de cumprir os percentuais constitucionais de transferências via FPM, reduzindo o montante de recursos enviados para os municípios. Essa queda no montante recebido pode ser uma das explicações para essa falta de relação entre o índice de desenvolvimento e as transferências federais.

O índice de participação também não respondeu às regressões. Uma primeira explicação decorre do baixo número de municípios com conselhos municipais de turismo, conforme se vê no Gráfico 12. Esse percentual revela a pouca eficácia do Plano Nacional de Municipalização do Turismo nesses municípios do Nordeste, que buscava estimular a formação de conselhos de turismo nos municípios brasileiros. Ao contrário das outras políticas de descentralização, esta oferecia cursos de capacitação em turismo para conselheiros, ao invés de vincular recursos financeiros a metas pré-estabelecidas pelo plano. Esse pode ser um dos motivos da pouca adesão ao Plano.

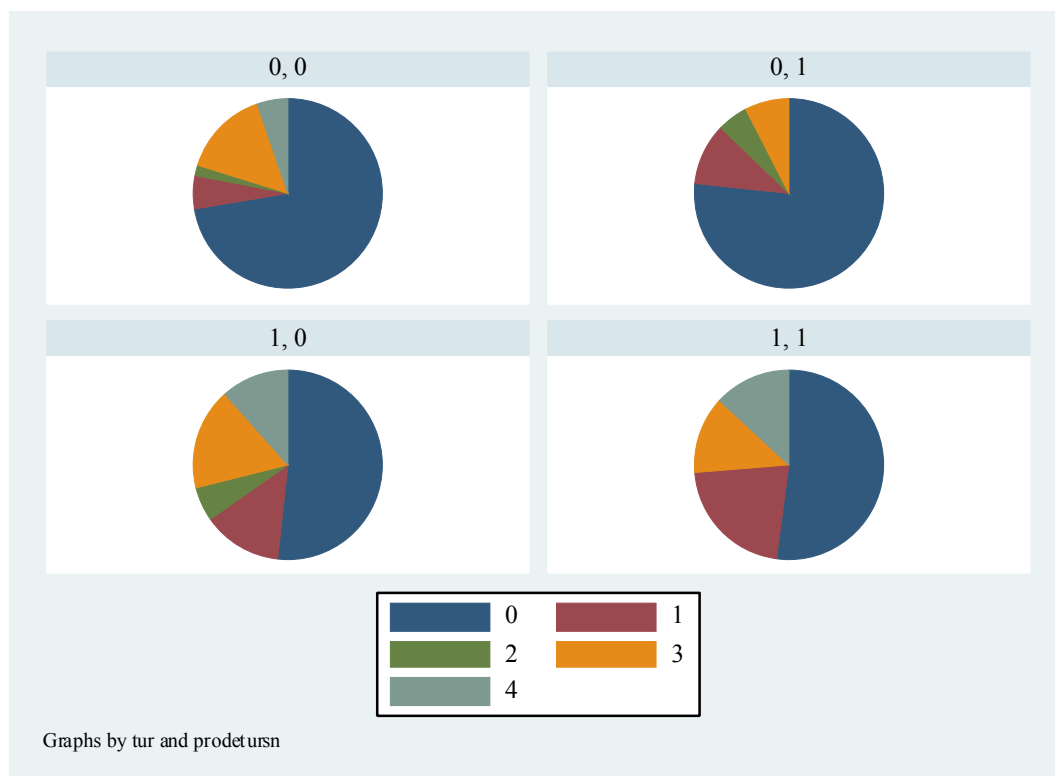


Gráfico 12 – Grau de Participação dos Municípios Turísticos sem PRODETUR I/NE (1,0), Municípios Turísticos com PRODETUR I/NE (1,1), Municípios Com Potencial Turístico sem PRODETUR I/NE (0,0) e Municípios Com Potencial Turístico com PRODETUR I/NE (0,1) do Nordeste, 2002.

Fonte: IBGE (Elaborado pela autora)

0 – Não tem Conselho; 1- Possui Conselho; 2 - Conselho Realizou Reuniões; 3 – Conselho é Paritário e Realizou Reuniões; 4 – Conselho é Paritário, Realizou Reuniões e Possui um Fundo Municipal para o Turismo

Dos municípios que têm conselhos municipais de turismo, parte não realizou nenhuma reunião. Dos que realizaram, a maior parte era paritária. Era pequeno o percentual de municípios com fundo municipal de turismo. Isso demonstra que poucos são os municípios que têm um grau elevado de participação. Portanto, a falta de correlação entre o índice de participação e o índice de desenvolvimento não pode ser atribuída à participação via conselho gestor de turismo, mas à falta dela. Não se pode afirmar que a participação contribua ou não para o desenvolvimento, pois a falta de resposta está atrelada à não existência de participação efetiva.

Nesse sentido, as entrevistas de campo também foram bastante elucidativas, os representantes da sociedade civil e da população foram unânimes na crítica aos conselhos. Apontaram a falta de vontade política de partilhar o poder, decorrente de compromissos com a elite, o clientelismo ou o corporativismo. Os representantes do governo local se valem do cargo que ocupam e ocultam informações e mesmo datas de reuniões; isolam representantes

da sociedade que não apóiam os interesses dos representantes políticos; utilizam-se de conhecimentos específicos para dificultar a compreensão e constranger os conselheiros que não têm o mesmo nível técnico e de conhecimento. Com isso, amplia-se a capacidade de esvaziamento e desmobilização dos conselhos por parte do governo. No caso dos entrevistados, os ex-membros tinham deixado o conselho por perceberem que não tinham voz de fato, já que as deliberações não eram efetivadas pelo poder público local. O conselho servia apenas para dar uma aparência de participativa às propostas pré-definidas.

Em termos do PRODETUR I/NE, a participação também não foi uma constante. De acordo com os entrevistados, do governo local ou da sociedade, as audiências públicas foram apenas para dar uma aparência de participação, mas de fato poucos se fizeram presentes. Além disso, os projetos já vinham pré-definidos do governo estadual, sendo que nem mesmo os prefeitos e secretários municipais tinham participação. As avaliações apontam para essa falta de participação da comunidade e dos representantes locais nos projetos do PRODETUR I/NE, gerando vários problemas na execução, com manifestações e não-adesão da população local. Um exemplo disso foi o das famílias que não fizeram a instalação da rede de esgoto em seus domicílios, por falta de recursos, apesar de haver a rede instalada na rua, financiada pelo Programa. As dificuldades geradas pela falta de participação explicam a alteração no PRODETUR II/NE, pela qual o BID passou a exigir a formação de conselhos por pólo, responsáveis pela elaboração dos PDITS, para que os financiamentos fossem liberados.

Pelo Gráfico 12, pode-se perceber também que os mais altos níveis de participação estão nos municípios turísticos, que apresentam índice de desenvolvimento mais elevado. Na subseção 2.2.4, chegou-se a um paradoxo. Os conselhos, que deveriam ser o espaço para trazer os excluídos ao processo de planejamento, necessitavam reduzir os efeitos da desigualdade social, para que o conselheiro tivesse capacidade de atuação. O Gráfico 12 parece sugerir para essa conclusão, que níveis mais elevados de participação dependem de níveis mais elevados de desenvolvimento. Contudo, essa é uma aferição que merece um estudo específico, de grande extensão e aprofundamento, o que extrapola o escopo dessa tese.

Com relação às regressões e análises de correspondências do índice renda e de sua variação entre 1991 e 2000, é necessário certo cuidado na interpretação. A variável que representa o Programa apresenta uma relação negativa com o índice renda de 2000 e também com sua variação, isso não significa que o Programa em si tenha piorado as condições entre os municípios, mas que os municípios com PRODETUR I/NE estão com maior dificuldade para

ampliar esse índice. Nesse sentido, o Programa não tem sido suficiente para estimular a geração de renda necessária. De acordo com os dados da variação do índice renda, percebe-se que os municípios turísticos com PRODETUR I/NE tiveram o pior desempenho, principalmente as capitais, com uma mediana de -0,12, onde houve a maior concentração de recurso do Programa, ao passo que os demais grupos variaram em -0,01, conforme a Tabela 47.

Tabela 47 – Mediana da Variação dos Índices Renda, Infância, Educação, Habitação e Longevidade, entre 1991 e 2000, nos Municípios com Potencial Turístico e os Turísticos, com ou sem PRODETUR I/NE

Mediana dos Índices que compõem o icv	Sem Prodetur		Com Prodetur		
	Pont. Turístico	Turístico	Pot. Turístico	Turístico s/ capitais	Capitais
Índice Renda	-0,016	-0,019	-0,014	-0,01	-0,12
Índice Infância	0,12	0,07	0,12	0,09	0,03
Índice Educação	0,04	0,05	0,06	0,09	0,005
Índice Habitação	0,11	0,1	0,1	0,1	0,05
Índice Longevidade	0,08	0,08	0,05	0,04	-0,03

Fonte: IPEA (Elaborada pela autora)

Isso reflete o caráter *ad hoc* ou compensatório desse Programa. A atuação pontual e pouco expressiva do PRODETUR I/NE leva um incremento para os municípios, contudo, ele é totalmente anulado com as demandas crescente. O quadro se complica ainda mais quando se tem uma política econômica de caráter recessivo, que caminha no sentido oposto as políticas de investimento como o PRODETUR I/NE. O que deve ficar claro é que programas como o PRODETUR I/NE, de investimento em infra-estrutura para uma determinada atividade econômica, para se ter o impacto desejado depende da contrapartida do setor privado, ou seja, precisa de investimento privado, que amplie a renda e o emprego. Por isso, os investimentos públicos municipais também não respondem.

Ao observar as variações do índice renda, na Tabela 47, verifica-se que houve uma queda em todos os grupos, o que reforça a afirmação anterior, de que algo macroeconômico está interferindo negativamente nesse índice. O fato das capitais obterem um resultado pior só soma a essa afirmação, pois os grandes centros sofrem mais interferência das políticas macroeconômicas, por ser o local de maior concentração dos investimentos.

Portanto, reforça-se a tese de que o desenvolvimento está atrelado a um projeto de caráter nacional, que possibilite uma coordenação federativa, capaz de por um lado compatibilizar uma cooperação vertical e horizontal entre as esferas de governos, reduzindo as heterogeneidades socioeconômicas e, por outro lado, evitando uma transferência de

demandas entre os locais. Mais do que isso, é preciso que haja uma coordenação entre as próprias políticas, de forma que não se tenha uma política macroeconômica, de caráter neoliberal, e políticas *ad hoc*, pretensamente desenvolvimentistas, incapazes de romper com a dinâmica nacional.

Com relação ao índice infância, não foi possível fazer nenhuma inferência, não apresentando correlações ou associações que permitissem uma análise mais consistente. Como se trata de um índice que incorpora trabalho infantil, defasagem escolar e crianças fora da escola, e houve uma melhora no seu valor, pode ser que esteja associada às políticas sociais nacionais. Como foi visto anteriormente, houve um aumento dos gastos federais nas áreas da educação, saúde e assistencial, que podem estar relacionados com a melhora no índice infância.

Nas regressões sobre o índice educação, as transferências estaduais apresentaram correlação positiva, mas não se mostraram confiáveis, por não passarem no teste. Contudo, a análise de correspondência apresentou uma associação direta entre os níveis de transferências estaduais e de variação do índice educação. Essa associação pode ser decorrente da participação que os estados têm no ensino fundamental, principalmente de 5^a a 8^a séries, e no 2^a grau. Como o índice educação está calculado com base em anos de estudos e defasagem escolar, essa inferência adquire mais consistência.

Essa cooperação vertical permite uma coordenação por parte do governo de estado, que tem podido reduzir as deficiências municipais, refletidas no índice educação, em termos de anos de estudos. Mas, o fato de haver uma obrigatoriedade legal, que vincula 25% das receitas em educação, é um dado importante, que diante do recurso acumulado com as transferências, faz com que haja um gasto efetivo em educação, proporcional ao aumento da receita absoluta.

Para as regressões do índice habitação e sua variação entre os anos de 1991 e 2000, houve uma relação positiva tanto com relação ao investimento municipal quanto às transferências estaduais. Para a análise de correspondência, houve uma associação entre a variação do índice e as transferências estaduais. Apesar da relação positiva, o impacto foi pequeno, havendo uma variação pouco significativa nesse índice, principalmente se for considerado a carência que a região Nordeste tem em termos de saneamento.

No caso de algumas capitais, essa variação foi negativa, o que deve explicar a relação negativa do PRODETUR I/NE com o índice habitação. Nesse sentido, demonstra a incapacidade do Programa em atender a essa demanda crescente nos grandes centros. Isso se torna mais preocupante por se tratar de municípios turísticos, onde a pressão sobre esse serviço aumenta expressivamente em períodos de alta temporada.

Portanto, apenas essa cooperação entre os níveis municipal e estadual não tem sido suficiente, assim como programas *ad hoc*. De acordo com o referencial histórico, esse período não teve uma política urbana efetiva e coordenada, por parte do governo federal. Os recursos foram reduzidos e pulverizados em vários ministérios, inviabilizando resultados mais satisfatórios. Além disso, houve uma crise das empresas do setor, muitas estaduais, que não conseguiram investir com recursos próprios, e com dificuldades crescentes para obter financiamento, tanto pelas altas taxas de juros, como pelas restrições impostas pelo governo federal, diante das pressões do FMI. Como foi visto, anteriormente, não houve nenhuma concessão de crédito para saneamento, pela Caixa Econômica Federal, nos anos de 1999 e 2000. Vale ressaltar que, a Caixa Econômica é a principal financiadora de infra-estrutura básica no Brasil.

Assim, há tanto um problema de financiamento como de falta de coordenação intergovernamental, para potencializar os gastos dos três níveis de governo, resultados de uma prioridade exagerada do ‘fiscalismo’ dentro do projeto nacional, em detrimento do desenvolvimento, que cada vez fica mais claro seu caráter nacional.

Com relação ao índice longevidade e a variação do índice longevidade entre 1991 e 2000, apenas uma regressão apontou uma correlação positiva entre investimento municipal e a variação do índice, mas com uma capacidade explicativa muito baixa. Esse índice é composto pela esperança de vida e mortalidade infantil, que são indicadores vinculados a saúde, cuja melhora pode estar relacionada aos gastos federais. Quanto aos investimentos municipais, a relação indicada na regressão pode estar atrelada aos investimentos em saneamento, já que a queda no nível de mortalidade infantil depende de condições adequadas de saneamento básico.

Portanto, a partir das regressões, verificou-se uma relação positiva entre os investimentos municipais per capita e o nível de desenvolvimento, apesar da variação pouco expressiva. Em termos de Programa, não foi identificada sua contribuição para o índice de

desenvolvimento, apresentando algumas inferências quanto ao índice renda e ao índice habitação. Entretanto, é importante aprofundar mais esse debate, de forma a incorporar alguns indicadores e informações que permitam avaliar melhor o Programa e sua relação com o desenvolvimento.

Em primeiro lugar, é necessário verificar a distribuição dos gastos. Pelos perfis calculados nas análises de correspondências, houve uma concentração dos gastos em municípios de turismo consolidado, seguindo a política nacional de turismo do período. Isso reforça o desenvolvimento desses locais, não abrindo espaço para os demais municípios se desenvolverem.

Nesse sentido, o trabalho de campo na Costa do Descobrimento - Bahia foi bastante ilustrativo. A Costa é composta pelos municípios de Porto Seguro, Santa Cruz de Cabrália e Belmonte. Naquela região, a maior parte dos recursos foi para Porto Seguro, a única benfeitoria feita em Belmonte foi a BA001 (Belmonte-Cabrália), não havendo um investimento na cidade, de forma a oferecer atrativos para os turistas. Com se sabe, o desenvolvimento do turismo pressupõe investimentos prévios, que não há em Belmonte. Trata-se de uma cidade que vivia da economia cacauceira, que sofreu uma grande queda. Na realidade, o turismo naquela cidade não é uma “inspiração local”, mas uma atividade vinda de fora, o que já é problemático, e implicaria em investimentos ainda maiores para preparar a população local para receber os turistas. A visita de campo ocorreu em período de alta estação no Brasil, em janeiro, e era visível a desproporção de turistas entre Porto Seguro e Cabrália de um lado e Belmonte de outro. Belmonte parecia uma “cidade fantasma”, com prédios antigos em ruína, que poderiam ser restaurados, e com uma área natural belíssima, que necessitam investimento, que o setor público local não possui. De acordo com o secretário de turismo de Belmonte, a rodovia favoreceu a saída de jovens da cidade, a busca de emprego em Cabrália e Porto Seguro, reduzindo a já incipiente economia de serviços no município, que hoje vive dos salários dos funcionários públicos e da aposentadoria.

Essa dinâmica não foi causada apenas pelo PRODETUR I/NE, ele é apenas ilustrativo das demais políticas, que se concentram nas cidades de turismo consolidado. O desenvolvimento do turismo em Porto Seguro é favorecido não só por esse Programa, existe uma série de investimentos que se agregam, e gera uma economia mais sólida.

O mesmo ocorre quando se vincula o financiamento à capacidade de elegibilidade dos estados, alimentando um ciclo de desigualdade entre eles, impossibilitando que os menos desenvolvidos tenham um impulso de crescimento. De acordo com o Gráfico 13, pode-se verificar que os estados que mais receberam recursos do PRODETUR I/NE não são os que possuem o maior percentual de pobreza no Nordeste. Os estados que mais receberam o recurso foram a Bahia e o Ceará, que possuem percentuais de pobreza equivalente ao de Alagoas. No entanto, este estado ficou apenas com 1,0% do recurso, ao passo que a Bahia obteve 34,0% e o Ceará 23,0%. No caso de Alagoas, a sua impossibilidade de obter o financiamento do PRODETUR I/NE foi causada pelo seu nível de endividamento, que não permitiu ao Estado cumprir as exigências determinadas pelo grau de elegibilidade. Mesmo o percentual obtido não foi via estado, mas pelo município de Maceió, que, dentro desse percentual, conseguia cumprir as exigências.

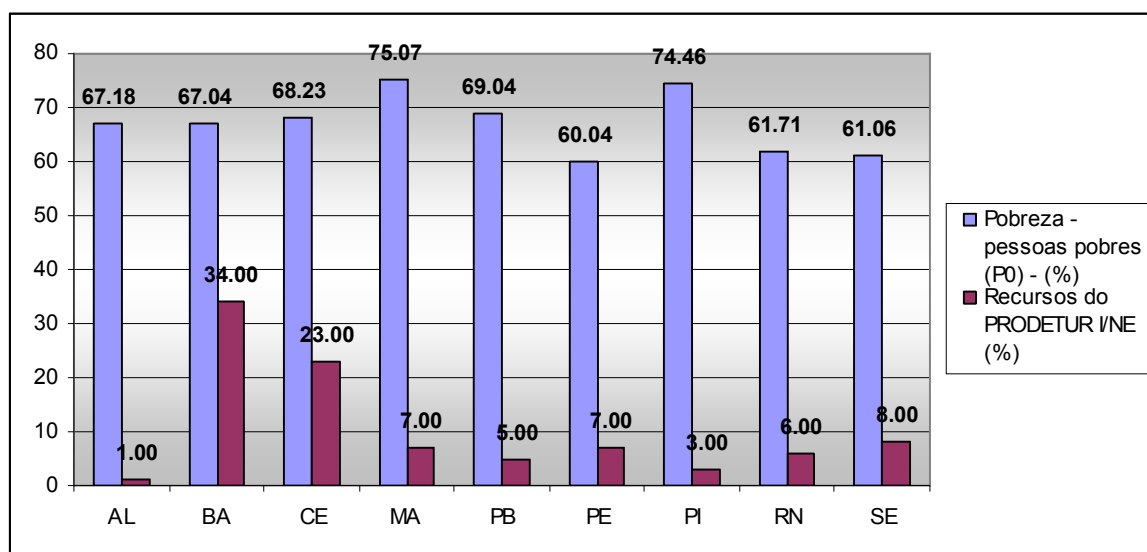


Gráfico 13 – Percentual de Pobres em 1991 e o Percentual de Recursos do PRODETUR I/NE por Estado no Nordeste

Fonte: Base de dados do Banco do Nordeste (In: BNB, 2005 – Anexo)
IPEA (In: ipeadata)

Como o objetivo último do Programa era reduzir a pobreza, justamente por isso ele foi destinado ao Nordeste (região mais pobre do Brasil), não se cumpriu uma distribuição do recurso em função do seu objetivo. Isso já denota uma falta de coordenação nacional, que fosse capaz de adequar os gastos públicos as reais necessidades, de forma a reduzir as desigualdades. As políticas de desenvolvimento são essencialmente nacionais, e devem ser tratadas como tais.

Apesar de um aparente contorno nacional, o PRODETUR I/NE foi desprovido de coordenação nacional. Inicialmente, houve reuniões ministeriais juntamente com as missões do BID, outras reuniões foram feitas com representantes dos governos estaduais e nacional. Entretanto, a base de planejamento e coordenação foi estadual, sem mesmo uma coordenação regional.

O fato de estar atrelado ao PPA de 1996/1999, facilitou a obtenção de recursos junto ao BNDES, mas não significou a atuação efetiva do nível federal. Na realidade, os governos estaduais elaboraram as propostas, de acordo com sua capacidade de financiamento e entendimento das necessidades locais. Segundo, os próprios secretários de turismo, as solicitações dos governos municipais não foram atendidas. A mesma reclamação foi feita pela sociedade civil. A coordenação do Programa ficou a cargo do BNB, que ao final fez seu papel de garantir a utilização do recurso atrelada aos projetos, evitando o desvio de recursos.

Essa falta de coordenação nacional foi sentida de alguma forma pelo BID, ao verificar-se que os projetos do PRODETUR II/NE, que compõem o chamado Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável – PDITS, são avaliados pelo Ministério do Turismo, devendo ser aprovado pelo mesmo. De acordo com o Coordenador Geral do PROECOTUR e de Projetos Sócio-Ambientais, que participa da avaliação dos PDITS, a primeira fase do Programa não teve essa preocupação de coordenação, o que está sendo revisto, dado que um dos elementos de mudança no planejamento, exigido pelos avaliadores, é a demonstração da necessidade real, por meio de diagnósticos, e a cooperação horizontal entre governos estaduais e entre governos municipais, tendo uma visão mais regional do que local do desenvolvimento.

Pelo Gráfico 14, percebe-se que os municípios turísticos possuem um nível de desenvolvimento maior do que os municípios com potencial turístico, com valores de 0,66 e 0,59 para a mediana do icv00 dos municípios turísticos sem e com PRODETUR I/NE, respectivamente, e 0,47 e 0,43 para a mediana do icv00 dos municípios com potencial turístico, sem e com PRODETUR I/NE. Essa discrepância entre os dois grupos comprova as distorções da política de desenvolvimento do turismo, na década de 1990, que partia de uma hierarquização dos municípios, com o qual os turísticos eram prioritários, conforme já explicado. Essa relação também foi verificada nas regressões, com uma correlação expressiva entre o nível inicial do índice de desenvolvimento e o nível de desenvolvimento em 2000. Contudo, isso não significa que os municípios turísticos não devam ser contemplados por

políticas públicas para manutenção e ampliação do nível de desenvolvimento, já que são municípios que atraem populações de outros municípios, na expectativa de conseguirem emprego e ampliar seu bem estar.

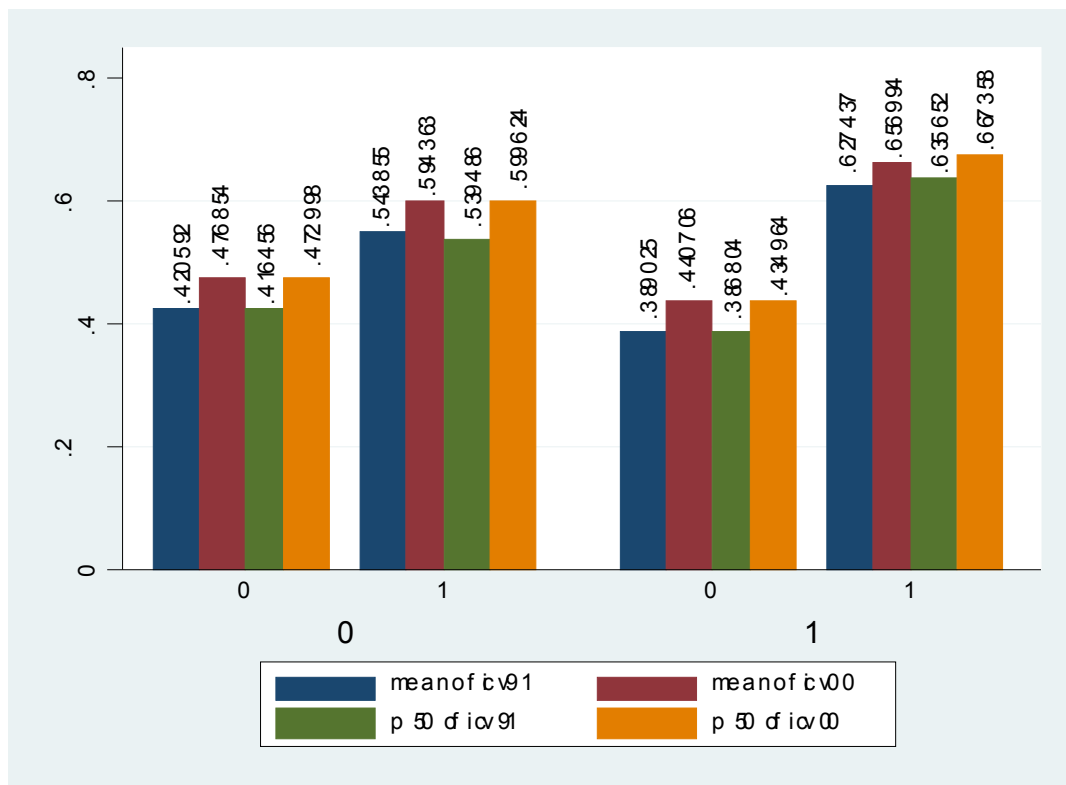


Gráfico 14 – Média (mean) e Mediana (p50) dos Índices de Desenvolvimento de 1991 e 2000 (icv91 e icv00), para os Municípios com Potencial Turístico e os Turísticos, com ou sem PRODETUR I/NE^a

Fonte: IPEA (Calculado e elaborado pela autora)

a - O gráfico traz os municípios turísticos e com potencial turístico representados pelo valores 1 e 0 mais próximos ao eixo X, respectivamente. Os municípios que receberam financiamento do PRODETUR I/NE e os que não receberam estão representados pelos valores 1 e 0 mais distantes do eixo X, respectivamente.

Segundo a Tabela 48, a mediana²⁰ da taxa de crescimento anual da população entre 1991 e 2000, é maior nos municípios turísticos, sem as capitais, beneficiados pelo Programa. Os municípios turísticos beneficiados pelo PRODETUR I/NE obtiveram uma taxa de crescimento de 6,1% ao ano, ao passo que os municípios turísticos sem o Programa obtiveram uma taxa de 2,3% ao ano. Comparado com os municípios com potencial turístico beneficiados e não beneficiados pelo Programa, percebe-se uma grande diferença, nestes a mediana da taxa de crescimento da população é de 0,6 e 0,5. Mesmo as capitais apresentam uma taxa de crescimento anual (2,8%) maior que os municípios turísticos não beneficiados (2,3%). Se for

²⁰ - Optou-se por trabalhar com a mediana porque há uma grande discrepância entre os municípios, buscando evitar grandes distorções.

considerado que, em termos absolutos esses 2,8% são bem mais expressivos do que os 2,3%, amplia-se a preocupação com relação a esses locais.

Tabela 48– Taxa Anual de Crescimento Geométrico da População nos Grupos de Municípios Turísticos sem as Capitais, os com Potencial Turístico e as Capitais, Beneficiados ou não pelo PRODETUR I/NE (%)

Grupos de municípios	Com PRODETUR I/NE	Sem PRODETUR I/NE
Turístico	6.1	2.3
Potencial Turístico	0.6	0.5
Capital	2.8	

Fonte: IBGE – Elaborada pela autora

Um exemplo capitado no trabalho de campo que visualiza a problemática populacional é o município de Santa Cruz de Cabrália, na Bahia. Segundo os dados dos Censos Demográficos de 1991 e de 2000, a população desse município turístico e contemplado pelo Programa passou de 6.535 habitantes para 23.888 habitantes. De acordo como o Secretário de Infra-estrutura e Meio Ambiente, quando o PRODETUR foi implantado no município, 70% da população foi beneficiada com saneamento básico, hoje representa apenas 30% da população. Considerando que essa entrevista foi realizada em janeiro de 2006, essa declaração é confirmada quando se verifica, no Censo Demográfico de 2000, que apenas 34,0% dos domicílios têm instalação adequada de esgoto.

Neste ponto, ressalta-se um outro problema do PRODETUR I/NE, que é a sua atuação pontual, com poucos recursos e em poucos lugares, conforme os cálculos dos perfis das análises de correspondências. Na realidade, não se trata de um problema, mas de uma limitação, que não permite caracterizá-lo como um programa de desenvolvimento. Trata-se de um programa complementar ou *ad hoc*, pois ele deve estar atrelado a outros gastos públicos, de caráter recorrente e amplo. Essa característica da política de desenvolvimento reforça seu caráter nacional, pois ela deve captar esse movimento. De um lado há os municípios de níveis elevados de desenvolvimento, cuja atração populacional gera maiores demandas, e cujo aumento no índice de desenvolvimento requer uma atuação mais intensa. De outro lado, estão os municípios com níveis de desenvolvimento menores, que também demandam recursos, para promoção do desenvolvimento. Em situação de recursos escassos e grandes diversidades socioeconômicas, a coordenação nacional, de forma a contemplar essas demandas, torna-se mais essencial.

Somada a essa atuação pontual, o PRODETUR I/NE pressupunha uma base institucional e financeira local e uma cooperação entre as esferas de governo que não existia. Apesar dos gastos com desenvolvimento institucional, que acabaram sendo reduzidos a quase metade do previsto, não foi suficiente para montar uma estrutura institucional local capaz de favorecer um planejamento adequado e menos ainda uma execução sem problemas.

De acordo como o Capítulo 3, vários problemas foram detectados. Destaca-se a falta de assiduidade dos funcionários públicos aos cursos de capacitação institucional, pela incompatibilidade entre os partidos do governo do estado e do governo do município, que marcam a falta de cooperação governamental. Além disso, torna explícita a incompreensão da importância dos cursos, por mais que eles não dêem conta de toda problemática da falta de aparato institucional, que não foi contemplado dentro do processo de descentralização brasileira. Como visto anteriormente, a descentralização veio com a Constituição de 1988, reafirmando o federalismo no Brasil, por meio de uma descentralização fiscal e autonomia política. Contudo, esse processo não veio com a institucionalização das esferas subnacionais, principalmente nos municípios, que se proliferaram até mesmo sem condições financeiras para sua auto-sustentação, dependentes precariamente das transferências estaduais e federais.

Os problemas ambientais decorrentes das obras de infra-estrutura, principalmente na construção de estradas, refletem o pouco preparo dos órgãos estaduais e municipais para a fiscalização. Além disso, aponta para a falta de órgãos ambientais, demonstrando a pouca importância que a questão ainda tem na política local. De acordo com a Tabela 49, cerca de 65,0% dos municípios turísticos possuem Secretaria Municipal de Meio Ambiente. Apesar do maior percentual de municípios com Secretaria, os municípios turísticos com PRODETUR I/NE também apresentam os maiores percentuais de municípios com problemas ambientais, como degradação de áreas protegidas (78,0%), poluição de recursos hídricos (65,0%) e meio ambiente afetado pela condução humana (74,0%).

Tabela 49 – Indicadores Ambientais nos Municípios Turísticos e Com Potencial Turístico, Com e Sem Recursos do PRODETUR I/NE, em 2002

Indicador	Sem PRODETUR I/NE		Com PRODETUR I/NE	
	Com Potencial Turístico	Turístico	Com Potencial Turístico	Turístico
%Municípios com Secretaria Municipal de Meio Ambiente	41	62	56	65
%Municípios com Meio Ambiente Afetado pela Condução Humana	59	60	51	74
%Municípios com Poluição Hídrica	48	71	46	65
%Municípios com Degradação de Áreas Protegidas	28	50	36	78
%Municípios que o Meio Ambiente Afetou as Condições Humanas	59	60	51	74
%Municípios que Recebe Recursos Financeiros para Meio Ambiente	8	25	10	48

Fonte: IBGE (Perfil dos Municípios Brasileiros: Meio Ambiente) (Elaborada pela autora)

Portanto, apesar do meio ambiente ser a mercadoria oferecida pelo turismo no Nordeste, no binômio “sol e praia”, os recursos naturais têm apresentado problemas de degradação na maioria dos municípios, com impacto sobre a condição humana. De acordo com o Gráfico 15, entre os municípios turísticos beneficiados pelo Programa, que tiveram as condições humanas afetadas pelo meio ambiente, o principal problema foi a ocupação desordenada do território (94,11%), seguida pelo esgoto a céu aberto (82,35%).

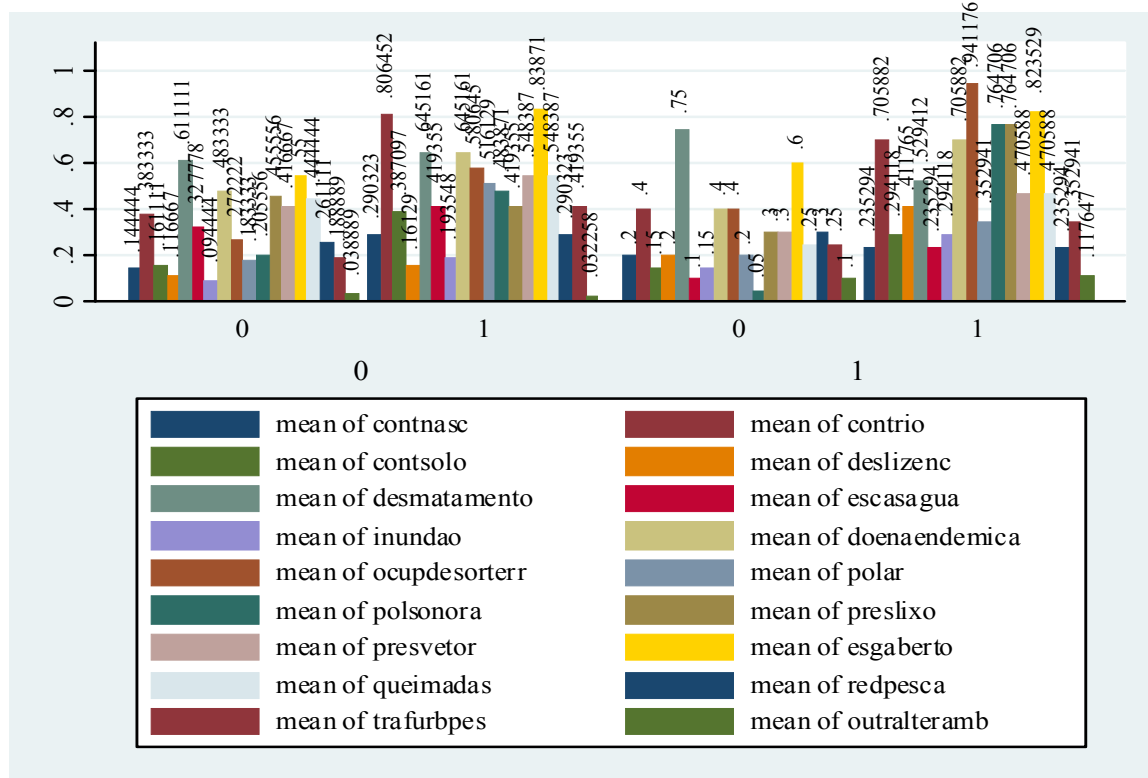


Gráfico 15 – Principais Elementos em que o Meio Ambiente Afetou as Condições da Vida Humana, nos Municípios com Potencial Turístico e os Turísticos, com ou sem PRODETUR I/NE^a, entre os que Apontaram o Problema, 2002^b

Fonte: IBGE (Perfil dos Municípios Brasileiros: Meio Ambiente) (Elaborada pela autora)

a - O gráfico traz os municípios turísticos e com potencial turístico representados pelo valores 1 e 0 mais próximos ao eixo X, respectivamente. Os municípios que receberam financiamento do PRODETUR I/NE e os que não receberam estão representados pelos valores 1 e 0 mais distantes do eixo X, respectivamente.

b - Legenda: contnasc – contaminação das nascentes; contriio – contaminação do rio, bacia, etc; contsolo – contaminação recursos do solo; deslizenca – deslizamento de encostas; desmatamento – desmatamento; escasagua – escassez de água; inundao – inundaçao; doenaendemica – doença endêmica; ocupdesorterr – ocupação desordenada do território; polar – poluição do ar; polsonora – poluição sonora; preslixo – presença de lixo; presvetor – presença de vetor; esgaberto – esgoto à céu aberto; queimadas – queimadas; redpesca – redução do estoque pesqueiro; trafurbpes – tráfico pesado em área urbano; outralteramb – outras alterações ambientais relevantes nos últimos 2 anos.

Alguns dos problemas levantados pelo PRODETUR I/NE, têm raízes mais profundas, como a degradação de áreas protegidas e a ocupação desordenada de áreas frágeis. Na realidade, esses problemas mostram a dinâmica econômica, com exclusão social, cujo PRODETUR I/NE só veio a reforçar. No Capítulo 3, foi possível verificar que a falta de plano diretor ou desatualização deste, contribuíram para a ocupação desordenada, que com a abertura das estradas e outras obras, só aumentou esse processo. Nesse sentido, o

PRODETUR I/NE permite demonstrar a fragilidade das instituições locais e a falta de políticas capazes de um ordenamento territorial.

Para além da fragilidade institucional, há também a questão financeira. O PRODETUR I/NE financiou a implantação de muitas áreas de proteção ambiental. Contudo, as avaliações detectaram que grande parte delas não existe de fato. Os municípios não possuem condições de manter todo o aparato que essas áreas precisam para não ser degradadas. Portanto, ficou faltando plano de manejo, vigia para evitar a ocupação indevida, recuperação de áreas já degradadas. Segundo o Gráfico 16, os principais fatores de degradação de áreas protegidas são o desmatamento e a ocupação irregular de áreas frágeis.

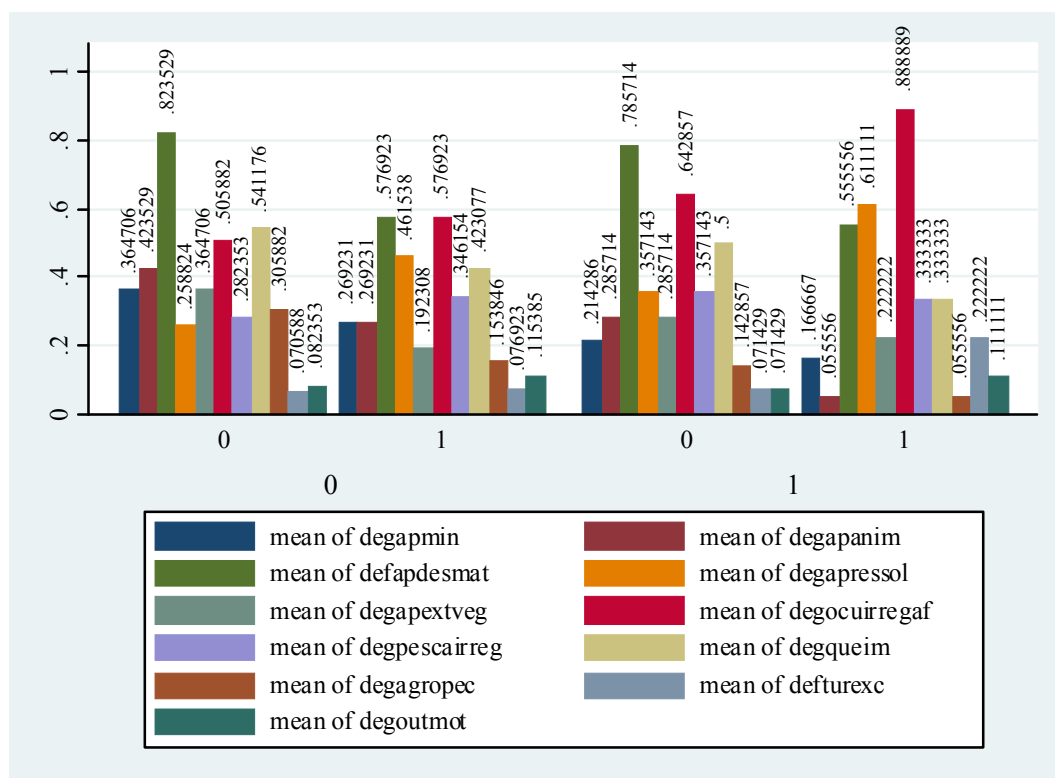


Gráfico 16 – Fatores de Degradação de Áreas Legalmente Protegidas, nos Municípios com Potencial Turístico e os Turísticos, com ou sem PRODETUR I/NE^a, entre os que Apontaram o Problema, 2002^b.

Fonte: IBGE (Perfil dos Municípios Brasileiros: Meio Ambiente) (Elaborada pela autora)

a - O gráfico traz os municípios turísticos e com potencial turístico representados pelo valores 1 e 0 mais próximos ao eixo X, respectivamente. Os municípios que receberam financiamento do PRODETUR I/NE e os que não receberam estão representados pelos valores 1 e 0 mais distantes do eixo X, respectivamente.

b - Legenda: degapmin – degradação por atividade de extração mineral; degapanim – degradação por caça/animal; defapdesmat - degradação por desmatamento; degapressol – degradação por disposição de resíduo sólido; degapextveg – degradação por extração vegetal; degocuirregaf – degradação por ocupação irregular de áreas frágeis; degpescairreg – degradação por pesca não autorizada; degqueim – degradação por queimadas; degagropec – degradação por uso da agropecuária; defturexc – degradação por turismo excessivo; degoutmot- degradação por outros motivos.

No caso dos municípios que tiveram poluição dos recursos hídricos, o despejo de esgoto doméstico, o despejo de resíduos sólidos/lixo e a ocupação irregular no curso d'água são apontados como os principais problemas, conforme o Gráfico 17. Esse tipo de problema ambiental, já em 2002, demonstra que o PRODETUR I/NE não foi suficiente para conter problemas provenientes da falta de saneamento básico, que era uma de suas linhas de financiamento.

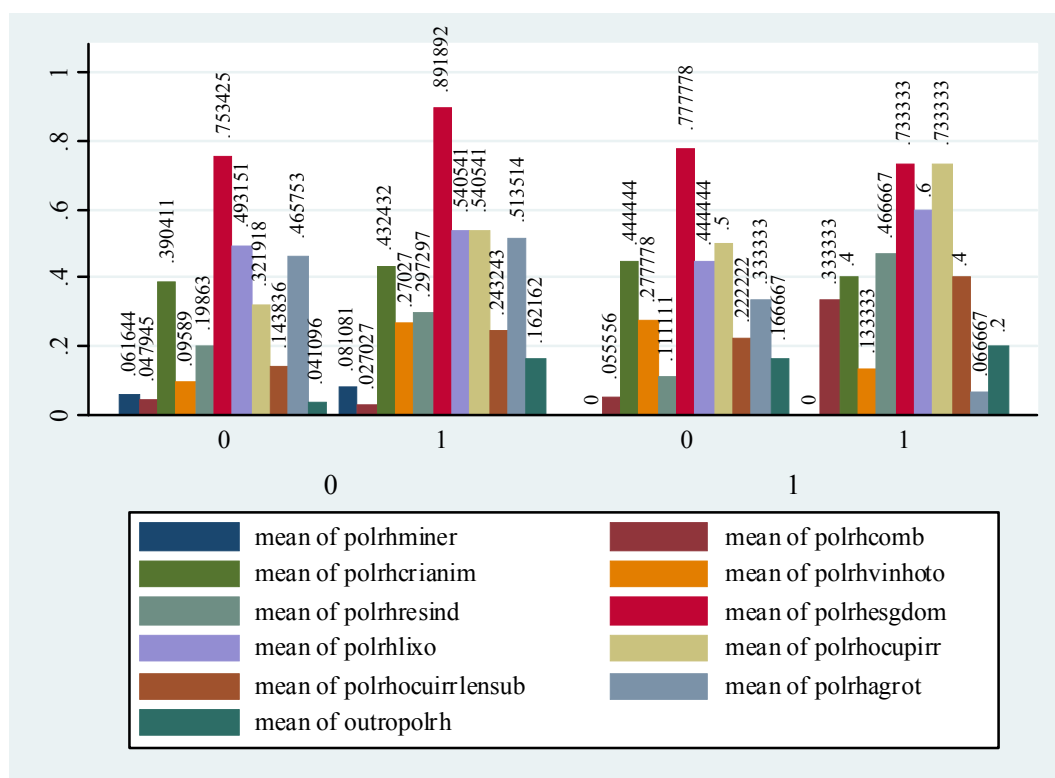


Gráfico 17 – Fatores de Poluição dos Recursos Hídricos, nos Municípios com Potencial Turístico e os Turísticos, com ou sem PRODETUR I/NE^a, entre os que Apontaram o Problema, 2002^b

Fonte: IBGE (Perfil dos Municípios Brasileiros: Meio Ambiente) (Elaborada pela autora)

a - O gráfico traz os municípios turísticos e com potencial turístico representados pelo valores 1 e 0 mais próximos ao eixo X, respectivamente. Os municípios que receberam financiamento do PRODETUR I/NE e os que não receberam estão representados pelos valores 1 e 0 mais distantes do eixo X, respectivamente.

b - Legenda: polrhminer – poluição por mineração/garimpo; polrhcomb – poluição por combustível e óleo; polrhcranim – poluição por criação de animais; polrhvinhoto – poluição por despejo de vinhoto; polrhresind – poluição por resíduos industriais; polrhsgdom – poluição por despejo de esgoto doméstico; polrhlixo – poluição por resíduos sólidos/lixo; polrhocupirr – poluição por ocupação irregular do curso d'água; polrhocuirrlensub – poluição por ocupação irregular de áreas de lençóis subterrâneos; polrhagrot – poluição por uso de agrotóxico ou fertilizante; outropolrh – outro tipo de poluição.

Portanto, áreas essenciais para se atingir um desenvolvimento sustentável com base na economia turística não têm sido contempladas de forma efetiva, tanto por questões financeiras como institucionais, sendo que o PRODETUR I/NE se mostrou insuficiente para resolver. Nesse sentido, o Gráfico 18, que compara o IDH com o ICV, deixa clara a queda que se tem no nível de desenvolvimento, quando se passa de um índice para o outro. Como o ICV incorpora mais indicadores, agregando o índice habitação, o infância, e outros indicadores nas demais dimensões presentes no IDH, pode-se inferir que essas dimensões tem uma carência relevante na região, que puxa o nível de desenvolvimento para baixo.

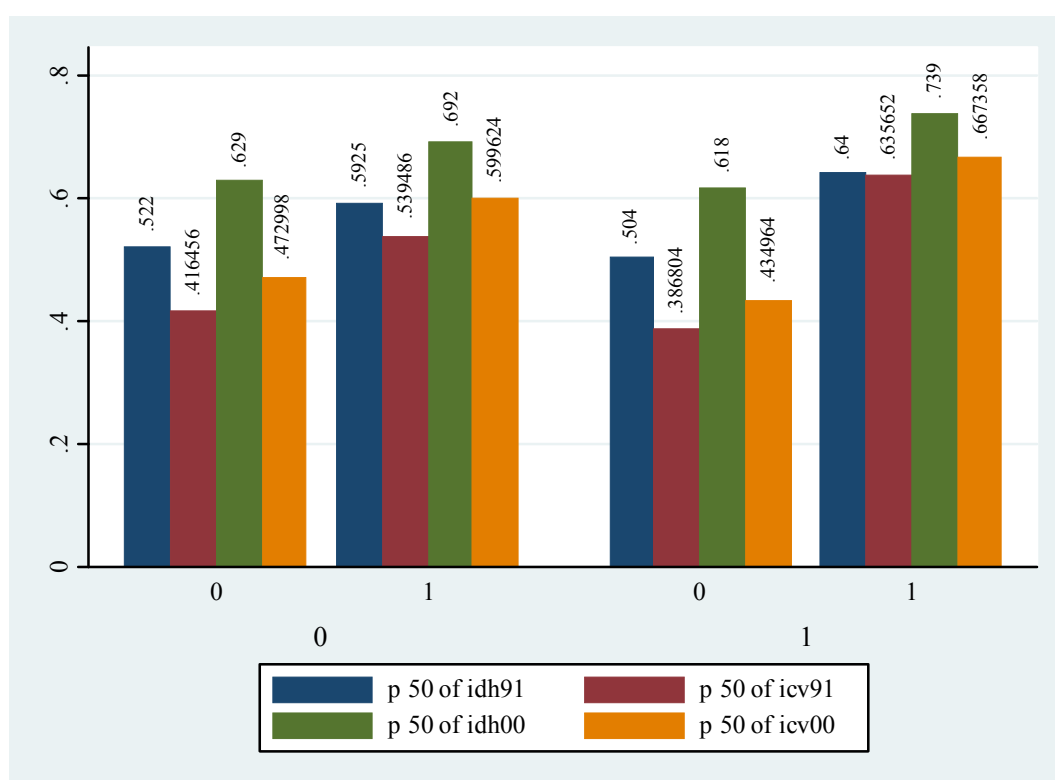


Gráfico 18 – Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) e Índice de Condição de Vida (ICV), nos Municípios com Potencial Turístico e os Turísticos, com ou sem PRODETUR I/NE^a, nos anos de 1991 e 2000

Fonte: IPEA (Elaborado pela autora)

a - O gráfico traz os municípios turísticos e com potencial turístico representados pelo valores 1 e 0 mais próximos ao eixo X, respectivamente. Os municípios que receberam financiamento do PRODETUR I/NE e os que não receberam estão representados pelos valores 1 e 0 mais distantes do eixo X, respectivamente.

O índice habitação é uma questão problemática na região Nordeste, com nível muito baixo de domicílios com sistema de esgoto e água encanada, apesar de já haver aumentado o

percentual de atendidos. Mas, o mesmo não ocorre com a concentração de renda, que apresentou um aumento nos quatro grupos. Como o índice de Theil faz parte do índice renda, levou a redução do índice renda de 1991 para 2000, como pode ser verificado, anteriormente. Esse aumento no índice de Theil pode ser observado no Gráfico 19, no qual a linha que corta o “box” representa a mediana do índice para cada grupo. O box em si representa a dispersão do indicador entre os municípios e os pontos fora do box são os *outliers*. Portanto, o que se percebe é um aumento generalizado da concentração de renda, pois os box se elevam de 1991 para 2000, e não só a mediana. Portanto, o pouco desenvolvimento obtido veio com uma fragmentação ainda maior entre as classes.

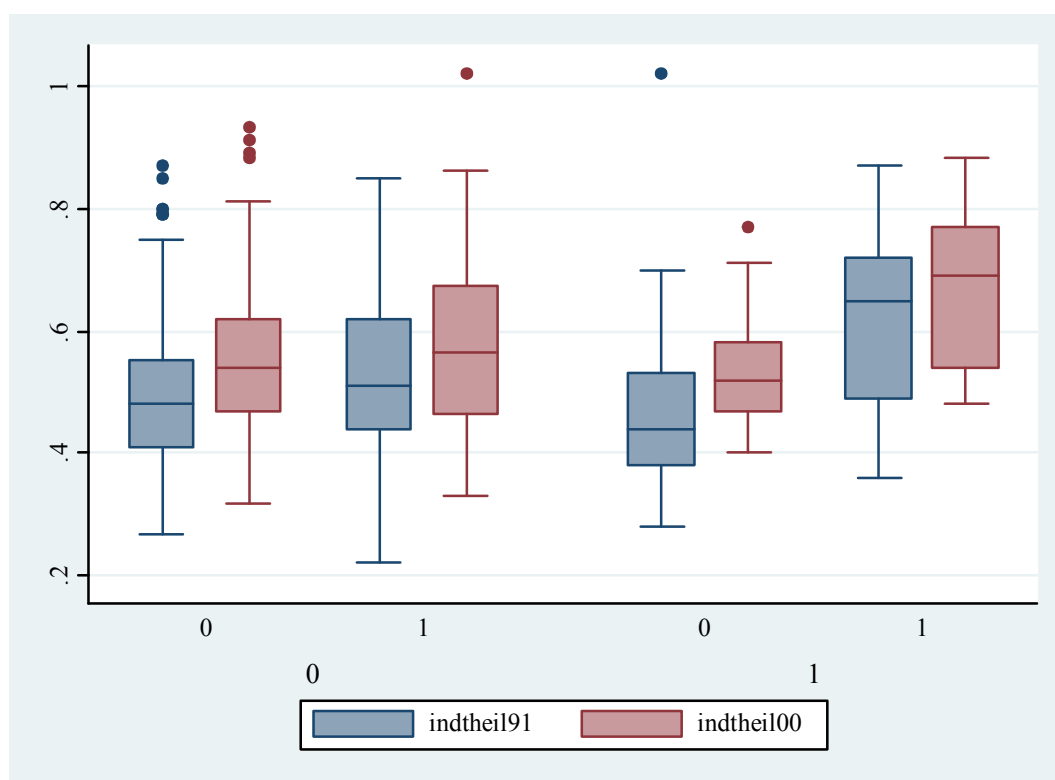


Gráfico 19 – Índice de Theil, nos Municípios com Potencial Turístico e os Turísticos, com ou sem PRODETUR I/NE^a, nos anos de 1991 e 2000

Fonte: IPEA (Elaborado pela autora)

a - O gráfico traz os municípios turísticos e com potencial turístico representados pelo valores 1 e 0 mais próximos ao eixo X, respectivamente. Os municípios que receberam financiamento do PRODETUR I/NE e os que não receberam estão representados pelos valores 1 e 0 mais distantes do eixo X, respectivamente.

Um dos fatores que contribuem para essa concentração da renda é a redução da taxa de ocupação, presente nesse período em todos os grupos. De acordo com o Gráfico 20, a

queda na taxa é decorrente principalmente do crescimento da população economicamente ativa (PEA), que ocorre em todos os grupos de análise. No caso dos municípios com potencial turístico beneficiados pelo PRODETUR I/NE, há uma queda no total de ocupados, sendo que o mesmo ocorre nos municípios com potencial turístico não beneficiados pelo Programa, mas em proporções bem menores, quase permanecendo constante. Nos municípios turísticos há um aumento no total de ocupados, mas em proporções bem menores ao da PEA. Essa é uma tendência nacional, decorrente da política econômica, pela qual o aumento da taxa de juros inviabiliza o investimento, ou pelo menos o volume de investimento necessário para atender a demanda por emprego.

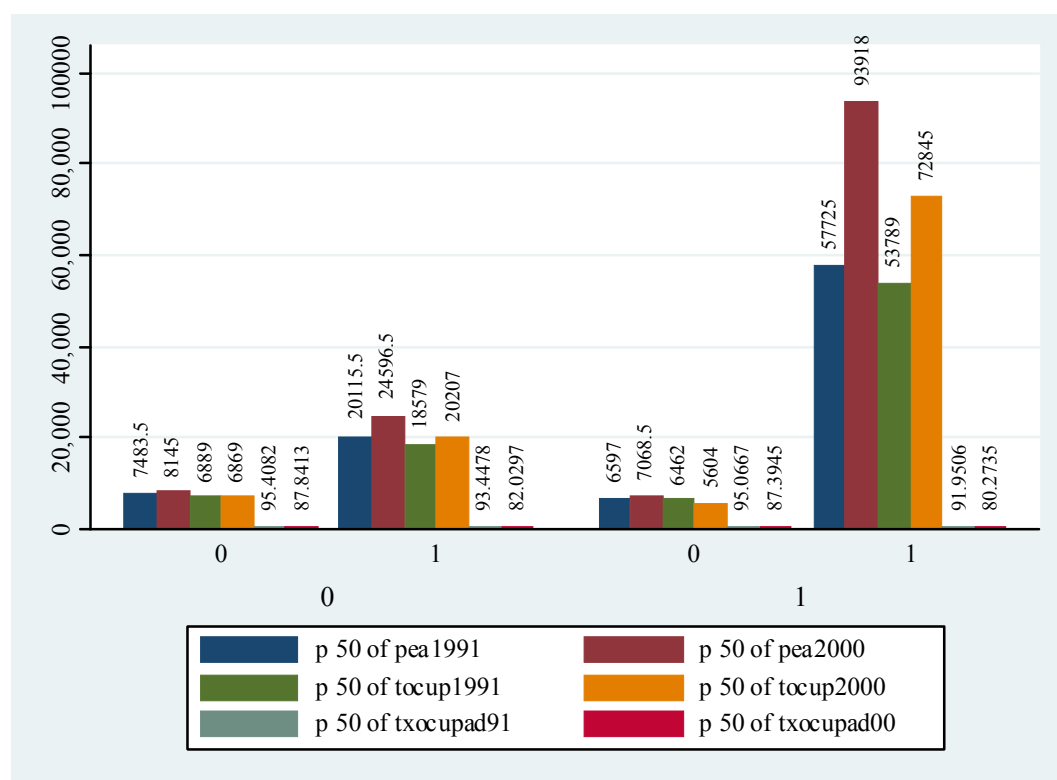


Gráfico 20 – População Economicamente Ativa (PEA), Total de Ocupados (tocup) e a Taxa de Ocupação (txocup %), nos Municípios com Potencial Turístico e os Turísticos, com ou sem PRODETUR I/NEª, nos anos de 1991 a 2000

Fonte: IBGE (elaborado pela autora)

a - O gráfico traz os municípios turísticos e com potencial turístico representados pelo valores 1 e 0 mais próximos ao eixo X, respectivamente. Os municípios que receberam financiamento do PRODETUR I/NE e os que não receberam estão representados pelos valores 1 e 0 mais distantes do eixo X, respectivamente.

Complementar a essa análise, apesar de pegar um período diferenciado, porém mais compatível com a implantação do PRODETUR I/NE, o Gráfico 21 traz as taxas de crescimento anuais do emprego e da massa salarial no mercado formal, tanto para a economia

como um todo, como apenas para o setor turístico. Segundo este gráfico, nos municípios turísticos com ou sem PRODETUR I/NE, a taxa de crescimento anual da massa salarial da economia como um todo é menor que o crescimento da taxa de crescimento do emprego formal, representando uma precarização do trabalho, com salários mais reduzidos. No caso dos municípios com potencial turístico com ou sem PRODETUR I/NE, ocorreu o inverso, mas que não se reflete no setor turístico, no qual a massa salarial cresce a uma taxa menor que o emprego. Para os municípios turísticos, a economia do turismo apresenta uma precarização do trabalho, seguindo a economia total, até porque nesses municípios o setor turístico tem um peso maior, com grande impacto na economia total. Chama à atenção a taxa de crescimento da massa salarial dos municípios turísticos com PRODETUR I/NE, que ao contrário dos demais grupos, apresentou um decréscimo, agravando o quadro de precarização do trabalho. Isso decorre de dois fatores, um deles é o aumento do desemprego, demonstrado no Gráfico 20.

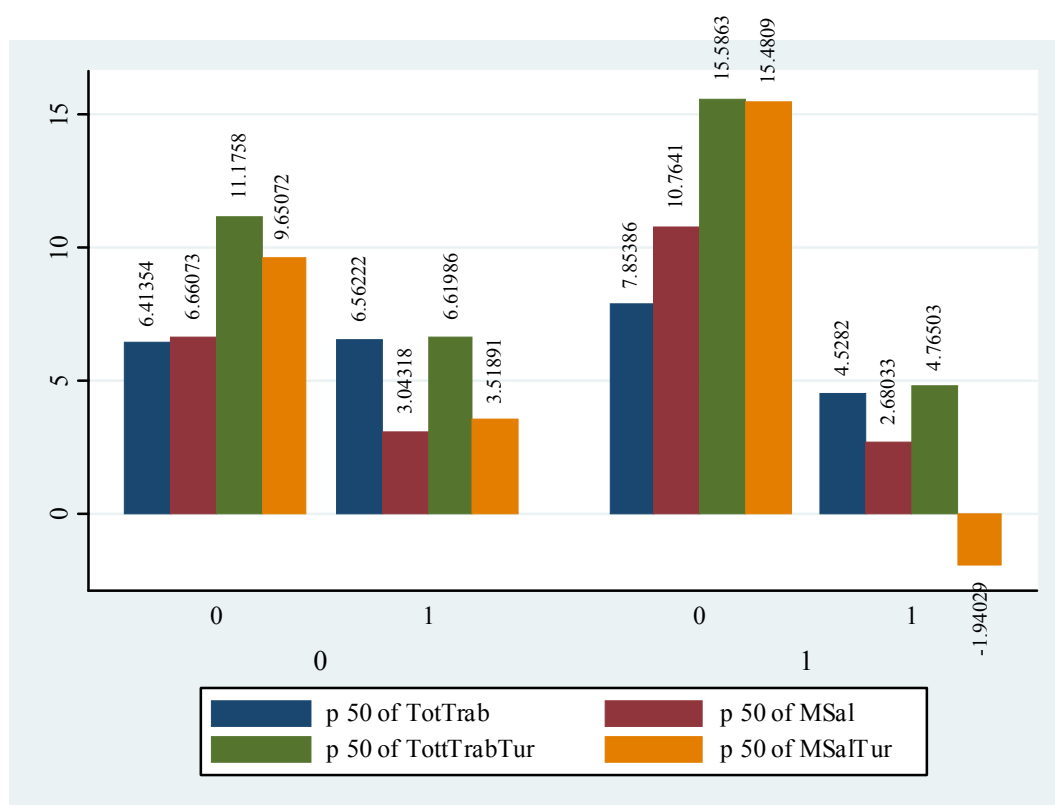


Gráfico 21 – Taxas de Crescimento do Anual do Emprego e da Massa Salarial, do Mercado Formal Total e do Setor do Turismo (%), nos Municípios com Potencial Turístico e os Turísticos, com ou sem PRODETUR I/NE^a, entre os anos de 1995 a 2004

Fonte: RAIS/MTE (elaborado pela autora)

a - O gráfico traz os municípios turísticos e com potencial turístico representados pelo valores 1 e 0 mais próximos ao eixo X, respectivamente. Os municípios que receberam financiamento do PRODETUR I/NE e os que não receberam estão representados pelos valores 1 e 0 mais distantes do eixo X, respectivamente.

Diante disso, a capacidade de pressão por aumento salarial se reduz, dada a imensa fila de desempregados dispostos a trabalhar por qualquer salário. Além disso, há um outro fator apontado nas entrevistas de campo, característico da Costa do Descobrimento, que foi o grande êxodo rural, que trouxe pessoas despreparadas e acostumadas ao trabalho mais pesado, que se submetem a trabalhar no turismo por um salário menor do que o compatível com a atividade.

Esse crescimento do total de ocupados e, principalmente, do total de trabalhadores formais deve estar relacionado ao aumento do fluxo de turistas para os estados do Nordeste, conforme os dados da Tabela 50. O aumento do fluxo de turistas gera um aquecimento na economia local, aumentando a demanda por trabalhadores. A reforma dos aeroportos e das rodovias, financiada pelo PRODETUR I/NE, não pode deixar ter sua importância reconhecida, pois facilita o acesso aos locais desejados.

Tabela 50 - Evolução do Fluxo Turístico nas Capitais e Estados do Nordeste: 1996-2004

Capitais do Nordeste	1996 (1000 turistas)		2004 (1000 turistas)	
	Capital	Estado	Capital	Estado
Aracaju	185	320	452	783
Fortaleza	773	989	1784	2806
João Pessoa	400	560	668	949
Maceió	275	495	952	1428
Natal	471	563	1202	1783
Recife	864	1330	2009	3352
São Luís	355	605	844	1013
Salvador	1633	2880	2412	5180
Teresina	81	108	272	484
Nordeste	5037	7850	10595	17778

Fonte: GTP/CTI-NE, Órgãos Oficiais dos Estados do Nordeste e PDITS – Apud: Teles (2005 - adaptação da autora)

Contudo, essa importância é dividida também com a ampliação dos gastos promocionais com turismo, em feiras especializadas do setor e também na mídia, realizada pelas secretarias estaduais de turismo. Além disso, a desvalorização cambial, a partir de 1999, tem como efeito baratear o turismo, tanto para os turistas internacionais, já que o dólar passa a valer mais em comparação com o Real, como para os turistas nacionais, que passaram a dar preferência ao turismo doméstico ao invés do turismo internacional, pois este último passa a ficar mais caro. Vale ressaltar que, a reforma e/ou ampliação dos aeroportos só foi possível com o financiamento do governo federal, via BNDES. Portanto, há uma divisão de tarefas que somadas levam a ampliação da economia turística no Nordeste, passando pelo financiamento e adequação da política cambial pelo governo federal, divulgação pelo governo estadual e o apoio local do governo municipal.

No que tange a arrecadação tributária, provavelmente o PRODETUR I/NE auxiliou na sua ampliação, com os cursos de capacitação, apesar dos problemas já mencionados. Contudo, essa não é uma ação só do PRODETUR I/NE, o governo federal esteve empenhado em ampliar a capacidade de arrecadação do município, com cursos de capacitação financiados pelo BNDES e pelo BIRD. De acordo com o Gráfico 22, os quatro grupos analisados tiveram a mediana da taxa de crescimento da receita tributária municipal positiva, reforçando a existência de mais elementos, como a atuação do BNDES, que não seja somente o PRODETUR, pois os municípios não beneficiados seguiram a mesma tendência dos que foram beneficiados com recursos do Programa. Existem alguns *outlier* com taxas negativas, demonstrando a heterogeneidade dos municípios nordestinos. Contudo, há uma tendência de crescimento da capacidade de arrecadação, cujo empenho coordenativo e de cooperação vertical tem tido especial atenção pelo governo federal, para cumprir seu projeto de equilíbrio fiscal.

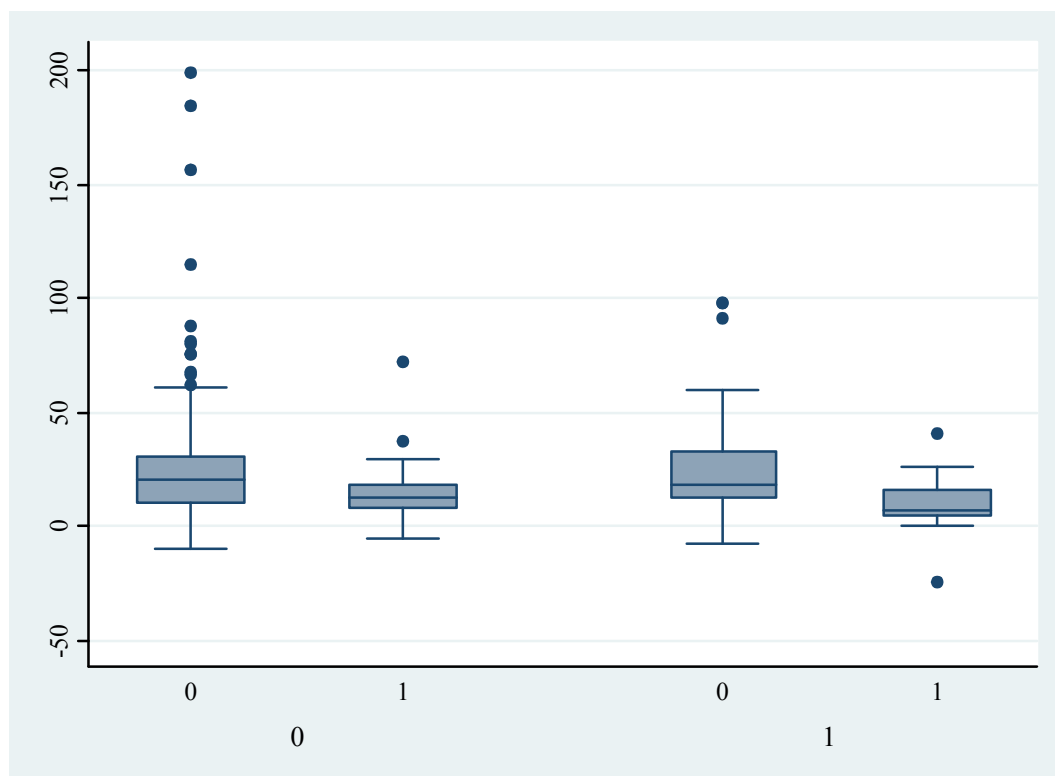


Gráfico 22 – Taxa de Crescimento Anual da Receita Tributária, nos Municípios com Potencial Turístico e os Turísticos, com ou sem PRODETUR I/NE^a, de 1995 a 2004

Fonte: IPEA (Elaborado pela autora)

a - O gráfico traz os municípios turísticos e com potencial turístico representados pelo valores 1 e 0 mais próximos ao eixo X, respectivamente. Os municípios que receberam financiamento do PRODETUR I/NE e os que não receberam estão representados pelos valores 1 e 0 mais distantes do eixo X, respectivamente.

Em síntese, pode-se concluir que os investimentos municipais têm uma relação positiva com o desenvolvimento, que em alguns indicadores, como educação, dependem das transferências estaduais.. Contudo, essa capacidade de interferência é limitada, não sendo o PRODETUR I/NE, como política *ad hoc*, suficiente para cobrir as insuficiências locais. Portanto, necessita-se de uma coordenação federativa, via cooperação vertical, direcionada para o desenvolvimento, que tem se mostrado ausente, dado o seu caráter neoliberal.

CONCLUSÃO

Esta pesquisa teve como objetivo relacionar o desenvolvimento às variáveis investimento público e participação social. A hipótese defendida foi de que o nível de desenvolvimento está diretamente relacionado ao investimento público, podendo esse desenvolvimento ser ampliado com a participação social. Partindo desse objetivo, utilizando o PRODETUR I/NE como campo de observação, abriu-se um amplo leque de reflexões, tanto teóricas como empíricas, que possibilitaram fazer várias ilações.

A partir da construção teórica, a compreensão do Estado capitalista trouxe elementos de relação entre os benefícios sociais e a materialização do Estado, esta entendida como uma condensação de forças. Portanto, o confronto de interesses dentro da configuração política do Estado permite a possibilidade de avanços em prol do desenvolvimento, a depender do poder de cada força social. Essa relação foi trabalhada também dentro do contexto histórico brasileiro, na década de 1990, reforçando empiricamente essa aferição teórica. Mais do que isso, esse resgate da política brasileira fortaleceu a hipótese do trabalho, atrelando o investimento público ao desenvolvimento.

A década de 1990 é um período em que o governo federal tem como eixo de seu projeto nacional o equilíbrio fiscal e a estabilização econômica, utilizando-se de políticas liberais, como privatizações, taxas de juros elevadas, redução de gastos em investimentos favoráveis ao setor produtivo. Diante disso, apenas políticas *ad hoc* foram utilizadas em prol do desenvolvimento, e o PRODETUR I/NE foi uma delas, mostrando-se insuficiente frente à demanda existente. Além disso, o próprio controle sobre os gastos dos estados, representados pela elegibilidade para o financiamento, fez com que os recursos do Programa não fossem direcionados para os estados mais pobres, contrariando o seu próprio objetivo de redução da pobreza.

O conceito de desenvolvimento sustentável foi trabalhado dentro das dimensões econômica, social, institucional e ambiental, mostrando-se complexo e com uma ampla gama de interferências. Considerando os elementos ambientais, o espaço local foi defendido a partir da construção teórica dos espaços relativos. Contudo, o contexto histórico e a parte de análise dos dados trouxeram limites ao seu potencial no processo de desenvolvimento sustentável. É

preciso desmistificar o poder que foi dado ao espaço local, que geraram expressões tão conhecidas, como “*small is beautiful*”. O local é um espaço dinâmico, com interações sociais, econômicas e mesmo físicas próprias, mas essa dinâmica sofre interferências externas, sendo muitas vezes uma resposta a estas interferências. Portanto, o conceito de desenvolvimento local como algo isolado ou uma opção de espaço para o desenvolvimento é uma impropriedade. O desenvolvimento é um processo que envolve uma articulação entre diferentes escalas e a local deve estar inserida nessa articulação, para ressaltar as suas especificidades diante do todo e não como algo isolado do todo.

Entretanto, o esforço da política brasileira na década de 1990 foi em direção à descentralização da política, atrelada ao novo pacto federativo do país. Nesse processo, criou-se uma idéia de que o município era auto-suficiente para estimular o desenvolvimento. A base teórica de entendimento de uma estrutura federativa apontou para a necessidade de uma coordenação federal para o desenvolvimento, contrapondo-se a existência de um desenvolvimento local, no sentido de que ele está alheio às políticas do governo federal.

Os esforços de coordenação nacional no Brasil foram principalmente para nortear o equilíbrio das contas públicas, nas três esferas – federal, estadual e municipal. Por um lado, não se pode negar o avanço de políticas de controle do gasto público, como a Lei de Responsabilidade Fiscal. Por outro lado, esse controle excessivo sobre os gastos das esferas subnacionais não teve uma contrapartida da esfera federal, cujo resultado foi uma variação no desenvolvimento muito pequena, com aumento do desemprego, precarização do trabalho e aumento da desigualdade social. Portanto, a descentralização significou mais um processo de “desmonte” do Estado, associada com uma “municipalização” ou “prefeiturização” do desenvolvimento, trazendo os problemas de não se trabalhar com os princípios que essa descentralização implica em um Estado federativo, como o brasileiro.

A falta de uma coordenação federativa, que contemplasse os princípios da cooperação vertical e horizontal, ampliou os problemas de fragmentação socioeconômica, identificados nos municípios turísticos e com potencial turístico do Nordeste. Em regiões com heterogeneidades sociais e econômicas, é fundamental a atuação do governo federal, pois as esferas subnacionais não têm condições institucionais e/ou financeiras.

As regressões e análises de correspondências permitiram correlacionar positivamente o investimento público municipal à variação no nível de desenvolvimento, em alguns casos o

investimento atrelado às transferências estaduais, o que denota uma articulação entre as escalas de poder. Contudo, o seu impacto foi limitado em termos de variação, reforçando a noção de que há limites para que os municípios brasileiros potencializem o processo de desenvolvimento.

Programas como o PRODETUR I/NE são insuficientes, porque, mesmo para uma atividade em expansão como o turismo, com ampla capacidade de geração de emprego, depende-se de políticas públicas atreladas a um projeto nacional de desenvolvimento, como as demais atividades. Essas políticas devem ser capazes de captar a transferência de demandas para os municípios maiores e as carências dos municípios menores. Pelas regressões, a relação negativa entre o nível inicial de desenvolvimento e sua variação mostra a dificuldade dos grandes municípios de ampliarem o seu desenvolvimento. O contexto histórico e a variação negativa do índice de desenvolvimento confirmam essa dificuldade, com a ampliação das demandas provenientes da migração para os grandes centros, sem um aporte público que pudesse atender satisfatoriamente a essas demandas. O baixo nível de desenvolvimento nos demais municípios demonstra a carência existente, da qual o poder local não tem tido condições de reverter.

Portanto, além da coordenação federal associada às cooperações vertical e horizontal, é preciso que os investimentos não sejam pontais, tanto em termos de alguns municípios, como em termo de montante. Nas regressões, os investimentos municipais responderam positivamente à variação do desenvolvimento, demonstrando a necessidade de um investimento recorrente e de ampla extensão.

A participação cidadã, representada nos conselhos gestores de turismo, não respondeu nas regressões. Contudo, isso não significa que a participação não contribua para o desenvolvimento, haja vista a pouca quantidade de conselhos de turismo existentes, mesmo nos municípios turísticos. Na realidade não há uma participação efetiva nesses municípios, por isso ela não responde. As reflexões feitas levam a uma série de problemas relacionados à participação em conselhos no Brasil. Aponta-se para dificuldades tanto na esfera pública como na capacidade de atuação dos conselheiros. Entretanto, se for buscada as reflexões da dimensão institucional, há uma propensão a concluir que não houve um fortalecimento dessa instituição no âmbito municipal. Há uma carência de estímulos para que essa participação se efetive. No trabalho de campo, foi indicada como problemática a atuação do poder público local, que vê os conselheiros como uma concorrência ao seu poder político e não como uma

ampliação da capacidade de gestão local. Infelizmente, só foi possível fazer apontamentos para essa variável. O trabalho se mostrou limitado para fazer conclusões mais amplas, diante da complexidade que essa variável envolve, extrapolando os objetivos da pesquisa. Fica uma recomendação para pesquisas futuras, direcionadas exclusivamente ao tema.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, Ricardo. Conselhos Além dos Limites. **Estudos Avançados**, v.15, nº45, 2001.

ABRUCIO, Fernando L. Descentralização e Coordenação Federativa no Brasil: Lições dos anos FHC. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão/Secretaria de Gestão. **O Estado em uma Era de Reformas: Os Anos FHC. 2º Parte**. Brasília, 2002. (Coleção Gestão Pública)

_____. A Coordenação Federativa no Brasil: A Experiência do Período FHC e os Desafios do Governo Lula. **Revista de Sociologia e Política**, nº 24, jun./2005.

AFFONSO, Rui de B. A. Descentralização e Reforma do Estado: a Federação Brasileira na Encruzilhada. **Economia e Sociedade**, Campinas, (14): jun./2000.

_____. Descentralização, Desenvolvimento Local e Crise da Federação no Brasil. Santiago – Chile: CEPAL, 2000. Projeto CEPAL/GTZ “**Desarrollo Económico Local Y Descentralización en América Latina.**”

AFONSO, José R. R. Novos Desafios à Descentralização Fiscal no Brasil: As Políticas Sociais e as de Transferências de Renda. **XVIII Seminário Regional de Política Fiscal**, realizado na CEPAL/ILPES, Santiago do Chile, 23-26/1/2006.

_____ e ARAUJO, Érika A. **A Capacidade de Gasto dos Municípios Brasileiros: Arrecadação Própria e Receita Disponível**. (www.federativo.bndes.gov.br/f_estudo.htm)

ANDERSON, Perry. Balanço do Neoliberalismo. In: SADER, E. e GENTILI, P. (orgs.). **Pós-neoliberalismo: As Políticas Sociais e o Estado Democrático**. São Paulo: Paz e Terra, 1995a.

_____. Além do Liberalismo. In: SADER, E. e GENTILI, P. (orgs.). **Pós-neoliberalismo: As Políticas Sociais e o Estado Democrático**. São Paulo: Paz e Terra, 1995b.

ARRETCHE, Marta T. S. Política Social no Brasil: Descentralização em um Estado Federativo. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v.14, n.40. São Paulo, jun./1999. (www.scielo.br)

_____. Financiamento Federal e Gestão Local de Políticas Sociais: O Difícil Equilíbrio entre Regulação, Responsabilidade e Autonomia. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.8, nº 2, 2003. (www.scielo.br)

BANCO INTER-AMERICANO DE DESENVOLVIMENTO (BID) – **Programa de Desarrollo Turístico en el Nordeste**, 1994.

_____. **Programa de Desarrollo Turístico en la Región Nordeste del Brasil – Segunda Etapa**. (PRODETUR/NE – II).

BANCO DO NORDESTE (BNB). **Relatório Final de Projeto: Programa de Desenvolvimento do Turismo no Nordeste/Primeira Fase**. Fortaleza: BNB, 2005.

BENEVIDES, Ireleno P. **Turismo e PRODETUR: Dimensões Olhares em Parceria.** Fortaleza: EUFC, 1998.

_____. Para uma Agenda de Discussão do Turismo como Fator de Desenvolvimento Local. In: RODRIGUES, Adyr B (org.). **Turismo e Desenvolvimento Local.** 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

BOBBIO, Norberto. **Estado, Governo, Sociedade:** Para uma Teoria Geral da Política. 11ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

BRESSER PEREIRA, Luiz Carlos. Macroeconomia Pós-Plano Real: As Relações Básicas. In: SICSÚ, João; PAULA, Luiz F. de; e MICHEL, Renaut. **Novo-Desenvolvimentismo: Um Projeto Nacional de Crescimento com Equidade Social.** Barueri:Manole; Rio de Janeiro: Fundação Konrad Adenauer, 2005.

_____. O Segundo Consenso de Washington e o Quase-Estagnação da Economia Brasileira. **Revista de Economia Política**, v.23, nº 3 (91), jul.-set./2003. (www.rep.org.br)

_____. Sociedade Civil: Sua Democratização para a Reforma do Estado. In: BRESSER PEREIRA, L.C.; WILHEIM, J.; SOLA, L. (Orgs). **Sociedade e Estado em Transformação.** São Paulo: UNESP; Brasília: ENAP, 1999.

_____. **Cidadania e Res publica: a Emergência dos Direitos Republicanos.** MARE/ENAP, 1997. (Texto para Discussão, 15)

_____. **Estado, Aparelho do Estado e Sociedade Civil.** Brasília: ENAP, 1995. (Texto para Discussão, 4)

BRESSER PEREIRA e NAKANO, Yoshiaki. Crescimento Econômico com Poupança Externa? **Revista de Economia Política**, v.23, nº2 (90), abr.-jun./2003. (www.rep.org.br)

CAMARGO, Aspásia. A Reforma-Mater: Os Riscos (e os Custos) do Federalismo Incompleto. **Parcerias Estratégicas**, nº 6, mar./1999. (<http://ftp.mct.gov.br/CEE/revista/Parcerias6/camargo.pdf>)

CARVALHO, M. C. A. A. Participação Social no Brasil Hoje. **Polis Papers**, nº 2, 1998. (www.polis.org.br/publicacoes_interno.asp?codigo=169).

CARVALHO, Carlos E. Dívida Pública: Um Debate Necessário. In: SICSÚ, João; PAULA, Luiz F. de; e MICHEL, Renaut. **Novo-Desenvolvimentismo: Um Projeto Nacional de Crescimento com Equidade Social.** Barueri:Manole; Rio de Janeiro: Fundação Konrad Adenauer, 2005.

CASTELLS, Manuel. Para o Estado-Rede; Globalização Econômica e Instituições Políticas na Era da Informação. In: BRESSER PEREIRA, L.C.; WILHEIM, J.; SOLA, L. (Orgs). **Sociedade e Estado em Transformação.** São Paulo: UNESP, Brasília: ENAP, 1999.

_____. **O Poder da Identidade.** São Paulo: Paz e Terra, 1999. (A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura, V.2)

CASTRO, Lavínia B. de. Privatização, Abertura e Desindexação: A Primeira Metade dos Anos 90 (1990-1994). In: GIAMBIAGI, Fábio, VILLELA, André, CASTRO, Lavínia B. e HERMANN, Jennifer (Orgs.). **Economia Brasileira Contemporânea (1945-2004)**. 4ª Reimpressão Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

CLAUSEN, Sten-Erik. **Applied Correspondence Analysis: An Introduction**. Thousand Oaks, London e New Delhi: Sage Publications, International Educational e Professional Publisher, 1998. (Series: Quantitative Applications in the Social Sciences, 121)

COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO. **Nosso Futuro Comum**. 2º ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1991.

CORIOLOANO, Luzia N. M. T. Bases Conceituais do Desenvolvimento e do Ecoturismo. In: QUEIROZ, Odaléia T. M. M. (org.). **Turismo e Ambiente: Temas Emergentes**. Campinas: Alínea, 2006.

CRUZ, Rita de Cássia. **Política de Turismo e Território**. São Paulo: Contexto, 2000.

DEFINIÇÃO E METODOLOGIA DE CÁLCULO DOS INDICADORES E ÍNDICES DE DESENVOLVIMENTO HUMANO E CONDIÇÕES DE VIDA.
www.undp.org.br/HDR2000/metodologias.

DRAIBE, Sônia. A Nova Institucionalidade do Sistema Brasileiro de Políticas Sociais: Os Conselhos Nacionais de Políticas Setoriais. **Caderno de Pesquisa**, nº35, 1998. Campinas: Núcleo de Estudos de Políticas Públicas (NEPP)/UNICAMP. (www.nepp.unicamp.br/Cadernos/Caderno35.pdf)

EMPRESA BRASILEIRA DE TURISMO. **Metodologia de Hierarquização do Processo de Identificação de Municípios Prioritários Para o Desenvolvimento do Turismo no Brasil**. (mimeo)

FIORI, José L. Ajuste, Transição e Governabilidade: O Enigma Brasileiro. In: TAVARES, Maria da C. e FIORI, José L. **Desajuste Global e Modernização Conservadora**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993

_____. O Consenso de Washington. Palestra proferida no Centro Cultural Banco do Brasil, no dia 04 de setembro de 1996. (www.dhnet.org.br/direitos/direitosglobais/textos/consenso_w.htm).

_____. **Os Moedeiros Falsos**. 5º ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

FROGER, G. Eléments pour une Théorie Institutionnaliste des Ressources Naturelles et de L'environnement. In: **Economies et Sociétés**. Série Développement, croissance et progrès, n.35, 4/1997.

GARCIA, Ronaldo C. **Descentralização: Um Processo a Ser Acompanhado e Avaliado (ou do finja que eu finjo ao faça que nós vemos)**. Brasília: IPEA, janeiro/1995. (Texto para Discussão nº 364)

GODARD, O. A Gestão Integrada dos Recursos Naturais e do Meio Ambiente: conceitos, instituições e desafios de legitimação. In: VIEIRA, P. F. e WEBER, J. **Gestão de Recursos Naturais Renováveis e Desenvolvimento: novos desafios para a pesquisa ambiental**. São Paulo: Cortez, 1997.

GOHN, Maria da G. **Conselhos Gestores e Participação Sociopolítica**. São Paulo: Cortez, 2001. (Coleção Questões da Nossa Época; v. 84)

GOMES, Gustavo M. e MACDOWELL, Maria C. **Descentralização Política, Federalismo Fiscal e Criação de Municípios: O que é Mau para o Econômico nem sempre é Bom para o Social**. Brasília: IPEA, 2000. (Texto Para Discussão nº 706)

GREMAUD, Amaury P., VASCONCELLOS, Marco A. S. de e TONETO JR., Rudinei. **Economia Brasileira Contemporânea**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GUJARATI, Damodar N. **Econometria Básica**. 3 ed. São Paulo: Pearson Makron Books, 2000.

HAYEK, Friedrich A. Von. **Hayek na UnB: Conferências, Comentários e Debates de um Simpósio Internacional realizado de 11 a 12 de maio de 1981**. Brasília: Universidade de Brasília, 1981. (Coleção Itinerários)

HERMANN, Jennifer. Auge e Declínio do Modelo de Crescimento com Endividamento: O II PND e a Crise da Dívida Externa (1974-1984). In: GIAMBIAGI, Fábio, VILLELA, André, CASTRO, Lavínia B. e HERMANN, Jennifer (Orgs.). **Economia Brasileira Contemporânea (1945-2004)**. 4ª Reimpressão Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

HILL, Carter; GRIFFITHS, William; e JUDGE, George. **Econometria**. São Paulo: Saraiva, 1999.

IBGE. **Perfil dos Municípios Brasileiros: Finanças Públicas 1998-2000**. Rio de Janeiro: IBGE, 2004.

_____. **Perfil dos Municípios Brasileiros: Gestão Pública 2001**. Rio de Janeiro: IBGE, 2003.

_____. **Perfil dos Municípios Brasileiros: Meio Ambiente 2002**. Rio de Janeiro: IBGE, 2004.

INTRILIGATOR, Michael D.; BODKIN, Ronald G.; e HSIAO, Cheng. **Econometric Models, Techniques, and Applications**. 2ª ed. Upper Saddle River/USA: Prentice Hall, 1996.

BRASIL. **Lei Nº 9496**, de 11 de setembro de 1997. (www.camara.gov.br/legislação)

LEROY, Jean-Pierre. Da Comunidade Local às Dinâmicas Microrregionais na Busca do Desenvolvimento Sustentável. In: BECKER, B. e MIRANDA, M. (orgs.). **A Geografia Política do Desenvolvimento Sustentável**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

LOBO, Thereza; MEDEIROS, Antônio C.; ORRICO, José L., BURGOS, Marcelo e STEIN, Mauro L. **Descentralização: Cenário Brasileiro Pós-Constituição**. Rio de Janeiro: Centro de Estudos de Políticas Públicas, agosto de 1993. (Texto para Discussão nº18)

_____ e UGÁ, Maria A. D. Descentralização – Abordagem Conceitual e Experiência Colombiana. Rio de Janeiro: Centro de Estudos de Políticas Públicas, agosto de 1993. (Texto para Discussão nº17)

MAGALHÃES, Cláudia F. **Diretrizes para o Turismo Sustentável em Municípios**. São Paulo: Roca, 2002.

MERRILL, William e FOX, Karl A. **Estatística Econômica: Uma Introdução**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 1980.

Ministério do Planejamento. **Plano Plurianual 1996/1999**. Site: www.planejamento.gov.br/planejamento_investimento/conteudo/PPA1996/estrategias.htm

Ministério do Esporte e Turismo. **Deliberação Normativa nº 432**, de 28 de novembro de 2002.

Ministério do Turismo. **Turismo Sustentável e Alívio da Pobreza no Brasil: Reflexões e Perspectivas**. Brasília, 2005.

Organização Mundial do Turismo – OMT. **Desarrollo Sostenible del Turismo: definición conceptual**. Agosto, 2004. Site: www.world-tourism.org.

PERAZZA, Maria Cláudia e TUAZON, Raul. **Programa de Desenvolvimento Turístico do Nordeste do Brasil: Resultados e Lições Aprendidas**. S/d.

PIRES, Henrique A. A. e BUGARIN, Maurício S. A. A Credibilidade da Política Fiscal: Um Modelo de Recuperação para a Execução das Garantias Fiscais pela União junto aos Estados após o Programa de Ajuste Fiscal e a Lei de Responsabilidade Fiscal. **XXIX Encontro Nacional de Economia**. Realizado de 11 a 14 de dezembro, em Salvador-BA, 2001 (www.anpec.org.br/encontro2001/artigos).

Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável de Alagoas. www.bnb.gov.br

Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável da Bahia. www.bnb.gov.br

Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável do Ceará. www.bnb.gov.br

Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável do Maranhão. www.bnb.gov.br

Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável da Paraíba. www.bnb.gov.br

Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável de Pernambuco. www.bnb.gov.br

Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável do Piauí. www.bnb.gov.br

Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável do Rio Grande do Norte. www.bnb.gov.br

Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável de Sergipe.
www.bnb.gov.br

POULANTZAS, Nicos. **O Estado, o Poder, o Socialismo.** 2º ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

RIGOLON, Francisco e GIAMBIAGI, Fabio. **A Renegociação das Dívidas e o Regime Fiscal dos Estados.** Rio de Janeiro: BNDES, 1999. (Texto para Discussão 69). (www.federativo.bndes.gov.br).

RODDEN, Jonathan. Federalismo e Descentralização em Perspectiva Comparada: Sobre Significados e Medidas. **Revista de Sociologia e Política**, nº24, jun./2005.

RODRIGUES, Arlete M. Desenvolvimento Sustentável e Atividade Turística. In: RODRIGUES, Adyr B. (org.) . **Turismo e Desenvolvimento Local.** 2ºed. São Paulo: Hucitec, 1999.

SACHS, Ignacy. **Ecodesenvolvimento: Crescer sem Destruir.** São Paulo: Vértice, 1986.

_____. Estratégias de Transição para o Século XXI. In: BURSZTYN, Marcel (org.). **Para Pensar o Desenvolvimento Sustentável.** São Paulo: Brasiliense, 1993.

_____. **Caminhos para o Desenvolvimento Sustentável.** Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

_____. **Desenvolvimento: Includente, Sustentável, Sustentado.** Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

SALLUM JR., Basílio. Liberalismo e Desenvolvimentismo no Brasil dos anos 90. In: ARBIX, G.; ZILBOVICIUS, M.; ABRAMOVAY, R. (Orgs.) **Razões e Ficções do Desenvolvimento.** São Paulo: UNESP; Edusp, 2001.

SATO, Ademar K. **Descentralização: Um Tema Complexo.** Brasília: IPEA, outubro de 1993. (Texto para Discussão nº 314)

SATO, Ademar k.; MARTIN, André; LAVAREDA, Antônia.; et alli. Descentralização: Pacto Federativo. **Cadernos ENAP**, V.1, n.1. Brasília: ENAP, 1993

SAULE JR., Nelson. A Participação dos Cidadãos no Controle da Administração Pública. **Polis Papers**, nº 1, 1998. (www.polis.org.br/publicacoes_interno.asp?codigo=174).

SCHLÜTER, R. **O Desenvolvimento do Turismo Sustentável na América do Sul: O Caso da Patagônia, na Argentina.** In: PEARCE, D.G. e BUTLER, R. (orgs.). **Desenvolvimento em Turismo: Temas Contemporâneos.** São Paulo: Contexto, 2002.

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como Liberdade.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SICSÚ, João. Blindando a Economia Brasileira: Existe Alternativa aos Programas do FMI? In: SICSÚ, João; PAULA, Luiz F. de; e MICHEL, Renaut. **Novo-Desenvolvimentismo: Um Projeto Nacional de Crescimento com Equidade Social.** Barueri:Manole; Rio de Janeiro: Fundação Konrad Adenauer, 2005.

SHIKI, Simone de Faria Narciso. **Desenvolvimento Agrícola nos Cerrados**: Trajetória de Acumulação, Degradação Ambiental e Exclusão no Entorno de Irai de Minas. Dissertação (Desenvolvimento Econômico) – Instituto de Economia, Universidade Federal de Uberlândia, 1998.

SILVA, Isabela F. B. R. e SOUSA, Maria da C. S. **Determinantes do Endividamento dos Estados Brasileiros**: Uma Análise de Dados de Painel. Brasília: Departamento de Economia/UnB, 2002. (Texto para Discussão nº 259).

SILVA, José C. F. da e MICHEL, Renaut. A Macroeconomia da Concentração de Renda e da Estagnação. In: SICSÚ, João; PAULA, Luiz F. de; e MICHEL, Renaut. **Novo-Desenvolvimentismo**: Um Projeto Nacional de Crescimento com Equidade Social. Barueri:Manole; Rio de Janeiro: Fundação Konrad Adenauer, 2005.

SMITH, N. **Desenvolvimento Desigual**: natureza, capital e a produção do espaço. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

SMITH, Adam. **A Riqueza das Nações**: Investigação sobre sua Natureza e suas Causas. São Paulo: Nova Cultura, 1996. (Série Os Pensadores)

SON, N.T., PIGRAM, J.J. e RUGENDYKE, B.A. Desenvolvimento de Turismo e Parques Nacionais no Mundo em Desenvolvimento: Parque Nacional da Ilha Cat Ba, no Vietnã. In: PEARCE, D.G. e BUTLER, R. (orgs.). **Desenvolvimento em Turismo: Temas Contemporâneos**. São Paulo: Contexto, 2002.

SOROMENHO, José E. de C. Os Novos Clássicos e a Teoria dos Ciclos de Hayek. **Revista de Economia Política**, v. 18, nº 3, (71), jul.-set./1998. (www.rep.org.br)

SOUZA, Marcelo J. L. de. Como Pode o Turismo Contribuir para o Desenvolvimento Local. In: RODRIGUES, Adyr B (org.). **Turismo e Desenvolvimento Local**. 2ªed. São Paulo: Hucitec, 1999.

STIGLITZ, Joseph E. **A Globalização e seus Malefícios**: A Promessa não-cumprida de Benefícios Globais. 4ª ed. Tradução Bazán Tecnologia e Linguística. São Paulo: Futura, 2003. (Prêmio Nobel de Economia de 2001)

TATAGIBA, Luciana. Os Conselhos Gestores e a Democratização das Políticas Públicas no Brasil. In: DAGNINO, Evelina (org.). **Sociedade Civil e Espaços Públicos no Brasil**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

TAVARES, Maria da C. A Recentralização Fiscal e Arbítrio Político. **Folha de São Paulo**, 20 de julho de 1997.

TELES, João A. **Efeitos Globais do PRODETUR I/NE**: Enfoque Turístico. Fortaleza: BNB, out./2005.

VAINER, Carlos. Entrevista. **Proposta**, n.78, ano 27. Rio de Janeiro, set./nov./1998. Revista Trimestral da FASE.

_____. As Escalas do Poder e o Poder das Escalas: O que Pode o Poder Local? **IX Encontro Nacional da ANPUR**. Rio de Janeiro, 28 de maio a 1 de junho de 2001.

VARSANO, Ricardo. Reforma Tributária e Guerra Fiscal na Federação Brasileira. **Relatório CAT**, nº 5, setembro de 2001. (www.federativo.bndes.gov.br)

VEIGA, J. E. da. **Desenvolvimento Sustentável: o Desafio do Século XXI**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

VERGOPOULOS, Kostas. **Globalização, O Fim de um Ciclo**: Ensaio sobre a Instabilidade Internacional. Rio de Janeiro: Contaponto, 2005.

VIEIRA, P. F. Gestão Patrimonial de Recursos Naturais: construindo o Ecodesenvolvimento em regiões litorâneas. In: CAVALCANTI, C. (org.). **Desenvolvimento e Natureza**: estudos para uma sociedade sustentável. São Paulo: Cortez; Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1995.

WILLIAMSON, John. Depois do Consenso de Washington: Uma Agenda para Reforma Econômica na América Latina. Palestra apresentada à FAAP, em São Paulo, 25 de agosto de 2003. (www.iie.com/publications/papers/williamson0803.pdf)

WITHING, Sandra S. e FARIA, Diomira M.C. P. **Avaliação dos Aspectos Ambientais e Sócio-Econômicos do PRODETUR I**. BID: New York, 2001.

www.ipea.gov.br

www.mte.gov.br/EstudiososPesquisadores/PDET/Acesso/RaisOnLine.asp

www.ibge.gov.br

ANEXOS

ANEXO 1 - MUNICÍPIOS TURÍSTICOS E COM POTENCIAL TURÍSTICOS COM E SEM PRODETUR I/NE

MUNICÍPIOS COM PRODETUR I	TURÍSTICOS		POTENCIALMENTE TURÍSTICOS	
	UF	MUNICÍPIOS	UF	MUNICÍPIOS
	Alagoas	Maceió	Bahia	Belmonte
	Alagoas	Maragogi	Bahia	Cairu
	Bahia	Ilhéus	Bahia	Camamu
	Bahia	Lençóis	Bahia	Itacaré
	Bahia	Mata de São João	Bahia	Uruçuca
	Bahia	Porto Seguro	Ceará	Itapipoca
	Bahia	Salvador	Ceará	Paracuru
	Bahia	Santa Cruz Cabrália	Ceará	Paraipaba
	Bahia	Valença	Ceará	São Gonçalo do Amarante
	Ceará	Caucaia	Ceará	Trairi
	Ceará	Fortaleza	Paraíba	Baía da Traição
	Maranhão	Alcântara	Paraíba	Conde
	Maranhão	São Luís	Paraíba	Lucena
	Paraíba	Cabedelo	Paraíba	Marcação
	Paraíba	João Pessoa	Paraíba	Mataraca
	Pernambuco	Ipojuca	Paraíba	Pitimbu
	Pernambuco	Olinda	Paraíba	Rio Tinto
	Pernambuco	Paulista	Pernambuco	Barreiros
	Pernambuco	Recife	Pernambuco	Rio Formoso
	Piauí	Piracuruca	Pernambuco	Sirinhaém
	Piauí	Teresina	Pernambuco	Tamandaré
	Rio Grande do Norte	Extremoz	Piauí	Batalha
	Rio Grande do Norte	Natal	Piauí	Bom Princípio do Piauí
	Rio Grande do Norte	Parnamirim	Piauí	Buriti dos Lopes
	Sergipe	Aracaju	Piauí	Cajueiro da Praia
	Sergipe	São Cristóvão	Piauí	Caxingó
			Piauí	Cocal
			Piauí	Esperantina
			Piauí	Joaquim Pires
			Piauí	Luís Correia
			Piauí	Morro do Chapéu do Piauí
			Piauí	Murici dos Portelas
			Piauí	Oeiras
			Piauí	Parnaíba
			Piauí	Pimenteiras
			Piauí	Valença do Piauí
			Rio Grande do Norte	Ceará-Mirim
			Rio Grande do Norte	Goianinha
			Rio Grande do Norte	Nísia Floresta

			Rio Grande do Norte	Tibau do Sul
			Sergipe	Barra dos Coqueiros
			Sergipe	Gararu
			Sergipe	Indiaroba
			Sergipe	Itaporanga d'Ajuda
			Sergipe	Neópolis
			Sergipe	Santa Luzia do Itanhy
SEM PRODETUR I	Alagoas	Penedo	Alagoas	Arapiraca
	Alagoas	Piaçabuçu	Alagoas	Barra de Santo Antônio
	Alagoas	União dos Palmares	Alagoas	Barra de São Miguel
	Bahia	Barreiras	Alagoas	Belo Monte
	Bahia	Camaçari	Alagoas	Cajueiro
	Bahia	Canavieiras	Alagoas	Chã Preta
	Bahia	Caravelas	Alagoas	Coruripe
	Bahia	Itaparica	Alagoas	Delmiro Gouveia
	Bahia	Lauro de Freitas	Alagoas	Feliz Deserto
	Bahia	Madre de Deus	Alagoas	Japaratinga
	Bahia	Maragogipe	Alagoas	Jaramataia
	Bahia	Mucugê	Alagoas	Marechal Deodoro
	Bahia	Prado	Alagoas	Palmeira dos Índios
	Bahia	Rio de Contas	Alagoas	Passo de Camaragibe
	Bahia	Santo Amaro	Alagoas	Pilar
	Bahia	Vitória da Conquista	Alagoas	Piranhas
	Ceará	Aquiraz	Alagoas	Porto Calvo
	Ceará	Aracati	Alagoas	Porto de Pedras
	Ceará	Barbalha	Alagoas	Pão de Açúcar
	Ceará	Crato	Alagoas	Roteiro
	Ceará	Iguatu	Alagoas	Santa Luzia do Norte
	Ceará	Maranguape	Alagoas	São Luís do Quitunde
	Ceará	Missão Velha	Alagoas	São Miguel dos Campos
	Ceará	Pacajus	Alagoas	Viçosa
	Ceará	Pacatuba	Bahia	Abaíra
	Ceará	Quixadá	Bahia	Alcobaça
	Ceará	Sobral	Bahia	Andaraí
	Ceará	Ubajara	Bahia	Bom Jesus da Lapa
	Paraíba	Campina Grande	Bahia	Cachoeira
	Paraíba	Santa Rita	Bahia	Candeias
	Pernambuco	Cabo de Santo Agostinho	Bahia	Cipó
	Pernambuco	Carpina	Bahia	Conde
	Pernambuco	Fernando de Noronha	Bahia	Correntina
	Pernambuco	Garanhuns	Bahia	Curaçá
	Pernambuco	Goiana	Bahia	Esplanada
	Pernambuco	Igarassu	Bahia	Feira de Santana
	Pernambuco	Ilha de Itamaracá	Bahia	Itabuna
	Pernambuco	Jaboatão dos Guararapes	Bahia	Itapetinga
	Pernambuco	Moreno	Bahia	Ituberá
	Pernambuco	Paudalho	Bahia	Jacobina
	Pernambuco	Petrolina	Bahia	Jandaíra
	Pernambuco	Vitória de Santo Antão	Bahia	Jequié
	Piauí	Piripiri	Bahia	Juazeiro

Piauí	São Raimundo Nonato	Bahia	Marauá
Rio Grande do Norte	Caicó	Bahia	Miguel Calmon
Rio Grande do Norte	Mossoró	Bahia	Morro do Chapéu
Rio Grande do Norte	São Gonçalo do Amarante	Bahia	Mucuri
Sergipe	Laranjeiras	Bahia	Nazaré
Sergipe	Nossa Senhora do Socorro	Bahia	Nova Viçosa
		Bahia	Ourolândia
		Bahia	Palmeiras
		Bahia	Paulo Afonso
		Bahia	Remanso
		Bahia	Rodelas
		Bahia	Salinas da Margarida
		Bahia	Santa Brígida
		Bahia	Santa Luzia
		Bahia	Santa Maria da Vitória
		Bahia	Saubara
		Bahia	Seabra
		Bahia	Sobradinho
		Bahia	São Desidério
		Bahia	São Félix do Coribe
		Bahia	Taperoá
		Bahia	Teixeira de Freitas
		Bahia	Ubaitaba
		Bahia	Una
		Bahia	Utinga
		Bahia	Wagner
		Ceará	Acaraú
		Ceará	Amontada
		Ceará	Araripe
		Ceará	Aratuba
		Ceará	Banabuiú
		Ceará	Barroquinha
		Ceará	Baturité
		Ceará	Beberibe
		Ceará	Boa Viagem
		Ceará	Camocim
		Ceará	Campos Sales
		Ceará	Canindé
		Ceará	Carnaubal
		Ceará	Cascavel
		Ceará	Chaval
		Ceará	Crateús
		Ceará	Cruz
		Ceará	Eusébio
		Ceará	Fortim
		Ceará	Granja
		Ceará	Guaiúba

	Ceará	Guaraciaba do Norte
	Ceará	Guaramiranga
	Ceará	Ibiapina
	Ceará	Icapuí
	Ceará	Ipu
	Ceará	Itapagé
	Ceará	Itarema
	Ceará	Jaguaribara
	Ceará	Jaguaribe
	Ceará	Jaguaruana
	Ceará	Jardim
	Ceará	Jijoca de Jericoacoara
	Ceará	Juazeiro do Norte
	Ceará	Limoeiro do Norte
	Ceará	Massapê
	Ceará	Meruoca
	Ceará	Morada Nova
	Ceará	Mulungu
	Ceará	Nova Olinda
	Ceará	Orós
	Ceará	Pacoti
	Ceará	Palmácia
	Ceará	Pentecoste
	Ceará	Pereiro
	Ceará	Quixeramobim
	Ceará	Redenção
	Ceará	Russas
	Ceará	Santana do Cariri
	Ceará	São Benedito
	Ceará	Tauá
	Ceará	Tianguá
	Ceará	Uruburetama
	Ceará	Viçosa do Ceará
	Maranhão	Apicum-Açu
	Maranhão	Bacuri
	Maranhão	Balsas
	Maranhão	Barra do Corda
	Maranhão	Barreirinhas
	Maranhão	Carolina
	Maranhão	Cedral
	Maranhão	Codó
	Maranhão	Cururupu
	Maranhão	Humberto de Campos
	Maranhão	Imperatriz
	Maranhão	Itapecuru Mirim
	Maranhão	Monção
	Maranhão	Morros
	Maranhão	Nova Iorque
	Maranhão	Pastos Bons
	Maranhão	Paulino Neves

	Maranhão	Pindaré-Mirim
	Maranhão	Porto Franco
	Maranhão	Porto Rico do Maranhão
	Maranhão	São José de Ribamar
	Maranhão	Tutóia
	Maranhão	Viana
	Paraíba	Alagoa Grande
	Paraíba	Alagoa Nova
	Paraíba	Areia
	Paraíba	Aroeiras
	Paraíba	Bananeiras
	Paraíba	Bayeux
	Paraíba	Boqueirão
	Paraíba	Cabaceiras
	Paraíba	Cajazeiras
	Paraíba	Catolé do Rocha
	Paraíba	Cubati
	Paraíba	Esperança
	Paraíba	Guarabira
	Paraíba	Ingá
	Paraíba	Livramento
	Paraíba	Mamanguape
	Paraíba	Natuba
	Paraíba	Patos
	Paraíba	Pedras de Fogo
	Paraíba	Pilar
	Paraíba	Pirpirituba
	Paraíba	Pombal
	Paraíba	Prata
	Paraíba	Santa Luzia
	Paraíba	Sousa
	Paraíba	São José de Piranhas
	Paraíba	São João do Cariri
	Paraíba	São Mamede
	Paraíba	Teixeira
	Pernambuco	Afogados da Ingazeira
	Pernambuco	Algoinha
	Pernambuco	Aliança
	Pernambuco	Amaraji
	Pernambuco	Arcoverde
	Pernambuco	Belo Jardim
	Pernambuco	Belém de São Francisco
	Pernambuco	Betânia
	Pernambuco	Bezerros
	Pernambuco	Bom Conselho
	Pernambuco	Bom Jardim
	Pernambuco	Bonito
	Pernambuco	Brejão
	Pernambuco	Buíque
	Pernambuco	Cabrobó

	Pernambuco	Camaragibe
	Pernambuco	Carpina
	Pernambuco	Chã Grande
	Pernambuco	Cortês
	Pernambuco	Custódia
	Pernambuco	Escada
	Pernambuco	Exu
	Pernambuco	Floresta
	Pernambuco	Glória do Goitá
	Pernambuco	Gravatá
	Pernambuco	Iati
	Pernambuco	Itapissuma
	Pernambuco	Jatobá
	Pernambuco	Lagoa Grande
	Pernambuco	Lagoa do Ouro
	Pernambuco	Limoeiro
	Pernambuco	Nazaré da Mata
	Pernambuco	Palmares
	Pernambuco	Panelas
	Pernambuco	Passira
	Pernambuco	Pesqueira
	Pernambuco	Petrolândia
	Pernambuco	Poção
	Pernambuco	Quipapá
	Pernambuco	Salgadinho
	Pernambuco	Salgueiro
	Pernambuco	Saloá
	Pernambuco	Santa Cruz da Baixa Verde
	Pernambuco	Santa Cruz do Capibaribe
	Pernambuco	Santa Maria da Boa Vista
	Pernambuco	Serra Talhada
	Pernambuco	São Benedito do Sul
	Pernambuco	São José da Coroa Grande
	Pernambuco	São Lourenço da Mata
	Pernambuco	Tacaratu
	Pernambuco	Taquaritinga do Norte
	Pernambuco	Timbaúba
	Pernambuco	Tracunhaém
	Pernambuco	Triunfo
	Pernambuco	Vicência
	Pernambuco	Água Preta
	Piauí	Amarante
	Piauí	Barras
	Piauí	Caracol
	Piauí	Castelo do Piauí
	Piauí	Demerval Lobão
	Piauí	Ilha Grande
	Piauí	Monsenhor Gil
	Piauí	Palmeira do Piauí
	Piauí	Parnaguá

	Piauí	Pedro II
	Rio Grande do Norte	Acari
	Rio Grande do Norte	Apodi
	Rio Grande do Norte	Areia Branca
	Rio Grande do Norte	Arês
	Rio Grande do Norte	Açu
	Rio Grande do Norte	Baía Formosa
	Rio Grande do Norte	Caiçara do Norte
	Rio Grande do Norte	Canguaretama
	Rio Grande do Norte	Caraúbas
	Rio Grande do Norte	Carnaúba dos Dantas
	Rio Grande do Norte	Currais Novos
	Rio Grande do Norte	Florânia
	Rio Grande do Norte	Galinhos
	Rio Grande do Norte	Grossos
	Rio Grande do Norte	Guamaré
	Rio Grande do Norte	Itajá
	Rio Grande do Norte	Jaçanã
	Rio Grande do Norte	Lucrecia
	Rio Grande do Norte	Macau
	Rio Grande do Norte	Macaíba
	Rio Grande do Norte	Martins
	Rio Grande do Norte	Maxaranguape
	Rio Grande do Norte	Parelhas
	Rio Grande do Norte	Passa e Fica
	Rio Grande do Norte	Patu
	Rio Grande do Norte	Pau dos Ferros
	Rio Grande do Norte	Pedra Grande
	Rio Grande do Norte	Portalegre
	Rio Grande do	Poço Branco

			Norte	
			Rio Grande do Norte	Pureza
			Rio Grande do Norte	Senador Georgino Avelino
			Rio Grande do Norte	São Bento do Norte
			Rio Grande do Norte	São Bento do Trairí
			Rio Grande do Norte	São Miguel
			Rio Grande do Norte	São Paulo do Potengi
			Rio Grande do Norte	Tibau
			Rio Grande do Norte	Touros
			Rio Grande do Norte	Venha-Ver
			Sergipe	Brejo Grande
			Sergipe	Campo do Brito
			Sergipe	Canindé de São Francisco
			Sergipe	Carmópolis
			Sergipe	Estância
			Sergipe	Itabaiana
			Sergipe	Japaratuba
			Sergipe	Lagarto
			Sergipe	Macambira
			Sergipe	Nossa Senhora da Glória
			Sergipe	Nossa Senhora das Dores
			Sergipe	Pacatuba
			Sergipe	Poço Redondo
			Sergipe	Propriá
			Sergipe	Salgado
			Sergipe	Santana do São Francisco
			Sergipe	Simão Dias

ANEXO 2 - REGRESSÕES E TESTES DE HETEROSCEDASTICIDADE E DISTRIBUIÇÃO NORMAL

```
regress icv00 icv91 ipart prediçãologit toinvcapita9800
```

Source	SS	df	MS	Number of obs =	234
Model	2.46488353	4	.616220883	F(4, 229) =	481.86
Residual	.292853504	229	.001278836	Prob > F =	0.0000
				R-squared =	0.8938
				Adj R-squared =	0.8920
Total	2.75773704	233	.011835781	Root MSE =	.03576

icv00	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]	
icv91	.8449587	.0215504	39.21	0.000	.8024963	.8874212
ipart	.0003052	.0018844	0.16	0.871	-.0034076	.0040181
prediçãolo~t	-.0078698	.0127519	-0.62	0.538	-.0329959	.0172564
toinvca~9800	.0000169	.000013	1.30	0.196	-8.79e-06	.0000426
_cons	.1340493	.0096278	13.92	0.000	.1150789	.1530198

```
. estat hettest
```

```
Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity
```

```
Ho: Constant variance
```

```
Variables: fitted values of icv00
```

```
chi2(1) = 3.94
```

```
Prob > chi2 = 0.0472
```

```
. predict residuo, residuals
```

```
(183 missing values generated)
```

```
. sktest residuo
```

```
Skewness/Kurtosis tests for Normality
```

Variable	Pr(Skewness)	Pr(Kurtosis)	adj chi2(2)	Prob>chi2
residuo	0.307	0.834	1.10	0.5775

```
. regress icv00 icv91 ipart prediçãologit toinvcapita9500
```

Source	SS	df	MS	Number of obs =	200
Model	2.023319	4	.50582975	F(4, 195) =	394.58
Residual	.249978745	195	.001281942	Prob > F =	0.0000
				R-squared =	0.8900
				Adj R-squared =	0.8878
Total	2.27329774	199	.011423607	Root MSE =	.0358

icv00	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]
icv00					

```

      icv91 |   .8577312   .0241808   35.47   0.000   .8100417   .9054207
      ipart |   .0003087   .0018774    0.16   0.870   -.0033939   .0040114
prediçãolo~t | -.0104274   .0133928   -0.78   0.437   -.0368408   .0159859
toinvca~9500 | .0000449   .0000136    3.30   0.001   .0000181   .0000717
      _cons |   .1220028   .0113903   10.71   0.000   .0995387   .1444668
-----

```

```
. estat hettest
```

```
Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity
```

```
Ho: Constant variance
```

```
Variables: fitted values of icv00
```

```
chi2(1)      =      4.72
```

```
Prob > chi2  =      0.0299
```

```
. predict residuo1, residuals
(217 missing values generated)
```

```
. sktest residuo1
```

```
Skewness/Kurtosis tests for Normality
```

```

----- joint -----
Variable | Pr(Skewness)  Pr(Kurtosis)  adj chi2(2)  Prob>chi2
-----+-----
residuo1 |      0.907      0.869      0.04      0.9798

```

```
. regress icv00 invest9000capita icv91 ipart prediçãologit
```

```

Source |      SS      df      MS                Number of obs =      174
-----+-----
Model |  1.80881659      4   .452204147          F( 4, 169) = 358.78
Residual |  .21300824    169   .001260404          Prob > F      = 0.0000
-----+-----
Total |  2.02182483    173   .011686849          R-squared     = 0.8946
                                           Adj R-squared = 0.8922
                                           Root MSE     =  .0355

```

```

-----
      icv00 |      Coef.   Std. Err.      t    P>|t|     [95% Conf. Interval]
-----+-----
invest9000~a | .0000282   .0000104     2.72   0.007     7.71e-06   .0000488
      icv91 |   .8506041   .0251669    33.80   0.000     .8009222   .900286
      ipart |   .0006317   .0020143     0.31   0.754    -.0033448   .0046081
prediçãolo~t | -.0159212   .0136842    -1.16   0.246    -.0429352   .0110928
      _cons |   .127612   .0121943    10.46   0.000     .1035392   .1516847
-----

```

```
. estat hettest
```

```
Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity
```

```
Ho: Constant variance
```

```
Variables: fitted values of icv00
```

```
chi2(1)      =      6.33
```

```
Prob > chi2  =      0.0119
```

```
. predict residuo2, residuals
(243 missing values generated)
```

```
. sktest residuo2
```

```
Skewness/Kurtosis tests for Normality
----- joint -----
Variable | Pr(Skewness) Pr(Kurtosis) adj chi2(2) Prob>chi2
-----+-----
residuo2 | 0.592 0.877 0.31 0.8558
```

```
. regress icv00 icv91 ipart predicãologit tottranfedcapita9800
```

```
Source | SS df MS Number of obs = 242
-----+----- F( 4, 237) = 491.45
Model | 2.51828244 4 .629570609 Prob > F = 0.0000
Residual | .303607015 237 .001281042 R-squared = 0.8924
-----+----- Adj R-squared = 0.8906
Total | 2.82188945 241 .011709085 Root MSE = .03579
```

```
-----+-----
icv00 | Coef. Std. Err. t P>|t| [95% Conf. Interval]
-----+-----
icv91 | .8436541 .021226 39.75 0.000 .8018383 .8854699
ipart | .0004644 .0018296 0.25 0.800 -.00314 .0040688
predicãolo~t | -.0065712 .0125791 -0.52 0.602 -.0313523 .0182098
totranf~9800 | 5.41e-06 6.55e-06 0.83 0.410 -7.50e-06 .0000183
_cons | .134798 .0102785 13.11 0.000 .1145492 .1550468
-----+-----
```

```
. estat hettest
```

```
Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity
```

```
Ho: Constant variance
```

```
Variables: fitted values of icv00
```

```
chi2(1) = 4.09
```

```
Prob > chi2 = 0.0430
```

```
. predict residuo3, residuals
(175 missing values generated)
```

```
. sktest residuo3
```

```
Skewness/Kurtosis tests for Normality
----- joint -----
Variable | Pr(Skewness) Pr(Kurtosis) adj chi2(2) Prob>chi2
-----+-----
residuo3 | 0.412 0.859 0.71 0.7006
```

```
. regress icv00 icv91 ipart predicãologit tottranestcapita9800
```

```
Source | SS df MS Number of obs = 238
```

Model		2.49412647	4	.623531617	F(4, 233) = 494.69
Residual		.293683735	233	.001260445	Prob > F = 0.0000
-----					R-squared = 0.8947
-----					Adj R-squared = 0.8928
Total		2.7878102	237	.011762912	Root MSE = .0355

icv00		Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]	
icv91		.8450305	.0211375	39.98	0.000	.8033855	.8866756
ipart		.000279	.0018151	0.15	0.878	-.0032971	.0038551
prediçãolo~t		-.0101768	.012527	-0.81	0.417	-.0348574	.0145038
totrane~9800		.0000179	6.84e-06	2.62	0.009	4.47e-06	.0000314
_cons		.1325587	.0094382	14.04	0.000	.1139637	.1511538

. estat hettest

Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity

Ho: Constant variance

Variables: fitted values of icv00

chi2(1) = 4.35

Prob > chi2 = 0.0371

. predict residuo4, residuals
(179 missing values generated)

. sktest residuo4

Skewness/Kurtosis tests for Normality

Variable	Pr(Skewness)	Pr(Kurtosis)	adj chi2(2)	joint Prob>chi2
residuo4	0.493	0.351	1.35	0.5090

. regress icv00 icv91 ipart prediçãologit ttranstribest9000capita

Source		SS	df	MS	Number of obs = 93
Model		.685630564	4	.171407641	F(4, 88) = 121.10
Residual		.124556721	88	.001415417	Prob > F = 0.0000
-----					R-squared = 0.8463
-----					Adj R-squared = 0.8393
Total		.810187285	92	.008806384	Root MSE = .03762

icv00		Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]	
icv91		.9036747	.0420226	21.50	0.000	.8201637	.9871858
ipart		.0030596	.0030155	1.01	0.313	-.002933	.0090523
prediçãolo~t		.0361035	.0269732	1.34	0.184	-.0175	.089707
ttranstrib..		9.25e-06	4.72e-06	1.96	0.053	-1.31e-07	.0000186
_cons		.1021373	.0195468	5.23	0.000	.0632922	.1409824


```
. estat hettest
```

```
Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity
```

```
Ho: Constant variance
```

```
Variables: fitted values of icv00
```

```
chi2(1) = 4.53
```

```
Prob > chi2 = 0.0334
```

```
. predict residuo5, residuals
(324 missing values generated)
```

```
. sktest residuo5
```

```
Skewness/Kurtosis tests for Normality
```

Variable	Pr(Skewness)	Pr(Kurtosis)	adj chi2(2)	joint Prob>chi2
residuo5	0.897	0.153	2.12	0.3472

```
. regress icv00 icv91 ipart predicãologit ttranstribest9500capita
```

Source	SS	df	MS	Number of obs =	114
Model	1.204877	4	.301219251	F(4, 109) =	212.79
Residual	.154300649	109	.001415602	Prob > F =	0.0000
				R-squared =	0.8865
				Adj R-squared =	0.8823
Total	1.35917765	113	.012028121	Root MSE =	.03762

	icv00	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]
	icv91	.8327444	.0351321	23.70	0.000	.7631136 .9023751
	ipart	.0022803	.0026349	0.87	0.389	-.0029421 .0075026
	predicãolo~t	-.014383	.0180334	-0.80	0.427	-.0501246 .0213586
	~t9500capita	.0000158	5.87e-06	2.69	0.008	4.13e-06 .0000274
	_cons	.1375161	.0157587	8.73	0.000	.106283 .1687493

```
. estat hettest
```

```
Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity
```

```
Ho: Constant variance
```

```
Variables: fitted values of icv00
```

```
chi2(1) = 3.67
```

```
Prob > chi2 = 0.0553
```

```
. predict residuo6, residuals
(303 missing values generated)
```

```
. sktest residuo6
```

```

                Skewness/Kurtosis tests for Normality
                ----- joint -----
Variable | Pr(Skewness)   Pr(Kurtosis)   adj chi2(2)   Prob>chi2
-----+-----
residuo6 |          0.965           0.233           1.45           0.4835

. regress varicv icv91 ipart predicãologit  toinvcapita9800

                Source |          SS          df          MS                Number of obs =      234
-----+-----
                Model |   .094276343           4   .023569086                F( 4, 229) =      18.43
                Residual |   .292853504          229   .001278836                Prob > F      =      0.0000
-----+-----
                Total |   .387129847          233   .001661501                R-squared      =      0.2435
                -----
                -----
                Total |   .387129847          233   .001661501                Adj R-squared =      0.2303
                -----
                -----
                Total |   .387129847          233   .001661501                Root MSE      =      .03576
                -----
-----+-----
                varicv |          Coef.   Std. Err.      t    P>|t|     [95% Conf. Interval]
-----+-----
                icv91 |  -.1550413   .0215504    -7.19   0.000   -.1975037   -.1125788
                ipart |   .0003052   .0018844     0.16   0.871   -.0034076   .0040181
predicãolo~t |  -.0078698   .0127519    -0.62   0.538   -.0329959   .0172564
toinvca~9800 |   .0000169   .000013     1.30   0.196   -8.79e-06   .0000426
                _cons |   .1340493   .0096278    13.92   0.000   .1150789   .1530198
                -----

```

```
. estat hettest
```

```
Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity
```

```
Ho: Constant variance
```

```
Variables: fitted values of varicv
```

```
chi2(1)      =      3.99
```

```
Prob > chi2  =      0.0459
```

```
. predict residuo7, residuals
(183 missing values generated)
```

```
. sktest residuo7
```

```

                Skewness/Kurtosis tests for Normality
                ----- joint -----
Variable | Pr(Skewness)   Pr(Kurtosis)   adj chi2(2)   Prob>chi2
-----+-----
residuo7 |          0.307           0.834           1.10           0.5775

```

```
. histogram residuo7
(bin=15, start=-.09125704, width=.01414471)
```

```
. regress varicv icv91 ipart predicãologit  toinvcapita9500
```

```

                Source |          SS          df          MS                Number of obs =      200
-----+-----
                Model |   .086155559           4   .02153889                F( 4, 195) =      16.80
                Residual |   .249978745          195   .001281942                Prob > F      =      0.0000
                -----
                -----
                Total |   .336134304          199   .001688882                R-squared      =      0.2563
                -----

```

				Adj R-squared = 0.2411		
				Root MSE = .0358		
Total		.336134304	199	.001689117		

varicv		Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]

icv91		-.1422688	.0241808	-5.88	0.000	-.1899583 - .0945793
ipart		.0003087	.0018774	0.16	0.870	-.0033939 .0040114
prediçãolo~t		-.0104274	.0133928	-0.78	0.437	-.0368408 .0159859
toinvca~9500		.0000449	.0000136	3.30	0.001	.0000181 .0000717
_cons		.1220028	.0113903	10.71	0.000	.0995387 .1444668

```
. estat hettest
```

Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity

Ho: Constant variance

Variables: fitted values of varicv

chi2(1) = 8.63

Prob > chi2 = 0.0033

```
. predict residuo8, residuals
(217 missing values generated)
```

```
. sktest residuo8
```

Skewness/Kurtosis tests for Normality

				----- joint -----	
Variable		Pr(Skewness)	Pr(Kurtosis)	adj chi2(2)	Prob>chi2

residuo8		0.907	0.869	0.04	0.9798

```
. regress varicv icv91 ipart prediçãoligit invest9000capita
```

Source		SS	df	MS	Number of obs = 174	
					F(4, 169) = 17.34	
Model		.087400892	4	.021850223	Prob > F = 0.0000	
Residual		.21300824	169	.001260404	R-squared = 0.2909	
					Adj R-squared = 0.2742	
Total		.300409131	173	.001736469	Root MSE = .0355	

varicv		Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]

icv91		-.1493959	.0251669	-5.94	0.000	-.1990778 - .099714
ipart		.0006317	.0020143	0.31	0.754	-.0033448 .0046081
prediçãolo~t		-.0159212	.0136842	-1.16	0.246	-.0429352 .0110928
invest9000~a		.0000282	.0000104	2.72	0.007	7.71e-06 .0000488
_cons		.127612	.0121943	10.46	0.000	.1035392 .1516847

```
. estat hettest
```

Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity

Ho: Constant variance

Variables: fitted values of varicv

chi2(1) = 7.10

Prob > chi2 = 0.0077

. predict residuo9, residuals

(243 missing values generated)

. sktest residuo9

Skewness/Kurtosis tests for Normality

Variable	Pr(Skewness)	Pr(Kurtosis)	adj chi2(2)	joint Prob>chi2
residuo9	0.592	0.877	0.31	0.8558

. regress varicv icv91 ipart predicçãologit tottranfedcapita9800

Source	SS	df	MS	Number of obs =	242
Model	.097300488	4	.024325122	F(4, 237) =	18.99
Residual	.303607015	237	.001281042	Prob > F =	0.0000
				R-squared =	0.2427
				Adj R-squared =	0.2299
Total	.400907503	241	.001663517	Root MSE =	.03579

varicv	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]
icv91	-.1563459	.021226	-7.37	0.000	-.1981617 -.1145301
ipart	.0004644	.0018296	0.25	0.800	-.00314 .0040688
predicçãolo~t	-.0065712	.0125791	-0.52	0.602	-.0313523 .0182098
tottranf~9800	5.41e-06	6.55e-06	0.83	0.410	-7.50e-06 .0000183
_cons	.134798	.0102785	13.11	0.000	.1145492 .1550468

. estat hettest

Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity

Ho: Constant variance

Variables: fitted values of varicv

chi2(1) = 3.37

Prob > chi2 = 0.0666

. predict residuo10, residuals

(175 missing values generated)

. sktest residuo10

Skewness/Kurtosis tests for Normality

Variable	Pr(Skewness)	Pr(Kurtosis)	adj chi2(2)	joint Prob>chi2
----------	--------------	--------------	-------------	-----------------

```

-----+-----
residuol0 |      0.412      0.859      0.71      0.7006

. regress varicv icv91 ipart predicãologit      totranestcapita9800

Source |      SS      df      MS      Number of obs =      238
-----+-----
Model | .099568276      4 .024892069      F( 4, 233) =      19.75
Residual | .293683735     233 .001260445      Prob > F      =      0.0000
-----+-----
Total | .393252012     237 .001659291      R-squared      =      0.2532
                                           Adj R-squared =      0.2404
                                           Root MSE      =      .0355

-----+-----
varicv |      Coef.      Std. Err.      t      P>|t|      [95% Conf. Interval]
-----+-----
icv91 | -.1549695      .0211375      -7.33      0.000      -.1966145      -.1133244
ipart | .000279      .0018151      0.15      0.878      -.0032971      .0038551
predicãolo~t | -.0101768      .012527      -0.81      0.417      -.0348574      .0145038
totrane~9800 | .0000179      6.84e-06      2.62      0.009      4.47e-06      .0000314
_cons | .1325587      .0094382      14.04      0.000      .1139637      .1511538

-----+-----

. estat hettest

Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity
Ho: Constant variance
Variables: fitted values of varicv

chi2(1)      =      6.36
Prob > chi2  =      0.0117

. predict residuol1, residuals
(179 missing values generated)

. sktest residuol1

Skewness/Kurtosis tests for Normality
----- joint -----
Variable | Pr(Skewness)      Pr(Kurtosis)      adj chi2(2)      Prob>chi2
-----+-----
residuol1 |      0.493      0.351      1.35      0.5090

. regress varicv icv91 ipart predicãologit      ttranstribest9000capita

Source |      SS      df      MS      Number of obs =      93
-----+-----
Model | .016927227      4 .004231807      F( 4, 88) =      2.99
Residual | .124556721     88 .001415417      Prob > F      =      0.0230
-----+-----
Total | .141483948     92 .001537869      R-squared      =      0.1196
                                           Adj R-squared =      0.0796
                                           Root MSE      =      .03762

-----+-----
varicv |      Coef.      Std. Err.      t      P>|t|      [95% Conf. Interval]
-----+-----

```

```

      icv91 | -.0963253   .0420226   -2.29   0.024   -.1798363   -.0128142
      ipart |  .0030596   .0030155    1.01   0.313   -.002933   .0090523
prediçãolo~t | .0361035   .0269732    1.34   0.184    -.0175   .089707
ttranstrib.. | 9.25e-06   4.72e-06    1.96   0.053   -1.31e-07 .0000186
      _cons |  .1021373   .0195468    5.23   0.000   .0632922   .1409824
-----

```

```
. estat hettest
```

```
Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity
```

```
Ho: Constant variance
```

```
Variables: fitted values of varicv
```

```
chi2(1)      =      8.77
```

```
Prob > chi2  =      0.0031
```

```
. predict residuo12, residuals
(324 missing values generated)
```

```
. sktest residuo12
```

```
Skewness/Kurtosis tests for Normality
```

```

----- joint -----
Variable | Pr(Skewness)  Pr(Kurtosis)  adj chi2(2)  Prob>chi2
-----+-----
residuo12 |      0.897      0.153      2.12      0.3472

```

```
. regress varicv icv91 ipart prediçãologit ttranstribest9500capita
```

```

Source |      SS      df      MS                Number of obs =      114
-----+-----
Model | .067936064      4   .016984016            F( 4, 109) =      12.00
Residual | .154300649     109  .001415602            Prob > F      =      0.0000
-----+-----
Total | .222236713     113  .001966697            R-squared     =      0.3057
                                           Adj R-squared =      0.2802
                                           Root MSE     =      .03762

```

```

-----
varicv |      Coef.   Std. Err.      t    P>|t|     [95% Conf. Interval]
-----+-----
      icv91 | -.1672556   .0351321    -4.76   0.000   -.2368864   -.0976249
      ipart |  .0022803   .0026349     0.87   0.389   -.0029421   .0075026
prediçãolo~t | -.014383   .0180334    -0.80   0.427   -.0501246   .0213586
~t9500capita | .0000158   5.87e-06    2.69   0.008   4.13e-06   .0000274
      _cons |  .1375161   .0157587     8.73   0.000   .106283   .1687493
-----

```

```
. estat hettest
```

```
Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity
```

```
Ho: Constant variance
```

```
Variables: fitted values of varicv
```

```
chi2(1)      =      5.24
```

```
Prob > chi2  =      0.0220
```

```
. predict residuo13, residuals
(303 missing values generated)
```

```
. sktest residuo13
```

```
Skewness/Kurtosis tests for Normality
----- joint -----
Variable | Pr(Skewness) Pr(Kurtosis) adj chi2(2) Prob>chi2
-----+-----
residuo13 | 0.965 0.233 1.45 0.4835
```

```
. regress varicv icv91 ipart predicãologit trfedcapita9600
```

```
Source | SS df MS Number of obs = 259
-----+----- F( 4, 254) = 17.28
Model | .090261526 4 .022565381 Prob > F = 0.0000
Residual | .331691419 254 .001305872 R-squared = 0.2139
-----+----- Adj R-squared = 0.2015
Total | .421952945 258 .001635477 Root MSE = .03614
```

```
-----+-----
varicv | Coef. Std. Err. t P>|t| [95% Conf. Interval]
-----+-----
icv91 | -.139249 .021036 -6.62 0.000 -.1806762 -.0978217
ipart | .0002808 .0017334 0.16 0.871 -.0031328 .0036945
predicãolo~t | -.0107177 .0124517 -0.86 0.390 -.0352395 .0138041
trfedca~9600 | 5.82e-06 4.79e-06 1.21 0.226 -3.62e-06 .0000153
_cons | .1259081 .0104615 12.04 0.000 .1053057 .1465104
-----+-----
```

```
. estat hettest
```

```
Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity
```

```
Ho: Constant variance
```

```
Variables: fitted values of varicv
```

```
chi2(1) = 3.98
```

```
Prob > chi2 = 0.0459
```

```
. predict residuo14, residuals
(158 missing values generated)
```

```
. sktest residuo14
```

```
Skewness/Kurtosis tests for Normality
----- joint -----
Variable | Pr(Skewness) Pr(Kurtosis) adj chi2(2) Prob>chi2
-----+-----
residuo14 | 0.397 0.977 0.72 0.6960
```

```
. regress icv00 icv91 ipart predicãologit trfedcapita9600
```

```
Source | SS df MS Number of obs = 259
```

-----+-----				F(4, 254) = 519.98	
Model		2.71612234	4	.679030584	Prob > F = 0.0000
Residual		.331691419	254	.001305872	R-squared = 0.8912
-----+-----				Adj R-squared = 0.8895	
Total		3.04781375	258	.011813232	Root MSE = .03614

-----+-----						
icv00		Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]
-----+-----						
icv91		.860751	.021036	40.92	0.000	.8193238 .9021783
ipart		.0002808	.0017334	0.16	0.871	-.0031328 .0036945
prediçãolo~t		-.0107177	.0124517	-0.86	0.390	-.0352395 .0138041
trfedca~9600		5.82e-06	4.79e-06	1.21	0.226	-3.62e-06 .0000153
_cons		.1259081	.0104615	12.04	0.000	.1053057 .1465104

. estat hettest

Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity

Ho: Constant variance

Variables: fitted values of icv00

chi2(1) = 6.05

Prob > chi2 = 0.0139

. predict residuo15, residuals

(158 missing values generated)

. sktest residuo15

Skewness/Kurtosis tests for Normality

----- joint -----					
Variable		Pr(Skewness)	Pr(Kurtosis)	adj chi2(2)	Prob>chi2
-----+-----					
residuo15		0.397	0.977	0.72	0.6960

regress irenda00 irenda91 ipart prediçãologit toinvcapita9800

-----+-----				Number of obs = 292	
Model		1.11091871	4	.277729678	F(4, 287) = 381.06
Residual		.209175571	287	.000728835	Prob > F = 0.0000
-----+-----				R-squared = 0.8415	
Total		1.32009428	291	.004536406	Adj R-squared = 0.8393
					Root MSE = .027

-----+-----						
irenda00		Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]
-----+-----						
irenda91		.7385172	.0229818	32.13	0.000	.693283 .7837514
ipart		.0000753	.0012261	0.06	0.951	-.0023379 .0024886
prediçãolo~t		-.0176204	.0102369	-1.72	0.086	-.0377693 .0025285
toinvca~9800		-6.99e-06	7.60e-06	-0.92	0.359	-.0000219 7.97e-06
_cons		.0719539	.0072165	9.97	0.000	.05775 .0861579


```
-----
. estat hettest
```

```
Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity
```

```
Ho: Constant variance
```

```
Variables: fitted values of irenda00
```

```
chi2(1) = 0.00
```

```
Prob > chi2 = 0.9833
```

```
. predict residuo16, residuals
```

```
(125 missing values generated)
```

```
. sktest residuo16
```

```
Skewness/Kurtosis tests for Normality
```

```
----- joint -----
Variable | Pr(Skewness) Pr(Kurtosis) adj chi2(2) Prob>chi2
-----+-----
residuo16 | 0.290 0.003 9.22 0.0099
```

```
. regress irenda00 irenda91 ipart predicãologit toinvcapita9500
```

```
Source | SS df MS Number of obs = 247
-----+----- F( 4, 242) = 303.08
Model | .924732221 4 .231183055 Prob > F = 0.0000
Residual | .184593506 242 .000762783 R-squared = 0.8336
-----+----- Adj R-squared = 0.8308
Total | 1.10932573 246 .004509454 Root MSE = .02762
```

```
-----
irenda00 | Coef. Std. Err. t P>|t| [95% Conf. Interval]
-----+-----
irenda91 | .7463466 .0264038 28.27 0.000 .6943359 .7983573
ipart | -.0002038 .0012741 -0.16 0.873 -.0027136 .002306
predicãolo~t | -.0201523 .0112692 -1.79 0.075 -.0423505 .0020459
toinvca~9500 | -7.08e-06 7.09e-06 -1.00 0.319 -.000021 6.88e-06
_cons | .0707521 .0084803 8.34 0.000 .0540474 .0874567
-----
```

```
. estat hettest
```

```
Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity
```

```
Ho: Constant variance
```

```
Variables: fitted values of irenda00
```

```
chi2(1) = 0.13
```

```
Prob > chi2 = 0.7169
```

```
. predict residuo17, residuals
```

```
(170 missing values generated)
```

```
. sktest residuo17
```


irenda00	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]	
irenda91	.7397456	.0230398	32.11	0.000	.694403	.7850883
ipart	.0000121	.0012076	0.01	0.992	-.0023644	.0023886
prediçãolo~t	-.0187199	.0101032	-1.85	0.065	-.0386032	.0011634
totranf~9800	1.05e-06	4.39e-06	0.24	0.811	-7.60e-06	9.70e-06
_cons	.0703378	.0078953	8.91	0.000	.0547998	.0858758

```
. estat hettest
```

Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity

Ho: Constant variance

Variables: fitted values of irenda00

chi2(1) = 0.01

Prob > chi2 = 0.9424

```
. predict residuo19, residuals
```

(116 missing values generated)

```
. sktest residuo19
```

Skewness/Kurtosis tests for Normality

Variable	Pr(Skewness)	Pr(Kurtosis)	adj chi2(2)	joint Prob>chi2
residuo19	0.281	0.004	8.84	0.0121

```
. regress irenda00 irenda91 ipart prediçãologit tottranestcapita9800
```

Source	SS	df	MS	Number of obs =	296
Model	1.10930642	4	.277326606	F(4, 291) =	375.35
Residual	.215006434	291	.000738854	Prob > F =	0.0000
				R-squared =	0.8376
				Adj R-squared =	0.8354
Total	1.32431286	295	.004489196	Root MSE =	.02718

irenda00	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]	
irenda91	.7431723	.0231065	32.16	0.000	.6976951	.7886494
ipart	-.0001102	.001214	-0.09	0.928	-.0024995	.0022791
prediçãolo~t	-.0201184	.0101887	-1.97	0.049	-.0401713	-.0000654
totrane~9800	-3.00e-07	5.04e-06	-0.06	0.953	-.0000102	9.63e-06
_cons	.0699031	.0072063	9.70	0.000	.0557201	.0840861

```
. estat hettest
```

Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity

Ho: Constant variance

Variables: fitted values of irenda00

chi2(1) = 0.01
 Prob > chi2 = 0.9188

. predict residuo20, residuals
 (121 missing values generated)

. sktest residuo20

Skewness/Kurtosis tests for Normality

Variable	Pr(Skewness)	Pr(Kurtosis)	adj chi2(2)	joint Prob>chi2
residuo20	0.246	0.004	8.92	0.0115

. regress irenda00 irenda91 ipart prediçãologit ttranstribest9000capita

Source	SS	df	MS	Number of obs =	111
Model	.196522759	4	.04913069	F(4, 106) =	52.25
Residual	.099662531	106	.000940213	Prob > F =	0.0000
				R-squared =	0.6635
				Adj R-squared =	0.6508
Total	.29618529	110	.002692594	Root MSE =	.03066

irenda00	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]
irenda91	.7392462	.0551603	13.40	0.000	.6298855 .8486069
ipart	-.0008675	.0021059	-0.41	0.681	-.0050427 .0033077
prediçãolo~t	.0046818	.0210786	0.22	0.825	-.0371086 .0464722
ttranstrib..	2.80e-06	3.80e-06	0.74	0.463	-4.74e-06 .0000103
_cons	.0689256	.0179034	3.85	0.000	.0334302 .1044209

. estat hettest

Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity

Ho: Constant variance

Variables: fitted values of irenda00

chi2(1) = 0.66
 Prob > chi2 = 0.4149

. predict residuo21, residuals
 (306 missing values generated)

. sktest residuo21

Skewness/Kurtosis tests for Normality

Variable	Pr(Skewness)	Pr(Kurtosis)	adj chi2(2)	joint Prob>chi2
residuo21	0.496	0.036	4.86	0.0882

```
. regress irenda00 irenda91 ipart predicãologit ttranstribest9500capita
```

Source	SS	df	MS	Number of obs =	140
Model	.615940753	4	.153985188	F(4, 135) =	181.31
Residual	.114656195	135	.000849305	Prob > F =	0.0000
				R-squared =	0.8431
				Adj R-squared =	0.8384
Total	.730596947	139	.005256093	Root MSE =	.02914

irenda00	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]	
irenda91	.6944039	.0377073	18.42	0.000	.6198304	.7689774
ipart	.000315	.0017619	0.18	0.858	-.0031695	.0037995
predicãolo~t	-.0065697	.015768	-0.42	0.678	-.0377539	.0246145
~t9500capita	5.17e-06	4.40e-06	1.18	0.242	-3.53e-06	.0000139
_cons	.0825414	.0117185	7.04	0.000	.0593658	.105717

```
. estat hettest
```

```
Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity
```

```
Ho: Constant variance
```

```
Variables: fitted values of irenda00
```

```
chi2(1) = 0.00
```

```
Prob > chi2 = 0.9458
```

```
. predict residuo22, residuals
```

```
(277 missing values generated)
```

```
. sktest residuo22
```

```
Skewness/Kurtosis tests for Normality
```

Variable	Pr(Skewness)	Pr(Kurtosis)	adj chi2(2)	Prob>chi2
residuo22	0.467	0.003	8.51	0.0142

```
. regress varenda irenda91 ipart predicãologit toinvcapita9800
```

Source	SS	df	MS	Number of obs =	292
Model	.180235604	4	.045058901	F(4, 287) =	61.82
Residual	.209175571	287	.000728835	Prob > F =	0.0000
				R-squared =	0.4628
				Adj R-squared =	0.4554
Total	.389411176	291	.001338183	Root MSE =	.027

varenda	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]	
irenda91	-.2614828	.0229818	-11.38	0.000	-.306717	-.2162486
ipart	.0000753	.0012261	0.06	0.951	-.0023379	.0024886

```

prediçãolo~t | -.0176204 .0102369 -1.72 0.086 -.0377693 .0025285
toinvca~9800 | -6.99e-06 7.60e-06 -0.92 0.359 -.0000219 7.97e-06
      _cons | .0719539 .0072165 9.97 0.000 .05775 .0861579
-----

```

```
. estat hettest
```

```
Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity
```

```
Ho: Constant variance
```

```
Variables: fitted values of varenda
```

```
chi2(1) = 0.06
```

```
Prob > chi2 = 0.8005
```

```
. predict residuo23, residuals
```

```
(125 missing values generated)
```

```
. sktest residuo23
```

```
Skewness/Kurtosis tests for Normality
```

```

----- joint -----
Variable | Pr(Skewness) Pr(Kurtosis) adj chi2(2) Prob>chi2
-----+-----
residuo23 | 0.290 0.003 9.22 0.0099

```

```
. regress varenda irenda91 ipart prediçãologit toinvcapita9500
```

```

Source | SS df MS Number of obs = 247
-----+----- F( 4, 242) = 48.44
Model | .14778455 4 .036946137 Prob > F = 0.0000
Residual | .184593506 242 .000762783 R-squared = 0.4446
-----+----- Adj R-squared = 0.4354
Total | .332378056 246 .00135113 Root MSE = .02762

```

```

-----
varenda | Coef. Std. Err. t P>|t| [95% Conf. Interval]
-----+-----
irenda91 | -.2536534 .0264038 -9.61 0.000 -.3056641 -.2016427
ipart | -.0002038 .0012741 -0.16 0.873 -.0027136 .002306
prediçãolo~t | -.0201523 .0112692 -1.79 0.075 -.0423505 .0020459
toinvca~9500 | -7.08e-06 7.09e-06 -1.00 0.319 -.000021 6.88e-06
      _cons | .0707521 .0084803 8.34 0.000 .0540474 .0874567
-----

```

```
. estat hettest
```

```
Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity
```

```
Ho: Constant variance
```

```
Variables: fitted values of varenda
```

```
chi2(1) = 0.56
```

```
Prob > chi2 = 0.4545
```

```
. predict residuo24, residuals
```

(170 missing values generated)

. sktest residuo24

Skewness/Kurtosis tests for Normality

Variable	Pr(Skewness)	Pr(Kurtosis)	adj chi2(2)	joint Prob>chi2
residuo24	0.318	0.003	8.99	0.0111

. regress varenda irenda91 ipart predicãologit invest9000capita

Source	SS	df	MS	Number of obs =	209
Model	.13733838	4	.034334595	F(4, 204) =	43.17
Residual	.162236922	204	.000795279	Prob > F =	0.0000
				R-squared =	0.4584
				Adj R-squared =	0.4478
Total	.299575302	208	.001440266	Root MSE =	.0282

varenda	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]
irenda91	-.2447276	.0288976	-8.47	0.000	-.3017039 - .1877513
ipart	-.00061	.0014238	-0.43	0.669	-.0034172 .0021972
predicãolo~t	-.0255944	.0121107	-2.11	0.036	-.0494725 -.0017162
invest9000~a	-7.26e-06	5.59e-06	-1.30	0.196	-.0000183 3.77e-06
_cons	.070799	.0093908	7.54	0.000	.0522835 .0893146

. estat hettest

Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity

Ho: Constant variance

Variables: fitted values of varenda

chi2(1) = 0.39

Prob > chi2 = 0.5306

. predict residuo25, residuals

(208 missing values generated)

. sktest residuo25

Skewness/Kurtosis tests for Normality

Variable	Pr(Skewness)	Pr(Kurtosis)	adj chi2(2)	joint Prob>chi2
residuo25	0.240	0.004	8.83	0.0121

. regress varenda irenda91 ipart predicãologit tottranfedcapita9800

Source	SS	df	MS	Number of obs =	301
Model	.181449401	4	.04536235	F(4, 296) =	61.58
				Prob > F =	0.0000

```

Residual | .218048061 296 .000736649
-----+-----
Total | .399497462 300 .001331658

```

R-squared = 0.4542
Adj R-squared = 0.4468
Root MSE = .02714

```

-----+-----
varenda |      Coef.   Std. Err.      t    P>|t|     [95% Conf. Interval]
-----+-----
  irenda91 | -.2602544   .0230398   -11.30  0.000   - .305597   - .2149117
    ipart | .0000121   .0012076     0.01  0.992   - .0023644   .0023886
prediçãolo~t | -.0187199   .0101032    -1.85  0.065   - .0386032   .0011634
totranf~9800 | 1.05e-06   4.39e-06     0.24  0.811   -7.60e-06   9.70e-06
    _cons | .0703378   .0078953     8.91  0.000   .0547998   .0858758
-----+-----

```

```
. estat hettest
```

```
Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity
```

```
Ho: Constant variance
```

```
Variables: fitted values of varenda
```

```

chi2(1)      =      0.04
Prob > chi2  =      0.8423

```

```
. predict residuo26, residuals
(116 missing values generated)
```

```
. sktest residuo26
```

```
Skewness/Kurtosis tests for Normality
```

```

-----+----- joint -----
Variable | Pr(Skewness)  Pr(Kurtosis)  adj chi2(2)  Prob>chi2
-----+-----
residuo26 |      0.281      0.004      8.84      0.0121

```

```
. regress varenda irenda91 ipart prediçãologit tottranestcapita9800
```

```

Source |      SS      df      MS                Number of obs =      296
-----+-----                F( 4, 291) =      59.96
  Model | .177212175      4  .044303044          Prob > F      = 0.0000
  Residual | .215006434     291  .000738854          R-squared      = 0.4518
-----+-----                Adj R-squared = 0.4443
  Total | .392218609     295  .001329555          Root MSE      = .02718

```

```

-----+-----
varenda |      Coef.   Std. Err.      t    P>|t|     [95% Conf. Interval]
-----+-----
  irenda91 | -.2568277   .0231065   -11.11  0.000   - .3023049   - .2113506
    ipart | -.0001102   .001214    -0.09  0.928   - .0024995   .0022791
prediçãolo~t | -.0201184   .0101887    -1.97  0.049   - .0401713   - .0000654
totrane~9800 | -3.00e-07   5.04e-06    -0.06  0.953   - .0000102   9.63e-06
    _cons | .0699031   .0072063     9.70  0.000   .0557201   .0840861
-----+-----

```

```
. estat hettest
```


Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity

Ho: Constant variance

Variables: fitted values of varenda

chi2(1) = 0.07

Prob > chi2 = 0.7931

. predict residuo27, residuals

(121 missing values generated)

. sktest residuo27

Skewness/Kurtosis tests for Normality

Variable	Pr(Skewness)	Pr(Kurtosis)	adj chi2(2)	joint Prob>chi2
residuo27	0.246	0.004	8.92	0.0115

. regress varenda irenda91 ipart predicãologit ttranstribest9000capita

Source	SS	df	MS	Number of obs =	111
Model	.022226927	4	.005556732	F(4, 106) =	5.91
Residual	.099662531	106	.000940213	Prob > F =	0.0002
				R-squared =	0.1824
				Adj R-squared =	0.1515
Total	.121889458	110	.001108086	Root MSE =	.03066

varenda	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]
irenda91	-.2607538	.0551603	-4.73	0.000	-.3701145 - .1513931
ipart	-.0008675	.0021059	-0.41	0.681	-.0050427 .0033077
predicãolo~t	.0046818	.0210786	0.22	0.825	-.0371086 .0464722
ttranstrib..	2.80e-06	3.80e-06	0.74	0.463	-4.74e-06 .0000103
_cons	.0689256	.0179034	3.85	0.000	.0334302 .1044209

. estat hettest

Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity

Ho: Constant variance

Variables: fitted values of varenda

chi2(1) = 0.29

Prob > chi2 = 0.5921

. predict residuo28, residuals

(306 missing values generated)

. sktest residuo28

Skewness/Kurtosis tests for Normality

----- joint -----

Variable	Pr(Skewness)	Pr(Kurtosis)	adj chi2(2)	Prob>chi2
residuo28	0.496	0.036	4.86	0.0882

```
. regress varenda irenda91 ipart predicãologit ttranstribest9500capita
```

Source	SS	df	MS	Number of obs =	140
Model	.1264931	4	.031623275	F(4, 135) =	37.23
Residual	.114656195	135	.000849305	Prob > F =	0.0000
				R-squared =	0.5245
				Adj R-squared =	0.5105
Total	.241149295	139	.001734887	Root MSE =	.02914

varenda	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]
irenda91	-.3055961	.0377073	-8.10	0.000	-.3801696 -.2310226
ipart	.000315	.0017619	0.18	0.858	-.0031695 .0037995
predicãolo~t	-.0065697	.015768	-0.42	0.678	-.0377539 .0246145
~t9500capita	5.17e-06	4.40e-06	1.18	0.242	-3.53e-06 .0000139
_cons	.0825414	.0117185	7.04	0.000	.0593658 .105717

```
. estat hettest
```

Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity

Ho: Constant variance

Variables: fitted values of varenda

chi2(1) = 0.10

Prob > chi2 = 0.7542

```
. predict residuo29, residuals
```

(277 missing values generated)

```
. sktest residuo29
```

Skewness/Kurtosis tests for Normality

Variable	Pr(Skewness)	Pr(Kurtosis)	adj chi2(2)	Prob>chi2
residuo29	0.467	0.003	8.51	0.0142

```
. regress varenda irenda91 ipart predicãologit trfedcapita9600
```

Source	SS	df	MS	Number of obs =	327
Model	.18528687	4	.046321717	F(4, 322) =	59.43
Residual	.250991941	322	.000779478	Prob > F =	0.0000
				R-squared =	0.4247
				Adj R-squared =	0.4176
Total	.43627881	326	.001338279	Root MSE =	.02792

varenda	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]
---------	-------	-----------	---	------	----------------------

```
-----+-----
```

irenda91		-.2592625	.023335	-11.11	0.000	-.3051707	-.2133542
ipart		-.0001324	.0011712	-0.11	0.910	-.0024365	.0021717
prediçãolo~t		-.0187103	.0100355	-1.86	0.063	-.0384537	.0010331
trfedca~9600		1.04e-06	3.25e-06	0.32	0.748	-5.35e-06	7.44e-06
_cons		.0681111	.0081983	8.31	0.000	.051982	.0842402

```
-----+-----
```

```
. estat hetttest
```

```
Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity
```

```
Ho: Constant variance
```

```
Variables: fitted values of varenda
```

```
chi2(1) = 0.21
```

```
Prob > chi2 = 0.6480
```

```
. predict residuo30, residuals
```

```
(90 missing values generated)
```

```
. skttest residuo30
```

```
Skewness/Kurtosis tests for Normality
```

```
-----+----- joint -----
```

Variable		Pr(Skewness)	Pr(Kurtosis)	adj chi2(2)	Prob>chi2
residuo30		0.886	0.000	11.13	0.0038

```
-----+-----
```

```
. regress irenda00 irenda91 ipart prediçãologit trfedcapita9600
```

```
-----+-----
```

Source		SS	df	MS	Number of obs =	327
Model		1.14875193	4	.287187981	F(4, 322) =	368.44
Residual		.250991941	322	.000779478	Prob > F =	0.0000
					R-squared =	0.8207
					Adj R-squared =	0.8185
Total		1.39974387	326	.004293693	Root MSE =	.02792

```
-----+-----
```

```
-----+-----
```

irenda00		Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]
irenda91		.7407375	.023335	31.74	0.000	.6948293 .7866458
ipart		-.0001324	.0011712	-0.11	0.910	-.0024365 .0021717
prediçãolo~t		-.0187103	.0100355	-1.86	0.063	-.0384537 .0010331
trfedca~9600		1.04e-06	3.25e-06	0.32	0.748	-5.35e-06 7.44e-06
_cons		.0681111	.0081983	8.31	0.000	.051982 .0842402

```
-----+-----
```

```
. estat hetttest
```

```
Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity
```

```
Ho: Constant variance
```

```
Variables: fitted values of irenda00
```

```
chi2(1) = 0.20
```

Prob > chi2 = 0.6510

. predict residuo31, residuals
(90 missing values generated)

. sktest residuo31

```

                Skewness/Kurtosis tests for Normality
                ----- joint -----
Variable | Pr(Skewness)  Pr(Kurtosis)  adj chi2(2)  Prob>chi2
-----+-----
residuo31 |      0.886      0.000      11.13      0.0038

```

regress infan00 infan91 ipart predicãologit toinvcapita9800

```

Source |      SS      df      MS                Number of obs =      292
-----+-----
Model | 1.95965788      4  .489914469            F( 4, 287) =      80.07
Residual | 1.7560261    287  .006118558            Prob > F      =      0.0000
-----+-----
Total | 3.71568398    291  .012768673            R-squared     =      0.5274
                                           Adj R-squared =      0.5208
                                           Root MSE     =      .07822

```

```

-----+-----
infan00 |      Coef.   Std. Err.      t    P>|t|     [95% Conf. Interval]
-----+-----
infan91 |   .5752668   .0360012    15.98  0.000     .504407   .6461266
ipart   |   .0086965   .003552     2.45  0.015     .0017052 .0156878
predicãologit | .0343709   .0252437     1.36  0.174    -.0153154 .0840573
toinvca~9800 | .0000153   .000022     0.69  0.489    -.0000281 .0000586
   _cons |   .3607927   .0210168    17.17  0.000     .319426   .4021593
-----+-----

```

. estat hettest

Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity

Ho: Constant variance

Variables: fitted values of infan00

chi2(1) = 17.64

Prob > chi2 = 0.0000

. predict residuo16, residuals
(125 missing values generated)

. sktest residuo16

```

                Skewness/Kurtosis tests for Normality
                ----- joint -----
Variable | Pr(Skewness)  Pr(Kurtosis)  adj chi2(2)  Prob>chi2
-----+-----
residuo16 |      0.017      0.093      7.95      0.0188

```

. regress infan00 infan91 ipart predicãologit toinvcapita9500

Source	SS	df	MS	Number of obs =	247
Model	1.69646312	4	.42411578	F(4, 242) =	71.09
Residual	1.44374168	242	.005965875	Prob > F =	0.0000
				R-squared =	0.5402
				Adj R-squared =	0.5326
Total	3.1402048	246	.01276506	Root MSE =	.07724

infan00	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]	
infan91	.5928602	.0386247	15.35	0.000	.5167768	.6689437
ipart	.0056398	.0035641	1.58	0.115	-.0013809	.0126605
prediçãolo~t	.0283149	.026066	1.09	0.278	-.0230304	.0796601
toinvca~9500	.0000338	.0000198	1.70	0.090	-5.25e-06	.0000728
_cons	.3473331	.0227664	15.26	0.000	.3024875	.3921786

```
. estat hettest
```

Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity

Ho: Constant variance

Variables: fitted values of infan00

chi2(1) = 16.14

Prob > chi2 = 0.0001

```
. predict residuo17, residuals
```

(170 missing values generated)

```
. sktest residuo17
```

Skewness/Kurtosis tests for Normality

Variable	Pr(Skewness)	Pr(Kurtosis)	adj chi2(2)	joint Prob>chi2
residuo17	0.648	0.592	0.50	0.7791

```
. regress infan00 infan91 ipart prediçãologit invest9000capita
```

Source	SS	df	MS	Number of obs =	209
Model	1.56863235	4	.392158086	F(4, 204) =	65.43
Residual	1.22268599	204	.005993559	Prob > F =	0.0000
				R-squared =	0.5620
				Adj R-squared =	0.5534
Total	2.79131833	208	.0134198	Root MSE =	.07742

infan00	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]	
infan91	.6139724	.0415165	14.79	0.000	.532116	.6958288
ipart	.0049738	.0039064	1.27	0.204	-.0027283	.0126759
prediçãolo~t	.018034	.0271811	0.66	0.508	-.035558	.0716259
invest9000~a	.0000271	.0000154	1.76	0.079	-3.20e-06	.0000574
_cons	.3364692	.0247459	13.60	0.000	.2876788	.3852597

```
-----
. estat hettest
```

```
Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity
```

```
Ho: Constant variance
```

```
Variables: fitted values of infan00
```

```
chi2(1) = 18.30
```

```
Prob > chi2 = 0.0000
```

```
. predict residuo18, residuals
```

```
(208 missing values generated)
```

```
. sktest residuo18
```

```
Skewness/Kurtosis tests for Normality
```

```
----- joint -----
Variable | Pr(Skewness) Pr(Kurtosis) adj chi2(2) Prob>chi2
-----+-----
residuo18 | 0.676 0.380 0.95 0.6206
```

```
. regress infan00 infan91 ipart prediçãologit tottranfedcapita9800
```

```
Source | SS df MS Number of obs = 301
-----+----- F( 4, 296) = 79.97
Model | 1.99289438 4 .498223594 Prob > F = 0.0000
Residual | 1.84405496 296 .006229915 R-squared = 0.5194
-----+----- Adj R-squared = 0.5129
Total | 3.83694933 300 .012789831 Root MSE = .07893
```

```
-----
infan00 | Coef. Std. Err. t P>|t| [95% Conf. Interval]
-----+-----
infan91 | .580334 .035978 16.13 0.000 .509529 .651139
ipart | .0076672 .0035113 2.18 0.030 .0007569 .0145776
prediçãolo~t | .0332484 .0252089 1.32 0.188 -.0163629 .0828597
tottranf~9800 | .0000123 .0000127 0.97 0.334 -.0000127 .0000372
_cons | .3556958 .0222646 15.98 0.000 .3118788 .3995128
-----
```

```
. estat hettest
```

```
Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity
```

```
Ho: Constant variance
```

```
Variables: fitted values of infan00
```

```
chi2(1) = 18.70
```

```
Prob > chi2 = 0.0000
```

```
. predict residuo19, residuals
```

```
(116 missing values generated)
```

```
. sktest residuo19
```



```
-----
```

infan00	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]	
infan91	.669414	.0622261	10.76	0.000	.5460447	.7927832
ipart	.0064806	.0055109	1.18	0.242	-.0044453	.0174065
prediçãolo~t	.0733318	.0536634	1.37	0.175	-.0330612	.1797247
ttranstrib..	.0000124	9.77e-06	1.27	0.207	-6.96e-06	.0000318
_cons	.2997174	.0367833	8.15	0.000	.226791	.3726439

```
-----
```

```
. estat hettest
```

```
Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity
```

```
Ho: Constant variance
```

```
Variables: fitted values of infan00
```

```
chi2(1) = 10.60
```

```
Prob > chi2 = 0.0011
```

```
. predict residuo21, residuals
```

```
(306 missing values generated)
```

```
. sktest residuo21
```

```
Skewness/Kurtosis tests for Normality
```

```
----- joint -----
```

Variable	Pr(Skewness)	Pr(Kurtosis)	adj chi2(2)	Prob>chi2
residuo21	0.512	0.454	1.01	0.6039

```
-----
```

```
. regress infan00 infan91 ipart prediçãologit ttranstribest9500capita
```

Source	SS	df	MS	Number of obs =	140
Model	1.13775105	4	.284437763	F(4, 135) =	45.71
Residual	.840122052	135	.006223126	Prob > F =	0.0000
				R-squared =	0.5752
				Adj R-squared =	0.5627
Total	1.9778731	139	.014229303	Root MSE =	.07889

```
-----
```

infan00	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]	
infan91	.6083164	.0545612	11.15	0.000	.5004111	.7162217
ipart	.0076514	.0047686	1.60	0.111	-.0017793	.0170822
prediçãolo~t	.0326316	.0331682	0.98	0.327	-.0329648	.098228
~t9500capita	.00002	.0000118	1.69	0.094	-3.43e-06	.0000433
_cons	.3355885	.0311603	10.77	0.000	.2739631	.397214

```
-----
```

```
. estat hettest
```

```
Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity
```

```
Ho: Constant variance
```


Variables: fitted values of infan00

chi2(1) = 11.37
 Prob > chi2 = 0.0007

. predict residuo22, residuals
 (277 missing values generated)

. sktest residuo22

Skewness/Kurtosis tests for Normality

Variable	Pr(Skewness)	Pr(Kurtosis)	adj chi2(2)	joint Prob>chi2
residuo22	0.367	0.845	0.86	0.6495

. regress varinf infan91 ipart prediçãologit toinvcapita9800

Source	SS	df	MS	Number of obs =	292
Model	.937277205	4	.234319301	F(4, 287) =	38.30
Residual	1.7560261	287	.006118558	Prob > F =	0.0000
Total	2.69330331	291	.009255338	R-squared =	0.3480
				Adj R-squared =	0.3389
				Root MSE =	.07822

varinf	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]
infan91	-.4247332	.0360012	-11.80	0.000	-.495593 -.3538734
ipart	.0086965	.003552	2.45	0.015	.0017052 .0156878
prediçãolo~t	.0343709	.0252437	1.36	0.174	-.0153154 .0840573
toinvca~9800	.0000153	.000022	0.69	0.489	-.0000281 .0000586
_cons	.3607927	.0210168	17.17	0.000	.319426 .4021593

. estat hettest

Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity

Ho: Constant variance

Variables: fitted values of varinf

chi2(1) = 20.34
 Prob > chi2 = 0.0000

. predict residuo23, residuals
 (125 missing values generated)

. sktest residuo23

Skewness/Kurtosis tests for Normality

Variable	Pr(Skewness)	Pr(Kurtosis)	adj chi2(2)	joint Prob>chi2
residuo23	0.017	0.093	7.95	0.0188

```
. regress varinf infan91 ipart predicãologit toinvcapita9500
```

Source	SS	df	MS	Number of obs =	247
Model	.736695997	4	.184173999	F(4, 242) =	30.87
Residual	1.44374168	242	.005965875	Prob > F =	0.0000
				R-squared =	0.3379
				Adj R-squared =	0.3269
Total	2.18043768	246	.008863568	Root MSE =	.07724

varinf	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]	
infan91	-.4071398	.0386247	-10.54	0.000	-.4832232	-.3310563
ipart	.0056398	.0035641	1.58	0.115	-.0013809	.0126605
predicãolo~t	.0283149	.026066	1.09	0.278	-.0230304	.0796601
toinvca~9500	.0000338	.0000198	1.70	0.090	-5.25e-06	.0000728
_cons	.3473331	.0227664	15.26	0.000	.3024875	.3921786

```
. estat hettest
```

```
Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity
```

```
Ho: Constant variance
```

```
Variables: fitted values of varinf
```

```
chi2(1) = 20.02
```

```
Prob > chi2 = 0.0000
```

```
. predict residuo24, residuals
```

```
(170 missing values generated)
```

```
. sktest residuo24
```

```
Skewness/Kurtosis tests for Normality
```

Variable	Pr(Skewness)	Pr(Kurtosis)	adj chi2(2)	Prob>chi2
residuo24	0.648	0.592	0.50	0.7791

```
. regress varinf infan91 ipart predicãologit invest9000capita
```

Source	SS	df	MS	Number of obs =	209
Model	.600841465	4	.150210366	F(4, 204) =	25.06
Residual	1.22268599	204	.005993559	Prob > F =	0.0000
				R-squared =	0.3295
				Adj R-squared =	0.3163
Total	1.82352745	208	.008766959	Root MSE =	.07742

varinf	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]	
infan91	-.3860276	.0415165	-9.30	0.000	-.467884	-.3041712
ipart	.0049738	.0039064	1.27	0.204	-.0027283	.0126759

```

prediçãolo~t | .018034 .0271811 0.66 0.508 -.035558 .0716259
invest9000~a | .0000271 .0000154 1.76 0.079 -3.20e-06 .0000574
_cons | .3364692 .0247459 13.60 0.000 .2876788 .3852597
-----

```

```
. estat hettest
```

```
Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity
```

```
Ho: Constant variance
```

```
Variables: fitted values of varinf
```

```
chi2(1) = 21.18
```

```
Prob > chi2 = 0.0000
```

```
. predict residuo25, residuals
```

```
(208 missing values generated)
```

```
. sktest residuo25
```

```
Skewness/Kurtosis tests for Normality
```

```

----- joint -----
Variable | Pr(Skewness) Pr(Kurtosis) adj chi2(2) Prob>chi2
-----+-----
residuo25 | 0.676 0.380 0.95 0.6206

```

```
. regress varinf infan91 ipart prediçãologit tottranfedcapita9800
```

```

Source | SS df MS Number of obs = 301
-----+----- F( 4, 296) = 37.68
Model | .938958271 4 .234739568 Prob > F = 0.0000
Residual | 1.84405496 296 .006229915 R-squared = 0.3374
-----+----- Adj R-squared = 0.3284
Total | 2.78301323 300 .009276711 Root MSE = .07893

```

```

-----
varinf | Coef. Std. Err. t P>|t| [95% Conf. Interval]
-----+-----
infan91 | -.419666 .035978 -11.66 0.000 -.490471 -.348861
ipart | .0076672 .0035113 2.18 0.030 .0007569 .0145776
prediçãolo~t | .0332484 .0252089 1.32 0.188 -.0163629 .0828597
totranf~9800 | .0000123 .0000127 0.97 0.334 -.0000127 .0000372
_cons | .3556958 .0222646 15.98 0.000 .3118788 .3995128
-----

```

```
. estat hettest
```

```
Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity
```

```
Ho: Constant variance
```

```
Variables: fitted values of varinf
```

```
chi2(1) = 21.72
```

```
Prob > chi2 = 0.0000
```

```
. predict residuo26, residuals
```

(116 missing values generated)

. sktest residuo26

Skewness/Kurtosis tests for Normality

Variable	Pr(Skewness)	Pr(Kurtosis)	adj chi2(2)	joint Prob>chi2
residuo26	0.014	0.157	7.59	0.0225

. regress varinf infan91 ipart prediçãologit tottranestcapita9800

Source	SS	df	MS	Number of obs =	296
Model	.936590403	4	.234147601	F(4, 291) =	37.63
Residual	1.81047912	291	.006221578	Prob > F =	0.0000
				R-squared =	0.3409
				Adj R-squared =	0.3319
Total	2.74706952	295	.0093121	Root MSE =	.07888

varinf	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]
infan91	-.4194776	.0360999	-11.62	0.000	-.4905276 -.3484276
ipart	.0080434	.0035231	2.28	0.023	.0011095 .0149774
prediçãolo~t	.0243168	.0253861	0.96	0.339	-.0256468 .0742805
totrane~9800	.0000262	.0000146	1.80	0.073	-2.46e-06 .0000549
_cons	.355997	.0211426	16.84	0.000	.3143852 .3976087

. estat hettest

Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity

Ho: Constant variance

Variables: fitted values of varinf

chi2(1) = 23.61

Prob > chi2 = 0.0000

. predict residuo27, residuals

(121 missing values generated)

. sktest residuo27

Skewness/Kurtosis tests for Normality

Variable	Pr(Skewness)	Pr(Kurtosis)	adj chi2(2)	joint Prob>chi2
residuo27	0.013	0.244	7.17	0.0277

. regress varinf infan91 ipart prediçãologit ttranstribest9000capita

Source	SS	df	MS	Number of obs =	111
Model	.207341516	4	.051835379	F(4, 106) =	8.07
				Prob > F =	0.0000

```

Residual | .681099875   106   .006425471           R-squared   =   0.2334
-----+-----
Total    | .888441391   110   .00807674           Adj R-squared =   0.2044
                                           Root MSE    =   .08016

```

```

-----+-----
varinf |      Coef.   Std. Err.      t    P>|t|     [95% Conf. Interval]
-----+-----
infan91 |  -.330586   .0622261    -5.31  0.000   - .4539553   - .2072168
ipart   |  .0064806   .0055109     1.18  0.242   - .0044453   .0174065
prediçãolo~t | .0733318   .0536634     1.37  0.175   - .0330612   .1797247
ttranstrib.. | .0000124   9.77e-06     1.27  0.207   -6.96e-06   .0000318
_cons   |  .2997174   .0367833     8.15  0.000   .226791     .3726439
-----+-----

```

```
. estat hettest
```

```
Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity
```

```
Ho: Constant variance
```

```
Variables: fitted values of varinf
```

```

chi2(1)      =    18.42
Prob > chi2   =    0.0000

```

```
. predict residuo28, residuals
(306 missing values generated)
```

```
. sktest residuo28
```

```
Skewness/Kurtosis tests for Normality
```

```

-----+----- joint -----
Variable | Pr(Skewness)  Pr(Kurtosis)  adj chi2(2)  Prob>chi2
-----+-----
residuo28 |      0.512      0.454          1.01      0.6039

```

```
. regress varinf infan91 ipart prediçãoligit ttranstribest9500capita
```

```

Source |      SS      df      MS                Number of obs =    140
-----+-----                F( 4, 135) =    15.21
Model   |  .37871615     4   .094679038          Prob > F      =    0.0000
Residual | .840122052   135   .006223126          R-squared     =    0.3107
-----+-----                Adj R-squared =    0.2903
Total   |  1.2188382   139   .00876862          Root MSE     =    .07889

```

```

-----+-----
varinf |      Coef.   Std. Err.      t    P>|t|     [95% Conf. Interval]
-----+-----
infan91 |  -.3916836   .0545612    -7.18  0.000   - .4995889   - .2837783
ipart   |  .0076514   .0047686     1.60  0.111   - .0017793   .0170822
prediçãolo~t | .0326316   .0331682     0.98  0.327   - .0329648   .098228
~t9500capita | .000002     .0000118     1.69  0.094   -3.43e-06   .0000433
_cons   |  .3355885   .0311603    10.77  0.000   .2739631     .397214
-----+-----

```

```
. estat hettest
```

Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity

Ho: Constant variance

Variables: fitted values of varinf

chi2(1) = 18.02

Prob > chi2 = 0.0000

. predict residuo29, residuals

(277 missing values generated)

. sktest residuo29

Skewness/Kurtosis tests for Normality

Variable	Pr(Skewness)	Pr(Kurtosis)	adj chi2(2)	joint Prob>chi2
residuo29	0.367	0.845	0.86	0.6495

. regress varinf infan91 ipart predicãologit trfedcapita9600

Source	SS	df	MS	Number of obs =	327
Model	.928702345	4	.232175586	F(4, 322) =	35.15
Residual	2.12696371	322	.006605477	Prob > F =	0.0000
				R-squared =	0.3039
				Adj R-squared =	0.2953
Total	3.05566605	326	.009373209	Root MSE =	.08127

varinf	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]
infan91	-.3886148	.0352757	-11.02	0.000	-.4580147 - .3192149
ipart	.0066187	.003407	1.94	0.053	-.000084 .0133214
predicãolo~t	.024348	.0252656	0.96	0.336	-.0253584 .0740545
trfedca~9600	.000012	9.33e-06	1.29	0.198	-6.32e-06 .0000304
_cons	.3338088	.022435	14.88	0.000	.289671 .3779466

. estat hettest

Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity

Ho: Constant variance

Variables: fitted values of varinf

chi2(1) = 29.76

Prob > chi2 = 0.0000

. predict residuo30, residuals

(90 missing values generated)

. sktest residuo30

Skewness/Kurtosis tests for Normality

----- joint -----

```

Variable | Pr(Skewness)   Pr(Kurtosis)   adj chi2(2)   Prob>chi2
-----+-----
residuo30 |      0.072      0.387           4.00       0.1352

. regress infan00 infan91 ipart predicãologit   trfedcapita9600

Source |      SS      df      MS                Number of obs =      327
-----+-----
Model |  2.33885985      4   .584714963          F( 4, 322) =      88.52
Residual |  2.12696371    322   .006605477          Prob > F      =      0.0000
-----+-----
Total |  4.46582356    326   .013698845          R-squared     =      0.5237
                                           Adj R-squared =      0.5178
                                           Root MSE     =      .08127

-----+-----
infan00 |      Coef.   Std. Err.      t    P>|t|     [95% Conf. Interval]
-----+-----
infan91 |   .6113852   .0352757    17.33   0.000     .5419853   .6807851
ipart   |   .0066187   .003407    1.94    0.053    -.000084   .0133214
predicãolo~t |   .024348   .0252656    0.96    0.336    -.0253584   .0740545
trfedca~9600 |   .000012   9.33e-06    1.29    0.198    -6.32e-06   .0000304
_cons   |   .3338088   .022435    14.88   0.000     .289671   .3779466
-----+-----

```

```
. estat hettest
```

```
Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity
```

```
Ho: Constant variance
```

```
Variables: fitted values of infan00
```

```
chi2(1)      =      26.34
```

```
Prob > chi2  =      0.0000
```

```
. predict residuo31, residuals
```

```
(90 missing values generated)
```

```
. sktest residuo31
```

```
Skewness/Kurtosis tests for Normality
```

```

----- joint -----
Variable | Pr(Skewness)   Pr(Kurtosis)   adj chi2(2)   Prob>chi2
-----+-----
residuo31 |      0.072      0.387           4.00       0.1352

```

```
regress ieduc00 ieduc91 ipart predicãologit   toinvcapita9800
```

```

Source |      SS      df      MS                Number of obs =      292
-----+-----
Model |  8.02094859      4   2.00523715          F( 4, 287) =    1399.28
Residual |  .411285899    287   .001433052          Prob > F      =      0.0000
-----+-----
Total |  8.43223449    291   .028976751          R-squared     =      0.9512
                                           Adj R-squared =      0.9505
                                           Root MSE     =      .03786
-----+-----

```

ieduc00	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]	
ieduc91	.9482966	.0147805	64.16	0.000	.9192046	.9773887
ipart	.0017808	.0017193	1.04	0.301	-.0016032	.0051649
prediçãolo~t	.0406915	.0130232	3.12	0.002	.0150585	.0663245
toinvca~9800	.0000135	.0000107	1.27	0.206	-7.48e-06	.0000345
_cons	.0541955	.0055584	9.75	0.000	.043255	.065136

```
. estat hettest
```

Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity

Ho: Constant variance

Variables: fitted values of ieduc00

chi2(1) = 0.03

Prob > chi2 = 0.8521

```
. predict residuo, residuals
(125 missing values generated)
```

```
. sktest residuo
```

Skewness/Kurtosis tests for Normality

Variable	Pr(Skewness)	Pr(Kurtosis)	adj chi2(2)	joint Prob>chi2
residuo	0.000	0.000	33.49	0.0000

```
. regress ieduc00 ieduc91 ipart prediçãologit toinvcapita9500
```

Source	SS	df	MS	Number of obs =	247
Model	6.73282392	4	1.68320598	F(4, 242) =	1214.58
Residual	.335370572	242	.001385829	Prob > F =	0.0000
				R-squared =	0.9526
				Adj R-squared =	0.9518
Total	7.06819449	246	.028732498	Root MSE =	.03723

ieduc00	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]	
ieduc91	.9516769	.0157714	60.34	0.000	.9206102	.9827436
ipart	.0011426	.0017175	0.67	0.507	-.0022405	.0045256
prediçãolo~t	.0324761	.013424	2.42	0.016	.0060333	.0589189
toinvca~9500	.0000219	9.63e-06	2.27	0.024	2.89e-06	.0000408
_cons	.0522054	.006287	8.30	0.000	.0398213	.0645895

```
. estat hettest
```

Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity

Ho: Constant variance

Variables: fitted values of ieduc00


```
chi2(1)      =      0.51
Prob > chi2  =      0.4733
```

```
. predict residuo1, residuals
(170 missing values generated)
```

```
. sktest residuo1
```

```
Skewness/Kurtosis tests for Normality
----- joint -----
Variable | Pr(Skewness)  Pr(Kurtosis)  adj chi2(2)  Prob>chi2
-----+-----
residuo1 |      0.000      0.000      30.97      0.0000
```

```
. regress ieduc00 ieduc91 ipart predicãologit invest9000capita
```

```
Source |      SS      df      MS              Number of obs =      209
-----+-----
Model | 6.05996545      4 1.51499136          F( 4, 204) = 1068.47
Residual | .289252463    204 .001417904          Prob > F      = 0.0000
-----+-----
Total | 6.34921791    208 .030525086          R-squared      = 0.9544
                                          Adj R-squared  = 0.9535
                                          Root MSE      = .03766
```

```
-----+-----
ieduc00 |      Coef.   Std. Err.      t    P>|t|    [95% Conf. Interval]
-----+-----
ieduc91 | .9509267   .0170386    55.81  0.000    .9173324    .9845209
ipart   | .0004309   .0019009     0.23  0.821   -.003317    .0041788
predicãologit | .0307782   .0141806     2.17  0.031    .0028188    .0587376
invest9000~a | .0000167   7.54e-06     2.22  0.028    1.86e-06    .0000316
 _cons  | .0516239   .0070511     7.32  0.000    .0377214    .0655263
-----+-----
```

```
. estat hettest
```

```
Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity
```

```
Ho: Constant variance
Variables: fitted values of ieduc00
```

```
chi2(1)      =      0.18
Prob > chi2  =      0.6700
```

```
. predict residuo2, residuals
(208 missing values generated)
```

```
. sktest residuo2
```

```
Skewness/Kurtosis tests for Normality
----- joint -----
Variable | Pr(Skewness)  Pr(Kurtosis)  adj chi2(2)  Prob>chi2
-----+-----
residuo2 |      0.000      0.000      31.94      0.0000
```

```
. regress ieduc00 ieduc91 ipart predicãologit tottranfedcapita9800
```

Source	SS	df	MS	Number of obs =	301
Model	8.11281047	4	2.02820262	F(4, 296) =	1407.21
Residual	.426622919	296	.001441294	Prob > F =	0.0000
				R-squared =	0.9500
				Adj R-squared =	0.9494
Total	8.53943339	300	.028464778	Root MSE =	.03796

ieduc00	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]	
ieduc91	.9484179	.0147319	64.38	0.000	.9194255	.9774104
ipart	.0016627	.0016893	0.98	0.326	-.0016619	.0049873
prediçãolo~t	.0401678	.0128514	3.13	0.002	.0148761	.0654595
totranf~9800	2.55e-06	6.13e-06	0.42	0.678	-9.52e-06	.0000146
_cons	.0554927	.0065916	8.42	0.000	.0425204	.0684651

```
. estat hettest
```

```
Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity
```

```
Ho: Constant variance
```

```
Variables: fitted values of ieduc00
```

```
chi2(1) = 0.05
```

```
Prob > chi2 = 0.8176
```

```
. predict residuo3, residuals
```

```
(116 missing values generated)
```

```
. sktest residuo3
```

```
Skewness/Kurtosis tests for Normality
```

Variable	Pr(Skewness)	Pr(Kurtosis)	adj chi2(2)	joint Prob>chi2
residuo3	0.000	0.000	31.35	0.0000

```
. regress ieduc00 ieduc91 ipart prediçãologit tottranestcapita9800
```

Source	SS	df	MS	Number of obs =	296
Model	8.08316301	4	2.02079075	F(4, 291) =	1417.98
Residual	.414710562	291	.001425122	Prob > F =	0.0000
				R-squared =	0.9512
				Adj R-squared =	0.9505
Total	8.49787358	295	.028806351	Root MSE =	.03775

ieduc00	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]	
ieduc91	.9482417	.0145929	64.98	0.000	.9195208	.9769627
ipart	.0015241	.0016861	0.90	0.367	-.0017944	.0048426
prediçãolo~t	.0363339	.0129114	2.81	0.005	.0109224	.0617454
totrane~9800	.0000188	6.98e-06	2.70	0.007	5.11e-06	.0000326

```

      _cons |      .0526006      .0054861      9.59      0.000      .041803      .0633981
-----+-----

```

```

. predict residuo4, residuals
(121 missing values generated)

```

```

. sktest residuo4

```

Skewness/Kurtosis tests for Normality

```

----- joint -----
Variable | Pr(Skewness)  Pr(Kurtosis)  adj chi2(2)  Prob>chi2
-----+-----
residuo4 |          0.000          0.001          23.87          0.0000

```

```

. regress ieduc00 ieduc91 ipart predicãologit ttranstribest9000capita

```

```

Source |      SS      df      MS              Number of obs =      111
-----+-----
Model |  2.036755      4      .50918875          F( 4, 106) = 391.57
Residual | .137840009    106     .001300377          Prob > F      = 0.0000
-----+-----
Total |  2.17459501   110     .019769046          R-squared      = 0.9366
                                          Adj R-squared  = 0.9342
                                          Root MSE      = .03606

```

```

-----+-----
Variable |      Coef.   Std. Err.      t    P>|t|     [95% Conf. Interval]
-----+-----
ieduc00 |
ieduc91 |  .9895985   .02598      38.09   0.000   .9380906   1.041106
ipart   |  .000982    .0024779     0.40   0.693  -.0039308   .0058947
predicãologit | .0740056   .0242309     3.05   0.003   .0259655   .1220457
ttranstrib.. | .0000148   4.40e-06     3.37   0.001   6.11e-06   .0000236
_cons   |  .0338549   .0103074     3.28   0.001   .0134196   .0542903
-----+-----

```

```

. estat hettest

```

Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity

Ho: Constant variance

Variables: fitted values of ieduc00

chi2(1) = 0.01

Prob > chi2 = 0.9293

```

. predict residuo5, residuals
(306 missing values generated)

```

```

. sktest residuo5

```

Skewness/Kurtosis tests for Normality

```

----- joint -----
Variable | Pr(Skewness)  Pr(Kurtosis)  adj chi2(2)  Prob>chi2
-----+-----
residuo5 |          0.121          0.030          6.61          0.0367

```

```

. regress ieduc00 ieduc91 ipart predicãologit ttranstribest9500capita

```

Source	SS	df	MS	Number of obs =	140
Model	4.19182229	4	1.04795557	F(4, 135) =	801.15
Residual	.176588721	135	.001308065	Prob > F =	0.0000
Total	4.36841101	139	.031427417	R-squared =	0.9596
				Adj R-squared =	0.9584
				Root MSE =	.03617

	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]	
ieduc00						
ieduc91	.9442277	.0213407	44.25	0.000	.9020222	.9864331
ipart	.0012236	.0021868	0.56	0.577	-.0031012	.0055483
prediçãolo~t	.0149604	.0168911	0.89	0.377	-.0184451	.0483659
~t9500capita	.0000202	5.42e-06	3.72	0.000	9.45e-06	.0000309
_cons	.0554151	.007965	6.96	0.000	.0396629	.0711674

```
. estat hettest
```

```
Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity
```

```
Ho: Constant variance
```

```
Variables: fitted values of ieduc00
```

```
chi2(1) = 0.65
```

```
Prob > chi2 = 0.4194
```

```
. predict residuo6, residuals
```

```
(277 missing values generated)
```

```
. sktest residuo6
```

```
Skewness/Kurtosis tests for Normality
```

Variable	Pr(Skewness)	Pr(Kurtosis)	adj chi2(2)	joint Prob>chi2
residuo6	0.056	0.005	10.01	0.0067

```
. regress varied ieduc91 ipart prediçãologit toinvcapita9800
```

Source	SS	df	MS	Number of obs =	292
Model	.026845761	4	.00671144	F(4, 287) =	4.68
Residual	.411285899	287	.001433052	Prob > F =	0.0011
Total	.438131659	291	.001505607	R-squared =	0.0613
				Adj R-squared =	0.0482
				Root MSE =	.03786

	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]	
varied						
ieduc91	-.0517034	.0147805	-3.50	0.001	-.0807954	-.0226113
ipart	.0017808	.0017193	1.04	0.301	-.0016032	.0051649
prediçãolo~t	.0406915	.0130232	3.12	0.002	.0150585	.0663245
toinvca~9800	.0000135	.0000107	1.27	0.206	-7.48e-06	.0000345

```

      _cons |   .0541955   .0055584    9.75   0.000   .043255   .065136
-----+-----

```

```
. estat hettest
```

```
Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity
```

```
Ho: Constant variance
```

```
Variables: fitted values of varied
```

```
chi2(1)      =      9.93
```

```
Prob > chi2  =      0.0016
```

```
. predict residuo7, residuals
```

```
(125 missing values generated)
```

```
. sktest residuo7
```

```
Skewness/Kurtosis tests for Normality
```

```

-----+----- joint -----
Variable | Pr(Skewness)  Pr(Kurtosis)  adj chi2(2)  Prob>chi2
-----+-----
residuo7 |      0.000      0.000      33.49      0.0000

```

```
. regress varied ieduc91 ipart predicãologit toinvcapita9500
```

```

Source |      SS      df      MS                Number of obs =      247
-----+-----                F( 4, 242) =      4.82
Model |   .02670765      4   .006676912          Prob > F      = 0.0009
Residual |   .335370572    242   .001385829          R-squared      = 0.0738
-----+-----                Adj R-squared = 0.0585
Total |   .362078222    246   .001471863          Root MSE     = .03723

```

```

-----+-----
varied |      Coef.   Std. Err.      t    P>|t|     [95% Conf. Interval]
-----+-----
ieduc91 |  -.0483231   .0157714     -3.06   0.002   -.0793898   -.0172564
ipart   |   .0011426   .0017175      0.67   0.507   -.0022405   .0045256
predicãolo~t | .0324761   .013424      2.42   0.016   .0060333   .0589189
toinvca~9500 | .0000219   9.63e-06      2.27   0.024   2.89e-06   .0000408
_cons   |   .0522054   .006287      8.30   0.000   .0398213   .0645895
-----+-----

```

```
. estat hettest
```

```
Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity
```

```
Ho: Constant variance
```

```
Variables: fitted values of varied
```

```
chi2(1)      =     17.75
```

```
Prob > chi2  =      0.0000
```

```
. predict residuo8, residuals
```

```
(170 missing values generated)
```

```
. sktest residuo8
```

Skewness/Kurtosis tests for Normality

Variable	Pr(Skewness)	Pr(Kurtosis)	adj chi2(2)	joint Prob>chi2
residuo8	0.000	0.000	30.97	0.0000

```
. regress varied ieduc91 ipart predicãologit invest9000capita
```

Source	SS	df	MS	Number of obs =	209
Model	.023849081	4	.00596227	F(4, 204) =	4.20
Residual	.289252463	204	.001417904	Prob > F =	0.0027
				R-squared =	0.0762
				Adj R-squared =	0.0581
Total	.313101543	208	.001505296	Root MSE =	.03766

varied	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]
ieduc91	-.0490733	.0170386	-2.88	0.004	-.0826676 -.0154791
ipart	.0004309	.0019009	0.23	0.821	-.003317 .0041788
predicãolo~t	.0307782	.0141806	2.17	0.031	.0028188 .0587376
invest9000~a	.0000167	7.54e-06	2.22	0.028	1.86e-06 .0000316
_cons	.0516239	.0070511	7.32	0.000	.0377214 .0655263

```
. estat hettest
```

Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity

Ho: Constant variance

Variables: fitted values of varied

chi2(1) = 16.78

Prob > chi2 = 0.0000

```
. predict residuo9, residuals
(208 missing values generated)
```

```
. sktest residuo9
```

Skewness/Kurtosis tests for Normality

Variable	Pr(Skewness)	Pr(Kurtosis)	adj chi2(2)	joint Prob>chi2
residuo9	0.000	0.000	31.94	0.0000

```
. regress varied ieduc91 ipart predicãologit tottranfedcapita9800
```

Source	SS	df	MS	Number of obs =	301
Model	.024437808	4	.006109452	F(4, 296) =	4.24
Residual	.426622919	296	.001441294	Prob > F =	0.0024
				R-squared =	0.0542
				Adj R-squared =	0.0414

Total | .451060727 300 .001503536 Root MSE = .03796

varied	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]	
ieduc91	-.0515821	.0147319	-3.50	0.001	-.0805745	-.0225896
ipart	.0016627	.0016893	0.98	0.326	-.0016619	.0049873
prediçãolo~t	.0401678	.0128514	3.13	0.002	.0148761	.0654595
totranf~9800	2.55e-06	6.13e-06	0.42	0.678	-9.52e-06	.0000146
_cons	.0554927	.0065916	8.42	0.000	.0425204	.0684651

. estat hettest

Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity

Ho: Constant variance

Variables: fitted values of varied

chi2(1) = 10.24

Prob > chi2 = 0.0014

. predict residuo10, residuals

(116 missing values generated)

. sktest residuo10

Skewness/Kurtosis tests for Normality

Variable	Pr(Skewness)	Pr(Kurtosis)	adj chi2(2)	Prob>chi2
residuo10	0.000	0.000	31.35	0.0000

. regress varied ieduc91 ipart prediçãologit tottranestcapita9800

Source	SS	df	MS	Number of obs =	296
Model	.033278404	4	.008319601	F(4, 291) =	5.84
Residual	.414710562	291	.001425122	Prob > F =	0.0002
				R-squared =	0.0743
				Adj R-squared =	0.0616
Total	.447988966	295	.001518607	Root MSE =	.03775

varied	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]	
ieduc91	-.0517583	.0145929	-3.55	0.000	-.0804792	-.0230373
ipart	.0015241	.0016861	0.90	0.367	-.0017944	.0048426
prediçãolo~t	.0363339	.0129114	2.81	0.005	.0109224	.0617454
totrane~9800	.0000188	6.98e-06	2.70	0.007	5.11e-06	.0000326
_cons	.0526006	.0054861	9.59	0.000	.041803	.0633981

. estat hettest

Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity

Ho: Constant variance
 Variables: fitted values of varied

chi2(1) = 26.71
 Prob > chi2 = 0.0000

. predict residuo11, residuals
 (121 missing values generated)

. sktest residuo11

Skewness/Kurtosis tests for Normality

Variable	Pr(Skewness)	Pr(Kurtosis)	adj chi2(2)	joint Prob>chi2
residuo11	0.000	0.001	23.87	0.0000

. regress varied ieduc91 ipart prediçãologit ttranstribest9000capita

Source	SS	df	MS	Number of obs =	111
Model	.032235071	4	.008058768	F(4, 106) =	6.20
Residual	.137840009	106	.001300377	Prob > F =	0.0002
				R-squared =	0.1895
				Adj R-squared =	0.1590
Total	.17007508	110	.001546137	Root MSE =	.03606

varied	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]	
ieduc91	-.0104015	.02598	-0.40	0.690	-.0619094	.0411064
ipart	.000982	.0024779	0.40	0.693	-.0039308	.0058947
prediçãolo~t	.0740056	.0242309	3.05	0.003	.0259655	.1220457
ttranstrib..	.0000148	4.40e-06	3.37	0.001	6.11e-06	.0000236
_cons	.0338549	.0103074	3.28	0.001	.0134196	.0542903

. estat hettest

Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity

Ho: Constant variance
 Variables: fitted values of varied

chi2(1) = 21.23
 Prob > chi2 = 0.0000

. predict residuo12, residuals
 (306 missing values generated)

. sktest residuo12

Skewness/Kurtosis tests for Normality

Variable	Pr(Skewness)	Pr(Kurtosis)	adj chi2(2)	joint Prob>chi2


```
residuo12 |      0.121      0.030      6.61      0.0367
```

```
. regress varied ieduc91 ipart predicçãologit ttranstribest9500capita
```

Source	SS	df	MS	Number of obs =	140
Model	.026826862	4	.006706715	F(4, 135) =	5.13
Residual	.176588721	135	.001308065	Prob > F =	0.0007
				R-squared =	0.1319
				Adj R-squared =	0.1062
Total	.203415582	139	.001463421	Root MSE =	.03617

varied	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]	
ieduc91	-.0557723	.0213407	-2.61	0.010	-.0979778	-.0135669
ipart	.0012236	.0021868	0.56	0.577	-.0031012	.0055483
predicçãolo~t	.0149604	.0168911	0.89	0.377	-.0184451	.0483659
~t9500capita	.0000202	5.42e-06	3.72	0.000	9.45e-06	.0000309
_cons	.0554151	.007965	6.96	0.000	.0396629	.0711674

```
. estat hettest
```

```
Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity
```

```
Ho: Constant variance
```

```
Variables: fitted values of varied
```

```
chi2(1) = 44.73
```

```
Prob > chi2 = 0.0000
```

```
. predict residuo13, residuals
```

```
(277 missing values generated)
```

```
. sktest residuo13
```

```
Skewness/Kurtosis tests for Normality
```

Variable	Pr(Skewness)	Pr(Kurtosis)	adj chi2(2)	joint Prob>chi2
residuo13	0.056	0.005	10.01	0.0067

```
. regress varied ieduc91 ipart predicçãologit trfedcapita9600
```

Source	SS	df	MS	Number of obs =	327
Model	.022881707	4	.005720427	F(4, 322) =	3.78
Residual	.486966956	322	.00151232	Prob > F =	0.0051
				R-squared =	0.0449
				Adj R-squared =	0.0330
Total	.509848664	326	.001563953	Root MSE =	.03889

varied	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]	
ieduc91	-.0452361	.0147374	-3.07	0.002	-.0742299	-.0162422

```

      ipart | .0018674 .0016309 1.15 0.253 -.0013411 .0050759
prediçãolo~t | .0371145 .0127544 2.91 0.004 .012022 .062207
trfedca~9600 | 2.54e-06 4.54e-06 0.56 0.577 -6.40e-06 .0000115
      _cons | .051877 .0069395 7.48 0.000 .0382245 .0655295
-----

```

```
. estat hettest
```

```
Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity
```

```
Ho: Constant variance
```

```
Variables: fitted values of varied
```

```
chi2(1) = 6.68
```

```
Prob > chi2 = 0.0097
```

```
. predict residuo14, residuals
```

```
(90 missing values generated)
```

```
. sktest residuo14
```

```
Skewness/Kurtosis tests for Normality
```

```

----- joint -----
Variable | Pr(Skewness) Pr(Kurtosis) adj chi2(2) Prob>chi2
-----+-----
residuo14 | 0.000 0.000 25.85 0.0000

```

```
. regress ieduc00 ieduc91 ipart prediçãologit trfedcapita9600
```

```

Source | SS df MS Number of obs = 327
-----+----- F( 4, 322) = 1432.96
Model | 8.6683608 4 2.1670902 Prob > F = 0.0000
Residual | .486966956 322 .00151232 R-squared = 0.9468
-----+----- Adj R-squared = 0.9461
Total | 9.15532775 326 .028083827 Root MSE = .03889

```

```

-----
ieduc00 | Coef. Std. Err. t P>|t| [95% Conf. Interval]
-----+-----
ieduc91 | .9547639 .0147374 64.78 0.000 .9257701 .9837578
ipart | .0018674 .0016309 1.15 0.253 -.0013411 .0050759
prediçãolo~t | .0371145 .0127544 2.91 0.004 .012022 .062207
trfedca~9600 | 2.54e-06 4.54e-06 0.56 0.577 -6.40e-06 .0000115
      _cons | .051877 .0069395 7.48 0.000 .0382245 .0655295
-----

```

```
. estat hettest
```

```
Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity
```

```
Ho: Constant variance
```

```
Variables: fitted values of ieduc00
```

```
chi2(1) = 0.05
```

```
Prob > chi2 = 0.8265
```

```
. predict residuo15, residuals
(90 missing values generated)
```

```
. sktest residuo15
```

```
Skewness/Kurtosis tests for Normality
----- joint -----
Variable | Pr(Skewness) Pr(Kurtosis) adj chi2(2) Prob>chi2
-----+-----
residuo15 | 0.000 0.000 25.85 0.0000
```

```
regress habit00 habit91 ipart predicãologit toinvcapita9800
```

```
Source | SS df MS Number of obs = 234
-----+----- F( 4, 229) = 134.61
Model | 3.25638621 4 .814096552 Prob > F = 0.0000
Residual | 1.3849149 229 .006047663 R-squared = 0.7016
-----+----- Adj R-squared = 0.6964
Total | 4.64130111 233 .019919747 Root MSE = .07777
```

```
-----+-----
habit00 | Coef. Std. Err. t P>|t| [95% Conf. Interval]
-----+-----
habit91 | .771739 .0340907 22.64 0.000 .7045675 .8389104
ipart | .0005552 .0041012 0.14 0.892 -.0075258 .0086361
predicãolo~t | -.0202054 .0253892 -0.80 0.427 -.0702318 .029821
toinvca~9800 | .000018 .0000283 0.64 0.525 -.0000378 .0000739
_cons | .2185819 .0163553 13.36 0.000 .1863557 .2508081
-----+-----
```

```
. estat hettest
```

```
Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity
```

```
Ho: Constant variance
```

```
Variables: fitted values of habit00
```

```
chi2(1) = 0.19
```

```
Prob > chi2 = 0.6610
```

```
. predict residuo32, residuals
(183 missing values generated)
```

```
. sktest residuo32
```

```
Skewness/Kurtosis tests for Normality
----- joint -----
Variable | Pr(Skewness) Pr(Kurtosis) adj chi2(2) Prob>chi2
-----+-----
residuo32 | 0.296 0.164 3.06 0.2165
```

```
. regress habit00 habit91 ipart predicãologit toinvcapita9500
```

```
Source | SS df MS Number of obs = 200
```

-----+-----				F(4, 195) = 105.79	
Model		2.5351965	4	.633799124	Prob > F = 0.0000
Residual		1.16826647	195	.00599111	R-squared = 0.6845
-----+-----				Adj R-squared = 0.6781	
Total		3.70346297	199	.018610367	Root MSE = .0774

-----+-----						
habit00		Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]
habit91		.7581532	.037648	20.14	0.000	.6839037 .8324026
ipart		.0002861	.004058	0.07	0.944	-.0077171 .0082893
prediçãolo~t		-.0113096	.0263048	-0.43	0.668	-.0631879 .0405687
toinvca~9500		.0000569	.0000293	1.94	0.053	-8.19e-07 .0001147
_cons		.2135119	.0197623	10.80	0.000	.1745366 .2524872

. estat hettest

Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity

Ho: Constant variance

Variables: fitted values of habit00

chi2(1) = 0.27

Prob > chi2 = 0.6002

. predict residuo33, residuals

(217 missing values generated)

. sktest residuo33

Skewness/Kurtosis tests for Normality

----- joint -----					
Variable		Pr(Skewness)	Pr(Kurtosis)	adj chi2(2)	Prob>chi2
residuo33		0.598	0.360	1.13	0.5688

. regress habit00 habit91 ipart prediçãologit invest9000capita

-----+-----				Number of obs = 174	
Model		2.29504661	4	.573761652	F(4, 169) = 94.73
Residual		1.02362369	169	.006056945	Prob > F = 0.0000
-----+-----				R-squared = 0.6916	
Total		3.3186703	173	.019183065	Adj R-squared = 0.6843
-----+-----				Root MSE = .07783	

-----+-----						
habit00		Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]
habit91		.7706583	.0404913	19.03	0.000	.6907245 .8505922
ipart		-.0004978	.0044237	-0.11	0.911	-.0092305 .008235
prediçãolo~t		-.0244454	.0272031	-0.90	0.370	-.078147 .0292562
invest9000~a		.0000312	.0000227	1.38	0.171	-.0000136 .0000761
_cons		.2149829	.0219082	9.81	0.000	.171734 .2582318

```
. estat hettest
```

```
Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity
```

```
Ho: Constant variance
```

```
Variables: fitted values of habit00
```

```
chi2(1) = 0.12
```

```
Prob > chi2 = 0.7330
```

```
. predict residuo34, residuals
```

```
(243 missing values generated)
```

```
. sktest residuo34
```

```
Skewness/Kurtosis tests for Normality
```

Variable	Pr(Skewness)	Pr(Kurtosis)	adj chi2(2)	joint Prob>chi2
residuo34	0.624	0.465	0.78	0.6756

```
. regress habit00 habit91 ipart predicãologit tottranfedcapita9800
```

Source	SS	df	MS	Number of obs =	242
Model	3.35193237	4	.837983092	F(4, 237) =	139.08
Residual	1.42793869	237	.006025058	Prob > F =	0.0000
				R-squared =	0.7013
				Adj R-squared =	0.6962
Total	4.77987106	241	.01983349	Root MSE =	.07762

habit00	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]
habit91	.7664206	.0333899	22.95	0.000	.7006417 .8321996
ipart	.0008804	.0039702	0.22	0.825	-.006941 .0087017
predicãolo~t	-.0216127	.0251577	-0.86	0.391	-.0711739 .0279485
tottranf~9800	-9.30e-06	.0000142	-0.66	0.512	-.0000372 .0000186
_cons	.2290819	.0179572	12.76	0.000	.1937057 .2644581

```
. estat hettest
```

```
Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity
```

```
Ho: Constant variance
```

```
Variables: fitted values of habit00
```

```
chi2(1) = 0.28
```

```
Prob > chi2 = 0.5959
```

```
. predict residuo35, residuals
```

```
(175 missing values generated)
```

```
. sktest residuo35
```


habit00	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]	
habit91	.7113608	.0623367	11.41	0.000	.5874798	.8352418
ipart	-.0014545	.00656	-0.22	0.825	-.0144911	.0115821
prediçãolo~t	-.0727345	.0587886	-1.24	0.219	-.1895644	.0440954
ttranstrib..	.0000172	.0000103	1.67	0.098	-3.27e-06	.0000377
_cons	.2499901	.032171	7.77	0.000	.1860569	.3139232

```
. estat hettest
```

Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity

Ho: Constant variance

Variables: fitted values of habit00

chi2(1) = 0.18

Prob > chi2 = 0.6693

```
. predict residuo37, residuals
```

(324 missing values generated)

```
. sktest residuo37
```

Skewness/Kurtosis tests for Normality

Variable	Pr(Skewness)	Pr(Kurtosis)	adj chi2(2)	joint Prob>chi2
residuo37	0.550	0.320	1.38	0.5017

```
. regress habit00 habit91 ipart prediçãologit ttranstribest9500capita
```

Source	SS	df	MS	Number of obs = 114	
Model	1.43881054	4	.359702636	F(4, 109) =	56.90
Residual	.689020312	109	.006321287	Prob > F =	0.0000
				R-squared =	0.6762
				Adj R-squared =	0.6643
Total	2.12783086	113	.018830362	Root MSE =	.07951

habit00	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]	
habit91	.7287814	.0510815	14.27	0.000	.6275396	.8300232
ipart	.0014692	.005569	0.26	0.792	-.0095684	.0125067
prediçãolo~t	-.0136663	.0321519	-0.43	0.672	-.0773904	.0500577
~t9500capita	.000029	.0000124	2.34	0.021	4.40e-06	.0000536
_cons	.2310145	.0254909	9.06	0.000	.1804923	.2815367

```
. estat hettest
```

Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity

Ho: Constant variance

Variables: fitted values of habit00

```

chi2(1)      =      0.02
Prob > chi2  =      0.8995

```

```

. predict residuo38, residuals
(303 missing values generated)

```

```

. sktest residuo38

```

```

                Skewness/Kurtosis tests for Normality
                ----- joint -----
Variable | Pr(Skewness)  Pr(Kurtosis)  adj chi2(2)  Prob>chi2
-----+-----
residuo38 |      0.732      0.321      1.12      0.5703

```

```

. regress varhab habit91 ipart prediçãologit toinvcapita9800

```

```

Source |      SS      df      MS                Number of obs =      234
-----+-----
Model | .311679787      4  .077919947            F( 4, 229) =      12.88
Residual | 1.38491491    229  .006047663            Prob > F      =      0.0000
-----+-----
Total | 1.6965947    233  .007281522            R-squared     =      0.1837
                                Adj R-squared =      0.1695
                                Root MSE      =      .07777

```

```

-----+-----
varhab |      Coef.   Std. Err.    t    P>|t|    [95% Conf. Interval]
-----+-----
habit91 |  -.228261   .0340907   -6.70  0.000   -.2954325   -.1610896
ipart   |  .0005552   .0041012    0.14  0.892   -.0075258   .0086361
prediçãologit | -.0202054  .0253892   -0.80  0.427   -.0702318   .029821
toinvca~9800 | .000018    .0000283    0.64  0.525   -.0000378   .0000739
_cons   |  .2185819   .0163553   13.36  0.000   .1863557   .2508081
-----+-----

```

```

. estat hettest

```

```

Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity

```

```

Ho: Constant variance

```

```

Variables: fitted values of varhab

```

```

chi2(1)      =      0.31
Prob > chi2  =      0.5806

```

```

. predict residuo39, residuals
(183 missing values generated)

```

```

. sktest residuo39

```

```

                Skewness/Kurtosis tests for Normality
                ----- joint -----
Variable | Pr(Skewness)  Pr(Kurtosis)  adj chi2(2)  Prob>chi2
-----+-----
residuo39 |      0.296      0.164      3.06      0.2165

```



```
. regress varhab habit91 ipart predicçãologit toinvcapita9500
```

Source	SS	df	MS	Number of obs =	200
Model	.3134043	4	.078351075	F(4, 195) =	13.08
Residual	1.16826648	195	.00599111	Prob > F =	0.0000
Total	1.48167078	199	.007445582	R-squared =	0.2115
				Adj R-squared =	0.1953
				Root MSE =	.0774

varhab	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]	
habit91	-.2418468	.037648	-6.42	0.000	-.3160963	-.1675974
ipart	.0002861	.004058	0.07	0.944	-.0077171	.0082893
predicçãolo~t	-.0113096	.0263048	-0.43	0.668	-.0631879	.0405687
toinvca~9500	.0000569	.0000293	1.94	0.053	-8.19e-07	.0001147
_cons	.2135119	.0197623	10.80	0.000	.1745366	.2524872

```
. estat hettest
```

```
Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity
```

```
Ho: Constant variance
```

```
Variables: fitted values of varhab
```

```
chi2(1) = 0.05
```

```
Prob > chi2 = 0.8165
```

```
. predict residuo40, residuals
```

```
(217 missing values generated)
```

```
. sktest residuo40
```

```
Skewness/Kurtosis tests for Normality
```

Variable	Pr(Skewness)	Pr(Kurtosis)	adj chi2(2)	joint Prob>chi2
residuo40	0.598	0.360	1.13	0.5688

```
. regress varhab habit91 ipart predicçãologit invest9000capita
```

Source	SS	df	MS	Number of obs =	174
Model	.258623881	4	.06465597	F(4, 169) =	10.67
Residual	1.0236237	169	.006056945	Prob > F =	0.0000
Total	1.28224758	173	.007411836	R-squared =	0.2017
				Adj R-squared =	0.1828
				Root MSE =	.07783

varhab	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]	
habit91	-.2293417	.0404913	-5.66	0.000	-.3092755	-.1494078
ipart	-.0004978	.0044237	-0.11	0.911	-.0092305	.008235
predicçãolo~t	-.0244454	.0272031	-0.90	0.370	-.078147	.0292562

```
invest9000~a | .0000312 .0000227 1.38 0.171 -.0000136 .0000761
   _cons | .2149829 .0219082 9.81 0.000 .171734 .2582318
```

```
. estat hettest
```

```
Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity
```

```
Ho: Constant variance
```

```
Variables: fitted values of varhab
```

```
chi2(1) = 0.44
```

```
Prob > chi2 = 0.5051
```

```
. predict residuo41, residuals
```

```
(243 missing values generated)
```

```
. sktest residuo41
```

```
Skewness/Kurtosis tests for Normality
```

```
----- joint -----
Variable | Pr(Skewness) Pr(Kurtosis) adj chi2(2) Prob>chi2
-----+-----
residuo41 | 0.624 0.465 0.78 0.6756
```

```
. regress varhab habit91 ipart prediçãologit tottranfedcapita9800
```

```
Source | SS df MS Number of obs = 242
-----+----- F( 4, 237) = 13.64
Model | .32868289 4 .082170722 Prob > F = 0.0000
Residual | 1.4279387 237 .006025058 R-squared = 0.1871
-----+----- Adj R-squared = 0.1734
Total | 1.75662159 241 .007288886 Root MSE = .07762
```

```
-----+-----
varhab | Coef. Std. Err. t P>|t| [95% Conf. Interval]
-----+-----
habit91 | -.2335794 .0333899 -7.00 0.000 -.2993583 -.1678004
ipart | .0008804 .0039702 0.22 0.825 -.006941 .0087017
prediçãolo~t | -.0216127 .0251577 -0.86 0.391 -.0711739 .0279485
tottranf~9800 | -9.30e-06 .0000142 -0.66 0.512 -.0000372 .0000186
   _cons | .2290819 .0179572 12.76 0.000 .1937057 .2644581
```

```
. estat hettest
```

```
Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity
```

```
Ho: Constant variance
```

```
Variables: fitted values of varhab
```

```
chi2(1) = 0.34
```

```
Prob > chi2 = 0.5592
```

```
. predict residuo42, residuals
```

```
(175 missing values generated)
```

```
. sktest residuo42
```

Skewness/Kurtosis tests for Normality

Variable	Pr(Skewness)	Pr(Kurtosis)	adj chi2(2)	Prob>chi2
residuo42	0.329	0.186	2.72	0.2563

```
. regress varhab habit91 ipart predicãologit tottranestcapita9800
```

Source	SS	df	MS	Number of obs =	238
Model	.346935909	4	.086733977	F(4, 233) =	14.36
Residual	1.40733097	233	.006040047	Prob > F =	0.0000
				R-squared =	0.1978
				Adj R-squared =	0.1840
Total	1.75426688	237	.00740197	Root MSE =	.07772

varhab	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]
habit91	-.2356231	.0335071	-7.03	0.000	-.3016388 -.1696074
ipart	.0003602	.0039749	0.09	0.928	-.0074711 .0081915
predicãolo~t	-.0233181	.0251795	-0.93	0.355	-.0729266 .0262904
totrane~9800	.0000284	.000015	1.90	0.059	-1.10e-06 .0000579
_cons	.2185081	.0161291	13.55	0.000	.1867306 .2502856

```
. estat hettest
```

Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity

Ho: Constant variance

Variables: fitted values of varhab

chi2(1) = 0.48

Prob > chi2 = 0.4898

```
. predict residuo43, residuals
```

(179 missing values generated)

```
. sktest residuo43
```

Skewness/Kurtosis tests for Normality

Variable	Pr(Skewness)	Pr(Kurtosis)	adj chi2(2)	Prob>chi2
residuo43	0.366	0.228	2.29	0.3189

```
. regress varhab habit91 ipart predicãologit ttranstribest9000capita
```

Source	SS	df	MS	Number of obs =	93
Model	.159783555	4	.039945889	F(4, 88) =	5.95
Residual	.59100395	88	.006715954	Prob > F =	0.0003
				R-squared =	0.2128

					Adj R-squared =	0.1770
Total		.750787504	92	.008160734	Root MSE	= .08195

varhab		Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]
habit91		-.2886392	.0623367	-4.63	0.000	-.4125202 - .1647582
ipart		-.0014545	.00656	-0.22	0.825	-.0144911 .0115821
prediçãolo~t		-.0727345	.0587886	-1.24	0.219	-.1895644 .0440954
ttranstrib..		.0000172	.0000103	1.67	0.098	-3.27e-06 .0000377
_cons		.2499901	.032171	7.77	0.000	.1860569 .3139232

. estat hettest

Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity

Ho: Constant variance

Variables: fitted values of varhab

chi2(1) = 0.56

Prob > chi2 = 0.4548

. predict residuo44, residuals
(324 missing values generated)

. sktest residuo44

Skewness/Kurtosis tests for Normality

Variable		Pr(Skewness)	Pr(Kurtosis)	adj chi2(2)	joint Prob>chi2
residuo44		0.550	0.320	1.38	0.5017

. regress varhab habit91 ipart prediçãologit ttranstribest9500capita

Source		SS	df	MS	Number of obs =	114
Model		.231746527	4	.057936632	F(4, 109) =	9.17
Residual		.689020315	109	.006321287	Prob > F =	0.0000
Total		.920766842	113	.008148379	R-squared =	0.2517
					Adj R-squared =	0.2242
					Root MSE =	.07951

varhab		Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]
habit91		-.2712186	.0510815	-5.31	0.000	-.3724604 - .1699768
ipart		.0014692	.005569	0.26	0.792	-.0095684 .0125067
prediçãolo~t		-.0136663	.0321519	-0.43	0.672	-.0773904 .0500577
~t9500capita		.000029	.0000124	2.34	0.021	4.40e-06 .0000536
_cons		.2310145	.0254909	9.06	0.000	.1804923 .2815367

. estat hettest

Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity

Ho: Constant variance

Variables: fitted values of varhab

chi2(1) = 0.01

Prob > chi2 = 0.9150

. predict residuo45, residuals

(303 missing values generated)

. sktest residuo45

Skewness/Kurtosis tests for Normality

Variable	Pr(Skewness)	Pr(Kurtosis)	adj chi2(2)	joint Prob>chi2
residuo45	0.732	0.321	1.12	0.5703

. regress varhab habit91 ipart prediçãologit trfedcapita9600

Source	SS	df	MS	Number of obs =	259
Model	.316944314	4	.079236079	F(4, 254) =	13.20
Residual	1.52427608	254	.006001087	Prob > F =	0.0000
				R-squared =	0.1721
				Adj R-squared =	0.1591
Total	1.8412204	258	.007136513	Root MSE =	.07747

varhab	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]
habit91	-.2198848	.0323017	-6.81	0.000	-.2834981 -.1562715
ipart	.0000971	.0037219	0.03	0.979	-.0072326 .0074267
prediçãolo~t	-.0257259	.024706	-1.04	0.299	-.0743806 .0229289
trfedca~9600	-4.20e-06	.0000102	-0.41	0.680	-.0000243 .0000159
_cons	.2220701	.0178218	12.46	0.000	.1869727 .2571675

. estat hettest

Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity

Ho: Constant variance

Variables: fitted values of varhab

chi2(1) = 0.55

Prob > chi2 = 0.4569

. predict residuo46, residuals

(158 missing values generated)

. sktest residuo46

Skewness/Kurtosis tests for Normality

Variable	Pr(Skewness)	Pr(Kurtosis)	adj chi2(2)	joint Prob>chi2
----------	--------------	--------------	-------------	-----------------

```

-----+-----
residuo46 |      0.362      0.212      2.41      0.3004

. regress habit00 habit91 ipart predicãologit   trfedcapita9600

      Source |      SS      df      MS                Number of obs =      259
-----+-----                F( 4, 254) = 154.29
      Model | 3.70373009      4   .925932521          Prob > F      = 0.0000
      Residual | 1.52427607    254   .006001087          R-squared      = 0.7084
-----+-----                Adj R-squared = 0.7038
      Total | 5.22800616    258   .02026359          Root MSE      = .07747

-----+-----
      habit00 |      Coef.   Std. Err.      t    P>|t|     [95% Conf. Interval]
-----+-----
      habit91 |   .7801152   .0323017    24.15   0.000    .7165019   .8437285
      ipart   |   .0000971   .0037219     0.03   0.979   -.0072326   .0074267
predicãolo~t |  -.0257259   .024706    -1.04   0.299   -.0743806   .0229289
trfedca~9600 |  -4.20e-06   .0000102    -0.41   0.680   -.0000243   .0000159
      _cons   |   .2220701   .0178218    12.46   0.000    .1869727   .2571675
-----+-----

```

```
. estat hettest
```

```
Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity
```

```
Ho: Constant variance
```

```
Variables: fitted values of habit00
```

```
chi2(1)      =      0.59
```

```
Prob > chi2  =      0.4418
```

```
. predict residuo47, residuals
```

```
(158 missing values generated)
```

```
. sktest residuo47
```

```
Skewness/Kurtosis tests for Normality
```

```

----- joint -----
Variable | Pr(Skewness)  Pr(Kurtosis)  adj chi2(2)  Prob>chi2
-----+-----
residuo47 |      0.362      0.212      2.41      0.3004

```

```
regress longev00 longev91 ipart predicãologit   toinvcapita9800
```

```

      Source |      SS      df      MS                Number of obs =      292
-----+-----                F( 4, 287) = 195.18
      Model | 7.14625128      4   1.78656282          Prob > F      = 0.0000
      Residual | 2.62705954    287   .009153518          R-squared      = 0.7312
-----+-----                Adj R-squared = 0.7275
      Total | 9.77331082    291   .033585261          Root MSE      = .09567
-----+-----

```

longev00	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]	
longev91	.8146537	.0301601	27.01	0.000	.7552906	.8740167
ipart	-.0011649	.0043431	-0.27	0.789	-.0097133	.0073835
prediçãolo~t	.0340805	.0296712	1.15	0.252	-.0243203	.0924812
toinvca~9800	.0000484	.000027	1.79	0.074	-4.76e-06	.0001017
_cons	.1459727	.0164729	8.86	0.000	.1135498	.1783957

. estat hettest

Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity

Ho: Constant variance

Variables: fitted values of longev00

chi2(1) = 3.68

Prob > chi2 = 0.0552

. predict residuo48, residuals
(125 missing values generated)

. sktest residuo48

Skewness/Kurtosis tests for Normality

Variable	Pr(Skewness)	Pr(Kurtosis)	adj chi2(2)	joint Prob>chi2
residuo48	0.024	0.169	6.74	0.0344

. regress longev00 longev91 ipart prediçãologit toinvcapita9500

Source	SS	df	MS	Number of obs =	247
Model	5.37696889	4	1.34424222	F(4, 242) =	149.31
Residual	2.17878712	242	.009003253	Prob > F =	0.0000
				R-squared =	0.7116
				Adj R-squared =	0.7069
Total	7.55575601	246	.030714455	Root MSE =	.09489

longev00	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]	
longev91	.7996996	.0338258	23.64	0.000	.733069	.8663303
ipart	.0030265	.0043829	0.69	0.491	-.0056071	.0116601
prediçãolo~t	.0116826	.031162	0.37	0.708	-.0497008	.073066
toinvca~9500	.0000637	.0000246	2.59	0.010	.0000153	.0001122
_cons	.1464087	.019288	7.59	0.000	.1084149	.1844026

. estat hettest

Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity

Ho: Constant variance

Variables: fitted values of longev00

```
chi2(1)      =      7.92
Prob > chi2  =      0.0049
```

```
. predict residuo49, residuals
(170 missing values generated)
```

```
. sktest residuo49
```

```
Skewness/Kurtosis tests for Normality
----- joint -----
Variable | Pr(Skewness)  Pr(Kurtosis)  adj chi2(2)  Prob>chi2
-----+-----
residuo49 |      0.014      0.680      6.11      0.0471
```

```
. regress longev00 longev91 ipart predicãologit invest9000capita
```

```
Source |      SS      df      MS      Number of obs =      209
-----+-----
Model | 4.35091131      4 1.08772783      F( 4, 204) = 127.18
Residual | 1.74478761     204 .00855288      Prob > F      = 0.0000
-----+-----
Total | 6.09569892     208 .029306245      R-squared      = 0.7138
Adj R-squared = 0.7082
Root MSE     = .09248
```

```
-----
longev00 |      Coef.  Std. Err.      t    P>|t|      [95% Conf. Interval]
-----+-----
longev91 | .7972174   .0366563     21.75  0.000   .7249435   .8694913
ipart    | .0029703   .0046719      0.64  0.526  -.006241   .0121816
predicãolo~t | -.0103348 .0316766     -0.33  0.745  -.0727904   .0521208
invest9000~a | .0000461   .0000186      2.48  0.014   9.49e-06   .0000828
_cons    | .1527486   .0210434      7.26  0.000   .1112581   .1942391
-----
```

```
. predict residuo50, residuals
(208 missing values generated)
```

```
. estat hettest
```

```
Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity
```

```
Ho: Constant variance
```

```
Variables: fitted values of longev00
```

```
chi2(1)      =      7.45
Prob > chi2  =      0.0063
```

```
. sktest residuo50
```

```
Skewness/Kurtosis tests for Normality
----- joint -----
Variable | Pr(Skewness)  Pr(Kurtosis)  adj chi2(2)  Prob>chi2
-----+-----
residuo50 |      0.054      0.426      4.40      0.1109
```

```
. regress longev00 longev91 ipart predicãologit tottranfedcapita9800
```


Source	SS	df	MS	Number of obs =	301
Model	7.28661382	4	1.82165346	F(4, 296) =	201.50
Residual	2.67597038	296	.00904044	Prob > F =	0.0000
				R-squared =	0.7314
				Adj R-squared =	0.7278
Total	9.9625842	300	.033208614	Root MSE =	.09508

longev00	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]	
longev91	.8104059	.0296073	27.37	0.000	.7521385	.8686734
ipart	-.0004442	.0042291	-0.11	0.916	-.008767	.0078787
prediçãolo~t	.044137	.0291811	1.51	0.131	-.0132917	.1015657
totranf~9800	.0000186	.0000154	1.21	0.226	-.0000116	.0000489
_cons	.1438471	.0185785	7.74	0.000	.1072844	.1804099

. estat hettest

Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity

Ho: Constant variance

Variables: fitted values of longev00

chi2(1) = 3.10

Prob > chi2 = 0.0781

. predict residuo51, residuals

(116 missing values generated)

. sktest residuo51

Skewness/Kurtosis tests for Normality

Variable	Pr(Skewness)	Pr(Kurtosis)	adj chi2(2)	joint Prob>chi2
residuo51	0.009	0.258	7.61	0.0222

. regress longev00 longev91 ipart prediçãologit tottranestcapita9800

Source	SS	df	MS	Number of obs =	296
Model	7.18176921	4	1.7954423	F(4, 291) =	199.23
Residual	2.62243433	291	.009011802	Prob > F =	0.0000
				R-squared =	0.7325
				Adj R-squared =	0.7288
Total	9.80420355	295	.033234588	Root MSE =	.09493

longev00	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]	
longev91	.8115131	.0296632	27.36	0.000	.7531315	.8698947
ipart	-.0002844	.0042393	-0.07	0.947	-.008628	.0080592
prediçãolo~t	.031943	.0294477	1.08	0.279	-.0260145	.0899006
totrane~9800	.0000218	.0000175	1.24	0.215	-.0000127	.0000563

```

      _cons |   .1485153   .016172   9.18   0.000   .1166864   .1803442
-----+-----

```

```
. estat hettest
```

```
Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity
```

```
Ho: Constant variance
```

```
Variables: fitted values of longev00
```

```
chi2(1)      =      3.50
```

```
Prob > chi2  =      0.0614
```

```
. predict residuo52, residuals
```

```
(121 missing values generated)
```

```
. sktest residuo52
```

```
Skewness/Kurtosis tests for Normality
```

```

                                     ----- joint -----
Variable | Pr(Skewness)  Pr(Kurtosis)  adj chi2(2)  Prob>chi2
-----+-----
residuo52 |      0.014      0.186      7.35      0.0254

```

```
. regress longev00 longev91 ipart prediçãologit ttranstribest9000capita
```

```

Source |      SS      df      MS              Number of obs =      111
-----+-----
Model | 2.12312418      4  .530781045          F( 4, 106) =      59.33
Residual | .948354201    106  .008946738          Prob > F      =      0.0000
-----+-----
Total | 3.07147838    110  .027922531          R-squared      =      0.6912
                                           Adj R-squared  =      0.6796
                                           Root MSE      =      .09459

```

```

-----+-----
longev00 |      Coef.   Std. Err.      t    P>|t|     [95% Conf. Interval]
-----+-----
longev91 |   .8085014   .0545441    14.82   0.000    .7003624   .9166404
ipart   |   .0091141   .0065909     1.38   0.170   -.0039529   .0221812
prediçãolo~t |   .090521   .0638582     1.42   0.159   -.036084   .217126
ttranstrib.. | 2.84e-06   .0000117     0.24   0.808   -.0000203   .0000259
_cons   |   .1463033   .0309473     4.73   0.000   .0849473   .2076593
-----+-----

```

```
. estat hettest
```

```
Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity
```

```
Ho: Constant variance
```

```
Variables: fitted values of longev00
```

```
chi2(1)      =      4.93
```

```
Prob > chi2  =      0.0265
```

```
. predict residuo53, residuals
```

```
(306 missing values generated)
```

```
. sktest residuo53
```

Skewness/Kurtosis tests for Normality

Variable	Pr(Skewness)	Pr(Kurtosis)	adj chi2(2)	joint Prob>chi2
residuo53	0.186	0.317	2.82	0.2444

```
. regress longev00 longev91 ipart predicãologit ttranstribest9500capita
```

Source	SS	df	MS	Number of obs =	140
Model	2.69482465	4	.673706163	F(4, 135) =	78.50
Residual	1.15859537	135	.008582188	Prob > F =	0.0000
				R-squared =	0.6993
				Adj R-squared =	0.6904
Total	3.85342002	139	.027722446	Root MSE =	.09264

longev00	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]
longev91	.7648617	.0461456	16.57	0.000	.6736 .8561235
ipart	.0057051	.0056427	1.01	0.314	-.0054545 .0168647
predicãolo~t	.0007482	.0371423	0.02	0.984	-.0727079 .0742043
~t9500capita	.0000115	.000014	0.82	0.416	-.0000163 .0000392
_cons	.1748584	.0257374	6.79	0.000	.1239577 .2257591

```
. estat hettest
```

Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity

Ho: Constant variance

Variables: fitted values of longev00

chi2(1) = 4.25

Prob > chi2 = 0.0392

```
. predict residuo54, residuals
```

(277 missing values generated)

```
. sktest residuo54
```

Skewness/Kurtosis tests for Normality

Variable	Pr(Skewness)	Pr(Kurtosis)	adj chi2(2)	joint Prob>chi2
residuo54	0.258	0.283	2.47	0.2902

```
. regress varlong longev91 ipart predicãologit toinvcapita9800
```

Source	SS	df	MS	Number of obs =	292
Model	.396752419	4	.099188105	F(4, 287) =	10.84
Residual	2.62705954	287	.009153518	Prob > F =	0.0000
				R-squared =	0.1312
				Adj R-squared =	0.1191

Total | 3.02381196 291 .010391106 Root MSE = .09567

varlong	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]
longev91	-.1853463	.0301601	-6.15	0.000	-.2447094 -.1259833
ipart	-.0011649	.0043431	-0.27	0.789	-.0097133 .0073835
prediçãolo~t	.0340805	.0296712	1.15	0.252	-.0243203 .0924812
toinvca~9800	.0000484	.000027	1.79	0.074	-4.76e-06 .0001017
_cons	.1459727	.0164729	8.86	0.000	.1135498 .1783957

. estat hettest

Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity

Ho: Constant variance

Variables: fitted values of varlong

chi2(1) = 1.94

Prob > chi2 = 0.1636

. predict residuo55, residuals

(125 missing values generated)

. sktest residuo55

Skewness/Kurtosis tests for Normality

Variable	Pr(Skewness)	Pr(Kurtosis)	adj chi2(2)	Prob>chi2
residuo55	0.024	0.169	6.74	0.0344

. regress varlong longev91 ipart prediçãologit toinvcapita9500

Source	SS	df	MS	Number of obs =	247
Model	.442372937	4	.110593234	F(4, 242) =	12.28
Residual	2.17878712	242	.009003253	Prob > F =	0.0000
Total	2.62116006	246	.010655122	R-squared =	0.1688
				Adj R-squared =	0.1550
				Root MSE =	.09489

varlong	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]
longev91	-.2003004	.0338258	-5.92	0.000	-.266931 -.1336697
ipart	.0030265	.0043829	0.69	0.491	-.0056071 .0116601
prediçãolo~t	.0116826	.031162	0.37	0.708	-.0497008 .073066
toinvca~9500	.0000637	.0000246	2.59	0.010	.0000153 .0001122
_cons	.1464087	.019288	7.59	0.000	.1084149 .1844026

. estat hettest

Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity

Ho: Constant variance
 Variables: fitted values of varlong

chi2(1) = 4.88
 Prob > chi2 = 0.0272

. predict residuo56, residuals
 (170 missing values generated)

. sktest residuo56

Skewness/Kurtosis tests for Normality

Variable	Pr(Skewness)	Pr(Kurtosis)	adj chi2(2)	joint Prob>chi2
residuo56	0.014	0.680	6.11	0.0471

. regress varlong longev91 ipart prediçãologit invest9000capita

Source	SS	df	MS	Number of obs =	209
Model	.394363818	4	.098590954	F(4, 204) =	11.53
Residual	1.7447876	204	.00855288	Prob > F =	0.0000
				R-squared =	0.1844
				Adj R-squared =	0.1684
Total	2.13915142	208	.010284382	Root MSE =	.09248

varlong	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]
longev91	-.2027826	.0366563	-5.53	0.000	-.2750565 -.1305087
ipart	.0029703	.0046719	0.64	0.526	-.006241 .0121816
prediçãolo~t	-.0103348	.0316766	-0.33	0.745	-.0727904 .0521208
invest9000~a	.0000461	.0000186	2.48	0.014	9.49e-06 .0000828
_cons	.1527486	.0210434	7.26	0.000	.1112581 .1942391

. estat hettest

Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity

Ho: Constant variance
 Variables: fitted values of varlong

chi2(1) = 4.11
 Prob > chi2 = 0.0426

. predict residuo57, residuals
 (208 missing values generated)

. sktest residuo57

Skewness/Kurtosis tests for Normality

Variable	Pr(Skewness)	Pr(Kurtosis)	adj chi2(2)	joint Prob>chi2

```
residuo57 |          0.054          0.426          4.40          0.1109
```

```
. regress varlong longe91 ipart predicãologit tottranfedcapita9800
```

Source	SS	df	MS	Number of obs =	301
Model	.411544944	4	.102886236	F(4, 296) =	11.38
Residual	2.67597037	296	.00904044	Prob > F =	0.0000
				R-squared =	0.1333
				Adj R-squared =	0.1216
Total	3.08751532	300	.010291718	Root MSE =	.09508

varlong	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]
longe91	-.1895941	.0296073	-6.40	0.000	-.2478615 -.1313266
ipart	-.0004442	.0042291	-0.11	0.916	-.008767 .0078787
predicãolo~t	.044137	.0291811	1.51	0.131	-.0132917 .1015657
tottranf~9800	.0000186	.0000154	1.21	0.226	-.0000116 .0000489
_cons	.1438471	.0185785	7.74	0.000	.1072844 .1804099

```
. estat hettest
```

```
Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity
```

```
Ho: Constant variance
```

```
Variables: fitted values of varlong
```

```
chi2(1) = 2.91
```

```
Prob > chi2 = 0.0881
```

```
. predict residuo58, residuals
```

```
(116 missing values generated)
```

```
. sktest residuo58
```

```
Skewness/Kurtosis tests for Normality
```

Variable	Pr(Skewness)	Pr(Kurtosis)	adj chi2(2)	joint Prob>chi2
residuo58	0.009	0.258	7.61	0.0222

```
. regress varlong longe91 ipart predicãologit ttranstribest9000capita
```

Source	SS	df	MS	Number of obs =	111
Model	.158296153	4	.039574038	F(4, 106) =	4.42
Residual	.9483542	106	.008946738	Prob > F =	0.0024
				R-squared =	0.1430
				Adj R-squared =	0.1107
Total	1.10665035	110	.010060458	Root MSE =	.09459

varlong	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]
longe91	-.1914986	.0545441	-3.51	0.001	-.2996376 -.0833596

```

      ipart | .0091141 .0065909 1.38 0.170 -.0039529 .0221812
prediçãolo~t | .090521 .0638582 1.42 0.159 -.036084 .217126
ttranstrib.. | 2.84e-06 .0000117 0.24 0.808 -.0000203 .0000259
      _cons | .1463033 .0309473 4.73 0.000 .0849473 .2076593
-----

```

```
. estat hettest
```

```
Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity
```

```
Ho: Constant variance
```

```
Variables: fitted values of varlong
```

```
chi2(1) = 2.07
```

```
Prob > chi2 = 0.1503
```

```
. predict residuo59, residuals
```

```
(306 missing values generated)
```

```
. sktest residuo59
```

```
Skewness/Kurtosis tests for Normality
```

```

----- joint -----
Variable | Pr(Skewness) Pr(Kurtosis) adj chi2(2) Prob>chi2
-----+-----
residuo59 | 0.186 0.317 2.82 0.2444

```

```
. regress varlong longev91 ipart prediçãologit ttranstribest9500capita
```

```

Source | SS df MS Number of obs = 140
-----+----- F( 4, 135) = 8.27
Model | .283745302 4 .070936325 Prob > F = 0.0000
Residual | 1.15859537 135 .008582188 R-squared = 0.1967
-----+----- Adj R-squared = 0.1729
Total | 1.44234067 139 .010376552 Root MSE = .09264

```

```

-----
varlong | Coef. Std. Err. t P>|t| [95% Conf. Interval]
-----+-----
longev91 | -.2351383 .0461456 -5.10 0.000 -.3264 -.1438765
ipart | .0057051 .0056427 1.01 0.314 -.0054545 .0168647
prediçãolo~t | .0007482 .0371423 0.02 0.984 -.0727079 .0742043
~t9500capita | .0000115 .000014 0.82 0.416 -.0000163 .0000392
_cons | .1748584 .0257374 6.79 0.000 .1239577 .2257591
-----

```

```
. estat hettest
```

```
Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity
```

```
Ho: Constant variance
```

```
Variables: fitted values of varlong
```

```
chi2(1) = 2.85
```

```
Prob > chi2 = 0.0913
```

```
. predict residuo60, residuals
(277 missing values generated)
```

```
. sktest residuo60
```

```
Skewness/Kurtosis tests for Normality
----- joint -----
Variable | Pr(Skewness)  Pr(Kurtosis)  adj chi2(2)  Prob>chi2
-----+-----
residuo60 |      0.258      0.283      2.47      0.2902
```

```
. regress varlong longev91 ipart predicãologit trfedcapita9600
```

```
Source |      SS      df      MS              Number of obs =      327
-----+-----
Model | .494032137      4  .123508034          F( 4, 322) =      13.01
Residual | 3.05592687    322  .009490456          Prob > F      =      0.0000
-----+-----
Total | 3.54995901    326  .010889445          R-squared      =      0.1392
                                          Adj R-squared =      0.1285
                                          Root MSE      =      .09742
```

```
-----+-----
varlong |      Coef.  Std. Err.      t    P>|t|      [95% Conf. Interval]
-----+-----
longev91 | -.1968208   .029133   -6.76   0.000   -.2541358   -.1395058
ipart | .0016349   .0040838    0.40   0.689   -.0063995   .0096693
predicãolo~t | .0290792   .0292702    0.99   0.321   -.0285058   .0866641
trfedca~9600 | .0000121   .0000113    1.07   0.285   -.0000101   .0000343
_cons | .1503372   .0189712    7.92   0.000   .1130139   .1876604
-----+-----
```

```
. estat hettest
```

```
Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity
```

```
Ho: Constant variance
```

```
Variables: fitted values of varlong
```

```
chi2(1)      =      6.78
```

```
Prob > chi2  =      0.0092
```

```
. predict residuo61, residuals
(90 missing values generated)
```

```
.
```

```
. sktest residuo61
```

```
Skewness/Kurtosis tests for Normality
----- joint -----
Variable | Pr(Skewness)  Pr(Kurtosis)  adj chi2(2)  Prob>chi2
-----+-----
residuo61 |      0.013      0.203      7.46      0.0241
```

```
. regress longev00 longev91 ipart predicãologit trfedcapita9600
```

```
Source |      SS      df      MS              Number of obs =      327
```


-----+-----				F(4, 322) = 205.65	
Model		7.80668903	4	1.95167226	Prob > F = 0.0000
Residual		3.05592687	322	.009490456	R-squared = 0.7187
-----+-----				Adj R-squared = 0.7152	
Total		10.8626159	326	.033320908	Root MSE = .09742

-----+-----						
longev00		Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]
longev91		.8031792	.029133	27.57	0.000	.7458642 .8604942
ipart		.0016349	.0040838	0.40	0.689	-.0063995 .0096693
prediçãolo~t		.0290792	.0292702	0.99	0.321	-.0285058 .0866641
trfedca~9600		.0000121	.0000113	1.07	0.285	-.0000101 .0000343
_cons		.1503372	.0189712	7.92	0.000	.1130139 .1876604

. estat hettest

Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity

Ho: Constant variance

Variables: fitted values of longev00

chi2(1) = 7.05

Prob > chi2 = 0.0079

. predict residuo62, residuals

(90 missing values generated)

. sktest residuo62

Skewness/Kurtosis tests for Normality

----- joint -----					
Variable		Pr(Skewness)	Pr(Kurtosis)	adj chi2(2)	Prob>chi2
residuo62		0.013	0.203	7.46	0.0241

ANEXO 3 - REGRESSÕES COM DUMMIES E TESTES

```
regress icv00 icv91 ipart prediçãologit toinvcapita9500 dummy1 dummy2 dummy3
```

Source	SS	df	MS	Number of obs =	200
Model	2.02651981	7	.28950283	F(7, 192) =	225.24
Residual	.246777935	192	.001285302	Prob > F =	0.0000
				R-squared =	0.8914
				Adj R-squared =	0.8875
Total	2.27329774	199	.011423607	Root MSE =	.03585

icv00	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]	
icv91	.8483398	.0280969	30.19	0.000	.7929215	.9037581
ipart	-.0000885	.001918	-0.05	0.963	-.0038715	.0036945
prediçãolo~t	-.012565	.0181234	-0.69	0.489	-.0483115	.0231816
toinvca~9500	.0000464	.0000137	3.39	0.001	.0000194	.0000733
dummy1	.0047528	.0102886	0.46	0.645	-.0155404	.0250459
dummy2	.0120184	.0079955	1.50	0.134	-.003752	.0277887
dummy3	.0035571	.0167147	0.21	0.832	-.029411	.0365252
_cons	.1242255	.0130729	9.50	0.000	.0984406	.1500104

```
. estat hettest
```

Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity

Ho: Constant variance

Variables: fitted values of icv00

chi2(1) = 4.37

Prob > chi2 = 0.0365

```
. predict residuo, residuals
(217 missing values generated)
```

```
. summ residuo
```

Variable	Obs	Mean	Std. Dev.	Min	Max
residuo	200	1.04e-11	.0352149	-.0870129	.1099049

```
. gene outlier = 1 if residuo > 2*.0352149 | residuo < -2*.0352149
(192 missing values generated)
```

```
. replace outlier = 0 if outlier != 1
(192 real changes made)
```

```
. regress icv00 icv91 ipart prediçãologit toinvcapita9500 dummy1 dummy2 dummy3
> if outlier == 0
```

Source	SS	df	MS	Number of obs =	192
				F(7, 184) =	255.88

Model		1.8104253	7	.258632185	Prob > F	=	0.0000
Residual		.185975851	184	.001010738	R-squared	=	0.9068

Total		1.99640115	191	.010452362	Adj R-squared	=	0.9033
					Root MSE	=	.03179

icv00		Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]
icv91		.8324637	.0260456	31.96	0.000	.7810774 .8838501
ipart		-.0006845	.0017192	-0.40	0.691	-.0040763 .0027073
prediçãologit		-.0123715	.0168789	-0.73	0.465	-.0456725 .0209295
toinvcapita9500		.0000736	.0000168	4.39	0.000	.0000405 .0001067
dummy1		-.0029591	.0094557	-0.31	0.755	-.0216147 .0156964
dummy2		.0160086	.0071928	2.23	0.027	.0018175 .0301996
dummy3		.0007698	.0157283	0.05	0.961	-.0302613 .0318008
_cons		.127466	.0122333	10.42	0.000	.1033304 .1516015

.

```
. predict residuo1, residuals
(217 missing values generated)
```

```
. estat hettest
```

Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity

Ho: Constant variance

Variables: fitted values of icv00

chi2(1) = 2.61

Prob > chi2 = 0.1064

```
. sktest residuo1
```

Skewness/Kurtosis tests for Normality

Variable		Pr(Skewness)	Pr(Kurtosis)	adj chi2(2)	joint Prob>chi2
residuo1		0.118	0.189	4.21	0.1217

```
. regress icv00 icv91 ipart prediçãologit toinvcapita9500 dummy1 dummy2 dummy3
> if outlier == 0, beta
```

Source		SS	df	MS	Number of obs =	192
Model		1.8104253	7	.258632185	F(7, 184) =	255.88
Residual		.185975851	184	.001010738	Prob > F	= 0.0000

Total		1.99640115	191	.010452362	R-squared	= 0.9068
					Adj R-squared	= 0.9033
					Root MSE	= .03179

icv00		Coef.	Std. Err.	t	P> t	Beta
icv91		.8324637	.0260456	31.96	0.000	.9503044
ipart		-.0006845	.0017192	-0.40	0.691	-.0092109

```

prediçãolo~t | -.0123715 .0168789 -0.73 0.465 -.0262601
toinvca~9500 | .0000736 .0000168 4.39 0.000 .1006048
  dummy1 | -.0029591 .0094557 -0.31 0.755 -.007788
  dummy2 | .0160086 .0071928 2.23 0.027 .0562174
  dummy3 | .0007698 .0157283 0.05 0.961 .0018273
  _cons | .127466 .0122333 10.42 0.000 .
-----

```

```

.

```

```

. regress icv00 icv91 ipart prediçãologit totranestcapita9800 dummy1 dummy2
dum
> my3

```

```

-----+-----
Source |      SS      df      MS                Number of obs =      238
-----+-----+-----+-----
Model | 2.49618866      7   .35659838                F( 7, 230) = 281.25
Residual | .291621544    230   .00126792                Prob > F      = 0.0000
-----+-----+-----+-----
Total | 2.7878102    237   .011762912                R-squared     = 0.8954
                                           Adj R-squared = 0.8922
                                           Root MSE    = .03561
-----+-----

```

```

-----+-----
icv00 |      Coef.   Std. Err.      t    P>|t|     [95% Conf. Interval]
-----+-----+-----+-----+-----
icv91 | .8340139   .0245153    34.02  0.000   .7857106   .8823172
ipart | -.0001764   .0018555    -0.10  0.924  -.0038323   .0034796
prediçãolo~t | -.0079864   .0160475    -0.50  0.619  -.0396053   .0236324
totrane~9800 | .0000175   6.87e-06    2.55  0.012   3.96e-06   .000031
dummy1 | -.0045281   .0092418    -0.49  0.625  -.0227375   .0136812
dummy2 | .0080898   .0072787     1.11  0.268  -.0062517   .0224312
dummy3 | .0018618   .0139146     0.13  0.894  -.0255546   .0292782
  _cons | .136767    .0109234    12.52  0.000   .1152443   .1582898
-----+-----

```

```

. estat hettest

```

```

Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity

```

```

Ho: Constant variance

```

```

Variables: fitted values of icv00

```

```

chi2(1)      =      4.30

```

```

Prob > chi2   =      0.0381

```

```

. predict residuo2, residuals
(179 missing values generated)

```

```

. summa residuo2

```

```

-----+-----
Variable |      Obs      Mean      Std. Dev.      Min      Max
-----+-----+-----+-----+-----
residuo2 |      238  -2.58e-11   .0350781  -.0894832   .101596
-----+-----

```

```

. gene outlier2 = 1 if residuo2 > 2*.0350781 | residuo2 < -2*.0350781

```

(227 missing values generated)

```
. replace outlier2 = 0 if outlier2 != 1
(227 real changes made)
```

```
. regress icv00 icv91 ipart predicãologit totranestcapita9800 dummy1 dummy2
dum
> my3 if outlier2 == 0
```

Source	SS	df	MS	Number of obs =	227
Model	2.34860595	7	.335515136	F(7, 219) =	334.81
Residual	.219460805	219	.001002104	Prob > F =	0.0000
				R-squared =	0.9145
				Adj R-squared =	0.9118
Total	2.56806676	226	.011363127	Root MSE =	.03166

icv00	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]	
icv91	.8339037	.0223145	37.37	0.000	.789925	.8778825
ipart	-.0000348	.0017052	-0.02	0.984	-.0033955	.0033259
predicãolo~t	-.0149545	.0146142	-1.02	0.307	-.0437569	.013848
totrane~9800	.0000101	6.28e-06	1.60	0.111	-2.32e-06	.0000224
dummy1	-.0127541	.0085782	-1.49	0.139	-.0296605	.0041522
dummy2	.0110012	.0065565	1.68	0.095	-.0019208	.0239231
dummy3	.0009223	.0128526	0.07	0.943	-.0244083	.0262529
_cons	.1395236	.0099625	14.00	0.000	.1198889	.1591583

```
. estat hettest
```

Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity

Ho: Constant variance

Variables: fitted values of icv00

chi2(1) = 4.11

Prob > chi2 = 0.0427

```
. predict residuo3, residuals
(179 missing values generated)
```

```
. sktest residuo3
```

Skewness/Kurtosis tests for Normality

Variable	Pr(Skewness)	Pr(Kurtosis)	adj chi2(2)	joint Prob>chi2
residuo3	0.235	0.869	1.45	0.4837

```
. regress icv00 icv91 ipart predicãologit totranestcapita9800 dummy1 dummy2
dum
> my3 if outlier2 == 0, beta
```

Source	SS	df	MS	Number of obs =	227
				F(7, 219) =	334.81

Model		2.34860595	7	.335515136	Prob > F	=	0.0000
Residual		.219460805	219	.001002104	R-squared	=	0.9145

Total		2.56806676	226	.011363127	Adj R-squared	=	0.9118
					Root MSE	=	.03166

icv00		Coef.	Std. Err.	t	P> t	Beta
icv91		.8339037	.0223145	37.37	0.000	.9509019
ipart		-.0000348	.0017052	-0.02	0.984	-.0004165
prediçãolo~t		-.0149545	.0146142	-1.02	0.307	-.0292569
totrane~9800		.0000101	6.28e-06	1.60	0.111	.0318346
dummy1		-.0127541	.0085782	-1.49	0.139	-.0315623
dummy2		.0110012	.0065565	1.68	0.095	.0369097
dummy3		.0009223	.0128526	0.07	0.943	.002154
_cons		.1395236	.0099625	14.00	0.000	.

```
.
. regress icv00 icv91 ipart prediçãologit ttranstribest9500capita dummy1
dummy
> 2 dummy3
```

Source		SS	df	MS	Number of obs =	114
Model		1.20826985	7	.172609978	F(7, 106) =	121.24
Residual		.150907808	106	.001423659	Prob > F	= 0.0000

Total		1.35917765	113	.012028121	R-squared	= 0.8890
					Adj R-squared	= 0.8816
					Root MSE	= .03773

icv00		Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]
icv91		.8200887	.0407272	20.14	0.000	.7393431 .9008344
ipart		.001322	.0027403	0.48	0.630	-.0041108 .0067549
prediçãolo~t		-.0006031	.0240145	-0.03	0.980	-.0482143 .0470081
~t9500capita		.0000151	5.91e-06	2.56	0.012	3.42e-06 .0000268
dummy1		-.0154549	.0157725	-0.98	0.329	-.0467253 .0158155
dummy2		.0095769	.0107453	0.89	0.375	-.0117267 .0308804
dummy3		-.009701	.0220885	-0.44	0.661	-.0534935 .0340916
_cons		.1423963	.0184065	7.74	0.000	.1059036 .1788889

```
. estat hettest
```

```
Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity
```

```
Ho: Constant variance
```

```
Variables: fitted values of icv00
```

```
chi2(1) = 3.50
```

```
Prob > chi2 = 0.0613
```

```
. predict residuo4, residuals
```

(303 missing values generated)

. sktest residuo4

Skewness/Kurtosis tests for Normality				
Variable	Pr(Skewness)	Pr(Kurtosis)	adj chi2(2)	Prob>chi2
residuo4	0.759	0.435	0.72	0.6992

regress icv00 icv91 ipart predicçãologit ttranstribest9500capita dummy1 d
> ummy2 dummy3, beta

Source	SS	df	MS	Number of obs =	114
Model	1.20826985	7	.172609978	F(7, 106) =	121.24
Residual	.150907808	106	.001423659	Prob > F =	0.0000
Total	1.35917765	113	.012028121	R-squared =	0.8890
				Adj R-squared =	0.8816
				Root MSE =	.03773

	icv00	Coef.	Std. Err.	t	P> t	Beta
	icv91	.8200887	.0407272	20.14	0.000	.9362193
	ipart	.001322	.0027403	0.48	0.630	.0163356
	predicçãologit	-.0006031	.0240145	-0.03	0.980	-
	~t9500capita	.0000151	5.91e-06	2.56	0.012	.0838754
	dummy1	-.0154549	.0157725	-0.98	0.329	-.0339795
	dummy2	.0095769	.0107453	0.89	0.375	.0326868
	dummy3	-.009701	.0220885	-0.44	0.661	-.0251328
	_cons	.1423963	.0184065	7.74	0.000	.

.
.
. regress varicv icv91 ipart predicçãologit invest9000capita dummy1 dummy2
dum
> my3

Source	SS	df	MS	Number of obs =	174
Model	.091903265	7	.013129038	F(7, 166) =	10.45
Residual	.208505866	166	.001256059	Prob > F =	0.0000
Total	.300409131	173	.001736469	R-squared =	0.3059
				Adj R-squared =	0.2767
				Root MSE =	.03544

	varicv	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]
	icv91	-.165587	.0298908	-5.54	0.000	-.2246022 - .1065718
	ipart	.0000135	.0020566	0.01	0.995	-.004047 .0040739
	predicçãolo~t	-.0215607	.0185507	-1.16	0.247	-.0581864 .015065
	invest9000~a	.0000289	.0000104	2.78	0.006	8.36e-06 .0000495
	dummy1	.0048636	.0102846	0.47	0.637	-.015442 .0251691

```

dummy2 | .0156432 .0083363 1.88 0.062 -.0008156 .0321021
dummy3 | .0107341 .0179997 0.60 0.552 -.0248038 .0462721
_cons | .1326595 .0143561 9.24 0.000 .1043154 .1610036
-----

```

```
. estat hettest
```

```
Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity
```

```
Ho: Constant variance
```

```
Variables: fitted values of varicv
```

```
chi2(1) = 8.22
```

```
Prob > chi2 = 0.0041
```

```
. predict residuo6, residuals
```

```
(243 missing values generated)
```

```
. summa residuo6
```

```

Variable | Obs Mean Std. Dev. Min Max
-----+-----
residuo6 | 174 -6.32e-11 .0347165 -.0841909 .1103855

```

```
. gene outlier6 = 1 if residuo6 > 2*0.0347165 | residuo6 < -2*0.0347165
(169 missing values generated)
```

```
. replace outlier6 = 0 if outlier6 != 1
```

```
(169 real changes made)
```

```
. regress varicv icv91 ipart prediçãologit invest9000capita dummy1 dummy2
du
```

```
> mmy3 if outlier6 == 0
```

```

Source | SS df MS Number of obs = 169
-----+----- F( 7, 161) = 13.12
Model | .09744624 7 .013920891 Prob > F = 0.0000
Residual | .170806191 161 .001060908 R-squared = 0.3633
-----+----- Adj R-squared = 0.3356
Total | .268252431 168 .001596741 Root MSE = .03257

```

```

varicv | Coef. Std. Err. t P>|t| [95% Conf. Interval]
-----+-----
icv91 | -.1794254 .0283343 -6.33 0.000 -.2353803 -.1234705
ipart | 4.14e-06 .0019068 0.00 0.998 -.0037614 .0037697
prediçãolo~t | -.0111159 .0177822 -0.63 0.533 -.0462323 .0240004
invest9000~a | .0000234 9.73e-06 2.41 0.017 4.23e-06 .0000426
dummy1 | -.0031873 .0097911 -0.33 0.745 -.0225228 .0161483
dummy2 | .015268 .0076918 1.98 0.049 .0000781 .0304578
dummy3 | .0005323 .0176101 0.03 0.976 -.0342443 .0353089
_cons | .1401539 .0136255 10.29 0.000 .1132461 .1670616
-----

```

```
.
```



```
. predict residuo7, residuals
(243 missing values generated)
```

```
. estat hettest
```

```
Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity
```

```
Ho: Constant variance
```

```
Variables: fitted values of varicv
```

```
chi2(1) = 3.90
```

```
Prob > chi2 = 0.0482
```

```
. sktest residuo7
```

```
Skewness/Kurtosis tests for Normality
```

Variable	Pr(Skewness)	Pr(Kurtosis)	adj chi2(2)	joint Prob>chi2
residuo7	0.681	0.742	0.28	0.8706

```
. regress varicv icv91 ipart prediçãologit invest9000capita dummy1 dummy2
du
> mmy3 if outlier6 == 0, beta
```

Source	SS	df	MS	Number of obs =	169
Model	.09744624	7	.013920891	F(7, 161) =	13.12
Residual	.170806191	161	.001060908	Prob > F =	0.0000
				R-squared =	0.3633
				Adj R-squared =	0.3356
Total	.268252431	168	.001596741	Root MSE =	.03257

varicv	Coef.	Std. Err.	t	P> t	Beta
icv91	-.1794254	.0283343	-6.33	0.000	-.5471014
ipart	4.14e-06	.0019068	0.00	0.998	.000141
prediçãolo~t	-.0111159	.0177822	-0.63	0.533	-.0627979
invest9000~a	.0000234	9.73e-06	2.41	0.017	.154553
dummy1	-.0031873	.0097911	-0.33	0.745	-.0227514
dummy2	.015268	.0076918	1.98	0.049	.1404081
dummy3	.0005323	.0176101	0.03	0.976	.0032959
_cons	.1401539	.0136255	10.29	0.000	.

```
. regress varicv icv91 ipart prediçãologit toinvcapita9500 dummy1 dummy2
dumm
> y3
```

Source	SS	df	MS	Number of obs =	200
Model	.089356369	7	.012765196	F(7, 192) =	9.93
Residual	.246777935	192	.001285302	Prob > F =	0.0000
				R-squared =	0.2658
				Adj R-squared =	0.2391

Total | .336134304 199 .001689117 Root MSE = .03585

varicv	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]
icv91	-.1516602	.0280969	-5.40	0.000	-.2070785 -.0962419
ipart	-.0000885	.001918	-0.05	0.963	-.0038715 .0036945
prediçãolo~t	-.012565	.0181234	-0.69	0.489	-.0483115 .0231816
toinvca~9500	.0000464	.0000137	3.39	0.001	.0000194 .0000733
dummy1	.0047528	.0102886	0.46	0.645	-.0155404 .0250459
dummy2	.0120184	.0079955	1.50	0.134	-.003752 .0277887
dummy3	.0035571	.0167147	0.21	0.832	-.029411 .0365252
_cons	.1242255	.0130729	9.50	0.000	.0984406 .1500104

. estat hettest

Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity

Ho: Constant variance

Variables: fitted values of varicv

chi2(1) = 9.46

Prob > chi2 = 0.0021

. predict residuo8, residuals
(217 missing values generated)

. summa residuo8

Variable	Obs	Mean	Std. Dev.	Min	Max
residuo8	200	1.04e-11	.0352149	-.0870129	.1099049

. gene outlier8 = 1 if residuo8 > 2*.0352149 | residuo8 < -2*.0352149
(192 missing values generated)

. replace outlier8 = 0 if outlier8 != 1
(192 real changes made)

. regress varicv icv91 ipart prediçãologit toinvcapita9500 dummy1 dummy2
dum
> my3 if outlier8 == 0

Source	SS	df	MS	Number of obs =	192
Model	.101206516	7	.014458074	F(7, 184) =	14.30
Residual	.185975851	184	.001010738	Prob > F =	0.0000
				R-squared =	0.3524
				Adj R-squared =	0.3278
Total	.287182367	191	.001503573	Root MSE =	.03179

varicv	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]
icv91	-.1675363	.0260456	-6.43	0.000	-.2189226 -.1161499

```

      ipart | -.0006845   .0017192   -0.40   0.691   -.0040763   .0027073
prediçãolo~t | -.0123715   .0168789   -0.73   0.465   -.0456725   .0209295
toinvca~9500 | .0000736   .0000168    4.39   0.000   .0000405   .0001067
      dummy1 | -.0029591   .0094557   -0.31   0.755   -.0216147   .0156964
      dummy2 | .0160086   .0071928    2.23   0.027   .0018175   .0301996
      dummy3 | .0007698   .0157283    0.05   0.961   -.0302613   .0318008
      _cons | .127466    .0122333   10.42   0.000   .1033304   .1516015
-----

```

```

. predict residuo9, residuals
(217 missing values generated)

```

```

. estat hettest

```

Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity

Ho: Constant variance

Variables: fitted values of varicv

```

      chi2(1)      =      2.16
      Prob > chi2  =      0.1420

```

```

. sktest residuo9

```

Skewness/Kurtosis tests for Normality

```

----- joint -----
Variable | Pr(Skewness)   Pr(Kurtosis)   adj chi2(2)   Prob>chi2
-----+-----
residuo9 |      0.118      0.189          4.21          0.1217

```

```

. regress varicv icv91 ipart prediçãologit toinvcapita9500 dummy1 dummy2
dumm
> y3 if outlier8 == 0, beta

```

```

      Source |      SS      df      MS              Number of obs =      192
-----+-----+-----+-----+-----+-----
      Model | .101206516    7   .014458074          F( 7, 184) =      14.30
      Residual | .185975851  184   .001010738          Prob > F      =      0.0000
-----+-----+-----+-----+-----
      Total | .287182367  191   .001503573          R-squared      =      0.3524
                                          Adj R-squared  =      0.3278
                                          Root MSE      =      .03179

```

```

-----+-----
      varicv |      Coef.   Std. Err.      t    P>|t|          Beta
-----+-----+-----+-----+-----
      icv91 | -.1675363   .0260456    -6.43   0.000   -.5042562
      ipart | -.0006845   .0017192    -0.40   0.691   -.0242855
prediçãolo~t | -.0123715   .0168789    -0.73   0.465   -.0692376
toinvca~9500 | .0000736   .0000168    4.39   0.000   .2652551
      dummy1 | -.0029591   .0094557    -0.31   0.755   -.0205338
      dummy2 | .0160086   .0071928    2.23   0.027   .148223
      dummy3 | .0007698   .0157283    0.05   0.961   .0048179
      _cons | .127466    .0122333   10.42   0.000   .
-----+-----

```

```
.
. regress varicv icv91 ipart predicçãologit ttranstribest9500capita dummy1
dum
> my2 dummy3
```

Source	SS	df	MS	Number of obs =	114
Model	.071328905	7	.010189844	F(7, 106) =	7.16
Residual	.150907808	106	.001423659	Prob > F =	0.0000
Total	.222236713	113	.001966697	R-squared =	0.3210
				Adj R-squared =	0.2761
				Root MSE =	.03773

varicv	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]	
icv91	-.1799113	.0407272	-4.42	0.000	-.2606569	-.0991656
ipart	.001322	.0027403	0.48	0.630	-.0041108	.0067549
predicçãologit	-.0006031	.0240145	-0.03	0.980	-.0482143	.0470081
t9500capita	.0000151	5.91e-06	2.56	0.012	3.42e-06	.0000268
dummy1	-.0154549	.0157725	-0.98	0.329	-.0467253	.0158155
dummy2	.0095769	.0107453	0.89	0.375	-.0117267	.0308804
dummy3	-.009701	.0220885	-0.44	0.661	-.0534935	.0340916
_cons	.1423963	.0184065	7.74	0.000	.1059036	.1788889

```
. estat hettest
```

```
Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity
```

```
Ho: Constant variance
```

```
Variables: fitted values of varicv
```

```
chi2(1) = 5.43
```

```
Prob > chi2 = 0.0198
```

```
. predict residuo10, residuals
```

```
(303 missing values generated)
```

```
. summa residuo10
```

Variable	Obs	Mean	Std. Dev.	Min	Max
residuo10	114	-1.09e-10	.036544	-.0952126	.0813543

```
. gene outlier10 = 1 if residuo10 > 2*.036544 | residuo10 < -2*.036544
```

```
(109 missing values generated)
```

```
. replace outlier10 = 0 if outlier10 != 1
```

```
(109 real changes made)
```

```
. regress varicv icv91 ipart predicçãologit ttranstribest9500capita dummy1
```

```
du
```

```
> mmy2 dummy3 if outlier10 == 0
```

Source	SS	df	MS	Number of obs =	109
				F(7, 101) =	8.31

Model		.065601465	7	.009371638	Prob > F	=	0.0000
Residual		.113916496	101	.001127886	R-squared	=	0.3654

Total		.179517961	108	.001662203	Adj R-squared	=	0.3215
					Root MSE	=	.03358

varicv	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]	
icv91	-.1717735	.0391024	-4.39	0.000	-.2493421	-.0942048
ipart	.0014062	.0024799	0.57	0.572	-.0035132	.0063256
prediçãologit	.0095756	.0232158	0.41	0.681	-.0364782	.0556294
~t9500capita	6.91e-06	5.71e-06	1.21	0.229	-4.42e-06	.0000182
dummy1	-.0158932	.0143029	-1.11	0.269	-.0442662	.0124798
dummy2	.013382	.009768	1.37	0.174	-.0059951	.0327592
dummy3	-.0272623	.0214301	-1.27	0.206	-.0697738	.0152492
_cons	.1404302	.0176378	7.96	0.000	.1054415	.1754189

.

.

. predict residuo11, residuals
(303 missing values generated)

. estat hettest

Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity

Ho: Constant variance

Variables: fitted values of varicv

chi2(1) = 1.80

Prob > chi2 = 0.1793

. sktest residuo11

Skewness/Kurtosis tests for Normality

Variable	Pr(Skewness)	Pr(Kurtosis)	adj chi2(2)	Prob>chi2
residuo11	0.785	0.639	0.29	0.8632

. regress varicv icv91 ipart prediçãologit ttranstribest9500capita dummy1
du
> mmy2 dummy3 if outlier10 == 0, beta

Source		SS	df	MS	Number of obs =	109
Model		.065601465	7	.009371638	F(7, 101) =	8.31
Residual		.113916496	101	.001127886	Prob > F =	0.0000

Total		.179517961	108	.001662203	R-squared =	0.3654
					Adj R-squared =	0.3215
					Root MSE =	.03358

varicv	Coef.	Std. Err.	t	P> t	Beta
icv91	-.1717735	.0391024	-4.39	0.000	-.5153985

ipart		.0014062	.0024799	0.57	0.572	.047335
prediçãolo~t		.0095756	.0232158	0.41	0.681	.0587189
~t9500capita		6.91e-06	5.71e-06	1.21	0.229	.096753
dummy1		-.0158932	.0143029	-1.11	0.269	-.0960048
dummy2		.013382	.009768	1.37	0.174	.1224368
dummy3		-.0272623	.0214301	-1.27	0.206	-.1848911
_cons		.1404302	.0176378	7.96	0.000	.

.

```
. regress varicv icv91 ipart prediçãologit ttranstribest9000capita dummy1
dum
> my2 dummy3
```

Source	SS	df	MS	Number of obs =	93
Model	.020486261	7	.002926609	F(7, 85) =	2.06
Residual	.120997687	85	.001423502	Prob > F =	0.0572
Total	.141483948	92	.001537869	R-squared =	0.1448
				Adj R-squared =	0.0744
				Root MSE =	.03773

varicv	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]
icv91	-.1241086	.0470627	-2.64	0.010	-.2176817 -.0305354
ipart	.0017999	.0031702	0.57	0.572	-.0045034 .0081031
prediçãolo~t	.0369815	.0298015	1.24	0.218	-.0222719 .0962348
ttranstrib..	8.65e-06	4.75e-06	1.82	0.072	-8.05e-07 .0000181
dummy1	-.0185471	.0160635	-1.15	0.251	-.0504857 .0133915
dummy2	.0065758	.0116378	0.57	0.574	-.0165633 .0297149
dummy3	.0207092	.0242559	0.85	0.396	-.0275181 .0689364
_cons	.1153596	.0216938	5.32	0.000	.0722264 .1584928

```
. estat hettest
```

```
Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity
```

```
Ho: Constant variance
```

```
Variables: fitted values of varicv
```

```
chi2(1) = 10.06
```

```
Prob > chi2 = 0.0015
```

```
. predict residuo12, residuals
```

```
(324 missing values generated)
```

```
. summa residuo12
```

Variable	Obs	Mean	Std. Dev.	Min	Max
residuo12	93	-1.06e-11	.0362656	-.0916678	.0864541

```
. gene outlier12 = 1 if residuo12 > 2*.0362656 | residuo12 < -2*.0362656
```

(90 missing values generated)

```
. replace outlier12 = 0 if outlier12 != 1
(90 real changes made)
```

```
. regress varicv icv91 ipart predicãologit ttranstribest9000capita dummy1
du
> mmy2 dummy3 if outlier12 == 0
```

Source	SS	df	MS	Number of obs =	90
Model	.017519442	7	.002502777	F(7, 82) =	2.09
Residual	.097967018	82	.00119472	Prob > F =	0.0531
				R-squared =	0.1517
				Adj R-squared =	0.0793
Total	.11548646	89	.001297601	Root MSE =	.03456

varicv	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]	
icv91	-.1440721	.0457104	-3.15	0.002	-.2350047	-.0531395
ipart	.0016875	.0029439	0.57	0.568	-.0041688	.0075438
predicãolo~t	.0355347	.0285067	1.25	0.216	-.0211742	.0922435
ttranstrib..	3.96e-06	4.65e-06	0.85	0.397	-5.29e-06	.0000132
dummy1	-.0179862	.0150552	-1.19	0.236	-.0479357	.0119634
dummy2	.0103306	.0107096	0.96	0.338	-.0109742	.0316353
dummy3	.0262656	.0222817	1.18	0.242	-.0180599	.070591
_cons	.1256914	.0211049	5.96	0.000	.083707	.1676759

.

.

```
. estat hettest
```

Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity

Ho: Constant variance

Variables: fitted values of varicv

chi2(1) = 3.30

Prob > chi2 = 0.0693

```
. predict residuo13, residuals
(324 missing values generated)
```

```
. sktest residuo13
```

Skewness/Kurtosis tests for Normality

Variable	Pr(Skewness)	Pr(Kurtosis)	adj chi2(2)	Prob>chi2
residuo13	0.866	0.922	0.04	0.9811

```
. regress varicv icv91 ipart predicãologit ttranstribest9000capita dummy1
du
> mmy2 dummy3 if outlier12 == 0, beta
```

Source	SS	df	MS	Number of obs =	90
Model	.017519442	7	.002502777	F(7, 82) =	2.09
Residual	.097967018	82	.00119472	Prob > F =	0.0531
Total	.11548646	89	.001297601	R-squared =	0.1517
				Adj R-squared =	0.0793
				Root MSE =	.03456

varicv	Coef.	Std. Err.	t	P> t	Beta
icv91	-.1440721	.0457104	-3.15	0.002	-.3660535
ipart	.0016875	.0029439	0.57	0.568	.0618525
prediçãologit	.0355347	.0285067	1.25	0.216	.1451887
ttranstrib..	3.96e-06	4.65e-06	0.85	0.397	.0877292
dummy1	-.0179862	.0150552	-1.19	0.236	-.1344744
dummy2	.0103306	.0107096	0.96	0.338	.1128817
dummy3	.0262656	.0222817	1.18	0.242	.1316195
_cons	.1256914	.0211049	5.96	0.000	.

```
.
. regress irenda00 irenda91 ipart prediçãologit invest9000capita dummy1
dummy2
> dummy3
```

Source	SS	df	MS	Number of obs =	209
Model	.85761797	7	.122516853	F(7, 201) =	169.81
Residual	.145019103	201	.000721488	Prob > F =	0.0000
Total	1.00263707	208	.004820371	R-squared =	0.8554
				Adj R-squared =	0.8503
				Root MSE =	.02686

irenda00	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]
irenda91	.6851456	.032555	21.05	0.000	.6209525 .7493388
ipart	-.0014456	.0013834	-1.04	0.297	-.0041735 .0012823
prediçãologit	-.0510448	.0140201	-3.64	0.000	-.0786901 -.0233995
invest9000~a	-4.83e-06	5.38e-06	-0.90	0.370	-.0000154 5.78e-06
dummy1	.0079018	.0074086	1.07	0.287	-.0067068 .0225104
dummy2	.0204525	.0058915	3.47	0.001	.0088353 .0320696
dummy3	.0537082	.0123329	4.35	0.000	.0293898 .0780266
_cons	.0917763	.0106076	8.65	0.000	.0708598 .1126929

```
. estat hettest
```

Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity

Ho: Constant variance

Variables: fitted values of irenda00

chi2(1) = 0.00

Prob > chi2 = 0.9479


```
. predict residuo14, residuals
(208 missing values generated)
```

```
. sktest residuo14
```

```

                Skewness/Kurtosis tests for Normality
                ----- joint -----
Variable | Pr(Skewness)  Pr(Kurtosis)  adj chi2(2)  Prob>chi2
-----+-----
residuo14 |      0.669      0.221      1.70      0.4278

regress irenda00 irenda91 ipart predicãologit invest9000capita dummy1 dummy2
> dummy3, beta

Source |      SS      df      MS                Number of obs =      209
-----+-----
Model | .85761797      7 .122516853          F( 7, 201) = 169.81
Residual | .145019103    201 .000721488          Prob > F      = 0.0000
-----+-----
Total | 1.00263707    208 .004820371          R-squared      = 0.8554
                                          Adj R-squared  = 0.8503
                                          Root MSE      = .02686

-----+-----
irenda00 |      Coef.   Std. Err.   t    P>|t|                Beta
-----+-----
irenda91 | .6851456   .032555    21.05  0.000      .8735372
ipart | -.0014456  .0013834   -1.04  0.297     -.0287176
predicãolo~t | -.0510448  .0140201   -3.64  0.000     -.1556974
invest9000~a | -4.83e-06  5.38e-06   -0.90  0.370     -.0245179
dummy1 | .0079018   .0074086    1.07  0.287     .0320063
dummy2 | .0204525   .0058915    3.47  0.001     .1020789
dummy3 | .0537082   .0123329    4.35  0.000     .1872816
_cons | .0917763   .0106076    8.65  0.000     .

-----+-----
```

```
.
. regress irenda00 irenda91 ipart predicãologit toinvcapita9500 dummy1
dummy2
> dummy3

Source |      SS      df      MS                Number of obs =      247
-----+-----
Model | .942081572      7 .134583082          F( 7, 239) = 192.33
Residual | .167244155    239 .000699766          Prob > F      = 0.0000
-----+-----
Total | 1.10932573    246 .004509454          R-squared      = 0.8492
                                          Adj R-squared  = 0.8448
                                          Root MSE      = .02645

-----+-----
irenda00 |      Coef.   Std. Err.   t    P>|t|   [95% Conf. Interval]
-----+-----
irenda91 | .6867028   .0289522   23.72  0.000   .6296688   .7437369
ipart | -.0007997  .0012415   -0.64  0.520  -.0032454   .001646
predicãolo~t | -.0442066  .0131208   -3.37  0.001  -.0700539  -.0183594
toinvca~9500 | -3.24e-06  6.85e-06   -0.47  0.637  -.0000167   .0000103
```

```

dummy1 | .0060238 .0069656 0.86 0.388 -.007698 .0197455
dummy2 | .0188092 .0053148 3.54 0.000 .0083394 .029279
dummy3 | .0486045 .0111141 4.37 0.000 .0267103 .0704987
_cons | .0882266 .0092872 9.50 0.000 .0699314 .1065218
-----

```

```
. estat hettest
```

```
Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity
```

```
Ho: Constant variance
```

```
Variables: fitted values of irenda00
```

```
chi2(1) = 0.00
```

```
Prob > chi2 = 0.9623
```

```
. predict residuo15, residuals
```

```
(170 missing values generated)
```

```
. sktest residuo15
```

```
Skewness/Kurtosis tests for Normality
```

```

----- joint -----
Variable | Pr(Skewness) Pr(Kurtosis) adj chi2(2) Prob>chi2
-----+-----
residuo15 | 0.722 0.195 1.82 0.4020

```

```
regress irenda00 irenda91 ipart prediçãologit toinvcapita9500 dummy1 dummy2
> dummy3, beta
```

```

Source | SS df MS Number of obs = 247
-----+----- F( 7, 239) = 192.33
Model | .942081572 7 .134583082 Prob > F = 0.0000
Residual | .167244155 239 .000699766 R-squared = 0.8492
-----+----- Adj R-squared = 0.8448
Total | 1.10932573 246 .004509454 Root MSE = .02645

```

```

irenda00 | Coef. Std. Err. t P>|t| Beta
-----+-----
irenda91 | .6867028 .0289522 23.72 0.000 .873292
ipart | -.0007997 .0012415 -0.64 0.520 -.0165057
prediçãolo~t | -.0442066 .0131208 -3.37 0.001 -.1325229
toinvca~9500 | -3.24e-06 6.85e-06 -0.47 0.637 -.0120631
dummy1 | .0060238 .0069656 0.86 0.388 .0239515
dummy2 | .0188092 .0053148 3.54 0.000 .0966991
dummy3 | .0486045 .0111141 4.37 0.000 .1677029
_cons | .0882266 .0092872 9.50 0.000 .
-----

```

```
. regress irenda00 irenda91 ipart prediçãologit ttranstribest9000capita
dumm
```

```
> y1 dummy2 dummy3
```

Source	SS	df	MS	Number of obs =	111
Model	.209569919	7	.02993856	F(7, 103) =	35.60
Residual	.086615371	103	.000840926	Prob > F =	0.0000
Total	.29618529	110	.002692594	R-squared =	0.7076
				Adj R-squared =	0.6877
				Root MSE =	.029

	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]	
irenda00						
irenda91	.6836644	.0561098	12.18	0.000	.5723838	.794945
ipart	-.0014552	.0020524	-0.71	0.480	-.0055257	.0026152
prediçãologit	-.0168421	.02155	-0.78	0.436	-.0595814	.0258972
ttranstribest9000capita	3.13e-06	3.60e-06	0.87	0.386	-4.01e-06	.0000103
dummy1	.0017354	.0121366	0.14	0.887	-.0223347	.0258055
dummy2	.0161937	.0081046	2.00	0.048	.0001201	.0322672
dummy3	.0581903	.0157337	3.70	0.000	.0269863	.0893944
_cons	.0856219	.0181111	4.73	0.000	.0497028	.121541

```
. estat hettest
```

```
Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity
```

```
Ho: Constant variance
```

```
Variables: fitted values of irenda00
```

```
chi2(1) = 0.31
```

```
Prob > chi2 = 0.5788
```

```
. predict residuo16, residuals
```

```
(306 missing values generated)
```

```
. sktest residuo16
```

```
Skewness/Kurtosis tests for Normality
```

Variable	Pr(Skewness)	Pr(Kurtosis)	adj chi2(2)	joint Prob>chi2
residuo16	0.392	0.483	1.25	0.5357

```
regress irenda00 irenda91 ipart prediçãologit ttranstribest9000capita dummy1
```

```
> dummy2 dummy3, beta
```

Source	SS	df	MS	Number of obs =	111
Model	.209569919	7	.02993856	F(7, 103) =	35.60
Residual	.086615371	103	.000840926	Prob > F =	0.0000
Total	.29618529	110	.002692594	R-squared =	0.7076
				Adj R-squared =	0.6877
				Root MSE =	.029

irenda00	Coef.	Std. Err.	t	P> t	Beta
----------	-------	-----------	---	------	------

```
-----+-----
```

irenda91		.6836644	.0561098	12.18	0.000	.7394815
ipart		-.0014552	.0020524	-0.71	0.480	-.0391371
prediçãolo~t		-.0168421	.02155	-0.78	0.436	-.0471478
ttranstrib..		3.13e-06	3.60e-06	0.87	0.386	.048166
dummy1		.0017354	.0121366	0.14	0.887	.0081663
dummy2		.0161937	.0081046	2.00	0.048	.1180791
dummy3		.0581903	.0157337	3.70	0.000	.2099565
_cons		.0856219	.0181111	4.73	0.000	.

```
-----+-----
```

```
. regress irenda00 irenda91 ipart prediçãologit ttranstribest9500capita
dumm
> y1 dummy2 dummy3
```

```
-----+-----
```

Source		SS	df	MS		Number of obs =	140
Model		.627785254	7	.089683608		F(7, 132) =	115.14
Residual		.102811694	132	.000778876		Prob > F =	0.0000
						R-squared =	0.8593
						Adj R-squared =	0.8518
Total		.730596947	139	.005256093		Root MSE =	.02791

```
-----+-----
```

```
-----+-----
```

irenda00		Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]
irenda91		.6349411	.0399242	15.90	0.000	.5559671 .7139151
ipart		-.0002127	.0017294	-0.12	0.902	-.0036336 .0032082
prediçãolo~t		-.0289552	.017759	-1.63	0.105	-.0640843 .0061739
~t9500capita		6.88e-06	4.24e-06	1.62	0.107	-1.52e-06 .0000153
dummy1		.0003746	.0107758	0.03	0.972	-.0209411 .0216903
dummy2		.0193627	.0068325	2.83	0.005	.0058473 .0328782
dummy3		.0466974	.0140302	3.33	0.001	.0189444 .0744505
_cons		.0999716	.0125129	7.99	0.000	.0752198 .1247234

```
-----+-----
```

```
. estat hettest
```

```
Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity
```

```
Ho: Constant variance
```

```
Variables: fitted values of irenda00
```

```
chi2(1) = 0.00
```

```
Prob > chi2 = 0.9780
```

```
. predict residuo17, residuals
(277 missing values generated)
```

```
. sktest residuo17
```

```
Skewness/Kurtosis tests for Normality
```

```
----- joint -----
```

Variable		Pr(Skewness)	Pr(Kurtosis)	adj chi2(2)	Prob>chi2
residuo17		0.461	0.058	4.20	0.1225

```
-----+-----
```

```
regress irenda00 irenda91 ipart predicãologit ttranstribest9500capita dummy1
> dummy2 dummy3, beta
```

Source	SS	df	MS	Number of obs =	140
Model	.627785254	7	.089683608	F(7, 132) =	115.14
Residual	.102811694	132	.000778876	Prob > F =	0.0000
				R-squared =	0.8593
				Adj R-squared =	0.8518
Total	.730596947	139	.005256093	Root MSE =	.02791

irenda00	Coef.	Std. Err.	t	P> t	Beta
irenda91	.6349411	.0399242	15.90	0.000	.8452058
ipart	-.0002127	.0017294	-0.12	0.902	-.0041509
predicãolo~t	-.0289552	.017759	-1.63	0.105	-.091734
~t9500capita	6.88e-06	4.24e-06	1.62	0.107	.0544639
dummy1	.0003746	.0107758	0.03	0.972	.0012036
dummy2	.0193627	.0068325	2.83	0.005	.0993162
dummy3	.0466974	.0140302	3.33	0.001	.1739327
_cons	.0999716	.0125129	7.99	0.000	.

```
regress varenda irenda91 ipart predicãologit toinvcapita9500 dummy1 dummy2 du
> mmy3
```

Source	SS	df	MS	Number of obs =	247
Model	.165133901	7	.023590557	F(7, 239) =	33.71
Residual	.167244155	239	.000699766	Prob > F =	0.0000
				R-squared =	0.4968
				Adj R-squared =	0.4821
Total	.332378056	246	.00135113	Root MSE =	.02645

varenda	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]
irenda91	-.3132972	.0289522	-10.82	0.000	-.3703312 - .2562631
ipart	-.0007997	.0012415	-0.64	0.520	-.0032454 .001646
predicãolo~t	-.0442066	.0131208	-3.37	0.001	-.0700539 -.0183594
toinvca~9500	-3.24e-06	6.85e-06	-0.47	0.637	-.0000167 .0000103
dummy1	.0060238	.0069656	0.86	0.388	-.007698 .0197455
dummy2	.0188092	.0053148	3.54	0.000	.0083394 .029279
dummy3	.0486045	.0111141	4.37	0.000	.0267103 .0704987
_cons	.0882266	.0092872	9.50	0.000	.0699314 .1065218

```
. estat hettest
```

```
Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity
```

```
Ho: Constant variance
```

```
Variables: fitted values of varenda
```

```
chi2(1)      =    0.08
Prob > chi2  =    0.7804
```

```
. sktest residuo80
```

Skewness/Kurtosis tests for Normality

Variable	Pr(Skewness)	Pr(Kurtosis)	adj chi2(2)	joint Prob>chi2
residuo80	0.722	0.195	1.82	0.4020

```
. regress varenda irenda91 ipart prediçãologit toinvcapita9500 dummy1 dummy2
d
> ummy3, beta
```

Source	SS	df	MS	Number of obs = 247	
Model	.165133901	7	.023590557	F(7, 239)	= 33.71
Residual	.167244155	239	.000699766	Prob > F	= 0.0000
Total	.332378056	246	.00135113	R-squared	= 0.4968
				Adj R-squared	= 0.4821
				Root MSE	= .02645

varenda	Coef.	Std. Err.	t	P> t	Beta
irenda91	-.3132972	.0289522	-10.82	0.000	-.7278811
ipart	-.0007997	.0012415	-0.64	0.520	-.0301542
prediçãolo~t	-.0442066	.0131208	-3.37	0.001	-.2421052
toinvca~9500	-3.24e-06	6.85e-06	-0.47	0.637	-.022038
dummy1	.0060238	.0069656	0.86	0.388	.0437569
dummy2	.0188092	.0053148	3.54	0.000	.176659
dummy3	.0486045	.0111141	4.37	0.000	.3063755
_cons	.0882266	.0092872	9.50	0.000	.

```
. regress varenda irenda91 ipart prediçãologit invest9000capita dummy1
dummy
> 2 dummy3
```

Source	SS	df	MS	Number of obs = 209	
Model	.154556198	7	.022079457	F(7, 201)	= 30.60
Residual	.145019103	201	.000721488	Prob > F	= 0.0000
Total	.299575302	208	.001440266	R-squared	= 0.5159
				Adj R-squared	= 0.4991
				Root MSE	= .02686

varenda	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]	
irenda91	-.3148544	.032555	-9.67	0.000	-.3790475	-.2506612
ipart	-.0014456	.0013834	-1.04	0.297	-.0041735	.0012823
prediçãolo~t	-.0510448	.0140201	-3.64	0.000	-.0786901	-.0233995

```

invest9000~a | -4.83e-06  5.38e-06  -0.90  0.370  -.0000154  5.78e-06
dummy1 | .0079018  .0074086  1.07  0.287  -.0067068  .0225104
dummy2 | .0204525  .0058915  3.47  0.001  .0088353  .0320696
dummy3 | .0537082  .0123329  4.35  0.000  .0293898  .0780266
_cons | .0917763  .0106076  8.65  0.000  .0708598  .1126929
-----

```

```
. estat hettest
```

```
Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity
```

```
Ho: Constant variance
```

```
Variables: fitted values of varenda
```

```
chi2(1) = 0.09
```

```
Prob > chi2 = 0.7677
```

```
. predict residuo18, residuals
(208 missing values generated)
```

```
. sktest residuo18
```

```
Skewness/Kurtosis tests for Normality
```

```

----- joint -----
Variable | Pr(Skewness)  Pr(Kurtosis)  adj chi2(2)  Prob>chi2
-----+-----
residuo18 | 0.669          0.221          1.70          0.4278

```

```
regress varenda irenda91 ipart predicçãologit invest9000capita dummy1 dummy2
> dummy3, beta
```

```

Source |      SS      df      MS                Number of obs =      209
-----+-----
Model | .154556198      7  .022079457                F( 7, 201) =      30.60
Residual | .145019103    201  .000721488                Prob > F      =      0.0000
-----+-----
Total | .299575302    208  .001440266                R-squared     =      0.5159
                                           Adj R-squared =      0.4991
                                           Root MSE     =      .02686

```

```

-----
varenda |      Coef.   Std. Err.      t    P>|t|          Beta
-----+-----
irenda91 | -.3148544   .032555   -9.67  0.000   -.7343906
ipart | -.0014456   .0013834  -1.04  0.297   -.0525372
predicçãolo~t | -.0510448   .0140201  -3.64  0.000   -.2848395
invest9000~a | -4.83e-06   5.38e-06  -0.90  0.370   -.044854
dummy1 | .0079018   .0074086  1.07  0.287   .0585537
dummy2 | .0204525   .0058915  3.47  0.001   .1867474
dummy3 | .0537082   .0123329  4.35  0.000   .342621
_cons | .0917763   .0106076  8.65  0.000   .
-----

```

```
. regress varenda irenda91 ipart predicçãologit ttranstribest9000capita
dumm
```

```
> yl dummy2 dummy3
```

Source	SS	df	MS	Number of obs =	111
Model	.035274086	7	.005039155	F(7, 103) =	5.99
Residual	.086615371	103	.000840926	Prob > F =	0.0000
				R-squared =	0.2894
				Adj R-squared =	0.2411
Total	.121889458	110	.001108086	Root MSE =	.029

varenda	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]	
irenda91	-.3163356	.0561098	-5.64	0.000	-.4276162	-.205055
ipart	-.0014552	.0020524	-0.71	0.480	-.0055257	.0026152
prediçãologit	-.0168421	.02155	-0.78	0.436	-.0595814	.0258972
ttranstribest9000capita	3.13e-06	3.60e-06	0.87	0.386	-4.01e-06	.0000103
dummy1	.0017354	.0121366	0.14	0.887	-.0223347	.0258055
dummy2	.0161937	.0081046	2.00	0.048	.0001201	.0322672
dummy3	.0581903	.0157337	3.70	0.000	.0269863	.0893944
_cons	.0856219	.0181111	4.73	0.000	.0497028	.121541

```
. estat hettest
```

```
Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity
```

```
Ho: Constant variance
```

```
Variables: fitted values of varenda
```

```
chi2(1) = 0.71
```

```
Prob > chi2 = 0.3995
```

```
. predict residuo19, residuals
```

```
(306 missing values generated)
```

```
. sktest residuo19
```

```
Skewness/Kurtosis tests for Normality
```

Variable	Pr(Skewness)	Pr(Kurtosis)	adj chi2(2)	Prob>chi2
residuo19	0.392	0.483	1.25	0.5357

```
regress varenda irenda91 ipart prediçãologit ttranstribest9000capita dummy1
```

```
> dummy2 dummy3, beta
```

Source	SS	df	MS	Number of obs =	111
Model	.035274086	7	.005039155	F(7, 103) =	5.99
Residual	.086615371	103	.000840926	Prob > F =	0.0000
				R-squared =	0.2894
				Adj R-squared =	0.2411
Total	.121889458	110	.001108086	Root MSE =	.029

varenda	Coef.	Std. Err.	t	P> t	Beta
---------	-------	-----------	---	------	------

irenda91		-.3163356	.0561098	-5.64	0.000	-.5333731
ipart		-.0014552	.0020524	-0.71	0.480	-.0610081
prediçãolo~t		-.0168421	.02155	-0.78	0.436	-.0734954
ttranstrib..		3.13e-06	3.60e-06	0.87	0.386	.0750825
dummy1		.0017354	.0121366	0.14	0.887	.0127298
dummy2		.0161937	.0081046	2.00	0.048	.1840653
dummy3		.0581903	.0157337	3.70	0.000	.3272865
_cons		.0856219	.0181111	4.73	0.000	.

```
regress infan00 infan91 ipart prediçãologit invest9000capita dummy1 dummy2
> dummy3
```

Source	SS	df	MS	Number of obs =	209
Model	1.57389507	7	.224842153	F(7, 201) =	37.12
Residual	1.21742326	201	.006056832	Prob > F =	0.0000
Total	2.79131833	208	.0134198	R-squared =	0.5639
				Adj R-squared =	0.5487
				Root MSE =	.07783

infan00	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]
infan91	.6037834	.0445124	13.56	0.000	.5160122 .6915547
ipart	.0042781	.0040067	1.07	0.287	-.0036225 .0121787
prediçãolo~t	.0248206	.0380495	0.65	0.515	-.0502069 .0998481
invest9000~a	.0000269	.0000156	1.72	0.086	-3.86e-06 .0000577
dummy1	-.0118696	.0211734	-0.56	0.576	-.05362 .0298809
dummy2	.0108816	.0168314	0.65	0.519	-.0223071 .0440703
dummy3	-.0018952	.0334152	-0.06	0.955	-.0677844 .0639941
_cons	.3416009	.0265549	12.86	0.000	.2892391 .3939628

```
. estat hettest
```

```
Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity
```

```
Ho: Constant variance
```

```
Variables: fitted values of infan00
```

```
chi2(1) = 17.19
```

```
Prob > chi2 = 0.0000
```

```
. predict residuo20, residuals
```

```
(208 missing values generated)
```

```
. summa residuo20
```

Variable	Obs	Mean	Std. Dev.	Min	Max
residuo20	209	-1.25e-12	.0765049	-.2700712	.2225598

```
. gene outlier20 = 1 if residuo20 > 2*.0765049 | residuo20 < -2*.0765049
```

```
(202 missing values generated)
```

```
. replace outlier20 = 0 if outlier20 != 1
(202 real changes made)
```

```
. regress infan00 infan91 ipart predicãologit invest9000capita dummy1 dummy2
> dummy3 if outlier20 == 0
```

Source	SS	df	MS	Number of obs =	202
Model	1.63957277	7	.234224682	F(7, 194) =	49.56
Residual	.916867804	194	.004726123	Prob > F =	0.0000
				R-squared =	0.6413
				Adj R-squared =	0.6284
Total	2.55644058	201	.01271861	Root MSE =	.06875

infan00	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]	
infan91	.622012	.0416048	14.95	0.000	.5399561	.7040679
ipart	.0047159	.0036213	1.30	0.194	-.0024263	.0118582
predicãolo~t	.0189172	.0341321	0.55	0.580	-.0484005	.0862349
invest9000~a	.0000208	.0000138	1.50	0.134	-6.48e-06	.0000481
dummy1	-.005304	.0187944	-0.28	0.778	-.0423716	.0317635
dummy2	.0261382	.0157281	1.66	0.098	-.0048819	.0571583
dummy3	.0023833	.0296649	0.08	0.936	-.0561238	.0608904
_cons	.3288624	.0246105	13.36	0.000	.2803239	.3774009

```
.
.
```

```
. predict residuo21, residuals
(208 missing values generated)
```

```
. estat hettest
```

Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity

Ho: Constant variance
Variables: fitted values of infan00

chi2(1) = 8.55
Prob > chi2 = 0.0035

```
. sktest residuo21
```

Skewness/Kurtosis tests for Normality

Variable	Pr(Skewness)	Pr(Kurtosis)	adj chi2(2)	Prob>chi2
residuo21	0.445	0.087	3.55	0.1694

```
.
```

```
. regress infan00 infan91 ipart predicãologit invest9000capita dummy1 dummy2
> dummy3 if outlier20 == 0, beta
```

Source	SS	df	MS	Number of obs =	202
				F(7, 194) =	49.56

Model		1.63957277	7	.234224682	Prob > F	=	0.0000
Residual		.916867804	194	.004726123	R-squared	=	0.6413

Total		2.55644058	201	.01271861	Adj R-squared	=	0.6284
					Root MSE	=	.06875

infan00		Coef.	Std. Err.	t	P> t	Beta
infan91		.622012	.0416048	14.95	0.000	.7531847
ipart		.0047159	.0036213	1.30	0.194	.0569592
prediçãolo~t		.0189172	.0341321	0.55	0.580	.035895
invest9000~a		.0000208	.0000138	1.50	0.134	.0657119
dummy1		-.005304	.0187944	-0.28	0.778	-.0134325
dummy2		.0261382	.0157281	1.66	0.098	.0778081
dummy3		.0023833	.0296649	0.08	0.936	.0051987
_cons		.3288624	.0246105	13.36	0.000	.

```
.
. regress infan00 infan91 ipart prediçãologit toinvcapita9500 dummy1 dummy2
> dummy3
```

Source		SS	df	MS	Number of obs =	247
Model		1.70401623	7	.24343089	F(7, 239) =	40.51
Residual		1.43618857	239	.006009157	Prob > F	= 0.0000

Total		3.1402048	246	.01276506	R-squared	= 0.5426
					Adj R-squared	= 0.5292
					Root MSE	= .07752

infan00		Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]
infan91		.5870357	.0410459	14.30	0.000	.5061777 .6678936
ipart		.0050648	.0036318	1.39	0.164	-.0020897 .0122193
prediçãolo~t		.0460303	.0359953	1.28	0.202	-.0248782 .1169388
toinvca~9500		.0000333	.0000201	1.66	0.099	-6.30e-06 .0000728
dummy1		-.0134475	.020227	-0.66	0.507	-.0532935 .0263984
dummy2		.0093482	.0153291	0.61	0.543	-.0208492 .0395455
dummy3		-.017244	.0309937	-0.56	0.578	-.0782996 .0438116
_cons		.3494538	.024172	14.46	0.000	.3018365 .397071

```
. estat hettest
```

```
Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity
```

```
Ho: Constant variance
```

```
Variables: fitted values of infan00
```

```
chi2(1) = 14.99
```

```
Prob > chi2 = 0.0001
```

```
. predict residuo22, residuals
(170 missing values generated)
```

```
. summa residuo22
```

Variable	Obs	Mean	Std. Dev.	Min	Max
residuo22	247	-7.70e-11	.0764079	-.2719445	.2233461

```
. gene outlier22 = 1 if residuo22 > 2*.0764079 | residuo22 < -2*.0764079
(239 missing values generated)
```

```
. replace outlier22 = 0 if outlier22 != 1
(239 real changes made)
```

```
. regress infan00 infan91 ipart predicãologit toinvcapita9500 dummy1
dummy2
> dummy3 if outlier22 == 0
```

Source	SS	df	MS	Number of obs =	239
Model	1.75430111	7	.250614444	F(7, 231) =	51.95
Residual	1.11441854	231	.004824323	Prob > F =	0.0000
Total	2.86871965	238	.012053444	R-squared =	0.6115
				Adj R-squared =	0.5998
				Root MSE =	.06946

	infan00	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]
	infan91	.6019328	.0386077	15.59	0.000	.5258645 .6780011
	ipart	.0053297	.0033236	1.60	0.110	-.0012187 .0118781
	predicãolo~t	.0395415	.0327435	1.21	0.228	-.0249727 .1040556
	toinvca~9500	.0000255	.0000181	1.41	0.160	-.0000101 .0000612
	dummy1	-.0083492	.0182107	-0.46	0.647	-.0442296 .0275312
	dummy2	.0218638	.0143972	1.52	0.130	-.0065027 .0502304
	dummy3	-.0132821	.0278958	-0.48	0.634	-.0682448 .0416805
	_cons	.3399512	.0226105	15.04	0.000	.2954021 .3845003

```
. estat hettest
```

```
Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity
```

```
Ho: Constant variance
```

```
Variables: fitted values of infan00
```

```
chi2(1) = 7.11
```

```
Prob > chi2 = 0.0077
```

```
. predict residuo23, residuals
(170 missing values generated)
```

```
. sktest residuo23
```

```
Skewness/Kurtosis tests for Normality
```

Variable	Pr(Skewness)	Pr(Kurtosis)	adj chi2(2)	joint Prob>chi2

```

residuo23 |      0.405      0.185      2.47      0.2907
.
.
. regress infan00 infan91 ipart predicçãologit      toinvcapita9500 dummy1
dummy2
> dummy3 if outlier22 == 0, beta

```

Source	SS	df	MS	Number of obs = 239	
Model	1.75430111	7	.250614444	F(7, 231)	= 51.95
Residual	1.11441854	231	.004824323	Prob > F	= 0.0000
-----				R-squared	= 0.6115
-----				Adj R-squared	= 0.5998
Total	2.86871965	238	.012053444	Root MSE	= .06946

infan00	Coef.	Std. Err.	t	P> t	Beta
infan91	.6019328	.0386077	15.59	0.000	.7338489
ipart	.0053297	.0033236	1.60	0.110	.0666897
predicçãolo~t	.0395415	.0327435	1.21	0.228	.0732041
toinvca~9500	.0000255	.0000181	1.41	0.160	.0587374
dummy1	-.0083492	.0182107	-0.46	0.647	-.0206153
dummy2	.0218638	.0143972	1.52	0.130	.0670495
dummy3	-.0132821	.0278958	-0.48	0.634	-.0284695
_cons	.3399512	.0226105	15.04	0.000	.

```

.
. regress infan00 infan91 ipart predicçãologit      ttranstribest9500capita
dummy1
> dummy2 dummy3

```

Source	SS	df	MS	Number of obs = 140	
Model	1.15845113	7	.165493018	F(7, 132)	= 26.66
Residual	.819421977	132	.006207742	Prob > F	= 0.0000
-----				R-squared	= 0.5857
-----				Adj R-squared	= 0.5637
Total	1.9778731	139	.014229303	Root MSE	= .07879

infan00	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]	
infan91	.5972924	.0563699	10.60	0.000	.4857871	.7087977
ipart	.0058582	.0048819	1.20	0.232	-.0037986	.015515
predicçãolo~t	.0656537	.0455101	1.44	0.151	-.0243698	.1556771
~t9500capita	.0000185	.0000119	1.56	0.122	-4.99e-06	.0000419
dummy1	-.0327359	.0300063	-1.09	0.277	-.0920913	.0266195
dummy2	.0192035	.0190719	1.01	0.316	-.0185225	.0569296
dummy3	-.0315541	.0380069	-0.83	0.408	-.1067355	.0436272
_cons	.3400798	.0322966	10.53	0.000	.276194	.4039657


```

. estat hettest

```

Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity

Ho: Constant variance

Variables: fitted values of infan00

chi2(1) = 10.04

Prob > chi2 = 0.0015

. predict residuo24, residuals

(277 missing values generated)

. summa residuo24

Variable	Obs	Mean	Std. Dev.	Min	Max
residuo24	140	-3.41e-11	.0767797	-.2830969	.1692596

. gene outlier24 = 1 if residuo24 > 2*.0767797 | residuo24 < -2*.0767797

(137 missing values generated)

. replace outlier24 = 0 if outlier24 != 1

(137 real changes made)

. regress infan00 infan91 ipart predicãologit ttranstribest9500capita
dummy

> 1 dummy2 dummy3 if outlier24 == 0

Source	SS	df	MS	Number of obs =	137
Model	1.16807049	7	.166867213	F(7, 129) =	31.83
Residual	.67617936	129	.0052417	Prob > F =	0.0000
				R-squared =	0.6334
				Adj R-squared =	0.6135
Total	1.84424985	136	.013560661	Root MSE =	.0724

infan00	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]
infan91	.5869584	.0525131	11.18	0.000	.4830599 .6908568
ipart	.0048935	.0045199	1.08	0.281	-.0040492 .0138362
predicãolo~t	.0766546	.0422916	1.81	0.072	-.0070204 .1603296
~t9500capita	6.42e-06	.0000117	0.55	0.584	-.0000167 .0000296
dummy1	-.0317755	.0276476	-1.15	0.253	-.0864769 .0229259
dummy2	.0367973	.0179159	2.05	0.042	.0013502 .0722443
dummy3	-.0308245	.0350439	-0.88	0.381	-.1001597 .0385106
_cons	.346834	.029975	11.57	0.000	.2875277 .4061403

.

.

. estat hettest

Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity

Ho: Constant variance

Variables: fitted values of infan00

```
chi2(1)      =      8.71
Prob > chi2  =      0.0032
```

```
. predict residuo25, residuals
(277 missing values generated)
```

```
. sktest residuo25
```

Skewness/Kurtosis tests for Normality

```
----- joint -----
Variable | Pr(Skewness)  Pr(Kurtosis)  adj chi2(2)  Prob>chi2
-----+-----
residuo25 |      0.066      0.067      6.38      0.0412
```

```
. regress infan00 infan91 ipart predicãologit ttranstribest9500capita
dummy
> 1 dummy2 dummy3 if outlier24 == 0, beta
```

Source	SS	df	MS	Number of obs =	137
Model	1.16807049	7	.166867213	F(7, 129) =	31.83
Residual	.67617936	129	.0052417	Prob > F =	0.0000
Total	1.84424985	136	.013560661	R-squared =	0.6334
				Adj R-squared =	0.6135
				Root MSE =	.0724

	infan00	Coef.	Std. Err.	t	P> t	Beta
	infan91	.5869584	.0525131	11.18	0.000	.6999542
	ipart	.0048935	.0045199	1.08	0.281	.0598134
	predicãolo~t	.0766546	.0422916	1.81	0.072	.1522757
	~t9500capita	6.42e-06	.0000117	0.55	0.584	.0297285
	dummy1	-.0317755	.0276476	-1.15	0.253	-.0642188
	dummy2	.0367973	.0179159	2.05	0.042	.116441
	dummy3	-.0308245	.0350439	-0.88	0.381	-.0721952
	_cons	.346834	.029975	11.57	0.000	.

```
.
.
```

```
. regress infan00 infan91 ipart predicãologit tottranestcapita9800 dummy1
dum
> my2 dummy3
```

Source	SS	df	MS	Number of obs =	296
Model	1.9986834	7	.2855262	F(7, 288) =	45.68
Residual	1.80018593	288	.006250646	Prob > F =	0.0000
Total	3.79886932	295	.012877523	R-squared =	0.5261
				Adj R-squared =	0.5146
				Root MSE =	.07906

	infan00	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]
--	---------	-------	-----------	---	------	----------------------

infan91		.5738268	.038339	14.97	0.000	.4983666	.649287
ipart		.0074056	.0035969	2.06	0.040	.000326	.0144853
prediçãolo~t		.0451879	.0332628	1.36	0.175	-.0202812	.1106569
totrane~9800		.0000247	.0000147	1.68	0.093	-4.17e-06	.0000535
dummy1		-.0202126	.0179975	-1.12	0.262	-.0556358	.0152106
dummy2		.0034867	.0144399	0.24	0.809	-.0249344	.0319078
dummy3		-.0179939	.0270644	-0.66	0.507	-.071263	.0352751
_cons		.3601592	.0225626	15.96	0.000	.3157507	.4045677

```
. estat hettest
```

```
Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity
```

```
Ho: Constant variance
```

```
Variables: fitted values of infan00
```

```
chi2(1) = 17.41
```

```
Prob > chi2 = 0.0000
```

```
. predict residuo26, residual
(121 missing values generated)
```

```
. summa residuo26
```

Variable	Obs	Mean	Std. Dev.	Min	Max
residuo26	296	-9.31e-11	.0781174	-.2697877	.2128046

```
. gene outlier26 = 1 if residuo26 > 2*.0781174 | residuo26 < -2*.0781174
(282 missing values generated)
```

```
. replace outlier26 = 0 if outlier26 != 1
(282 real changes made)
```

```
. regress infan00 infan91 ipart prediçãologit tottranestcapita9800 dummy1
du
> mmy2 dummy3 if outlier26 == 0
```

Source	SS	df	MS	Number of obs =	282
Model	1.73055825	7	.247222607	F(7, 274) =	54.83
Residual	1.2354529	274	.004508952	Prob > F =	0.0000
Total	2.96601115	281	.0105552	R-squared =	0.5835
				Adj R-squared =	0.5728
				Root MSE =	.06715

infan00	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]
infan91	.5361715	.0334772	16.02	0.000	.4702663 .6020767
ipart	.007803	.003116	2.50	0.013	.0016686 .0139374
prediçãolo~t	.0454727	.0287586	1.58	0.115	-.0111432 .1020885
totrane~9800	6.79e-06	.0000128	0.53	0.595	-.0000183 .0000319
dummy1	-.0178941	.0156842	-1.14	0.255	-.048771 .0129829
dummy2	.0182736	.0125971	1.45	0.148	-.0065257 .0430729


```

dummy3 | -.0123932 .0231877 -0.53 0.593 -.0580418 .0332554
_cons | .3888156 .0198262 19.61 0.000 .3497847 .4278466
-----

```

```

.
.
. predict residuo27, residuals
(121 missing values generated)

```

```
. estat hettest
```

Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity

Ho: Constant variance

Variables: fitted values of infan00

chi2(1) = 3.26

Prob > chi2 = 0.0709

```
. sktest residuo27
```

Skewness/Kurtosis tests for Normality

```

----- joint -----
Variable | Pr(Skewness) Pr(Kurtosis) adj chi2(2) Prob>chi2
-----+-----
residuo27 | 0.001 0.049 12.70 0.0017

```

```

. regress infan00 infan91 ipart prediçãologit tottranestcapita9800 dummy1
du
> mmy2 dummy3 if outlier26 == 0, beta

```

```

Source | SS df MS Number of obs = 282
-----+----- F( 7, 274) = 54.83
Model | 1.73055825 7 .247222607 Prob > F = 0.0000
Residual | 1.2354529 274 .004508952 R-squared = 0.5835
-----+----- Adj R-squared = 0.5728
Total | 2.96601115 281 .0105552 Root MSE = .06715

```

```

-----
infan00 | Coef. Std. Err. t P>|t| Beta
-----+-----
infan91 | .5361715 .0334772 16.02 0.000 .7039478
ipart | .007803 .003116 2.50 0.013 .0996882
prediçãolo~t | .0454727 .0287586 1.58 0.115 .0868969
totrane~9800 | 6.79e-06 .0000128 0.53 0.595 .0209596
dummy1 | -.0178941 .0156842 -1.14 0.255 -.048687
dummy2 | .0182736 .0125971 1.45 0.148 .0601585
dummy3 | -.0123932 .0231877 -0.53 0.593 -.0287621
_cons | .3888156 .0198262 19.61 0.000 .
-----

```

```

.
. regress varinf infan91 ipart prediçãologit invest9000capita dummy1 dummy2
d
> ummy3

```

Source	SS	df	MS	Number of obs =	209
Model	.606104191	7	.086586313	F(7, 201) =	14.30
Residual	1.21742326	201	.006056832	Prob > F =	0.0000
Total	1.82352745	208	.008766959	R-squared =	0.3324
				Adj R-squared =	0.3091
				Root MSE =	.07783

varinf	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]	
infan91	-.3962166	.0445124	-8.90	0.000	-.4839878	-.3084453
ipart	.0042781	.0040067	1.07	0.287	-.0036225	.0121787
prediçãologit	.0248206	.0380495	0.65	0.515	-.0502069	.0998481
invest9000capita	.0000269	.0000156	1.72	0.086	-3.86e-06	.0000577
dummy1	-.0118696	.0211734	-0.56	0.576	-.05362	.0298809
dummy2	.0108816	.0168314	0.65	0.519	-.0223071	.0440703
dummy3	-.0018952	.0334152	-0.06	0.955	-.0677844	.0639941
_cons	.3416009	.0265549	12.86	0.000	.2892391	.3939628

```
. estat hettest
```

```
Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity
```

```
Ho: Constant variance
```

```
Variables: fitted values of varinf
```

```
chi2(1) = 23.94
```

```
Prob > chi2 = 0.0000
```

```
. predict residuo28, residuals
```

```
(208 missing values generated)
```

```
. summa residuo28
```

Variable	Obs	Mean	Std. Dev.	Min	Max
residuo28	209	-1.25e-12	.0765049	-.2700712	.2225598

```
. gene outlier28 = 1 if residuo28 > 2*.0765049 | residuo28 < - 2*.0765049
```

```
(202 missing values generated)
```

```
. replace outlier28 = 0 if outlier28 != 1
```

```
(202 real changes made)
```

```
. regress varinf infan91 ipart prediçãologit invest9000capita dummy1 dummy2
```

```
d
```

```
> ummy3 if outlier28 == 0
```

Source	SS	df	MS	Number of obs =	202
Model	.488670116	7	.069810017	F(7, 194) =	14.77
Residual	.916867804	194	.004726123	Prob > F =	0.0000
Total	1.40553792	201	.006992726	R-squared =	0.3477
				Adj R-squared =	0.3241
				Root MSE =	.06875

varinf	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]	
infan91	-.377988	.0416048	-9.09	0.000	-.4600439	-.2959321
ipart	.0047159	.0036213	1.30	0.194	-.0024263	.0118582
prediçãolo~t	.0189172	.0341321	0.55	0.580	-.0484005	.0862349
invest9000~a	.0000208	.0000138	1.50	0.134	-6.48e-06	.0000481
dummy1	-.005304	.0187944	-0.28	0.778	-.0423716	.0317635
dummy2	.0261382	.0157281	1.66	0.098	-.0048819	.0571583
dummy3	.0023833	.0296649	0.08	0.936	-.0561238	.0608904
_cons	.3288624	.0246105	13.36	0.000	.2803239	.3774009

. estat hettest

Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity

Ho: Constant variance

Variables: fitted values of varinf

chi2(1) = 10.18

Prob > chi2 = 0.0014

. predict residuo29, residuals

(208 missing values generated)

. sktest residuo29

Skewness/Kurtosis tests for Normality

Variable	Pr(Skewness)	Pr(Kurtosis)	adj chi2(2)	Prob>chi2
residuo29	0.445	0.087	3.55	0.1694

. regress varinf infan91 ipart prediçãologit invest9000capita dummy1 dummy2

d

> ummy3 if outlier28 == 0, beta

Source	SS	df	MS	Number of obs =	202
Model	.488670116	7	.069810017	F(7, 194) =	14.77
Residual	.916867804	194	.004726123	Prob > F =	0.0000
Total	1.40553792	201	.006992726	R-squared =	0.3477
				Adj R-squared =	0.3241
				Root MSE =	.06875

varinf	Coef.	Std. Err.	t	P> t	Beta
infan91	-.377988	.0416048	-9.09	0.000	-.6172729
ipart	.0047159	.0036213	1.30	0.194	.0768175
prediçãolo~t	.0189172	.0341321	0.55	0.580	.0484096
invest9000~a	.0000208	.0000138	1.50	0.134	.0886218
dummy1	-.005304	.0187944	-0.28	0.778	-.0181156
dummy2	.0261382	.0157281	1.66	0.098	.1049352
dummy3	.0023833	.0296649	0.08	0.936	.0070111

```

      _cons |   .3288624   .0246105   13.36   0.000   .
-----+-----

```

```

. regress varinf infan91 ipart predicãologit toinvcapita9500 dummy1 dummy2
du
> mmy3

```

Source	SS	df	MS	Number of obs =	247
Model	.744249106	7	.106321301	F(7, 239) =	17.69
Residual	1.43618857	239	.006009157	Prob > F =	0.0000
				R-squared =	0.3413
				Adj R-squared =	0.3220
Total	2.18043768	246	.008863568	Root MSE =	.07752

varinf	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]	
infan91	-.4129643	.0410459	-10.06	0.000	-.4938223	-.3321064
ipart	.0050648	.0036318	1.39	0.164	-.0020897	.0122193
predicãolo~t	.0460303	.0359953	1.28	0.202	-.0248782	.1169388
toinvca~9500	.0000333	.0000201	1.66	0.099	-6.30e-06	.0000728
dummy1	-.0134475	.020227	-0.66	0.507	-.0532935	.0263984
dummy2	.0093482	.0153291	0.61	0.543	-.0208492	.0395455
dummy3	-.017244	.0309937	-0.56	0.578	-.0782996	.0438116
_cons	.3494538	.024172	14.46	0.000	.3018365	.397071

```

. estat hettest

```

```

Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity

```

```

Ho: Constant variance

```

```

Variables: fitted values of varinf

```

```

chi2(1) = 22.73

```

```

Prob > chi2 = 0.0000

```

```

. predict residuo30, residuals

```

```

(170 missing values generated)

```

```

. summa residuo30

```

Variable	Obs	Mean	Std. Dev.	Min	Max
residuo30	247	-7.70e-11	.0764079	-.2719445	.2233461

```

. gene outlier30 = 1 if residuo30 > 2*.0764079 | residuo30 < -2*.0764079
(239 missing values generated)

```

```

. replace outlier30 = 0 if outlier30 != 1

```

```

(239 real changes made)

```

```

. regress varinf infan91 ipart predicãologit toinvcapita9500 dummy1 dummy2
d

```

```
> ummy3 if outlier30 == 0
```

Source	SS	df	MS	Number of obs =	239
Model	.624441071	7	.089205867	F(7, 231) =	18.49
Residual	1.11441854	231	.004824323	Prob > F =	0.0000
Total	1.73885961	238	.007306133	R-squared =	0.3591
				Adj R-squared =	0.3397
				Root MSE =	.06946

varinf	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]	
infan91	-.3980672	.0386077	-10.31	0.000	-.4741355	-.3219989
ipart	.0053297	.0033236	1.60	0.110	-.0012187	.0118781
prediçãolo~t	.0395415	.0327435	1.21	0.228	-.0249727	.1040556
toinvca~9500	.0000255	.0000181	1.41	0.160	-.0000101	.0000612
dummy1	-.0083492	.0182107	-0.46	0.647	-.0442296	.0275312
dummy2	.0218638	.0143972	1.52	0.130	-.0065027	.0502304
dummy3	-.0132821	.0278958	-0.48	0.634	-.0682448	.0416805
_cons	.3399512	.0226105	15.04	0.000	.2954021	.3845003

```
.
```

```
. estat hettest
```

```
Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity
```

```
Ho: Constant variance
```

```
Variables: fitted values of varinf
```

```
chi2(1) = 10.27
```

```
Prob > chi2 = 0.0014
```

```
. predict residuo31, residuals
```

```
(170 missing values generated)
```

```
. sktest residuo31
```

```
Skewness/Kurtosis tests for Normality
```

Variable	Pr(Skewness)	Pr(Kurtosis)	adj chi2(2)	Prob>chi2
residuo31	0.405	0.185	2.47	0.2907

```
regress varinf infan91 ipart prediçãologit toinvcapita9500 dummy1 dummy2 dum
```

```
> my3 if outlier30 == 0, beta
```

Source	SS	df	MS	Number of obs =	239
Model	.624441071	7	.089205867	F(7, 231) =	18.49
Residual	1.11441854	231	.004824323	Prob > F =	0.0000
				R-squared =	0.3591
				Adj R-squared =	0.3397

Total | 1.73885961 238 .007306133 Root MSE = .06946

varinf	Coef.	Std. Err.	t	P> t	Beta
infan91	-.3980672	.0386077	-10.31	0.000	-.6233427
ipart	.0053297	.0033236	1.60	0.110	.0856585
prediçãolo~t	.0395415	.0327435	1.21	0.228	.0940259
toinvca~9500	.0000255	.0000181	1.41	0.160	.0754443
dummy1	-.0083492	.0182107	-0.46	0.647	-.026479
dummy2	.0218638	.0143972	1.52	0.130	.0861207
dummy3	-.0132821	.0278958	-0.48	0.634	-.0365672
_cons	.3399512	.0226105	15.04	0.000	.

```
.
. regress varinf infan91 ipart prediçãologit toinvcapita9800 dummy1 dummy2
du
> mmy3
```

Source	SS	df	MS	Number of obs =	292
Model	.949837056	7	.135691008	F(7, 284) =	22.10
Residual	1.74346625	284	.006138966	Prob > F =	0.0000
Total	2.69330331	291	.009255338	R-squared =	0.3527
				Adj R-squared =	0.3367
				Root MSE =	.07835

varinf	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]	
infan91	-.431428	.0381877	-11.30	0.000	-.5065949	-.3562611
ipart	.0081198	.0036121	2.25	0.025	.00101	.0152297
prediçãolo~t	.058811	.0331142	1.78	0.077	-.0063694	.1239914
toinvca~9800	.0000138	.0000221	0.62	0.533	-.0000297	.0000573
dummy1	-.0224127	.017835	-1.26	0.210	-.0575183	.0126929
dummy2	.0025652	.0144236	0.18	0.859	-.0258256	.0309559
dummy3	-.0218451	.0269064	-0.81	0.418	-.0748064	.0311162
_cons	.3648082	.0223489	16.32	0.000	.3208177	.4087986

```
. estat hettest
```

Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity

Ho: Constant variance

Variables: fitted values of varinf

chi2(1) = 21.50

Prob > chi2 = 0.0000

```
. regress varinf infan91 ipart prediçãologit tottranestcapita9800 dummy1
dummy2
> dummy3
```

Source	SS	df	MS	Number of obs =	296
Model	.9468836	7	.135269086	F(7, 288) =	21.64
Residual	1.80018593	288	.006250646	Prob > F =	0.0000
Total	2.74706952	295	.0093121	R-squared =	0.3447
				Adj R-squared =	0.3288
				Root MSE =	.07906

varinf	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]	
infan91	-.4261732	.038339	-11.12	0.000	-.5016334	-.350713
ipart	.0074056	.0035969	2.06	0.040	.000326	.0144853
prediçãologit	.0451879	.0332628	1.36	0.175	-.0202812	.1106569
totrane~9800	.0000247	.0000147	1.68	0.093	-4.17e-06	.0000535
dummy1	-.0202126	.0179975	-1.12	0.262	-.0556358	.0152106
dummy2	.0034867	.0144399	0.24	0.809	-.0249344	.0319078
dummy3	-.0179939	.0270644	-0.66	0.507	-.071263	.0352751
_cons	.3601592	.0225626	15.96	0.000	.3157507	.4045677

```
. estat hettest
```

```
Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity
```

```
Ho: Constant variance
```

```
Variables: fitted values of varinf
```

```
chi2(1) = 24.54
```

```
Prob > chi2 = 0.0000
```

```
. predict residuo32, residuals
```

```
(121 missing values generated)
```

```
. summa residuo32
```

Variable	Obs	Mean	Std. Dev.	Min	Max
residuo32	296	-9.31e-11	.0781174	-.2697877	.2128046

```
. gene outlier32 = 1 if residuo32 > 2*.0781174 | residuo32 < -2*.0781174
```

```
(282 missing values generated)
```

```
. replace outlier32 = 0 if outlier32 != 1
```

```
(282 real changes made)
```

```
. regress varinf infan91 ipart prediçãologit totranestcapita9800 dummy1  
dummy2
```

```
> dummy3 if outlier32 == 0
```

Source	SS	df	MS	Number of obs =	282
Model	1.01706017	7	.145294311	F(7, 274) =	32.22
Residual	1.2354529	274	.004508952	Prob > F =	0.0000
Total	2.25251307	281	.008016061	R-squared =	0.4515
				Adj R-squared =	0.4375
				Root MSE =	.06715

varinf	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]	
infan91	-.4638285	.0334772	-13.86	0.000	-.5297337	-.3979233
ipart	.007803	.003116	2.50	0.013	.0016686	.0139374
prediçãolo~t	.0454727	.0287586	1.58	0.115	-.0111432	.1020885
totrane~9800	6.79e-06	.0000128	0.53	0.595	-.0000183	.0000319
dummy1	-.0178941	.0156842	-1.14	0.255	-.048771	.0129829
dummy2	.0182736	.0125971	1.45	0.148	-.0065257	.0430729
dummy3	-.0123932	.0231877	-0.53	0.593	-.0580418	.0332554
_cons	.3888156	.0198262	19.61	0.000	.3497847	.4278466

```
. estat hettest
```

Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity

Ho: Constant variance

Variables: fitted values of varinf

chi2(1) = 6.15

Prob > chi2 = 0.0131

```
. predict residuo33, residuals
(121 missing values generated)
```

```
. sktest residuo33
```

Skewness/Kurtosis tests for Normality

Variable	Pr(Skewness)	Pr(Kurtosis)	adj chi2(2)	Prob>chi2
residuo33	0.001	0.049	12.70	0.0017

```
regress varinf infan91 ipart prediçãologit tottranestcapita9800 dummy1 dummy2
> dummy3 if outlier32 == 0, beta
```

Source	SS	df	MS	Number of obs =	282
Model	1.01706017	7	.145294311	F(7, 274) =	32.22
Residual	1.2354529	274	.004508952	Prob > F =	0.0000
				R-squared =	0.4515
				Adj R-squared =	0.4375
Total	2.25251307	281	.008016061	Root MSE =	.06715

varinf	Coef.	Std. Err.	t	P> t	Beta
infan91	-.4638285	.0334772	-13.86	0.000	-.6987903
ipart	.007803	.003116	2.50	0.013	.1143922
prediçãolo~t	.0454727	.0287586	1.58	0.115	.0997142
totrane~9800	6.79e-06	.0000128	0.53	0.595	.0240512
dummy1	-.0178941	.0156842	-1.14	0.255	-.0558684
dummy2	.0182736	.0125971	1.45	0.148	.0690318
dummy3	-.0123932	.0231877	-0.53	0.593	-.0330045
_cons	.3888156	.0198262	19.61	0.000	.


```

-----
. regress varinf infan91 ipart predicãologit ttranstribest9500capita dummy1
d
> ummy2 dummy3

```

Source	SS	df	MS	Number of obs =	140
Model	.399416225	7	.057059461	F(7, 132) =	9.19
Residual	.819421977	132	.006207742	Prob > F =	0.0000
-----				R-squared =	0.3277
-----				Adj R-squared =	0.2921
Total	1.2188382	139	.00876862	Root MSE =	.07879

varinf	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]	
infan91	-.4027076	.0563699	-7.14	0.000	-.5142129	-.2912023
ipart	.0058582	.0048819	1.20	0.232	-.0037986	.015515
predicãolo~t	.0656537	.0455101	1.44	0.151	-.0243698	.1556771
~t9500capita	.0000185	.0000119	1.56	0.122	-4.99e-06	.0000419
dummy1	-.0327359	.0300063	-1.09	0.277	-.0920913	.0266195
dummy2	.0192035	.0190719	1.01	0.316	-.0185225	.0569296
dummy3	-.0315541	.0380069	-0.83	0.408	-.1067355	.0436272
_cons	.3400798	.0322966	10.53	0.000	.276194	.4039657

```

. estat hettest

```

Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity

Ho: Constant variance

Variables: fitted values of varinf

chi2(1) = 19.73

Prob > chi2 = 0.0000

```

. predict residuo34, residuals
(277 missing values generated)

```

```

. summa residuo34

```

Variable	Obs	Mean	Std. Dev.	Min	Max
residuo34	140	-3.41e-11	.0767797	-.2830969	.1692596

```

. gene outlier34 = 1 if residuo34 > 2*.0767797 | residuo34 < -2*.0767797
(137 missing values generated)

```

```

. replace outlier34 = 0 if outlier34 != 1
(137 real changes made)

```

```

. regress varinf infan91 ipart predicãologit ttranstribest9500capita dummy1
> dummy2 dummy3 if outlier34 == 0

```

Source	SS	df	MS	Number of obs =	137
Model	.395010056	7	.056430008	F(7, 129) =	10.77
Residual	.67617936	129	.0052417	Prob > F =	0.0000
				R-squared =	0.3688
				Adj R-squared =	0.3345
Total	1.07118942	136	.007876393	Root MSE =	.0724

varinf	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]	
infan91	-.4130416	.0525131	-7.87	0.000	-.5169401	-.3091432
ipart	.0048935	.0045199	1.08	0.281	-.0040492	.0138362
prediçãolo~t	.0766546	.0422916	1.81	0.072	-.0070204	.1603296
~t9500capita	6.42e-06	.0000117	0.55	0.584	-.0000167	.0000296
dummy1	-.0317755	.0276476	-1.15	0.253	-.0864769	.0229259
dummy2	.0367973	.0179159	2.05	0.042	.0013502	.0722443
dummy3	-.0308245	.0350439	-0.88	0.381	-.1001597	.0385106
_cons	.346834	.029975	11.57	0.000	.2875277	.4061403

```
.
.
. estat hettest
```

Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity

Ho: Constant variance
Variables: fitted values of varinf

chi2(1) = 13.11
Prob > chi2 = 0.0003

```
. predict residuo35, residuals
(277 missing values generated)
```

```
. sktest residuo35
```

Skewness/Kurtosis tests for Normality

Variable	Pr(Skewness)	Pr(Kurtosis)	adj chi2(2)	Prob>chi2
residuo35	0.066	0.067	6.38	0.0412

```
.
.
. regress varinf infan91 ipart prediçãologit ttranstribest9500capita dummy1
> dummy2 dummy3 if outlier34 ==0, beta
```

Source	SS	df	MS	Number of obs =	137
Model	.395010056	7	.056430008	F(7, 129) =	10.77
Residual	.67617936	129	.0052417	Prob > F =	0.0000
				R-squared =	0.3688
				Adj R-squared =	0.3345
Total	1.07118942	136	.007876393	Root MSE =	.0724

varinf	Coef.	Std. Err.	t	P> t	Beta
infan91	-.4130416	.0525131	-7.87	0.000	-.6462982
ipart	.0048935	.0045199	1.08	0.281	.0784829
prediçãolo~t	.0766546	.0422916	1.81	0.072	.1998055
~t9500capita	6.42e-06	.0000117	0.55	0.584	.0390076
dummy1	-.0317755	.0276476	-1.15	0.253	-.0842633
dummy2	.0367973	.0179159	2.05	0.042	.1527857
dummy3	-.0308245	.0350439	-0.88	0.381	-.0947294
_cons	.346834	.029975	11.57	0.000	.

```
.
. regress ieduc00 ieduc91 ipart prediçãologit toinvcapita9500 dummy1 dummy2
d
> ummy3
```

Source	SS	df	MS	Number of obs =	247
Model	6.76238428	7	.966054898	F(7, 239) =	755.00
Residual	.305810208	239	.001279541	Prob > F =	0.0000
Total	7.06819449	246	.028732498	R-squared =	0.9567
				Adj R-squared =	0.9555
				Root MSE =	.03577

ieduc00	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]	
ieduc91	.9323394	.017687	52.71	0.000	.897497	.9671818
ipart	.0009757	.0016788	0.58	0.562	-.0023314	.0042829
prediçãolo~t	-.0037687	.0166815	-0.23	0.821	-.0366303	.0290929
toinvca~9500	.0000269	9.31e-06	2.89	0.004	8.54e-06	.0000452
dummy1	.0329204	.0093459	3.52	0.001	.0145095	.0513313
dummy2	.0249648	.0073964	3.38	0.001	.0103943	.0395353
dummy3	.0437659	.0151994	2.88	0.004	.0138239	.0737079
_cons	.0549268	.0067998	8.08	0.000	.0415316	.0683221

```
. estat hettest
```

```
Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity
```

```
Ho: Constant variance
```

```
Variables: fitted values of ieduc00
```

```
chi2(1) = 2.59
```

```
Prob > chi2 = 0.1075
```

```
. predict residuo36, residuals
(170 missing values generated)
```

```
. sktest residuo36
```

```

                                Skewness/Kurtosis tests for Normality
                                ----- joint -----
Variable | Pr(Skewness)  Pr(Kurtosis)  adj chi2(2)  Prob>chi2
-----+-----
residuo36 |      0.000      0.000      29.66      0.0000

. summa residuo36

Variable |      Obs      Mean      Std. Dev.      Min      Max
-----+-----
residuo36 |      247      4.60e-11      .0352581     -.0832932     .1835326

. gene outlier36 = 1 if residuo36 > 2*.0352581 | residuo36 < -2*.0352581
(234 missing values generated)

. replace outlier36 = 0 if outlier36 != 1
(234 real changes made)

. regress ieduc00 ieduc91 ipart predicãologit  toinvcapita9500 dummy1 dummy2
d
> ummy3 if outlier36 == 0

Source |      SS      df      MS                                Number of obs =      234
-----+-----
Model |  6.24370172      7  .891957388                                F( 7, 226) = 1103.17
Residual | .182729304     226 .000808537                                Prob > F      = 0.0000
-----+-----
Total |  6.42643102     233 .027581249                                R-squared     = 0.9716
                                           Adj R-squared = 0.9707
                                           Root MSE     = .02843

-----+-----
ieduc00 |      Coef.      Std. Err.      t      P>|t|      [95% Conf. Interval]
-----+-----
ieduc91 |      .938164      .0143641      65.31     0.000      .9098594      .9664687
ipart |      .0000245      .0013645       0.02     0.986     -.0026643      .0027133
predicãolo~t | -.0051744      .01416      -0.37     0.715     -.0330769      .0227281
toinvca~9500 | .000023      7.46e-06       3.08     0.002      8.28e-06      .0000377
dummy1 |      .0317451      .0079319       4.00     0.000      .0161151      .0473751
dummy2 |      .024658      .0059058       4.18     0.000      .0130205      .0362955
dummy3 |      .0263797      .0134229       1.97     0.051     -.0000703      .0528297
_cons |      .0546551      .0055526       9.84     0.000      .0437135      .0655967
-----+-----

.
. estat hettest

Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity
Ho: Constant variance
Variables: fitted values of ieduc00

chi2(1)      =      6.57
Prob > chi2  =      0.0104

. predict residuo37, residuals
(170 missing values generated)

```

```
. sktest residuo37
```

Skewness/Kurtosis tests for Normality

Variable	Pr(Skewness)	Pr(Kurtosis)	adj chi2(2)	joint Prob>chi2
residuo37	0.000	0.000	34.75	0.0000

```
. regress ieduc00 ieduc91 ipart predicãologit toinvcapita9500 dummy1 dummy2
d
> ummy3 if outlier36 == 0, beta
```

Source	SS	df	MS	Number of obs =	234
Model	6.24370172	7	.891957388	F(7, 226) =	1103.17
Residual	.182729304	226	.000808537	Prob > F =	0.0000
Total	6.42643102	233	.027581249	R-squared =	0.9716
				Adj R-squared =	0.9707
				Root MSE =	.02843

ieduc00	Coef.	Std. Err.	t	P> t	Beta
ieduc91	.938164	.0143641	65.31	0.000	.9624711
ipart	.0000245	.0013645	0.02	0.986	.0002054
predicãolo~t	-.0051744	.01416	-0.37	0.715	-.0063623
toinvca~9500	.000023	7.46e-06	3.08	0.002	.0353847
dummy1	.0317451	.0079319	4.00	0.000	.0497208
dummy2	.024658	.0059058	4.18	0.000	.0524348
dummy3	.0263797	.0134229	1.97	0.051	.035111
_cons	.0546551	.0055526	9.84	0.000	.

```
.
. regress ieduc00 ieduc91 ipart predicãologit ttranstribest9500capita dummy1
> dummy2 dummy3
```

Source	SS	df	MS	Number of obs =	140
Model	4.2064297	7	.600918529	F(7, 132) =	489.69
Residual	.161981306	132	.001227131	Prob > F =	0.0000
Total	4.36841101	139	.031427417	R-squared =	0.9629
				Adj R-squared =	0.9610
				Root MSE =	.03503

ieduc00	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]
ieduc91	.9092277	.0236445	38.45	0.000	.8624566 .9559988
ipart	.0004372	.0021771	0.20	0.841	-.0038693 .0047437
predicãolo~t	-.006903	.0203551	-0.34	0.735	-.0471674 .0333613
~t9500capita	.0000212	5.28e-06	4.01	0.000	.0000107 .0000316
dummy1	.0076512	.013377	0.57	0.568	-.0188099 .0341124
dummy2	.0276193	.0088612	3.12	0.002	.0100911 .0451476
dummy3	.0437269	.0181274	2.41	0.017	.0078692 .0795847

```

      _cons |   .0642254   .0086725    7.41   0.000   .0470703   .0813805
-----+-----

```

```
. estat hettest
```

```
Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity
```

```
Ho: Constant variance
```

```
Variables: fitted values of ieduc00
```

```
chi2(1)      =      2.43
```

```
Prob > chi2  =      0.1189
```

```
. predict residuo38, residuals
```

```
(277 missing values generated)
```

```
. sktest residuo38
```

```
Skewness/Kurtosis tests for Normality
```

```

-----+----- joint -----
Variable | Pr(Skewness)  Pr(Kurtosis)  adj chi2(2)  Prob>chi2
-----+-----
residuo38 |      0.297      0.005      8.00      0.0183

```

```
. summa residuo38
```

```

Variable |      Obs      Mean  Std. Dev.  Min  Max
-----+-----
residuo38 |      140  -5.01e-11  .034137  -.1065526  .1342996

```

```
. gene outlier38 = 1 if residuo38 > 2*0.034137 | residuo38 < -2*0.034137
(134 missing values generated)
```

```
. replace outlier38 = 0 if outlier38 != 1
```

```
(134 real changes made)
```

```
. regress ieduc00 ieduc91 ipart predicãologit ttranstribest9500capita dummy1
> dummy2 dummy3 if outlier38 == 0
```

```

Source |      SS      df      MS              Number of obs =      134
-----+-----
Model |  3.95727402      7   .56532486              F( 7, 126) = 679.43
Residual | .104839128    126  .000832057              Prob > F      = 0.0000
-----+-----
Total |  4.06211315    133  .030542204              R-squared     = 0.9742
                                           Adj R-squared = 0.9728
                                           Root MSE     = .02885

```

```

-----+-----
Variable |      Coef.  Std. Err.  t  P>|t|  [95% Conf. Interval]
-----+-----
ieduc00 |
ieduc91 |   .9118687  .0201247   45.31  0.000   .8720425   .951695
ipart   |   .000349  .0018318    0.19  0.849  -.0032761   .0039742
predicãolo~t | -.0082193  .0175372   -0.47  0.640  -.0429249   .0264864
~t9500capita | .0000205  6.14e-06    3.34  0.001   8.34e-06   .0000327
dummy1  |   .0072283  .0110679    0.65  0.515  -.0146747   .0291313
dummy2  |   .026836  .0073255    3.66  0.000   .012339   .0413331

```

```

dummy3 | .0332931 .0161194 2.07 0.041 .0013933 .065193
_cons | .0644075 .0072742 8.85 0.000 .0500121 .0788029
-----

```

```

.
.
. estat hettest

```

Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity

Ho: Constant variance
Variables: fitted values of ieduc00

```

chi2(1) = 4.11
Prob > chi2 = 0.0426

```

```

. predict residuo39, residuals
(277 missing values generated)

```

```

. sktest residuo39

```

Skewness/Kurtosis tests for Normality

```

----- joint -----
Variable | Pr(Skewness) Pr(Kurtosis) adj chi2(2) Prob>chi2
-----+-----
residuo39 | 0.155 0.003 9.60 0.0082

```

```

. regress ieduc00 ieduc91 ipart predicãologit ttranstribest9500capita dummy1
> dummy2 dummy3 if outlier38 == 0, beta

```

```

Source | SS df MS Number of obs = 134
-----+----- F( 7, 126) = 679.43
Model | 3.95727402 7 .56532486 Prob > F = 0.0000
Residual | .104839128 126 .000832057 R-squared = 0.9742
-----+----- Adj R-squared = 0.9728
Total | 4.06211315 133 .030542204 Root MSE = .02885

```

```

-----
ieduc00 | Coef. Std. Err. t P>|t| Beta
-----+-----
ieduc91 | .9118687 .0201247 45.31 0.000 .9378969
ipart | .000349 .0018318 0.19 0.849 .002825
predicãolo~t | -.0082193 .0175372 -0.47 0.640 -.0109459
~t9500capita | .0000205 6.14e-06 3.34 0.001 .050105
dummy1 | .0072283 .0110679 0.65 0.515 .0098365
dummy2 | .026836 .0073255 3.66 0.000 .0581186
dummy3 | .0332931 .0161194 2.07 0.041 .0502501
_cons | .0644075 .0072742 8.85 0.000 .
-----

```

```

.
. regress ieduc00 ieduc91 ipart predicãologit ttranstribest9000capita dummy1
> dummy2 dummy3

```

Source	SS	df	MS	Number of obs =	111
Model	2.05269405	7	.293242007	F(7, 103) =	247.77
Residual	.121900958	103	.001183504	Prob > F =	0.0000
				R-squared =	0.9439
				Adj R-squared =	0.9401
Total	2.17459501	110	.019769046	Root MSE =	.0344

	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]	
ieduc00						
ieduc91	.9515378	.0280667	33.90	0.000	.8958741	1.007202
ipart	.0002978	.0024489	0.12	0.903	-.0045591	.0051547
prediçãolo~t	.0470261	.0251017	1.87	0.064	-.0027571	.0968093
ttranstrib..	.0000148	4.20e-06	3.52	0.001	6.47e-06	.0000231
dummy1	.0044858	.0142309	0.32	0.753	-.0237377	.0327094
dummy2	.0165828	.0100894	1.64	0.103	-.0034271	.0365927
dummy3	.0694811	.0193518	3.59	0.001	.0311014	.1078608
_cons	.0457632	.0106387	4.30	0.000	.0246639	.0668625

```
. estat hettest
```

```
Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity
```

```
Ho: Constant variance
```

```
Variables: fitted values of ieduc00
```

```
chi2(1) = 2.06
```

```
Prob > chi2 = 0.1510
```

```
. predict residuo40, residuals
```

```
(306 missing values generated)
```

```
. sktest residuo40
```

```
Skewness/Kurtosis tests for Normality
```

Variable	Pr(Skewness)	Pr(Kurtosis)	adj chi2(2)	joint Prob>chi2
residuo40	0.204	0.007	7.93	0.0190

```
. summa residuo40
```

Variable	Obs	Mean	Std. Dev.	Min	Max
residuo40	111	-4.20e-12	.0332895	-.0865064	.1342031

```
. gene outlier40 = 1 if residuo40 > 2*.0332895 | residuo40 < - 2*.0332895
```

```
(106 missing values generated)
```

```
. replace outlier40 = 0 if outlier40 != 1
```

```
(106 real changes made)
```

```
. regress ieduc00 ieduc91 ipart prediçãologit ttranstribest9000capita dummy1  
> dummy2 dummy3 if outlier40 == 0
```


Source	SS	df	MS	Number of obs =	106
Model	1.95914851	7	.279878359	F(7, 98) =	342.58
Residual	.080064129	98	.000816981	Prob > F =	0.0000
				R-squared =	0.9607
				Adj R-squared =	0.9579
Total	2.03921264	105	.019421073	Root MSE =	.02858

	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]	
ieduc00						
ieduc91	.9461052	.0239325	39.53	0.000	.8986119	.9935985
ipart	-.0001407	.002065	-0.07	0.946	-.0042387	.0039572
prediçãologit	.0364075	.0214114	1.70	0.092	-.0060828	.0788978
ttranstribest	.0000139	4.50e-06	3.10	0.003	5.00e-06	.0000229
dummy1	.0053999	.0118814	0.45	0.650	-.0181784	.0289782
dummy2	.0183194	.0084192	2.18	0.032	.0016119	.035027
dummy3	.0727491	.0161368	4.51	0.000	.0407261	.1047721
_cons	.0497596	.0090331	5.51	0.000	.0318338	.0676855

```
.
.
. estat hettest
```

Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity

Ho: Constant variance

Variables: fitted values of ieduc00

chi2(1) = 0.16

Prob > chi2 = 0.6908

```
. predict residuo41, residuals
(306 missing values generated)
```

```
. sktest residuo41
```

Skewness/Kurtosis tests for Normality

Variable	Pr(Skewness)	Pr(Kurtosis)	adj chi2(2)	Prob>chi2
residuo41	0.138	0.004	9.22	0.0099

```
regress ieduc00 ieduc91 ipart prediçãologit ttranstribest9000capita dummy1 d
> ummy2 dummy3 if outlier40 == 0, beta
```

Source	SS	df	MS	Number of obs =	106
Model	1.95914851	7	.279878359	F(7, 98) =	342.58
Residual	.080064129	98	.000816981	Prob > F =	0.0000
				R-squared =	0.9607
				Adj R-squared =	0.9579
Total	2.03921264	105	.019421073	Root MSE =	.02858

	Coef.	Std. Err.	t	P> t	Beta
ieduc00					
ieduc91	.9461052	.0239325	39.53	0.000	.9096812
ipart	-.0001407	.002065	-0.07	0.946	-.001422
prediçãolo~t	.0364075	.0214114	1.70	0.092	.0381038
ttranstrib..	.0000139	4.50e-06	3.10	0.003	.0645965
dummy1	.0053999	.0118814	0.45	0.650	.0096687
dummy2	.0183194	.0084192	2.18	0.032	.0506599
dummy3	.0727491	.0161368	4.51	0.000	.0999479
_cons	.0497596	.0090331	5.51	0.000	.

```
. regress varied ieduc91 ipart prediçãologit ttranstribest9000capita dummy1
d
> ummy2 dummy3
```

Source	SS	df	MS	Number of obs =	111
Model	.048174122	7	.006882017	F(7, 103) =	5.81
Residual	.121900958	103	.001183504	Prob > F =	0.0000
				R-squared =	0.2833
				Adj R-squared =	0.2345
Total	.17007508	110	.001546137	Root MSE =	.0344

	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]
varied					
ieduc91	-.0484622	.0280667	-1.73	0.087	-.1041259 .0072016
ipart	.0002978	.0024489	0.12	0.903	-.0045591 .0051547
prediçãolo~t	.0470261	.0251017	1.87	0.064	-.0027571 .0968093
ttranstrib..	.0000148	4.20e-06	3.52	0.001	6.47e-06 .0000231
dummy1	.0044858	.0142309	0.32	0.753	-.0237377 .0327094
dummy2	.0165828	.0100894	1.64	0.103	-.0034271 .0365927
dummy3	.0694811	.0193518	3.59	0.001	.0311014 .1078608
_cons	.0457632	.0106387	4.30	0.000	.0246639 .0668625

```
. estat hettest
```

```
Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity
```

```
Ho: Constant variance
```

```
Variables: fitted values of varied
```

```
chi2(1) = 13.35
```

```
Prob > chi2 = 0.0003
```

```
. predict residuo42, residuals
```

```
(306 missing values generated)
```

```
. summa residuo42
```

Variable	Obs	Mean	Std. Dev.	Min	Max
residuo42	111	-4.20e-12	.0332895	-.0865064	.1342031

```
. gene outlier42 = 1 if residuo42 > 2*0.0332895 | residuo42 < -2*0.0332895
(106 missing values generated)
```

```
. replace outlier42 = 0 if outlier42 != 1
(106 real changes made)
```

```
. regress varied ieduc91 ipart predicãologit ttranstribest9000capita dummy1
d
> ummy2 dummy3 if outlier42 == 0
```

Source	SS	df	MS	Number of obs =	106
Model	.03903424	7	.00557632	F(7, 98) =	6.83
Residual	.080064129	98	.000816981	Prob > F =	0.0000
				R-squared =	0.3277
				Adj R-squared =	0.2797
Total	.119098369	105	.00113427	Root MSE =	.02858

varied	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]	
ieduc91	-.0538948	.0239325	-2.25	0.027	-.1013881	-.0064015
ipart	-.0001407	.002065	-0.07	0.946	-.0042387	.0039572
predicãolo~t	.0364075	.0214114	1.70	0.092	-.0060828	.0788978
ttranstrib..	.0000139	4.50e-06	3.10	0.003	5.00e-06	.0000229
dummy1	.0053999	.0118814	0.45	0.650	-.0181784	.0289782
dummy2	.0183194	.0084192	2.18	0.032	.0016119	.035027
dummy3	.0727491	.0161368	4.51	0.000	.0407261	.1047721
_cons	.0497596	.0090331	5.51	0.000	.0318338	.0676855

```
.
.
```

```
. estat hettest
```

```
Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity
```

```
Ho: Constant variance
```

```
Variables: fitted values of varied
```

```
chi2(1) = 0.52
```

```
Prob > chi2 = 0.4698
```

```
. predict residuo43, residuals
(306 missing values generated)
```

```
. sktest residuo43
```

```
Skewness/Kurtosis tests for Normality
```

Variable	Pr(Skewness)	Pr(Kurtosis)	adj chi2(2)	Prob>chi2
residuo43	0.138	0.004	9.22	0.0099

```
regress varied ieduc91 ipart predicãologit ttranstribest9000capita dummy1 du
> mmy2 dummy3 if outlier42 == 0, beta
```

Source	SS	df	MS	Number of obs =	106
Model	.03903424	7	.00557632	F(7, 98) =	6.83
Residual	.080064129	98	.000816981	Prob > F =	0.0000
Total	.119098369	105	.00113427	R-squared =	0.3277
				Adj R-squared =	0.2797
				Root MSE =	.02858

varied	Coef.	Std. Err.	t	P> t	Beta
ieduc91	-.0538948	.0239325	-2.25	0.027	-.2144248
ipart	-.0001407	.002065	-0.07	0.946	-.0058839
prediçãolo~t	.0364075	.0214114	1.70	0.092	.1576693
ttranstrib..	.0000139	4.50e-06	3.10	0.003	.2672929
dummy1	.0053999	.0118814	0.45	0.650	.0400078
dummy2	.0183194	.0084192	2.18	0.032	.2096248
dummy3	.0727491	.0161368	4.51	0.000	.4135727
_cons	.0497596	.0090331	5.51	0.000	.

```
. regress varied ieduc91 ipart prediçãologit toinvcapita9500 dummy1 dummy2
d
> ummy3
```

Source	SS	df	MS	Number of obs =	247
Model	.056268013	7	.008038288	F(7, 239) =	6.28
Residual	.305810208	239	.001279541	Prob > F =	0.0000
Total	.362078222	246	.001471863	R-squared =	0.1554
				Adj R-squared =	0.1307
				Root MSE =	.03577

varied	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]
ieduc91	-.0676606	.017687	-3.83	0.000	-.102503 -.0328182
ipart	.0009757	.0016788	0.58	0.562	-.0023314 .0042829
prediçãolo~t	-.0037687	.0166815	-0.23	0.821	-.0366303 .0290929
toinvca~9500	.0000269	9.31e-06	2.89	0.004	8.54e-06 .0000452
dummy1	.0329204	.0093459	3.52	0.001	.0145095 .0513313
dummy2	.0249648	.0073964	3.38	0.001	.0103943 .0395353
dummy3	.0437659	.0151994	2.88	0.004	.0138239 .0737079
_cons	.0549268	.0067998	8.08	0.000	.0415316 .0683221

```
. estat hettest
```

Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity

Ho: Constant variance

Variables: fitted values of varied

```
chi2(1)      =    19.17
Prob > chi2  =    0.0000
```

```
. predict residuo44, residuals
(170 missing values generated)
```

```
. summa residuo44
```

Variable	Obs	Mean	Std. Dev.	Min	Max
residuo44	247	4.60e-11	.0352581	-.0832932	.1835326

```
. gene outleir44 = 1 if residuo44 > 2*.0352581 | residuo44 < -2*.0352581
(234 missing values generated)
```

```
. replace outleir44 = 0 if outleir44 !=1
(234 real changes made)
```

```
. regress varied ieduc91 ipart predicçãologit      toinvcapita9500 dummy1 dummy2
d
> ummy3 if outleir44 == 0
```

Source	SS	df	MS	Number of obs =	234
Model	.045745949	7	.006535136	F(7, 226) =	8.08
Residual	.182729304	226	.000808537	Prob > F =	0.0000
				R-squared =	0.2002
				Adj R-squared =	0.1755
Total	.228475253	233	.00098058	Root MSE =	.02843

varied	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]
ieduc91	-.061836	.0143641	-4.30	0.000	-.0901406 -.0335313
ipart	.0000245	.0013645	0.02	0.986	-.0026643 .0027133
predicçãolo~t	-.0051744	.01416	-0.37	0.715	-.0330769 .0227281
toinvca~9500	.000023	7.46e-06	3.08	0.002	8.28e-06 .0000377
dummy1	.0317451	.0079319	4.00	0.000	.0161151 .0473751
dummy2	.024658	.0059058	4.18	0.000	.0130205 .0362955
dummy3	.0263797	.0134229	1.97	0.051	-.0000703 .0528297
_cons	.0546551	.0055526	9.84	0.000	.0437135 .0655967

```
.
. estat hettest
```

Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity

Ho: Constant variance

Variables: fitted values of varied

```
chi2(1)      =    14.58
Prob > chi2  =    0.0001
```

```
. predict residuo45, residuals
```

(170 missing values generated)

. sktest residuo45

Skewness/Kurtosis tests for Normality

Variable	Pr(Skewness)	Pr(Kurtosis)	adj chi2(2)	joint Prob>chi2
residuo45	0.000	0.000	34.75	0.0000

. regress varied ieduc91 ipart predicçãologit toinvcapita9500 dummy1 dummy2
d
> ummy3 if outleir44 == 0, beta

Source	SS	df	MS	Number of obs =	234
Model	.045745949	7	.006535136	F(7, 226) =	8.08
Residual	.182729304	226	.000808537	Prob > F =	0.0000
Total	.228475253	233	.00098058	R-squared =	0.2002
				Adj R-squared =	0.1755
				Root MSE =	.02843

varied	Coef.	Std. Err.	t	P> t	Beta
ieduc91	-.061836	.0143641	-4.30	0.000	-.336446
ipart	.0000245	.0013645	0.02	0.986	.0010893
predicçãolo~t	-.0051744	.01416	-0.37	0.715	-.0337426
toinvca~9500	.000023	7.46e-06	3.08	0.002	.1876638
dummy1	.0317451	.0079319	4.00	0.000	.2636959
dummy2	.024658	.0059058	4.18	0.000	.2780898
dummy3	.0263797	.0134229	1.97	0.051	.1862126
_cons	.0546551	.0055526	9.84	0.000	.

regress habit00 habit91 ipart predicçãologit toinvcapita9500 dummy1 dummy2
> dummy3

Source	SS	df	MS	Number of obs =	200
Model	2.58411512	7	.369159303	F(7, 192) =	63.32
Residual	1.11934785	192	.005829937	Prob > F =	0.0000
Total	3.70346297	199	.018610367	R-squared =	0.6978
				Adj R-squared =	0.6867
				Root MSE =	.07635

habit00	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]
habit91	.7211381	.0396918	18.17	0.000	.6428501 .799426
ipart	-.0014452	.0040777	-0.35	0.723	-.009488 .0065976
predicçãolo~t	-.0753289	.0382844	-1.97	0.051	-.150841 .0001831
toinvca~9500	.000063	.000029	2.17	0.031	5.77e-06 .0001203
dummy1	.0054043	.0217771	0.25	0.804	-.0375488 .0483575

```

dummy2 | .0336261 .0162103 2.07 0.039 .001653 .0655992
dummy3 | .0837809 .0344023 2.44 0.016 .0159258 .151636
_cons | .229807 .0209655 10.96 0.000 .1884548 .2711592
-----

```

```
. estat hetttest
```

```
Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity
```

```
Ho: Constant variance
```

```
Variables: fitted values of habit00
```

```
chi2(1) = 0.08
```

```
Prob > chi2 = 0.7746
```

```
. predict residuo46, residuals
```

```
(217 missing values generated)
```

```
. sktest residuo46
```

```
Skewness/Kurtosis tests for Normality
```

```

----- joint -----
Variable | Pr(Skewness) Pr(Kurtosis) adj chi2(2) Prob>chi2
-----+-----
residuo46 | 0.125 0.324 3.36 0.1865

```

```
.
. regress habit00 habit91 ipart predicãologit toinvcapita9500 dummy1
dummy2
> dummy3, beta
```

```

Source | SS df MS Number of obs = 200
-----+----- F( 7, 192) = 63.32
Model | 2.58411512 7 .369159303 Prob > F = 0.0000
Residual | 1.11934785 192 .005829937 R-squared = 0.6978
-----+----- Adj R-squared = 0.6867
Total | 3.70346297 199 .018610367 Root MSE = .07635

```

```

-----
habit00 | Coef. Std. Err. t P>|t| Beta
-----+-----
habit91 | .7211381 .0396918 18.17 0.000 .7958075
ipart | -.0014452 .0040777 -0.35 0.723 -.0143686
predicãolo~t | -.0753289 .0382844 -1.97 0.051 -.1185995
toinvca~9500 | .000063 .000029 2.17 0.031 .0874286
dummy1 | .0054043 .0217771 0.25 0.804 .0107744
dummy2 | .0336261 .0162103 2.07 0.039 .0882353
dummy3 | .0837809 .0344023 2.44 0.016 .1517813
_cons | .229807 .0209655 10.96 0.000 .
-----

```

```
.
. regress habit00 habit91 ipart predicãologit invest9000capita dummy1
dummy2
> dummy3
```

Source	SS	df	MS	Number of obs =	174
Model	2.34781348	7	.335401925	F(7, 166) =	57.35
Residual	.97085682	166	.005848535	Prob > F =	0.0000
				R-squared =	0.7075
				Adj R-squared =	0.6951
Total	3.3186703	173	.019183065	Root MSE =	.07648

habit00	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]	
habit91	.7265483	.0429794	16.90	0.000	.6416915	.8114051
ipart	-.0023346	.0044278	-0.53	0.599	-.0110767	.0064075
prediçãologit	-.0972322	.0399174	-2.44	0.016	-.1760435	-.018421
invest9000capita	.0000331	.0000224	1.48	0.142	-.0000112	.0000773
dummy1	.0066722	.0220607	0.30	0.763	-.0368836	.0502279
dummy2	.033744	.0171054	1.97	0.050	-.0000281	.0675161
dummy3	.0975761	.0369579	2.64	0.009	.024608	.1705441
_cons	.2359685	.0235264	10.03	0.000	.189519	.282418

```
. estat hettest
```

```
Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity
```

```
Ho: Constant variance
```

```
Variables: fitted values of habit00
```

```
chi2(1) = 1.44
```

```
Prob > chi2 = 0.2300
```

```
. predict residuo47, residual
(243 missing values generated)
```

```
. sktest residuo47
```

```
Skewness/Kurtosis tests for Normality
```

Variable	Pr(Skewness)	Pr(Kurtosis)	adj chi2(2)	Prob>chi2
residuo47	0.184	0.422	2.44	0.2950

```
regress habit00 habit91 ipart prediçãologit invest9000capita dummy1 dummy2 d
> ummy3, beta
```

Source	SS	df	MS	Number of obs =	174
Model	2.34781348	7	.335401925	F(7, 166) =	57.35
Residual	.97085682	166	.005848535	Prob > F =	0.0000
				R-squared =	0.7075
				Adj R-squared =	0.6951
Total	3.3186703	173	.019183065	Root MSE =	.07648

habit00	Coef.	Std. Err.	t	P> t	Beta
---------	-------	-----------	---	------	------


```

      habit91 |   .7265483   .0429794   16.90   0.000   .7986183
        ipart |  -.0023346   .0044278    -0.53   0.599  -.0227128
prediçãolo~t |  -.0972322   .0399174    -2.44   0.016  -.157333
invest9000~a |   .0000331   .0000224    1.48   0.142   .0629843
      dummy1 |   .0066722   .0220607    0.30   0.763   .0139604
      dummy2 |   .033744   .0171054    1.97   0.050   .0884668
      dummy3 |   .0975761   .0369579    2.64   0.009   .1790337
        _cons |   .2359685   .0235264   10.03   0.000   .
-----

```

```

. regress habit00 habit91 ipart prediçãologit ttranstribest9500capita dummy1
> dummy2 dummy3

```

```

      Source |           SS          df           MS              Number of obs =      114
-----+-----+-----+-----+-----+-----+-----+-----
      Model |   1.47755479            7   .211079256              F( 7, 106) =     34.41
      Residual |   .650276063          106   .00613468              Prob > F      =     0.0000
-----+-----+-----+-----+-----+-----+-----
      Total |   2.12783086          113   .018830362              R-squared     =     0.6944
                                           Adj R-squared =     0.6742
                                           Root MSE     =     .07832

```

```

-----+-----+-----+-----+-----+-----+-----
      habit00 |           Coef.      Std. Err.      t    P>|t|     [95% Conf. Interval]
-----+-----+-----+-----+-----+-----+-----
      habit91 |   .685165   .0532849    12.86   0.000   .5795226   .7908075
        ipart |  -.0008452   .0056682    -0.15   0.882  -.0120829   .0103925
prediçãolo~t |  -.0851203   .048671    -1.75   0.083  -.1816154   .0113748
~t9500capita |   .0000294   .0000123    2.40   0.018   5.11e-06   .0000537
      dummy1 |  -.0234573   .0325528   -0.72   0.473  -.0879964   .0410817
      dummy2 |   .0254414   .0211536    1.20   0.232  -.0164976   .0673804
      dummy3 |   .0930452   .04381     2.12   0.036   .0061876   .1799029
        _cons |   .2554223   .0271997    9.39   0.000   .2014963   .3093482
-----+-----+-----+-----+-----+-----+-----

```

```

. estat hettest

```

```

Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity

```

```

Ho: Constant variance

```

```

Variables: fitted values of habit00

```

```

      chi2(1)      =      0.18

```

```

      Prob > chi2  =      0.6689

```

```

. predict residuo48, residuals

```

```

(303 missing values generated)

```

```

. sktest residuo48

```

```

Skewness/Kurtosis tests for Normality

```

```

-----+-----+-----+-----+-----+-----+-----
Variable | Pr(Skewness)  Pr(Kurtosis)  adj chi2(2)  Prob>chi2
-----+-----+-----+-----+-----+-----+-----
residuo48 |      0.332      0.197      2.66      0.2640

```

```
. regress habit00 habit91 ipart predicãologit ttranstribest9500capita
dummy1
> dummy2 dummy3, beta
```

Source	SS	df	MS	Number of obs =	114
Model	1.47755479	7	.211079256	F(7, 106) =	34.41
Residual	.650276063	106	.00613468	Prob > F =	0.0000
				R-squared =	0.6944
				Adj R-squared =	0.6742
Total	2.12783086	113	.018830362	Root MSE =	.07832

habit00	Coef.	Std. Err.	t	P> t	Beta
habit91	.685165	.0532849	12.86	0.000	.765053
ipart	-.0008452	.0056682	-0.15	0.882	-.0083466
predicãolo~t	-.0851203	.048671	-1.75	0.083	-.152778
~t9500capita	.0000294	.0000123	2.40	0.018	.1302842
dummy1	-.0234573	.0325528	-0.72	0.473	-.0412191
dummy2	.0254414	.0211536	1.20	0.232	.0693998
dummy3	.0930452	.04381	2.12	0.036	.1926592
_cons	.2554223	.0271997	9.39	0.000	.

```
. regress varhab habit91 ipart predicãologit toinvcapita9500 dummy1 dummy2
d
> ummy3
```

Source	SS	df	MS	Number of obs =	200
Model	.362322922	7	.051760417	F(7, 192) =	8.88
Residual	1.11934786	192	.005829937	Prob > F =	0.0000
				R-squared =	0.2445
				Adj R-squared =	0.2170
Total	1.48167078	199	.007445582	Root MSE =	.07635

varhab	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]
habit91	-.2788619	.0396918	-7.03	0.000	-.3571499 - .200574
ipart	-.0014452	.0040777	-0.35	0.723	-.009488 .0065976
predicãolo~t	-.0753289	.0382844	-1.97	0.051	-.150841 .0001831
toinvca~9500	.000063	.000029	2.17	0.031	5.77e-06 .0001203
dummy1	.0054043	.0217771	0.25	0.804	-.0375488 .0483575
dummy2	.0336261	.0162103	2.07	0.039	.001653 .0655992
dummy3	.0837809	.0344023	2.44	0.016	.0159258 .151636
_cons	.229807	.0209655	10.96	0.000	.1884548 .2711592

```
. estat hettest
```

Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity
Ho: Constant variance

Variables: fitted values of varhab

```
chi2(1)      =      0.11
Prob > chi2  =      0.7452
```

```
. predict residuo50, residuals
(217 missing values generated)
```

```
. sktest residuo50
```

Skewness/Kurtosis tests for Normality

```
----- joint -----
Variable | Pr(Skewness)  Pr(Kurtosis)  adj chi2(2)  Prob>chi2
-----+-----
residuo50 |      0.125      0.324      3.36      0.1865
```

```
. regress varhab habit91 ipart predicãologit      toinvcapita9500 dummy1 dummy2
d
> ummy3, beta
```

Source	SS	df	MS	Number of obs =	200
Model	.362322922	7	.051760417	F(7, 192) =	8.88
Residual	1.11934786	192	.005829937	Prob > F =	0.0000
Total	1.48167078	199	.007445582	R-squared =	0.2445
				Adj R-squared =	0.2170
				Root MSE =	.07635

varhab	Coef.	Std. Err.	t	P> t	Beta
habit91	-.2788619	.0396918	-7.03	0.000	-.4865271
ipart	-.0014452	.0040777	-0.35	0.723	-.0227165
predicãolo~t	-.0753289	.0382844	-1.97	0.051	-.1875042
toinvca~9500	.000063	.000029	2.17	0.031	.1382234
dummy1	.0054043	.0217771	0.25	0.804	.0170341
dummy2	.0336261	.0162103	2.07	0.039	.1394989
dummy3	.0837809	.0344023	2.44	0.016	.2399642
_cons	.229807	.0209655	10.96	0.000	.

```
.
.
```

```
. regress varhab habit91 ipart predicãologit      ttranstribest9000capita dummy1
> dummy2 dummy3
```

Source	SS	df	MS	Number of obs =	93
Model	.198764623	7	.028394946	F(7, 85) =	4.37
Residual	.552022882	85	.006494387	Prob > F =	0.0003
Total	.750787504	92	.008160734	R-squared =	0.2647
				Adj R-squared =	0.2042
				Root MSE =	.08059

varhab	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]	
habit91	-.3168913	.062566	-5.06	0.000	-.4412893	-.1924934
ipart	-.0043496	.0066854	-0.65	0.517	-.017642	.0089427
prediçãolo~t	-.1111824	.064248	-1.73	0.087	-.2389247	.0165598
ttranstrib..	.0000159	.0000102	1.56	0.122	-4.33e-06	.0000361
dummy1	-.0219791	.0341543	-0.64	0.522	-.0898869	.0459287
dummy2	.0292659	.0234194	1.25	0.215	-.0172981	.0758299
dummy3	.1018444	.0501917	2.03	0.046	.0020498	.201639
_cons	.264083	.0323933	8.15	0.000	.1996764	.3284896

```
. estat hettest
```

Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity

Ho: Constant variance

Variables: fitted values of varhab

chi2(1) = 0.23

Prob > chi2 = 0.6330

```
. predict residuo52, residuals
(324 missing values generated)
```

```
. sktest residuo52
```

Skewness/Kurtosis tests for Normality

Variable	Pr(Skewness)	Pr(Kurtosis)	adj chi2(2)	Prob>chi2
residuo52	0.390	0.231	2.24	0.3268

```
regress habit00 habit91 ipart prediçãologit ttranstribest9000capita dummy1 d
> ummy2 dummy3, beta
```

Source	SS	df	MS	Number of obs =	93
Model	.989961073	7	.14142301	F(7, 85) =	21.78
Residual	.552022878	85	.006494387	Prob > F =	0.0000
Total	1.54198395	92	.016760695	R-squared =	0.6420
				Adj R-squared =	0.6125
				Root MSE =	.08059

habit00	Coef.	Std. Err.	t	P> t	Beta
habit91	.6831087	.062566	10.92	0.000	.7296105
ipart	-.0043496	.0066854	-0.65	0.517	-.043906
prediçãolo~t	-.1111825	.064248	-1.73	0.087	-.1269882
ttranstrib..	.0000159	.0000102	1.56	0.122	.1029505
dummy1	-.0219791	.0341543	-0.64	0.522	-.0450326
dummy2	.0292659	.0234194	1.25	0.215	.087844
dummy3	.1018444	.0501917	2.03	0.046	.1397454
_cons	.264083	.0323933	8.15	0.000	.

```

. regress varhab habit91 ipart predicãologit ttranstribest9500capita dummy1
> dummy2 dummy3

```

Source	SS	df	MS	Number of obs =	114
Model	.270490776	7	.038641539	F(7, 106) =	6.30
Residual	.650276066	106	.00613468	Prob > F =	0.0000
				R-squared =	0.2938
				Adj R-squared =	0.2471
Total	.920766842	113	.008148379	Root MSE =	.07832

varhab	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]
habit91	-.314835	.0532849	-5.91	0.000	-.4204774 -.2091925
ipart	-.0008452	.0056682	-0.15	0.882	-.0120829 .0103925
predicãolo~t	-.0851203	.048671	-1.75	0.083	-.1816154 .0113748
~t9500capita	.0000294	.0000123	2.40	0.018	5.11e-06 .0000537
dummy1	-.0234573	.0325528	-0.72	0.473	-.0879964 .0410817
dummy2	.0254414	.0211536	1.20	0.232	-.0164976 .0673804
dummy3	.0930452	.04381	2.12	0.036	.0061876 .1799029
_cons	.2554223	.0271997	9.39	0.000	.2014963 .3093482

```

. estat hettest

```

Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity

Ho: Constant variance

Variables: fitted values of varhab

chi2(1) = 0.00

Prob > chi2 = 0.9701

```

. predict residuo54, residuals
(303 missing values generated)

```

```

. sktest residuo54

```

Skewness/Kurtosis tests for Normality

Variable	Pr(Skewness)	Pr(Kurtosis)	adj chi2(2)	joint Prob>chi2
residuo54	0.332	0.197	2.66	0.2640

```

. regress varhab habit91 ipart predicãologit ttranstribest9500capita dummy1
> dummy2 dummy3, beta

```

Source	SS	df	MS	Number of obs =	114
Model	.270490776	7	.038641539	F(7, 106) =	6.30
				Prob > F =	0.0000

Residual		.650276066	106	.00613468	R-squared	=	0.2938

Total		.920766842	113	.008148379	Adj R-squared	=	0.2471

					Root MSE	=	.07832

varhab		Coef.	Std. Err.	t	P> t	Beta
habit91		-.314835	.0532849	-5.91	0.000	-.5344081
ipart		-.0008452	.0056682	-0.15	0.882	-.0126883
prediçãolo~t		-.0851203	.048671	-1.75	0.083	-.2322493
~t9500capita		.0000294	.0000123	2.40	0.018	.1980548
dummy1		-.0234573	.0325528	-0.72	0.473	-.0626603
dummy2		.0254414	.0211536	1.20	0.232	.1054999
dummy3		.0930452	.04381	2.12	0.036	.2928758
_cons		.2554223	.0271997	9.39	0.000	.

```
.
. regress longev00 longev91 ipart prediçãologit toinvcapita9500 dummy1
dumm
> y2 dummy3
```

Source		SS	df	MS	Number of obs	=	247
Model		5.4023811	7	.771768729	F(7, 239)	=	85.66
Residual		2.15337491	239	.009009937	Prob > F	=	0.0000

Total		7.55575601	246	.030714455	R-squared	=	0.7150

					Adj R-squared	=	0.7067
					Root MSE	=	.09492

longev00		Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]
longev91		.7996983	.0356727	22.42	0.000	.7294252 .8699715
ipart		.0023607	.0044689	0.53	0.598	-.0064427 .011164
prediçãolo~t		.0550251	.043787	1.26	0.210	-.0312326 .1412827
toinvca~9500		.0000617	.0000248	2.49	0.014	.0000128 .0001105
dummy1		-.0187612	.024777	-0.76	0.450	-.0675703 .030048
dummy2		.0103062	.0187229	0.55	0.583	-.0265769 .0471893
dummy3		-.0504805	.0378514	-1.33	0.184	-.1250456 .0240845
_cons		.1440096	.0203263	7.08	0.000	.103968 .1840512

```
. estat hettest
```

```
Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity
```

```
Ho: Constant variance
```

```
Variables: fitted values of longev00
```

```
chi2(1) = 8.56
```

```
Prob > chi2 = 0.0034
```

```
. predict residuo56, residuals
```

```
(170 missing values generated)
```

```
. summa residuo56
```

Variable	Obs	Mean	Std. Dev.	Min	Max
residuo56	247	-4.51e-12	.0935604	-.280758	.1988885

```
. gene outlier56 = 1 if residuo56 > 2*.0935604 | residuo56 < -2*.0935604
(237 missing values generated)
```

```
. replace outlier56 = 0 if outlier56 != 1
(237 real changes made)
```

```
. regress longev00 longev91 ipart predicãologit toinvcapita9500 dummy1
dum
> my2 dummy3 if outlier56 == 0
```

Source	SS	df	MS	Number of obs =	237
Model	4.5379717	7	.648281671	F(7, 229) =	91.93
Residual	1.61491584	229	.007052034	Prob > F =	0.0000
Total	6.15288754	236	.026071557	R-squared =	0.7375
				Adj R-squared =	0.7295
				Root MSE =	.08398

	longev00	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]
	longev91	.7558856	.0324378	23.30	0.000	.691971 .8198002
	ipart	.0037816	.004077	0.93	0.355	-.0042516 .0118147
	predicãolo~t	.0656023	.039012	1.68	0.094	-.0112661 .1424707
	toinvca~9500	.0000495	.0000221	2.24	0.026	6.04e-06 .000093
	dummy1	-.0221109	.0224177	-0.99	0.325	-.0662822 .0220603
	dummy2	.002953	.0166033	0.18	0.859	-.0297618 .0356677
	dummy3	-.0568454	.0335842	-1.69	0.092	-.1230189 .0093282
	_cons	.1753325	.0186626	9.39	0.000	.1385601 .2121049

```
.
.
. estat hettest
```

```
Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity
```

```
Ho: Constant variance
```

```
Variables: fitted values of longev00
```

```
chi2(1) = 1.22
```

```
Prob > chi2 = 0.2699
```

```
. predict residuo57, residuals
(170 missing values generated)
```

```
. sktest residuo57
```

```
Skewness/Kurtosis tests for Normality
```

```
----- joint -----
```

```

Variable | Pr(Skewness)   Pr(Kurtosis)   adj chi2(2)   Prob>chi2
-----+-----
residuo57 |      0.004      0.523          8.00         0.0183

```

```

. regress longev00 longev91 ipart predicãologit      toinvcapita9500 dummy1
dumm
> y2 dummy3 if outlier56 == 0, beta

```

```

Source |      SS      df      MS              Number of obs =      237
-----+-----
Model |  4.5379717      7  .648281671          F( 7, 229) =      91.93
Residual |  1.61491584    229  .007052034          Prob > F      =      0.0000
-----+-----
Total |  6.15288754    236  .026071557          R-squared     =      0.7375
                                          Adj R-squared =      0.7295
                                          Root MSE     =      .08398

```

```

longev00 |      Coef.   Std. Err.      t    P>|t|              Beta
-----+-----
longev91 |   .7558856   .0324378     23.30  0.000           .8620609
ipart    |   .0037816   .004077      0.93   0.355           .0322399
predicãolo~t | .0656023   .039012      1.68   0.094           .0827816
toinvca~9500 | .0000495   .0000221     2.24   0.026           .078056
dummy1   |  -.0221109   .0224177     -0.99   0.325          -.0363539
dummy2   |   .002953    .0166033      0.18   0.859           .0064244
dummy3   |  -.0568454   .0335842     -1.69   0.092          -.083176
_cons    |   .1753325   .0186626      9.39   0.000           .

```

```

.
.
. regress longev00 longev91 ipart predicãologit      invest9000capita dummy1
dum
> my2 dummy3

```

```

Source |      SS      df      MS              Number of obs =      209
-----+-----
Model |  4.37559266      7  .625084665          F( 7, 201) =      73.04
Residual |  1.72010626    201  .008557743          Prob > F      =      0.0000
-----+-----
Total |  6.09569892    208  .029306245          R-squared     =      0.7178
                                          Adj R-squared =      0.7080
                                          Root MSE     =      .09251

```

```

longev00 |      Coef.   Std. Err.      t    P>|t|      [95% Conf. Interval]
-----+-----
longev91 |   .7979878   .0388128     20.56  0.000           .7214552   .8745203
ipart    |   .0023584   .0047887      0.49   0.623          -.0070841   .0118009
predicãolo~a | .0325368   .0450258      0.72   0.471          -.0562468   .1213203
invest9000~a | .0000449   .0000188      2.39   0.018           7.91e-06   .0000819
dummy1   |  -.0163299   .0251934     -0.65   0.518          -.0660072   .0333473
dummy2   |   .0136818   .0199087      0.69   0.493          -.0255749   .0529386
dummy3   |  -.0504187   .0395203     -1.28   0.204          -.1283463   .0275089
_cons    |   .149226    .0223362      6.68   0.000           .1051827   .1932693

```

```

. estat hettest

```


Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity

Ho: Constant variance

Variables: fitted values of longev00

chi2(1) = 8.16

Prob > chi2 = 0.0043

. predict residuo58, residuals

(208 missing values generated)

. summa residuo58

Variable	Obs	Mean	Std. Dev.	Min	Max
residuo58	209	3.06e-10	.0909381	-.2714455	.194314

. gene outleir58 = 1 if residuo58 > 2*.0909381 | residuo58 < -2*.0909381

(200 missing values generated)

. replace outleir58 = 0 if outleir58 != 1

(200 real changes made)

. regress longev00 longev91 ipart predicãologit invest9000capita dummy1
dum

> my2 dummy3 if outleir58 == 0

Source	SS	df	MS	Number of obs =	200
Model	3.46378731	7	.494826759	F(7, 192) =	74.50
Residual	1.27522308	192	.006641787	Prob > F =	0.0000
				R-squared =	0.7309
				Adj R-squared =	0.7211
Total	4.7390104	199	.023814123	Root MSE =	.0815

longev00	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]
longev91	.7367993	.0357566	20.61	0.000	.6662731 .8073255
ipart	.0019906	.0043188	0.46	0.645	-.0065278 .0105091
predicãolo~t	.0632897	.0403594	1.57	0.118	-.0163151 .1428945
invest9000~a	.000037	.0000167	2.22	0.028	4.13e-06 .0000699
dummy1	-.0243579	.0228179	-1.07	0.287	-.0693639 .0206481
dummy2	.0075522	.0175673	0.43	0.668	-.0270975 .0422019
dummy3	-.0634931	.0349976	-1.81	0.071	-.1325222 .005536
_cons	.1881294	.0207594	9.06	0.000	.1471836 .2290751

.

.

. estat hettest

Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity

Ho: Constant variance

Variables: fitted values of longev00

```
chi2(1)      =      0.85
Prob > chi2  =      0.3568
```

```
. predict residuo59, residuals
(208 missing values generated)
```

```
. sktest residuo59
```

Skewness/Kurtosis tests for Normality

```
----- joint -----
Variable | Pr(Skewness)  Pr(Kurtosis)  adj chi2(2)  Prob>chi2
-----+-----
residuo59 |      0.016      0.522      6.06      0.0484
```

```
. regress longev00 longev91 ipart predicãologit invest9000capita dummy1
dum
> my2 dummy3 if outleir58 == 0, beta
```

Source	SS	df	MS	Number of obs =	200
Model	3.46378731	7	.494826759	F(7, 192) =	74.50
Residual	1.27522308	192	.006641787	Prob > F =	0.0000
Total	4.7390104	199	.023814123	R-squared =	0.7309
				Adj R-squared =	0.7211
				Root MSE =	.0815

longev00	Coef.	Std. Err.	t	P> t	Beta
longev91	.7367993	.0357566	20.61	0.000	.8608696
ipart	.0019906	.0043188	0.46	0.645	.0178301
predicãolo~t	.0632897	.0403594	1.57	0.118	.0879371
invest9000~a	.000037	.0000167	2.22	0.028	.085908
dummy1	-.0243579	.0228179	-1.07	0.287	-.0441297
dummy2	.0075522	.0175673	0.43	0.668	.0172748
dummy3	-.0634931	.0349976	-1.81	0.071	-.1016857
_cons	.1881294	.0207594	9.06	0.000	.

```
.
```

```
. regress longev00 longev91 ipart predicãologit ttranstribest9500capita
dum
> my1 dummy2 dummy3
```

Source	SS	df	MS	Number of obs =	140
Model	2.72668633	7	.389526619	F(7, 132) =	45.63
Residual	1.12673369	132	.008535861	Prob > F =	0.0000
Total	3.85342002	139	.027722446	R-squared =	0.7076
				Adj R-squared =	0.6921
				Root MSE =	.09239

longev00	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]
longev00					

```

longev91 | .7688502 .0496419 15.49 0.000 .6706537 .8670467
ipart | .00446 .0058309 0.76 0.446 -.007074 .015994
prediçãolo~t | .0688793 .0523449 1.32 0.190 -.0346641 .1724227
~t9500capita | 9.19e-06 .0000141 0.65 0.514 -.0000186 .000037
dummy1 | -.0335568 .0358352 -0.94 0.351 -.1044424 .0373289
dummy2 | .0019046 .0225899 0.08 0.933 -.0427804 .0465896
dummy3 | -.0770016 .0450094 -1.71 0.089 -.1660346 .0120313
_cons | .1713458 .0278904 6.14 0.000 .1161757 .2265158
-----

```

```
. estat hettest
```

```
Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity
```

```
Ho: Constant variance
```

```
Variables: fitted values of longev00
```

```
chi2(1) = 5.67
```

```
Prob > chi2 = 0.0173
```

```

. regress longev00 longev91 ipart prediçãologit ttranstribest9000capita
dum
> my1 dummy2 dummy3

```

Source	SS	df	MS	Number of obs =	111
Model	2.13451486	7	.304930695	F(7, 103) =	33.52
Residual	.936963521	103	.009096733	Prob > F =	0.0000
Total	3.07147838	110	.027922531	R-squared =	0.6949
				Adj R-squared =	0.6742
				Root MSE =	.09538

longev00	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]
longev91	.8015451	.0590103	13.58	0.000	.6845121 .918578
ipart	.0075026	.0069473	1.08	0.283	-.0062757 .0212809
prediçãolo~t	.109048	.0699694	1.56	0.122	-.0297198 .2478159
ttranstrib..	1.95e-06	.0000118	0.16	0.870	-.0000215 .0000254
dummy1	-.0297299	.0400792	-0.74	0.460	-.1092175 .0497576
dummy2	.0104672	.0261335	0.40	0.690	-.0413625 .0622968
dummy3	-.033782	.0524602	-0.64	0.521	-.1378244 .0702605
_cons	.15051	.0331552	4.54	0.000	.0847545 .2162656

```
. estat hettest
```

```
Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity
```

```
Ho: Constant variance
```

```
Variables: fitted values of longev00
```

```
chi2(1) = 6.27
```

```
Prob > chi2 = 0.0123
```

```
.
. regress varlong longev91 ipart predicãologit invest9000capita dummy1
dum
> my2 dummy3
```

Source	SS	df	MS	Number of obs =	209
Model	.419045163	7	.059863595	F(7, 201) =	7.00
Residual	1.72010626	201	.008557743	Prob > F =	0.0000
Total	2.13915142	208	.010284382	R-squared =	0.1959
				Adj R-squared =	0.1679
				Root MSE =	.09251

varlong	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]
longev91	-.2020122	.0388128	-5.20	0.000	-.2785448 -.1254797
ipart	.0023584	.0047887	0.49	0.623	-.0070841 .0118009
predicãolo~t	.0325368	.0450258	0.72	0.471	-.0562468 .1213203
invest9000~a	.0000449	.0000188	2.39	0.018	7.91e-06 .0000819
dummy1	-.0163299	.0251934	-0.65	0.518	-.0660072 .0333473
dummy2	.0136818	.0199087	0.69	0.493	-.0255749 .0529386
dummy3	-.0504187	.0395203	-1.28	0.204	-.1283463 .0275089
_cons	.149226	.0223362	6.68	0.000	.1051827 .1932693

```
. estat hettest
```

```
Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity
```

```
Ho: Constant variance
```

```
Variables: fitted values of varlong
```

```
chi2(1) = 3.34
```

```
Prob > chi2 = 0.0678
```

```
. predict residuo60, residuals
```

```
(208 missing values generated)
```

```
. sktest residuo60
```

```
Skewness/Kurtosis tests for Normality
```

Variable	Pr(Skewness)	Pr(Kurtosis)	adj chi2(2)	joint Prob>chi2
residuo60	0.067	0.717	3.52	0.1723

```
regress varlon longev91 ipart predicãologit invest9000capita dummy1 dummy2 d
> ummy3, beta
```

Source	SS	df	MS	Number of obs =	209
				F(7, 201) =	7.00

Model		.419045163	7	.059863595	Prob > F	=	0.0000
Residual		1.72010626	201	.008557743	R-squared	=	0.1959

Total		2.13915142	208	.010284382	Adj R-squared	=	0.1679
					Root MSE	=	.09251

varlong		Coef.	Std. Err.	t	P> t	Beta
longev91		-.2020122	.0388128	-5.20	0.000	-.3667723
ipart		.0023584	.0047887	0.49	0.623	.0320751
prediçãolo~t		.0325368	.0450258	0.72	0.471	.0679447
invest9000~a		.0000449	.0000188	2.39	0.018	.1559016
dummy1		-.0163299	.0251934	-0.65	0.518	-.0452839
dummy2		.0136818	.0199087	0.69	0.493	.0467504
dummy3		-.0504187	.0395203	-1.28	0.204	-.1203642
_cons		.149226	.0223362	6.68	0.000	.

```
. regress varlong longev91 ipart prediçãoligit ttranstribest9000capita
dumm
```

```
> y1 dummy2 dummy3
```

Source		SS	df	MS	Number of obs =	111
Model		.169686833	7	.024240976	F(7, 103) =	2.66
Residual		.93696352	103	.009096733	Prob > F	= 0.0142

Total		1.10665035	110	.010060458	R-squared	= 0.1533
					Adj R-squared	= 0.0958
					Root MSE	= .09538

varlong		Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]
longev91		-.1984549	.0590103	-3.36	0.001	-.3154879 -.081422
ipart		.0075026	.0069473	1.08	0.283	-.0062757 .0212809
prediçãolo~t		.109048	.0699694	1.56	0.122	-.0297198 .2478159
ttranstrib..		1.95e-06	.0000118	0.16	0.870	-.0000215 .0000254
dummy1		-.0297299	.0400792	-0.74	0.460	-.1092175 .0497576
dummy2		.0104672	.0261335	0.40	0.690	-.0413625 .0622968
dummy3		-.033782	.0524602	-0.64	0.521	-.1378244 .0702605
_cons		.15051	.0331552	4.54	0.000	.0847544 .2162656

```
. estat hettest
```

```
Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity
```

```
Ho: Constant variance
```

```
Variables: fitted values of varlong
```

```
chi2(1) = 1.89
```

```
Prob > chi2 = 0.1687
```

```
. predict residuo62, residuals
```

```
(306 missing values generated)
```

```
. sktet residuo62
unrecognized command: sktet
r(199);
```

```
. sktest residuo62
```

Skewness/Kurtosis tests for Normality

Variable	Pr(Skewness)	Pr(Kurtosis)	adj chi2(2)	joint Prob>chi2
residuo62	0.218	0.431	2.18	0.3357

```
. regress varlong longev91 ipart predicãologit ttranstribest9000capita
dum
> my1 dummy2 dummy3, beta
```

Source	SS	df	MS	Number of obs =	111
Model	.169686833	7	.024240976	F(7, 103) =	2.66
Residual	.93696352	103	.009096733	Prob > F =	0.0142
Total	1.10665035	110	.010060458	R-squared =	0.1533
				Adj R-squared =	0.0958
				Root MSE =	.09538

varlong	Coef.	Std. Err.	t	P> t	Beta
longev91	-.1984549	.0590103	-3.36	0.001	-.3379202
ipart	.0075026	.0069473	1.08	0.283	.1043883
predicãolo~t	.109048	.0699694	1.56	0.122	.1579283
ttranstrib..	1.95e-06	.0000118	0.16	0.870	.0155056
dummy1	-.0297299	.0400792	-0.74	0.460	-.0723757
dummy2	.0104672	.0261335	0.40	0.690	.0394851
dummy3	-.033782	.0524602	-0.64	0.521	-.063058
_cons	.15051	.0331552	4.54	0.000	.

```
.
```

```
.
```

```
.
```

```
. regress varlong longev91 ipart predicãologit ttranstribest9500capita
dumm
> y1 dummy2 dummy3
```

Source	SS	df	MS	Number of obs =	140
Model	.31560698	7	.045086711	F(7, 132) =	5.28
Residual	1.12673369	132	.008535861	Prob > F =	0.0000
Total	1.44234067	139	.010376552	R-squared =	0.2188
				Adj R-squared =	0.1774
				Root MSE =	.09239

varlong	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]
longev91	-.2311498	.0496419	-4.66	0.000	-.3293463 - .1329533

ipart		.00446	.0058309	0.76	0.446	-.007074	.015994
prediçãolo~t		.0688793	.0523449	1.32	0.190	-.0346641	.1724227
~t9500capita		9.19e-06	.0000141	0.65	0.514	-.0000186	.000037
dummy1		-.0335568	.0358352	-0.94	0.351	-.1044424	.0373289
dummy2		.0019046	.0225899	0.08	0.933	-.0427804	.0465896
dummy3		-.0770016	.0450094	-1.71	0.089	-.1660346	.0120313
_cons		.1713458	.0278904	6.14	0.000	.1161757	.2265158

```
-----
. estat hettest
```

```
Breusch-Pagan / Cook-Weisberg test for heteroskedasticity
```

```
Ho: Constant variance
```

```
Variables: fitted values of varlong
```

```
chi2(1) = 2.75
```

```
Prob > chi2 = 0.0970
```

```
. predict residuo94, residuals
(277 missing values generated)
```

```
. sktest residui94
variable residui94 not found
r(111);
```

```
. sktest residuo94
```

```
Skewness/Kurtosis tests for Normality
```

Variable	Pr(Skewness)	Pr(Kurtosis)	adj chi2(2)	joint Prob>chi2
residuo94	0.251	0.705	1.49	0.4755

```
. regress varlong longev91 ipart prediçãologit ttranstribest9500capita
dum
> my1 dummy2 dummy3, beta
```

Source	SS	df	MS	Number of obs =	140
Model	.31560698	7	.045086711	F(7, 132) =	5.28
Residual	1.12673369	132	.008535861	Prob > F =	0.0000
Total	1.44234067	139	.010376552	R-squared =	0.2188
				Adj R-squared =	0.1774
				Root MSE =	.09239

varlong	Coef.	Std. Err.	t	P> t	Beta
longev91	-.2311498	.0496419	-4.66	0.000	-.4150988
ipart	.00446	.0058309	0.76	0.446	.0619335
prediçãolo~t	.0688793	.0523449	1.32	0.190	.1553093
~t9500capita	9.19e-06	.0000141	0.65	0.514	.0518276
dummy1	-.0335568	.0358352	-0.94	0.351	-.0767387
dummy2	.0019046	.0225899	0.08	0.933	.0069528
dummy3	-.0770016	.0450094	-1.71	0.089	-.2041236
_cons	.1713458	.0278904	6.14	0.000	.

ANEXO 4 - ANÁLISES DE CORRESPONDÊNCIAS MÚLTIPLAS.

Categorização das Variáveis

centile varicv, centile(0,25,75,100)

Variable	Obs	Percentile	Centile	-- Binom. Interp. -- [95% Conf. Interval]	
varicv	136	0	-.0547558	-.0547558	-.0547558*
		25	.0407128	.0253019	.0492648
		75	.0942324	.0882682	.1009384
		100	.1959026	.1959026	.1959026*

label variable ICVPOS "POSICAO DE VAR ICV"

label define ICVPOS 1 "VARICV BAIXO"

label define ICVPOS 2 "VARICV MEDIO"

label define ICVPOS 3 "VARICV ALTO"

centile toinvcapita9500, centile (0,25,75,100)

Variable	Obs	Percentile	Centile	-- Binom. Interp. -- [95% Conf. Interval]	
toinvca~9500	136	0	34.07883	34.07883	34.07883*
		25	125.4653	115.2406	132.7019
		75	281.8903	234.6108	355.4743
		100	1995.371	1995.371	1995.371*

label variable INVPOS "POSICAO DE toinvcapita9500"

label define INVPOS 1 "toinvcapita9500 BAIXO"

label define INVPOS 2 "toinvcapita9500 MEDIO"

label define INVPOS 3 "toinvcapita9500 ALTO"

centile ttranstribest9500capita, centile (0,25,75,100)

Variable	Obs	Percentile	Centile	-- Binom. Interp. -- [95% Conf. Interval]	
~t9500capita	136	0	56.49895	56.49895	56.49895*
		25	148.769	133.062	174.5033
		75	424.5995	329.9404	597.0922
		100	4223.793	4223.793	4223.793*

label variable TRANSESTPOS "POSICAO DE ttranstribest9500capita"

label define TRANSESTPOS 1 "ttranstribest9500capita BAIXO"

label define TRANSESTPOS 2 "ttranstribest9500capita MEDIO"

label define TRANSESTPOS 3 "ttranstribest9500capita ALTO"


```
. centile varenda, centile (0,25,75,100)
```

Variable	Obs	Percentile	Centile	-- Binom. Interp. -- [95% Conf. Interval]	
varenda	136	0	-.1784721	-.1784721	-.1784721*
		25	-.042287	-.0533802	-.0335758
		75	.0081577	-.0037286	.0150899
		100	.0754078	.0754078	.0754078*

```
label variable VIRENDAPOS "POSICAO DE varenda"
```

```
label define VIRENDAPOS 1 "varenda BAIXO"
```

```
label define VIRENDAPOS 2 "varenda MEDIO"
```

```
label define VIRENDAPOS 3 "varenda ALTO"
```

```
. centile varied, centile (0,25,75,100)
```

Variable	Obs	Percentile	Centile	-- Binom. Interp. -- [95% Conf. Interval]	
varied	136	0	-.0341986	-.0341986	-.0341986*
		25	.028193	.0160876	.034621
		75	.0721354	.0635768	.0818262
		100	.2324663	.2324663	.2324663*

```
label variable VIEDUCPOS "POSICAO DE varied"
```

```
label define VIEDUCPOS 1 "varied BAIXO"
```

```
label define VIEDUCPOS 2 "varied MEDIO"
```

```
label define VIEDUCPOS 3 "varied ALTO"
```

```
centile varinf, centile (0,25,75,100)
```

Variable	Obs	Percentile	Centile	-- Binom. Interp. -- [95% Conf. Interval]	
varinf	136	0	-.1110831	-.1110831	-.1110831*
		25	.0563294	.0367661	.0812672
		75	.1714173	.1550716	.2020588
		100	.4670003	.4670003	.4670003*

```
label variable VINFANPOS "POSICAO DE varinf"
```

```
label define VINFANPOS 1 "varinf BAIXO"
```

```
label define VINFANPOS 2 "varinf MEDIO"
```

```
label define VINFANPOS 3 "varinf ALTO"
```

```
. centile varhab, centile (0,25,75,100)
```

Variable	Obs	Percentile	Centile	-- Binom. Interp. -- [95% Conf. Interval]	
varhab	136	0	-.1716008	-.1716008	-.1716008*
		25	.0499063	.0293009	.0658738
		75	.1745752	.1599354	.2027551
		100	.3598581	.3598581	.3598581*

```
label variable VIHABITPOS "POSICAO DE varhab"
```

```
label define VIHABITPOS 1 "varhab BAIXO"
```

```
label define VIHABITPOS 2 "varhab MEDIO"
```

```
label define VIHABITPOS 3 "varhab ALTO"
```

```
centile varlong, centile (0,25,75,100)
```

Variable	Obs	Percentile	Centile	-- Binom. Interp. -- [95% Conf. Interval]	
varlong	136	0	-.1496697	-.1496697	-.1496697*
		25	-.0180556	-.034816	.0166333
		75	.144674	.1219705	.1687965
		100	.3156792	.3156792	.3156792*

```
label variable VILONGEVPOS "POSICAO DE varlong"
```

```
label define VILONGEVPOS 1 "varlong BAIXO"
```

```
label define VILONGEVPOS 2 "varlong MEDIO"
```

```
label define VILONGEVPOS 3 "varlong ALTO"
```